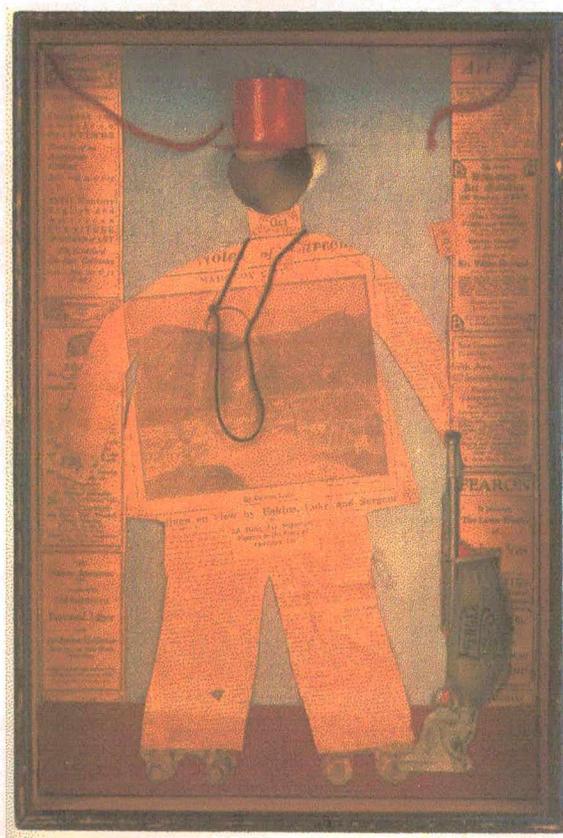


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

JOSÉ E 34 LETRAS ATRAVÉS DO ESPELHO



Simone Dias

Ilha de Santa Catarina, janeiro de 2000

Simone Dias

JOSÉ E 34 LETRAS ATRAVÉS DO ESPELHO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lucia de Barros Camargo, para a obtenção do título de "Mestre em Letras", área de concentração em Teoria Literária.

Ilha de Santa Catarina, janeiro de 2000

José e 34 Letras através do espelho

SIMONE REGINA DIAS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.



Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo
ORIENTADORA



Profa. Dra. Cláudia Lima Costa
COORDENADORA DO CURSO (em exercício)

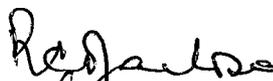
BANCA EXAMINADORA:



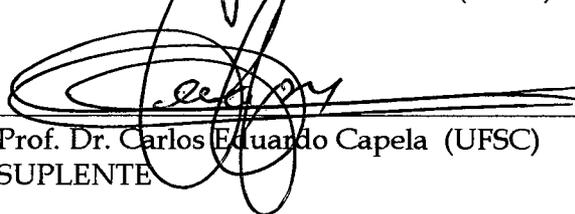
Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo
PRESIDENTE



Profa. Dra. Iumna Maria Simon (USP)



Profa. Dra. Rita de Cássia Barbosa (UFSC)



Prof. Dr. Carlos Eduardo Capela (UFSC)
SUPLENTE

Meus agradecimentos

Ao Marco, pela cumplicidade e diálogo de alguém que acompanhou de perto a construção deste texto.

Aos colegas do Projeto Poéticas Contemporâneas, Renata, Eduard, Nilcéia, Sandra, Rafael, Débora, Nara, pela amizade e pelas trocas.

À Mariana e à Lúcia, pelas conversas e companheirismo.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio contínuo.

À Maria Lúcia, pelo estímulo e orientação dedicada.

Ao Raul Antelo, pelas jogadas de mestre.

Ao Cleber Teixeira, pelas preciosas pistas.

À CAPES, pela bolsa de estudos que possibilitou dedicação exclusiva.

RESUMO

Esta dissertação apresenta resultados da leitura, indexação e análise de duas revistas cariocas: *José – Literatura, Crítica & Arte* (1976-78) e *34 Letras* (1988-90). Na primeira revista, que teve dez números publicados sob a coordenação de Gastão de Holanda, percebe-se um projeto ainda atrelado à proposta e aos ícones modernistas (Drummond e Mário), enquanto a segunda, fruto do empenho de um grupo de estudantes da PUC-RJ, circula em sete números com um *design* gráfico bastante elaborado, abrigando em suas páginas várias tendências e linhagens. Os periódicos servem também para ler a crise e a emergência de dois perfis de intelectual: o legislador e o intérprete.

RÉSUMÉ

Cette dissertation présente les résultats de la lecture, indexation et analyse des deux revues littéraires de Rio de Janeiro: *José — Literatura, Crítica & Arte* (1976-78) et *34 Letras* (1988-90). Dans la première revue, qui a eu dix numéros publiés sous la direction de Gastão de Holanda, nous apercevons un projet encore lié à la proposition et aux icônes modernistes (Drummond et Mário de Andrade), tandis que la deuxième, résultat de l'engagement d'un groupe d'étudiants de l'Université PUC-RJ, circule en sept numéros avec un *design* graphique très sophistiqué, en abritant dans ses pages plusieurs tendances et filiations théoriques. Les deux revues servent aussi pour lire la crise et l'émergence de deux profils d'intellectuel: le législateur et l'interprète.

SUMÁRIO

VOLUME I

Apresentação	1
1. Traços & Personagens	
1.1. José e as procedências	5
1.2. 34 Letras — uma face espelhada	15
2. O herdeiro modernista busca lugar nas trincheiras	20
3. Todos os exércitos são convocados	71
4. Considerações finais	117
5. Fontes bibliográficas	127

VOLUME II - Indexação

1. Critérios de Catalogação	1
2. Índice Geral — José – Literatura, Crítica & Arte	9
2.1. Índice de autores colaboradores	49
2.2. Autores citados	56
2.3. Palavras-chave	58
2.4. Tradutores – Poemas	59
2.5. Vocabulário controlado	60
3. Índice Geral — 34 Letras	61
3.1. Índice de autores colaboradores	111
3.2. Autores citados	120
3.3. Palavras-chave	122
3.4. Tradutores – Poemas	123
3.5. Vocabulário controlado	125

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação é mais um fruto do "Projeto Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos"¹, no qual pesquisadores de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado indexam e analisam as revistas literárias e culturais² que circularam, ou circulam, no Brasil dos '70 aos '90, iniciando o mapeamento deste vasto material, com o intuito de refletir sobre os discursos que construíram uma parte da história do periodismo cultural das últimas décadas. No Projeto, cada pesquisador se ocupa de um ou dois periódicos, a fim de oferecer um banco de dados informatizado³ contendo informações sobre essas revistas, com a possibilidade de complementar o trabalho propondo análises do *corpus*, ao estudar a produção cultural contemporânea e verificar, entre outros aspectos, as linhagens críticas e poéticas que compõem os periódicos. Tais análises contribuem para observar, por exemplo, o processo de canonização dos autores dentro da tradição literária brasileira, produzindo reflexões sobre esta.

Dentro deste Projeto, ainda como bolsista de Iniciação Científica, realizei a indexação da revista *José – Literatura, Crítica & Arte*, que teve dez números publicados no Rio de Janeiro, pela Editora Fontana, durante os anos de 1976 a 1978. No Mestrado, indexei outro periódico, *34 Letras*, também editado no Rio de Janeiro, pela Editora 34 Literatura S/C e Ed. Nova Fronteira, de 1988 a 1990. A pergunta poderia surgir: por que *José* e *34 Letras*? A escolha não foi aleatória e parte do que considero "pontos de encontro" das duas revistas: ambas foram publicadas no Rio de Janeiro, têm a literatura no primeiro plano de suas abordagens, abrem espaço considerável à publicação de poemas, sendo que estes marcam o início das duas trajetórias (no caso de *José*, o nome já denuncia a referência, e, em *34 Letras*, a primeira capa estampa um poema de Íbis, heterônimo de Fernando Pessoa), e

¹ Projeto integrado coordenado pela Prof. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo desde 1996, com o apoio do CNPq.

² Jorge B. Rivera aborda a dificuldade em se delimitar as diferenças entre os conceitos de "revista literária" e "revista cultural", cujos limites são muito tênues. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

³ Atualmente, já constam indexadas várias revistas e suplementos, como *Argumento*, *Tempo Brasileiro* (década de 70 e 80), *Revista do Brasil*, *Almanaque*; *Escrita*, *Folhetim* e outros, possibilitando pesquisas e cruzamento de dados desse material. Outras revistas estão sendo indexadas, como a *Revista USP*, *Opinião*, o suplemento *Letras* e a *Revista de Cultura Vozes*.

vários dos colaboradores são comuns às duas publicações, como o caso de Luiz Costa Lima, Sebastião Uchoa Leite, Augusto de Campos, Jorge Wanderley, Flora Süssekind e Silviano Santiago. A partir desse mapeamento e da análise do material lido, várias hipóteses foram se armando, sendo que algumas delas foram desenvolvidas neste trabalho.

À primeira vista, poderíamos dizer que *José e 34 Letras* se encaixam no conceito de revista literária que se utiliza comumente, lida como uma das redes da crítica que funciona como instância de consagração. O pesquisador José M. Otero, em *30 años de revistas literarias argentinas*, distingue algumas características que lhe servem para delimitar o significado de "revista literária": a existência efêmera, as tiragens reduzidas, a ausência de espaços publicitários, a escassez de recursos financeiros e, finalmente, como conseqüência, o reduzido circuito comercial de distribuição⁴. Além disso, poderíamos acrescentar a idéia de que a revista se constitui como expressão de um determinado grupo de intelectuais, que utiliza o espaço para manifestar e difundir seus pensamentos⁵.

Ainda que *34 Letras* não tenha enfrentado o problema de escassez de recursos⁶, os demais traços marcam as duas produções, que não tratam, entretanto, exclusivamente de literatura. O comentário de Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano também nos interessa, ao enfatizarem que a revista literária, espaço articulador de discursos de e sobre a literatura, tende a organizar seu público, entendido como a área de leitores que a reconhece como instância de opinião intelectual autorizada.

"Toda revista incluye cierta clase de escritos (declaraciones, manifiestos, etc.) en torno a cuyas ideas busca crear vínculos y solidariedades estables, definiendo en el interior del campo intelectual un 'nosotros' y un 'ellos', como quiera que esto se enuncie. Ético o estético, teórico o político, el círculo que una revista traza para señalar el lugar que ocupa o aspira a ocupar marca también la toma de

⁴ Apud CAMARGO, Maria Lucia de Barros. "Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa", *Continente Sul Sur* – Revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n.2, novembro, 1996, p.113.

⁵ Hector René Lafleur, Sergio Provenzano e Fernando Alonso, em *Las revistas literarias argentinas: 1893-1967*, se valem do conceito "revista literária" como "exteriorização de um grupo ou conjunto de intelectuais que buscam, através delas (as revistas), a difusão de sua mensagem, livres de objetivos comerciais e à margem do financiamento oficial". Apud CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Op.Cit. p.116.

⁶ Trato desta questão mais adiante.

distancia, más o menos polémica, respecto de otras posiciones incluidas en el territorio literario."⁷

Ao tomar o periódico como local de confluências e de trocas, a primeira problematização, nos casos em estudo, residiria na dificuldade em identificar os princípios que conferem identidade aos dois "grupos". Em *José*, ainda que possamos tomar o modernismo brasileiro como paradigma da revista, é cabível enfatizar a convivência de posicionamentos estéticos distintos. Na tentativa agônica de definir os limites do literário, o papel do intelectual, um perfil para uma revista literária em fins dos 70, ao enfrentar o dilema frente à necessidade de definir o público leitor, a revista sucumbe e deixa de circular.

Já em *34 Letras*, outra problemática se delineia diante da convivência pacífica de uma miscelânea de vertentes e linhagens que circulam lado a lado no periódico. Não há, como em *José*, a busca por um denominador comum. No lugar de valores e rechaços compartilhados, nem pensemos em doutrinas e manifestos: ganha voz a busca pela pluralidade, cujo resultado é uma *bricolage* de estilos — um poema concreto ao lado de Shakespeare —, que se soma ao processo de deshierarquização — autores desconhecidos ao lado de consagrados.

Uma etapa descritiva de *José* e de *34 Letras* antecede o desenvolvimento dessas hipóteses interpretativas na dissertação. Nela apresento os aspectos gráficos, os bastidores, os colaboradores mais frequentes, o cânone, as temáticas abordadas em ambas. No segundo capítulo, detenho-me na análise de *José*, lendo-a como o canto do cisne, a última "revista modernista", em crise diante das definições que ensaia para si. *José* expõe ainda o dilema das revistas literárias nos fins dos anos 70: ser uma revista elitista, voltada para um público especializado, ao mesmo tempo em que precisa vender para se manter no mercado.

34 Letras é o foco do terceiro capítulo, no qual se desenvolve a hipótese de que, apesar de, aparentemente, parecer uma revista de depois da queda do muro, entre alta cultura e cultura de massa, várias de suas estratégias a situam justamente como guardiã da noção de "cultura elevada". A pergunta que se procura responder é a seguinte: é possível lê-la como uma revista pós-moderna?

A idéia que se persegue nesses dois capítulos é a da leitura dos dois periódicos a partir de duas configurações do intelectual: a do legislador e a do

⁷ SARLO, Beatriz. ALTAMIRANO, Carlos. *Literatura/Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983, p.97.

intérprete, valendo-me das metáforas propostas por Zygmunt Bauman. Procuo verificar o funcionamento dessas noções partindo das estratégias das revistas, o que serve também para refletir sobre questões como valor, identidade, cânone, pluralismo. Constantemente procuro estabelecer pontes entre as duas revistas, a fim de elaborar uma perspectiva de diálogo e de tensão entre *José* e *34 Letras*.

Parece-me que, traçando estes percursos, estaria procedendo à reconstrução de algumas linhagens, movimentos, que são, nas palavras de Pierre Bourdieu, instrumentos e apostas da luta das classificações e contribuem por isso para constituir os grupos, inscritos no processo de canonização e de hierarquização que leva à delimitação do cânone⁸. Sendo assim, refletir sobre a articulação destes dois periódicos inscritos no campo literário⁹, deslocando-os e re-semantizando-os, é, em última instância, o objetivo situado no horizonte desta pesquisa.

⁸ Cf. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.213.

⁹ Bourdieu entende que "o campo literário tende a organizar-se segundo dois princípios de diferenciação independentes e hierarquizados: a oposição principal, entre a produção pura, destinada a um mercado restrito aos produtores, e a grande produção, dirigida para a satisfação das expectativas do grande público, reproduz a ruptura fundadora com a ordem econômica, que está no princípio do campo de produção restrita; ela é cortada novamente por uma oposição secundária que se estabelece, no interior mesmo do subcampo de produção pura, entre a vanguarda e a vanguarda consagrada." Op.Cit. p.141.

1. TRAÇOS & PERSONAGENS

1.1. JOSÉ E AS PROCEDÊNCIAS

"E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?"

Drummond

1976: um grupo de intelectuais pernambucanos publica, no Rio de Janeiro, a revista *José – Literatura, Crítica & Arte*¹⁰. Trata-se do surgimento de um periódico singular que parece ter raízes numa vinculação territorial. O crítico e professor Antonio Dimas faz alusão à proveniência pernambucana daqueles intelectuais:

"José nasce em plena ditadura militar e, ainda que não o explicita, resulta de um grupo pernambucano, nascido nos anos 30, que começara sua vida intelectual no Recife e de lá fora banido por força do golpe de 64."¹¹

Vejamos como começou. Recife, década de 50, na garagem da casa de Gastão de Holanda, uma prensa manual começava a funcionar, colocando em prática as idéias de um grupo de intelectuais que se reunia para fundar uma editora que fugisse aos padrões daquelas do circuito Rio – São Paulo. A pretensão inicial do grupo O Gráfico Amador, do qual participaram, para destacar alguns nomes, alguns mais experientes e outros mais jovens, Aloísio Magalhães, Ana Mae Barbosa, Ariano Suassuna, Gastão de Holanda, Hermilo Borba Filho, João Alexandre Barbosa, Jorge Wanderley, José Laurenio de Melo, Orlando da Costa Ferreira, Osman Lins, Sebastião Uchoa Leite, era a de publicar seus próprios escritos, visto que o circuito editorial comercial não lhes era acessível. Todos eles, como afirma João

¹⁰ A revista teve os seguintes números publicados: n.1, julho de 1976; n.2, agosto de 1976; n.3, setembro de 1976; n.4, outubro de 1976; n.5/6, novembro/dezembro de 1976; n.7, janeiro de 1977; n.8, maio de 1977; n.9, dezembro de 1977; n.10, julho de 1978.

¹¹ DIMAS, Antonio. "Um suplemento carnudo", in: *Continente Sul/Sur*, n.2, POA, 1996, pp.35-45.

Alexandre Barbosa, "articulados pelo gosto do livro, da literatura, da arte e da tipografia"¹². Entretanto, em 1957, ampliaram suas ambições e começaram a publicar também outros autores, observando, porém, o que era seu preceito central: "o de só publicar livros sob cuidadosa forma gráfica"¹³.

Assim, com projetos gráficos "arrojados", O Gráfico Amador ensaiava sua inserção nas artes gráficas, enxergando no livro não apenas um amontoado de páginas, mas um produto merecedor da acuidade do especialista. Ainda que tenha durado pouco tempo (54-61), foi com esse espírito que O Gráfico Amador canalizou respeito e reconhecimento e legou-nos edições que são verdadeiras obras-primas, marcando lugar na história da arte e do *design* no Brasil.

As intenções do grupo estão explícitas no primeiro boletim de O Gráfico Amador, datado de julho de 1955:

"O Gráfico Amador reúne um grupo de pessoas interessadas na arte do livro. Fundado em maio de 1954, tem a finalidade de editar, sob cuidadosa forma gráfica, textos literários cuja extensão não ultrapasse as limitações de uma oficina de amadores. Os trabalhos são projetados e realizados por Aloísio Magalhães, Gastão de Holanda, José Laurenio de Melo e Orlando da Costa Ferreira."¹⁴

As edições caprichadas se sucedem, mas lá pelo primeiro quartel da década de 60 (mais especificamente de 61 a 64), o cenário político conturbado faz com que o grupo se disperse: alguns ficam no Recife e outros emigram para o Rio de Janeiro e São Paulo. Interessa-nos, particularmente, o destino que toma Gastão de Holanda, o articulador dos dois grupos (O Gráfico e José), assim como o de alguns de seus parceiros.

"Gastão Holanda, nos últimos anos de permanência no Recife, dividia suas atividades entre a Minigraf, escritório de *design* gráfico que manteve em sociedade com Cecília Jucá, e o Curso Livre de Artes Gráficas na Escola de Belas Artes. Sua produção, nessa época, constitui verdadeira explosão de

¹² BARBOSA, João Alexandre. "Réquiem para Jorge Wanderley" In: *Cult – revista brasileira de literatura*, São Paulo, n.31, 2000, p.12.

¹³ Esta e as demais informações sobre O Gráfico Amador foram extraídas de LIMA, Guilherme Cunha. *O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

¹⁴ Apud LIMA, Guilherme Cunha, *Op.Cit.*, p.85.

criatividade, em contraste com a pobreza de recursos materiais que lhe são disponíveis. Em 1972, após a união com Cecília, deixa o Recife, seguindo o destino de seus pares em *O Gráfico Amador*. O trabalho que desenvolve à frente da Editora Fontana, no Rio de Janeiro, não raro coadjuvado ou em parceria com Cecília, fala por si só. Se mais não fosse, os dez números de *José*, um dos melhores exemplos de uma revista de cultura feita no País, já seriam suficientes para marcar a passagem desse casal pela história da comunicação visual brasileira."¹⁵

De fato, já mencionamos que a revista é fruto do encontro de um grupo provindo de Pernambuco que se estabelece no Rio de Janeiro. Convém assinalar, nesse sentido, as presenças, seja como integrantes do conselho editorial ou colaboradores, de Sebastião Uchoa Leite, Jorge Wanderley, João Alexandre Barbosa, José Mindlin¹⁶ (como entrevistado), José Laurenio de Melo, Orlando da Costa Ferreira, Ana Mae Barbosa, além de Hermilo Borba Filho, que, tendo falecido no ano de estréia da revista, foi homenageado com um artigo¹⁷ sobre sua atuação.

A vinculação com *O Gráfico Amador* também explica, por exemplo, a publicação em *José* de uma gama de textos sobre a arte da bibliologia. Até mesmo em função dessa vinculação e experiência com *O Gráfico Amador*, a revista *José* apresenta um projeto gráfico cuidadoso¹⁸, com o emprego de iconografia, porém sem grandes requintes e ousadias¹⁹, provavelmente enfrentando problemas de custos. No debate que se fez sobre a revista, há uma resposta do editor ao comentário de Sebastião Uchoa Leite, ao afirmar que inclusive graficamente *José* era improvisada. Gastão de Holanda discorda: "A revista não foi

¹⁵ Idem. Ibidem. p.176.

¹⁶ Segundo o *Noticiário 2*, de maio de 1961, boletim do grupo, José E. Mindlin, um "estrangeiro" dentre os pernambucanos, também fazia parte da lista de sócios d'*O Gráfico Amador*. Cf. LIMA, Guilherme Cunha, Op.Cit. p.99.

¹⁷ CORIOLANO, Paulo de Araújo. "Hermilo Borba Filho (1917-1976)" *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.1, julho, 1976, pp.36-37.

¹⁸ O editor Cleber Teixeira (Editora Noa Noa), que acompanhou de perto as publicações do período e conheceu os integrantes de *José*, compartilha dessa opinião a propósito da preocupação de Gastão de Holanda em manter um padrão gráfico de qualidade, apesar da limitação dos recursos. A informação foi obtida em conversa desta pesquisadora com o editor.

¹⁹ Ana Cristina Cesar, em carta à Maria Cecília Londres Fonseca de 24/05/77, faz um comentário a respeito, em virtude da publicação de seu texto, "Na outra noite no meio fio", na edição de maio de 1977: "Olhe a sua amiga na careta revista *José* deste mês. A Tânia [Kacelnik] ilustrou tentando romper os eternos ritos da diagramação. Não sei se texto e desenho se integraram. Pelo menos destoou da revista." In: FREITAS FILHO, Armando. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Orgs.) *Ana Cristina Cesar. Correspondência incompleta*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p.147.

graficamente improvisada. Ela foi cuidadosamente planejada por Cecília Jucá e Angelo Venosa. Tem uma estrutura modulada pelo melhor *design*, a meu ver."²⁰

José também parecia tomar forma a partir da necessidade desses intelectuais de publicar seus próprios escritos²¹, mas novamente ampliaram seu foco de interesse, abrindo espaço para outros escritores. Acontece, porém, que as pretensões também ganhavam outras proporções: não ser apenas uma revista para poucos colecionadores, como muitos dos trabalhos do Gráfico, mas atingir uma fatia maior²², obviamente ainda circunscrita ao espaço do campo literário.

Sobre o ambiente intelectual da época, Sebastião Uchoa Leite testemunha, enfatizando seus vínculos com O Gráfico Amador, em entrevista publicada na revista *34 Letras*:

"Quando eu estava por volta dos vinte anos, conheci primeiro uma figura que era poeta e ligado ao grupo O Gráfico Amador, que era José Laurênio de Melo. Fiquei amigo dele, escrevi sobre um livro que ele havia publicado, chamado *Conversações Noturnas*, e depois entrei em contato com o pessoal do Gráfico. O Gráfico Amador era um grupo de amigos que fazia uma série de livrinhos pretendendo serem livros de arte gráfica. Quem liderava isso era Orlando da Costa Ferreira, junto com Gastão de Holanda e José Laurênio de Melo. (...) Por essa época, ainda estudante da faculdade, eu conheci, além do pessoal do Gráfico que era mais velho, um grupo mais da minha geração e evidentemente tínhamos interesses comuns. Era o João Alexandre Barbosa, Luiz Costa Lima, Jorge Wanderley — que também escrevia poesia — e outros que freqüentavam ainda a faculdade."²³

Ainda na entrevista, Uchoa Leite enfatiza a que linhagem pernambucana se vincula, demarcando um posicionamento:

²⁰ HOLANDA, Gastão de. "Debate: José no espelho", *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.9, dezembro, 1977, p.16.

²¹ Como na maior parte das revistas, os integrantes do conselho editorial são colaboradores freqüentes, sendo a revista tomada como espaço de legitimação no campo.

²² Sobre essa intenção, ilustro com outro comentário de Gastão de Holanda, em resposta a Sebastião: Sebastião — "Eu não tenho esse dilema [critério de edição e critério de vendagem], porque sei que jamais serei Jorge Amado, serei sempre Sebastião Uchoa Leite." Gastão — "Em termos de revista, Sebastião, você podia dar uma de Jorge Amado. (risos)" In: "Debate: José no espelho", *Op.Cit.*, p.13.

²³ LEITE, Sebastião Uchoa. (Entrevista concedida a Flora Sússekind, Beatriz Bracher e João Guilherme Quental.) "Sebastião Uchoa Leite" *34 Letras*, n.7, março, 1990, pp.13-14.

"Às vezes quando as pessoas falam 'Ah você é do Recife' eu falo logo 'Olha, o meu Recife, o meu nordeste, não tem nada a ver com o tropicalismo de Gilberto Freyre, o meu Recife é o de João Cabral de Melo Neto'. E aí eu esclareço logo minha posição, que é ao mesmo tempo estética e ideológica."²⁴

A afirmativa nos incita a ler a vinculação de Sebastião Uchoa Leite como a da própria *José*, que tem em João Cabral de Melo Neto um dos autores mais freqüentemente referenciados no conjunto de textos publicados. Ao seu lado, aparecem os seguintes autores mais citados: Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Stéphane Mallarmé e Mário de Andrade²⁵.

Sem levantar bandeiras nem declarar manifestos, o grupo proveniente de Pernambuco se mescla, no Rio de Janeiro, a outras procedências, sobretudo no que tange ao *panthéon* da revista. Percebe-se a presença incisiva dos modernistas brasileiros como referências e pode-se dizer que o periódico presta tributo ao movimento. Tendo como bastião o modernismo, os vários colaboradores que a revista *José* acolhe em suas páginas ensaiam respostas às inquietações sobre os rumos da literatura, prevalecendo, na retomada do movimento modernista, uma compreensão patrimonialista, na medida em busca o resgate da memória.

Distinto de outros grupos que se reúnem mediante um ideário político comum, como foi o caso, por exemplo, da revista *Argumento*, com intelectuais de esquerda que pretendiam claramente demonstrar a oposição ao governo ditatorial, com um antagonista muito bem definido, *José* apresenta-se destituída de um projeto militante ou de algum engajamento explícito, veiculando as contradições e discordâncias peculiares àquele contexto de fins dos 70. Por conseguinte, nas palavras de Gastão de Holanda, a revista vinha com uma proposta de ser uma "soma das personalidades dos seus colaboradores", "mobilizadas em torno de afinidades, enquanto que, como espelho, refletem o circundante e dele procuram fixar ou interpretar a imagem"²⁶. Se o circundante era inquietante e dilemático, a revista cumpriu seu papel.

Sobre o título, acrescento que Drummond é eleito o guia intelectual da revista, cujo nome já denuncia a referência ao poeta, autor de "José", o poema, e

²⁴ LEITE, Sebastião Uchoa. *Ibidem*, pp.15-16.

²⁵ Seguidos de T.S. Eliot, Manuel Bandeira, James Joyce, Machado de Assis e Marcel Proust. Ver índice de autores citados.

²⁶ HOLANDA, Gastão de. "José é uma revista (...)" *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.1, julho, 1976, p.1.

um dos expoentes do modernismo, fazendo-se presente como colaborador do periódico. Do poema "José", do qual provém o título da revista, retém-se a perplexidade, sintomática de um momento em que os movimentos literários se diluem, em que as vanguardas deixam de fazer sentido, em que se questiona sobre os possíveis caminhos da literatura. O epítome do poema —"E agora, José?"— funciona como um signo sintomático do periódico, reverberando ao longo de suas páginas.

Sebastião Uchoa Leite, que assume nos debates uma posição do "contra", critica a escolha do nome da revista, que viria carregado de uma carga simbólica de compromisso da qual o grupo não tinha condições de dar conta:

"Outra coisa que eu fui contra foi o nome da revista: JOSÉ: Até o nome eu fui contra, a opinião que eu dei é que se ligava demais a Carlos Drummond de Andrade, por causa do poema JOSÉ, dele. Quer dizer, se ligava a Drummond e, portanto, a todo um contexto anterior e dava também uma conotação de revista com a participação política que nós não tínhamos condições de ter, que nós não tínhamos condições de sustentar, como estava fazendo OPINIÃO, como fazem MOVIMENTO e várias outras revistas. (...) Eu sou uma espécie de literato, uma toupeira. Quer dizer, fico enterrado fazendo as minhas coisinhas, prestem ou não prestem, para um determinado público. Então, a revista teria de refletir mais ou menos o nosso tipo de preocupação. Naturalmente tentando ampliar o leque, mas fundamentalmente isso."²⁷

Sebastião foi voz vencida: a revista se chamou *José* e de algum modo refletiu a indefinição de rumo que o José, do poema, enfrentava, porém, não procurou dar conta da participação política mencionada e, sim, revelou a tensão do conceito de literário num momento de transição.

RELATO DESCRITIVO

Na primeira capa, Drummond, Otto Maria Carpeaux, Sebastião Uchoa Leite, Haroldo de Campos, Humpty Dumpty e Alice dividem os espaços com quadrados vermelhos. A partir daí, é possível arriscar uma leitura: Drummond, no centro, é o

²⁷ LEITE, Sebastião Uchoa. "José no espelho" Op.Cit. p.6

poeta maior de José, havendo espaço para os concretos, personificados na figura de Haroldo de Campos, enquanto Sebastião Uchoa Leite representa o grupo que faz a revista. Otto Maria Carpeaux marca o início e o fim do periódico²⁸ e Humpty Dumpty, personagem de *Alice através do espelho*, no alto de seu muro estreito, aparece sob o signo da vertigem, à beira do abismo, do qual José dá testemunho. Na introdução proposta por Sebastião Uchoa Leite, lê-se que "o capítulo 'Humpty Dumpty' de *Through the looking-glass* é proposto como uma charada dentro de outra charada que é todo este livro de Lewis Carroll, um jogo dentro do jogo. E também, sendo praticamente o centro da narrativa, uma pausa para a reflexão sobre as regras do jogo."²⁹

Hoje, quando observamos essas capas, podemos ler no vermelho dos quadrados uma discreta referência ao posicionamento de esquerda dos intelectuais³⁰ que fazem a revista, sobretudo porque este vermelho persiste nas capas até o terceiro número, sem, entretanto, fazer com isso uma bandeira ou algum gênero de militância.

A maioria dos textos apresenta iconografia, como já se disse, e o formato do periódico, de 30 x 21 cm, se mantém constante, com cerca de cinquenta páginas. José conta com uma editoria de arte, cujos integrantes são Cecília Jucá e Angelo Venosa. A partir do sétimo número, em função do aumento de preços dos papéis, opta-se pela mudança para papel jornal. É também neste número que a revista sofre um reajuste de preço, de Cr\$10,00³¹ para Cr\$15,00, e uma pequena nota editorial manifesta as dificuldades com os índices inflacionários e as necessárias medidas de economia. Na nona edição, o preço do exemplar sofre novo reajuste, passando a custar Cr\$25,00.

As rubricas da revista sofrem algumas alterações, sobretudo em função dos temas dos ensaios. Pode-se dizer que as rubricas fixas são Resenha, Entrevista ou

²⁸ Nas páginas inaugurais do periódico, Otto Maria Carpeaux aparece como o entrevistado, e o último número é uma homenagem póstuma ao crítico.

²⁹ LEITE, Sebastião Uchoa. "Humpty Dumpty: poder e palavra" *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.1, julho, 1976, p.23. Ressalto que o capítulo mencionado é traduzido pelo próprio Sebastião Uchoa Leite e também figura nas páginas centrais desse número inaugural. Em 1977, Sebastião publica, pela editora Fontana, uma tradução do livro *As aventuras de Alice*, de Lewis Carroll.

³⁰ Nesse sentido, já se observou a referência de Sebastião Uchoa Leite sobre a preferência por João Cabral de Melo Neto, em detrimento de Gilberto Freyre, onde podemos ler uma vinculação política. Acrescento também que Luiz Costa Lima vinha da Universidade Federal de Pernambuco, sendo que em 1964 havia sido aposentado pelo AI/1.

³¹ Este valor equivale, hoje, a R\$3,96, enquanto com o aumento para Cr\$25,00, tendo como parâmetro o mês de junho de 1978, o valor equivale a R\$4,98. Ver tabela de conversão em anexo.

Debate, Poesia, Ficção, Ensaio e Documento (quando se inicia a publicação das cartas de Mário de Andrade, a partir do quarto número), sendo que a disposição destas seções na revista é alternada. Como rubricas esporádicas, aparecem: Pesquisa (n.1), Música (n.1), Bibliologia (n.1, n.2, n.3), Teatro (n.2), Arquitetura (n.2), Artes plásticas (n.2, n.5/6), Antologia (n.2, n.3), Informe literário (n.5/6, n.7, n.8), Depoimento (n.7), Urbanismo (n.8), Poesia no mundo (n.9, n.10), Cartas (n.9). No décimo número, abolem-se quase todas as rubricas, apresentando-se diretamente os títulos dos textos.

Fazendo-se um levantamento quantitativo, a partir da indexação dos textos na base de dados, constata-se a publicação de 32,8% de poemas, seguidos de 22,7% de ensaios (sobre literatura, cultura, bibliologia, antropologia, filosofia, esporte, história e educação); 17% tratam-se de ficções, 9,1%, de resenhas, 5% são correspondências, 4% referem-se a entrevistas e o restante são informes, depoimentos, apresentações, debates e editoriais. Lemos nesses dados, além da preponderância dos poemas, a evidente tendência à abordagem da literatura como o principal foco de interesses do periódico.

As capas, com uso intenso de cores, geralmente dão destaque a algum texto publicado no exemplar: *O alienista* visto por Luiz Costa Lima (n.3), as cartas de Mário de Andrade (n.4), a chamada alarmante de Alceu Amoroso Lima —“...a geração de vocês, de repente se encontra diante de um muro” —, que se refere à entrevista por ele concedida (n.7), Quilombo (que remete à entrevista concedida por Candeia no n.8), *José no espelho – o debate* (n.9), e a homenagem póstuma a Otto Maria Carpeaux (n.10). No segundo número, enfileiram-se os nomes dos colaboradores daquela edição, assim como no volume 5/6, em que a letra J ocupa o espaço da capa, ao lado dos nomes de colaboradores, sem dar destaque a um texto específico.

Os versos das capas, assim como os versos das contra-capas, na maior parte dos casos, são preenchidos com publicidade da própria Editora Fontana, que noticia seus últimos lançamentos. No corpo da revista, cerca de duas páginas também contemplam os anunciantes, seja a própria Editora Fontana, empresas como a Graphos (Artes gráficas), Studium fotografia, a Light, a Metal Leve, Editora Paz e Terra, ou revistas como a *Escrita*, *Módulo*, *O saco* e os tablóides *O Pasquim* e *Opinião*. Na última página de quase todos os números, consta uma chamada imperativa para assinaturas da revista *José*, na qual se lê: “Não elogie...Assine!”. No

caso da contra-capa, a solução adotada nem sempre é a mesma, mas, na maior parte dos casos, há um anúncio dos destaques da edição seguinte. Chama a atenção a contra-capa do sétimo número, de janeiro de 1977, último da fase em que a revista circula mensalmente, e que, ao invés de trazer os destaques do próximo volume, traz um círculo, ao lado do qual lê-se ZERO, em letras muito pequenas. Provavelmente, trata-se de uma referência ao livro de Loyola Brandão, o ZERO, que acabara de ser censurado em novembro de 1976 e recolhido das livrarias³².

FICHA TÉCNICA

José – Literatura, Crítica & Arte tem sua redação na Rua Visconde de Pirajá, 430, Ipanema, Rio de Janeiro. O diretor e editor é Gastão de Holanda (poeta), e compõem o conselho de redação Luiz Costa Lima (crítico e professor universitário), Sebastião Uchoa Leite (poeta e tradutor), Jorge Wanderley (poeta e tradutor) e Sergio Cabral (jornalista e crítico de música). Em dezembro de 1977, a revista, em sua nona edição, assume-se bimestral e passa a contar com os nomes de Antonio Bulhões e José Mindlin no conselho, além dos já citados.

O periódico dispõe de um representante em São Paulo, João Alexandre Barbosa (que não aparece nos números 7 e 8), e outro no Recife, Gadiel Perruci (que, na quarta edição, dá lugar a Livro 7 Empreendimentos Culturais). A partir da segunda edição, cresce o número de representantes: Paulo Siqueira, em Paris, Roberto de Holanda, no México, e Saudade Cortesão Mendes³³, em Lisboa; e a revista passa a contar com a revisão de Fred Perrotti (até a oitava edição). No quarto número, Frederico de Holanda, de Londres, vem somar-se aos representantes do periódico. Na nona e décima edições, somente os dois primeiros representantes persistem: João Alexandre Barbosa (SP) e Gadiel Perruci (PE).

A editora de arte, até o oitavo número, é Cecília Jucá, com assessoria de Angelo Venosa, sendo que os dois últimos números têm Sylvia Heller como sucessora

³² Lançado em 1975, o livro recebeu vários prêmios, porém, em novembro de 1976, após duas edições de sucesso, foi proibido pelo Ministério da Justiça, enquadrado como "atentório à moral e aos bons costumes". Seguiu sendo publicado no exterior (Portugal, Espanha, Alemanha), sendo liberado no Brasil somente em 1979, quando foi relançado pela Editora Codecri. Estas informações foram extraídas da sexta edição (Rio de Janeiro: Codecri, 1979), a partir do texto de Silvio Lancelotti.

³³ Maria da Saudade Cortesão Mendes, filha do historiador e poeta português Jaime Cortesão, casou-se com Murilo Mendes em 1947. Murilo morreu em 1975, em Lisboa.

neste departamento. No quarto e no quinto/sexto números, consta o crédito do departamento de publicidade, a cargo de Danúzio de Freitas.

A distribuição da revista, cuja tiragem tem em média 5.000 exemplares, com vendas em cerca de 3.000, é feita pela Superbancas distribuidora. A composição, que até o oitavo número ficou a cargo da Editora Fontana, passa a ser feita pela Compósita Ltda nas últimas edições.

1.2. 34 LETRAS — UMA FACE ESPELHADA

1988, um grupo de estudantes da PUC-RJ organiza uma revista que não se pretende simplesmente literária, mas visa aos entornos da literatura, ou ainda, à abrangência de outras disciplinas que circunscrevem e dialogam com o literário. Trata-se, pois, de uma revista cultural, denominada *34 Letras*³⁴, que propõe, já no primeiro editorial, uma mescla de temas, de linhagens, de línguas, de gerações, indicando a diversidade de caminhos para a leitura, proposta que o ícone da revista sintetiza: o quadrado matemático.

Resultado de um projeto gráfico cuidadoso, a revista tem, desde seu lançamento, cara de livro sofisticado; sofisticação que só se acentuará nos números vindouros. Editada em formato de livro, com lombada quadrada, as feições serão francamente luxuosas, exibindo uma diagramação elaborada, muitas ilustrações e vinhetas, capas requintadas, que resultam em um produto de expressiva qualidade gráfica. Talvez possamos falar, no caso de *34*, de um esteticismo que o periódico faz questão de exibir. No caso de *José*, mencionamos o cuidado no projeto gráfico como uma das características da revista, mas nada que se comparasse ao luxo do projeto de *34 Letras*, item que a distingue das outras revistas. Carlos Alberto Messeder, ao tratar da produção poética dos anos 80, nota uma característica peculiar na virada dos 70 para os 80 que nos serve para observar o perfil de *34*: "uma certa ênfase numa sofisticação e numa plasticidade *high tech* que se afastam cada vez mais do dado *artesanal* tão presente nos 70 e se aproximam de um certo luxo, incorporando uma dimensão 'moderna'."³⁵

O supra-sumo deste primor estético aparece refletido no número duplo 5/6, veiculado em setembro de 1989, comemorativo do primeiro aniversário da revista:

³⁴ A revista é publicada pela Editora 34 Literatura S/C Ltda, em colaboração com a Ed. Marca d'Água Ltda, nos três primeiros números. A partir do quarto, a colaboração é da Ed. Nova Fronteira S.A., sendo que na sétima edição a publicação é da 34 Literatura S/C Ltda e do Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, ainda com a colaboração da Ed. Nova Fronteira S.A., sempre no Rio de Janeiro. Publicam-se os seguintes números: n.1, setembro de 1988; n.2, dezembro de 1988; n.3, março de 1989; n.4, julho de 1989; n.5/6, setembro de 1989; n.7, março de 1990.

³⁵ MESSEDER, Carlos. "O novo network poético 80 no Rio de Janeiro" *Revista do Brasil*, vol. II, n. 5, Rio de Janeiro: Rioarte, 1986, p.72. Acrescento que além de observar esta "plasticidade high tech" no padrão gráfico da revista, há efetivamente uma incorporação dos trabalhos de natureza plástico-poética, resultados dessa aproximação entre poesia e as artes plásticas, abordada por Messeder. Dos trabalhos publicados em *34*, cito alguns, como o de Eduardo Kac, os haicais de Leminski com desenhos de João Wirmond Suplicy, e a "Máquina rudimentar para leitura comparativa", de Luis Paulo Baravelli.

com capa prateada, exposição de artistas plásticos/gráficos nas galerias das "Páginas brancas", intervenções gráficas nos ensaios, esbanjando uma variedade de papéis e de cores em suas 432 páginas. Plural nas texturas, a revista impressiona pelo traje de gala.

Os três primeiros números mantêm uma certa regularidade no que concerne aos aspectos gráficos. A primeira capa (todas elas são duplas), em papel *couché* fosco cinza, estampa um poema de Fernando Pessoa; a segunda expõe um trabalho (água forte/água tinta) da ilustradora Regina Quental e a terceira exhibe uma reprodução da Pedra da Roseta, descoberta no Egito em 1799, contendo o mesmo texto em grego, demótico (grego antigo) e na escrita em hieróglifos (versões que aparecem na capa e nas primeiras páginas), numa referência à temática daquele número: a tradução. Nas capas, além da ilustração, constam o nome do periódico, o número e a data, sem qualquer identificação do preço (que custava, na época, quatro cruzados novos) ou de chamadas para os textos. Uma revista com cara de livro que, não por acaso, seria vendida em livrarias. Na contracapa, exibem-se os títulos das seções e os nomes dos autores, mantendo-se este padrão até o último número de 34. Fica patente, em virtude do requinte gráfico, que dinheiro não faltou neste projeto, ainda que os colaboradores nada recebessem pelas publicações de seus textos. A esse respeito, Marta de Senna, em resenha que não poupou elogios para a revista, publicada no jornal paranaense *Nicolau*, sublinha o que poderia ser um risco:

"Não me conto entre aqueles que acham que pobreza é fundamental, que prefeririam uma publicação em papel jornal, tipo gráfico miudinho e margem estreita para economizar número de páginas. Agrada-me a programação visual impecável, agrada-me a beleza de cada exemplar, o bom gosto do projeto gráfico como um todo. Mas fico-me perguntando se não seria preferível investir um pouquinho menos no luxo da apresentação e pagar um *pro labore* — ainda que simbólico — a seus colaboradores. (...)

Inquieta-me a impressão de que, a continuar nessa linha — de não remunerar seus colaboradores, ao mesmo tempo que se excede em gastos gráficos — a revista corre o risco de se tornar, pouco a pouco, mais bonita do que boa."³⁶

³⁶ SENNA, Marta de. "34 Letras", *Nicolau*, ano III, n.26, Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura/Imprensa oficial do Paraná, agosto, 1989, p.27.

Com cores fortes e uma proposta gráfica mais audaciosa (uso de cor no corpo da revista, variedade de papéis, exposição de trabalhos de artistas plásticos/gráficos), o quarto número apresenta na capa um fragmento do delírio de Brás Cubas, nas cores verde e vermelho. É curioso observar o aumento gradativo do número de páginas (acompanhado das inovações gráficas), que salta das 150 iniciais (n.1 e n.2) para 194 no n.3, 240 no n.4 e 432 páginas no n. 5/6, ainda que o formato quadrado se mantenha o mesmo, 21cm x 21cm. Este número duplo, como já foi salientado, comemorativo de um ano de vida de *34 Letras*, apresenta-se com traje de festa: capa prateada, variedade de papéis, convidados especiais (Maurice de Gandillac é um dos entrevistados, Gilles Deleuze, Barbara Cassin, Pierre Klossowski, por exemplo, publicam textos nesta edição).

Enquanto foi publicada, as dificuldades financeiras definitivamente não foram o problema de *34 Letras*, pelo menos enquanto durou a lei Sarney, de cujas benesses a revista se mantinha. Prova disso é que as resenhas publicadas em outros periódicos, naquele período, dão destaque ao requinte gráfico da revista. No *Letras*, da *Folha de S.Paulo*, o editor do caderno Marcos Chiaretti comenta no artigo "34 Letras une cuidado gráfico e crítico": "Há nesta busca do esmero gráfico um sinal de profissionalismo evidente. Profissionais no bom sentido: cuidadosos e precisos." ³⁷ Outra passagem do texto de Marta de Senna, já citado, também se refere ao mesmo requinte:

"Mencionei há pouco a qualidade gráfica, efetivamente surpreendente numa revista brasileira. O papel (papéis) é de um luxo de 1º Mundo. Ou melhor, de 3º Mundo mesmo, quase asiático, no propósito de provar que 'yes, nós temos dinheiro', graças aos benefícios da Lei 7505, que carrega o patrocínio de grandes empresas. O número 4, por exemplo, se permite o fausto de — se não contei errado — usar *quatro* tipos de papel, impressão em várias cores, tudo belíssimo."³⁸

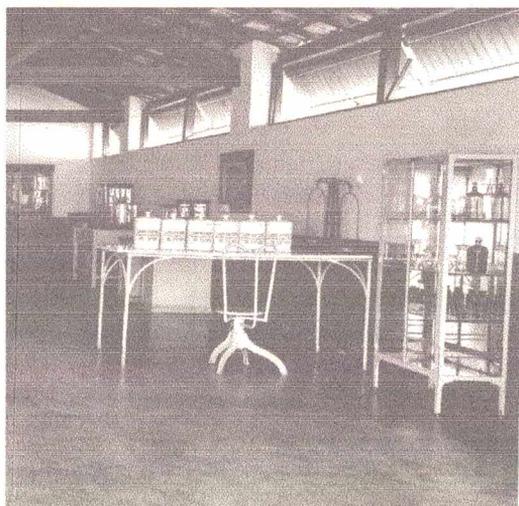
A última edição não é menos luxuosa que a anterior, com cerca de 260 páginas, cuja capa expõe uma fotografia em tons azulados de tubos de ensaio,

³⁷ CHIARETTI, Marcos. "34 Letras une cuidado gráfico e crítico" In: *Letras, Folha de S.Paulo*, Sábado, 1º de julho, 1989, p.2.

³⁸ SENNA, Marta de. Op. Cit. p.27.

sendo que nas contra-capas consta outra foto, de Pedro Franciosi, que contempla o laboratório do Instituto Butantã.

A revista não conta com anunciantes, mas com o apoio cultural de várias empresas, que se beneficiam da dedução de impostos previstos na lei: até o quarto número, *34 Letras* capitaliza o apoio de Papel Classic Cia. Suzano, Instituto de Artes Moreira Salles, Fundação Vitae, Banco Itamarati S.A., Metal Leve. A partir do número 5/6, passa a contar com o incentivo do Banco Crefisul de Investimento S.A., Lorentzen Empreendimentos S.A., Siemens S.A. e Itabira Participações S.A., além das já colaboradoras, Metal Leve S.A., Companhia Suzano de Papel e Celulose e Instituto de Artes Moreira Salles. A partir desta edição dupla, credita também o apoio adicional do Ministère des Affaires Étrangères Français. O quadro se mantém no sétimo e último número, salvo o cancelamento de incentivo de Itabira Participações S.A. A partir de 1990, sem a lei Sarney e sem o "ouro" dos leitores, a revista deixa de circular.



QUEM É QUEM?

Durante o primeiro ano de circulação (n.1 ao n.5/6), a sede da revista se situa na Rua Buenos Aires, 224, sala 17, Centro, no Rio de Janeiro; no último (n.7), desloca-se para a Rua Jardim Botânico, n.635, sala 603, na mesma cidade. Os diretores responsáveis, todos estudantes do Departamento de Letras da PUC-RJ durante a publicação de *34 Letras*, se mantiveram os mesmos durante a trajetória do periódico: Adriana Guimarães, André Cardoso, Beatriz Bracher, Carlos Irineu W. da Costa e João Guilherme Quental; mas o mesmo não pode ser dito do conselho editorial: inicialmente inexistente, somente a partir da quarta edição figuram tais créditos, compostos dos nomes de Lino Machado, Monika Leibold, Rubens Figueiredo e dos diretores responsáveis. Nas edições subseqüentes somam-se os nomes de Eric Alliez e Luiz Costa Lima como membros do conselho editorial.

O responsável pelo projeto gráfico e diagramação é Carlito Carvalhosa, sendo que o sétimo número conta ainda com a direção de arte e produção gráfica de Elisa Bracher. Figuram também os créditos, a partir da quarta edição, de um conselho de arte, formado por Elisa Bracher, Regina Quental e Carlito Carvalhosa, modificado apenas na derradeira edição, que contém os seguintes nomes: Zaba Moreau, Beth Jobim e a já mencionada Elisa Bracher. Os ilustradores que freqüentam as páginas do periódico não são fixos, mas registro que alguns nomes são recorrentes, como o de Regina Quental, Gisa Bustamante e Elisa Bracher, sendo uma prática constante que o ilustrador fique responsável por uma seção, buscando-se aí uma uniformidade visual, gráfica e de ilustrações para o conjunto de textos que a compõem.

2. O HERDEIRO MODERNISTA BUSCA LUGAR NAS TRINCHEIRAS

Acabou o modernismo no Brasil? A questão, em suspenso, funciona como o diapasão da revista *José*, no fim do decênio de 70. Entre a retomada dos ícones modernistas e a perspectiva de refletir sobre os impasses contemporâneos da literatura, *José* segue durante dois anos em busca de vinculações a um projeto, a uma estética, a uma tradição. Ao tentar definir estes contornos, no editorial do primeiro número da revista, o editor Gastão de Holanda afirma “a expectativa de receptividade pelo público, (...) traduzida por pessoas que se identificam com um certo modo JOSÉ, de julgar, ler, escrever ou perguntar, repetida e compulsivamente, como no célebre poema do mesmo nome.”¹

Os questionamentos sobre o presente e sobre a possível crise que se delineava (no mesmo editorial, aparece a pergunta — “Alguma coisa mudou na área e na qualidade da produção intelectual, ou mudamos nós, enquanto leitores? Existe uma crise?”) remetem à indagação sobre o modernismo, que, quarenta anos antes, já tinha sido o mote do quarto número da revista *Lanterna Verde*, em 1936. Vale a pena retomar, ainda que brevemente, a aparição do *Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira*², que pretendia fazer um balanço crítico do modernismo em nossas letras, propondo algumas reflexões dos intelectuais sobre o fim do movimento. Contribuíram ali intelectuais de duas gerações: a que despontou com o modernismo, dentre os quais aparecem Murilo Mendes, Augusto Schmidt, Manuel de Abreu, Renato Almeida e Jorge de Lima, e a que veio na esteira do movimento, com Gilberto Freyre, Octavio de Faria, Affonso Arinos de Mello Franco e Lucia Miguel Pereira. Duas ausências são mencionadas por Tristão de Athayde³, a de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira, que teriam sido inquiridos a participar, mas não colaboraram, por motivos não explicitados no periódico. Provavelmente, podemos supor que fossem as divergências políticas que marcaram essas ausências, apesar de que Silviano Santiago enfatiza que,

¹ HOLANDA, Gastão de. *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.1, julho, 1976, p.1.

² *Lanterna Verde. Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira*. Rio de Janeiro, n.4, novembro, 1936.

³ ATHAYDE, Tristão de. “Síntese” In: *Lanterna Verde*, n.4, Rio de Janeiro, novembro, 1936, p.85.

"ao contrário da maioria das revistas de direita que conhecemos, a citada *Lanterna Verde* abriga generosamente em suas páginas autores de esquerda, ainda que poucos. A generosidade advém de um egoísmo maior de ambas as partes, pois traduz uma atitude comum que une os intelectuais de direita e de esquerda naquele momento decisivo da história brasileira: o repúdio à postura liberal clássica, caracterizada então como oportunista e altamente conservadora, contrária portanto aos princípios revolucionários de ambos os grupos." ⁴

Enquanto *Lanterna Verde* decretava a morte do movimento, José aposta na retomada do cânone modernista, já devidamente instituído, para se posicionar nos fins dos 70. Em consonância, porém, um olhar nostálgico do passado de nossas letras.

Interessa-me particularmente um texto de Tristão de Athayde, intitulado "Síntese", publicado em *Lanterna Verde*, no qual o autor recapitula os diversos posicionamentos dos intelectuais diante da reflexão sobre o estado das manifestações literárias no Brasil daquela época, compreendendo o período de 1930 a 1936, procurando sistematizar as diversas perspectivas, como já se disse, a partir de dois grupos: os participantes do modernismo⁵ e os sucessores deste. Tristão de Athayde assume um tom apaziguador ao fazer o resumo dos principais pareceres sobre a situação das letras no Brasil e extrai certas conclusões comuns aos colaboradores da *Lanterna Verde*, com as quais se coloca de pleno acordo. Num desses remates sublinha que, enquanto o modernismo refletia o otimismo do pós-guerra, o "post-modernismo" respira o ar sombrio de uma nova ante-guerra, da crise que não passa, das revoluções que continuam. Faz prognósticos, conclui que

⁴ SANTIAGO, Silviano. "Fechado para balanço (Sessenta anos de modernismo)" In: *Nas malhas da letra*. Op.cit. p.78.

⁵ Sublinho uma distinção de nomenclatura sobre o que Tristão de Athayde considera o modernismo e como leio a perspectiva da revista *José*. Para Tristão, "o movimento modernista nasceu, no Brasil, durante a guerra européa, tendo em S. Paulo o seu quartel general; generalizou-se em 1925, com a adesão dos elementos cariocas e a Semana de Arte Moderna; dividiu-se em várias correntes, radicalmente separadas entre si, em convicções filosóficas, em idéas estéticas e em posições políticas; e dissolveu-se espontaneamente por volta de 1930, quando o interesse nacional se deslocou do terreno literário para o terreno político e a literatura veio a assumir uma feição inteiramente diversa da que vinha tendo no decênio anterior." Op. Cit. p.89. Para José, entendo que o modernismo abrange desde o marco oficial, a Semana de Arte Moderna, vide Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Blaise Cendrars, como também inclui Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Atento ainda para outra distinção: na bibliografia contemporânea estrangeira, emprega-se o termo como manifestação da arte moderna.

“o modernismo foi um movimento de grupo, por maiores que fossem desde o início as irreduzíveis diferenciações e as hostilidades entre as várias correntes desse grupo. Hoje não há nem mesmo esse espírito de grupo. O post-modernismo é uma volta às pessoas, às obras individuais ou aos grupos acidentais e efêmeros, com caráter mais afetivo que literário.”⁶

Ainda que transpareça um tom melancólico ao abordar o espírito de grupo das vanguardas, a síntese proposta por Tristão de Athayde contempla o espírito das letras dos anos 30 como algo mais grave, mais profundo, mais social e espiritual que o do modernismo.

“O modernismo se oferece sob o signo da destruição, ao passo que atualmente o que vemos não é mais a preocupação anti-passadista e sim o esforço de construir e de criar alguma coisa de próprio.

O modernismo foi, por isso mesmo, alegre, sarcástico e blagueur. Graça Aranha e a sua corrente pregavam a perpétua alegria. Oswald de Andrade e os seus antropófagos caçoavam, demoliam, assoviavam. Hoje, escasseiam os ironistas ou os polemistas. Cessou o sorriso ou a gargalhada. Em todos os setores literários o que se vê é o reflexo da hora trágica que o mundo atravessa.”⁷

No texto de *Lanterna Verde*, Tristão de Athayde prefere não arriscar juízos sobre a qualidade das produções mais recentes, ainda que em suas constatações, decorrentes da leitura dos textos publicados, detecte o princípio da dissolução dos grupos, ou, se preferirmos, da diáspora das vanguardas. As considerações de sua “síntese” são taxativas e o diagnóstico não deixa dúvidas: o modernismo acabava de morrer.

O crítico Silvano Santiago também propõe um balanço do modernismo, mas aí já decorridos sessenta anos, e enxerga o funeral do movimento na publicação em que Tristão de Athayde sentencia o fim. Funeral que também é festa.

“Com o pano de fundo das grandes revoltas ideológicas que dividem o país e que antecedem à Segunda Grande Guerra Mundial, o modernismo de 22

⁶ ATHAYDE, Tristão de. Op.Cit. p.94.

⁷ Idem. Ibidem. pp.93-4.

é enterrado em 1936 ao repicar de sinos maniqueus (nitidez na oposição de luz e sombra, de Deus e o Diabo, de catolicismo e comunismo). As vozes dos sinos guerreiros traçam o perfil de um intelectual intolerante, de feição totalitária e bem pouco democrático nas suas intenções revolucionárias, pois deseja modernizar o Brasil e atualizar a sua arte pela destruição do seu oposto. (...)

Nesse funeral — que é também batismo do novo movimento, o 'pós-modernismo', como o denominam Tristão de Ataíde e Octávio de Faria —, nessa festa ambivalente, tradicionais inimigos se congratulam e ocupam as páginas de uma mesma revista ao nomear um inimigo comum (o liberalismo clássico), antes que se digladiem na arena dos anos 30. Como num duelo romântico, neste número 4 da *Lanterna Verde*, sintomaticamente organizado e publicado em 1936, os intelectuais de esquerda e de direita apertam as mãos e se distanciam contando os passos."⁸

A postura anti-liberal promove, dessa forma, o compartilhamento das páginas da *Lanterna Verde* entre a esquerda, ainda que fiquem de fora Mário de Andrade e Bandeira, e a direita. Assim, assiste-se à "conivência no autoritarismo, consenso no projeto cultural. Mãos dadas: política e arte, modernismo e Estado Novo."⁹

"Podemos concluir que, neste ciclo, ao contrário do anterior, o Modernismo (agora já tendo incorporado até mesmo os seus contestadores mais ferrenhos dos anos 30) surge como uma força capaz de moldar novos projetos criativos que se aproximam e se distanciam dos modelos 'autênticos' de 22, como num fluxo e refluxo da maré.

A avaliação crítica conduzia, pois, a um esforço por constituir o alicerce onde vai sendo construído o trabalho jovem. Uma dedicatória a Lins do Rego ou uma epígrafe tomada de empréstimo a um poema de Drummond não significam sinal de companheirismo, mas antes a marca de determinada ascendência daqueles autores sobre a produção dos mais moços. O sentido do passado é o presente e a avaliação se encontra comprometida por uma linha que estamos nomeando como a de uma dada tradição. Se o movimento

⁸ SANTIAGO, Silvano. "Fechado para balanço (Sessenta anos de modernismo)" In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.78-9.

⁹ Idem. *Ibidem*. p.80.

modernista enquanto 'força fatal', para retomar a expressão de Mário, era um fogo que ardia, agora o Modernismo é um fogo que esquentava a panela."¹⁰

Na medida em que se incorpora à tradição, perde vigor a força contestatória do modernismo, o que equivale a dizer que, ao se institucionalizar, os procedimentos tendem a ser reproduzidos e despotencializados, promovendo novas articulações estéticas (filiações e dissidências) e políticas e dissolvendo o caráter contestatário. Convém abordar aqui as considerações de João Luiz Lafetá, em 1930: *a crítica e o modernismo*, ao apresentar um exame comparativo do que chama a "fase heróica" do modernismo e da que se segue à Revolução de 30, mostrando-nos uma diferença básica entre as duas: ou seja, enquanto a primeira dá ênfase ao *projeto estético* (discutindo principalmente a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o *projeto ideológico* (discute-se a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte). Há, principalmente, uma mudança de ênfase: da consciência otimista e anarquista dos anos vinte à pré-consciência do subdesenvolvimento dos anos 30, sendo que, neste movimento, Lafetá também detecta uma diluição da estética modernista, na medida em que "as revolucionárias proposições de linguagem vão sendo aceitas e praticadas ("rotinizadas" na expressão de Antonio Candido) vão sendo igualmente atenuadas e diluídas".¹¹

Nessa lógica, parece-me pertinente estabelecermos uma relação com a reflexão de Peter Bürger sobre os movimentos de vanguarda, entendida como instância autocrítica, porquanto crítica não uma tendência artística precedente, mas sim a instituição arte. Em *Teoria da vanguarda*, ele afirma:

"O conceito dos movimentos de vanguarda aqui aplicado foi obtido a partir do dadaísmo e do primeiro surrealismo, mas refere-se igualmente à vanguarda russa posterior à Revolução de Outubro. O que estes movimentos têm em comum, embora difiram em alguns aspectos, consiste em que não se limitam a rejeitar um determinado processo artístico, mas a arte do seu tempo na sua totalidade, realizando, portanto, uma ruptura com a tradição. As suas manifestações extremas dirigem-se especialmente contra a instituição arte, tal

¹⁰ Idem. *Ibidem.* p.85.

¹¹ LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p.21.

como se formou no seio da sociedade burguesa. (...) Quando um artista dos dias de hoje envia uma chaminé de fogão a uma exposição, já não está ao seu alcance a intensidade do protesto que os ready made de Duchamp exerceram. Pelo contrário: enquanto que o *Urinoir* de Duchamp pretendia fazer ir pelos ares a instituição arte (com a suas específicas formas de organização, como museus e exposições), o artista que encontra a chaminé de fogão aspira que a 'obra' tenha acesso aos museus. Deste modo, porém, o protesto vanguardista transformou-se no seu contrário." ¹²

Quero sugerir com isso que o modernismo, imbuído de um caráter vanguardista, também sofreu o mesmo processo neste movimento de institucionalização dos procedimentos. Um exemplo sintomático, nesse sentido, é o resgate oficial promovido pelo governo militar em 1972 com a exposição encomendada ao Instituto de Estudos Brasileiros, "Brasil: 1º tempo modernista".

Em mais um refluxo da maré, sendo que vários marcaram esses quarenta anos que intermediaram as duas produções, José aparece sob a égide da impossibilidade de fazer uma "revista de grupo", dilema que, desde o início, marca o surgimento da revista. Em suas páginas, também se faz presente Tristão de Athayde, que descarta o pseudônimo e assina como Alceu Amoroso Lima, para manifestar seu testemunho, como voz apaziguadora, sugerindo que nem tudo está tão mal; reconhece que a geração dos anos 70 se encontra diante de um muro de intransigência no que concerne à falta de liberdade de expressão, mas salienta que há sempre meios de se burlar a "linha Maginot".

"Os franceses traçaram uma linha que ia da fronteira da Bélgica até a fronteira da Suíça. Nessa linha levantaram fortificações extraordinárias, impossíveis de serem atravessadas. Mas ela parava na Bélgica porque tinham a idéia de que a Bélgica era neutra, através de tratados internacionais. Os alemães, ao contrário, partiram do princípio de que os tratados eram apenas um pedaço de papel. Então, invadiram a Bélgica, contornaram a linha Maginot e invadiram a França. E a linha Maginot ficou considerada apenas um símbolo de que é inútil querer estabelecer um muro onde há uma torrente."¹³

¹² BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Vega, 1993, p.67. Voltaremos a essa questão da vanguarda mais adiante.

¹³ LIMA, Alceu Amoroso. "...a geração de vocês, de repente se encontra diante de um muro..." (Entrevista concedida à Heloísa Buarque de Hollanda). *José - Literatura, Crítica & Arte*, n.7, p.35.

A linha Maginot é a metáfora bélica da imposição da censura, limite passível de ser transposto, no entender de Alceu Amoroso Lima e no testemunho da produção da época. O crítico católico cita Goethe, para afirmar que toda liberdade nasce da disciplina: "então, essa disciplina que nos vem, inclusive de fora para dentro, com as dificuldades de criação, censura, limitações, pode ser fecunda", lendo o cerceamento arbitrário como desafio à produção literária. Convém registrar que, de fato, a censura contribuiu para a produção de uma vasta gama de publicações¹⁴ que encampavam a "resistência", articulando um discurso de oposição ao regime militar através de uma linguagem alegórica ou dissimulada.

Podemos articular o texto de Tristão de Athayde, publicado em *Lanterna Verde*, com a entrevista concedida à José pelo crítico Otto Maria Carpeaux. Ao rememorar as manifestações literárias do momento em que chega no Brasil para contrapô-las às da década de 70, Carpeaux preconiza:

"(...)Pense no Estado Novo: a literatura brasileira era a de Bandeira, Drummond, Murilo Mendes, Graciliano e outros. E hoje? A diferença é grande. Naquela época havia uma literatura brasileira. Hoje há talvez um número maior de poetas, ficcionistas e ensaístas de bastante talento. Mas não existe uma literatura, um corpus, neste momento."¹⁵

Ainda que o incômodo posto em cena com a diáspora das vanguardas, a fragmentação dos grupos, seja ponto pacífico para ambos, cabe distinguir, entretanto, os dois recortes: Tristão de Athayde enxergava os indícios dessa dissolução dos grupos na década de 30, enquanto Otto Maria Carpeaux, que desembarca no Brasil em 39, detecta, ainda nos anos 40, a presença de um corpus, quando coexistiam vários movimentos literários e era possível distinguir os combates

¹⁴ Sobre a produção do final dos anos 60 aos meados dos 70, Maria Lucia de Barros Camargo sublinha o surgimento da chamada "imprensa alternativa" e detecta um paradoxo pertinente a esta produção que surge na esteira da censura. Trata-se do fenômeno "em que tablóides de orientações ideológicas diversas dentro do amplo espectro da esquerda – *O Pasquim, Opinião, Movimento, Beijo, Ex* — concentram boa parte dos textos culturais e literários (...) Paradoxalmente, apesar dos ataques da censura prévia e até por causa deles, tais periódicos alcançaram notoriedade, grandes tiragens e público fiel, ao menos enquanto durou o regime de exceção, e sucumbiram não tanto à censura, mas ao efeito devastador das novas realidades mercadológicas que se impõem a partir do final dos anos 60." CAMARGO, Maria Lucia de Barros. "Não há sol que sempre dure. Revistas literárias brasileiras: anos 70" In: *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis: UFSC, n.3, março, 1998, p.5.

¹⁵ Cf. Otto Maria Carpeaux, "Entrevista", *José – Literatura, Crítica & Arte*, Rio de Janeiro, n.1, julho, 1976, p.4

entre os grupos. Já nos anos 70, Carpeaux se questiona sobre a produção contemporânea, sem conseguir identificar uma literatura, um corpus ou um movimento de grupo.

"Não existe hoje um movimento literário. Não se pode fazer diferença entre grupos que se combatem. Isso havia em 1945. Hoje não há correntes, nem mesmo corrente no singular. É cada um por si."¹⁶

Sem inimigo(s) localizado(s), fica cada vez mais difícil identificar os grupos, e a causa deste fenômeno de "atomização" da literatura é, na perspectiva de Carpeaux, além de uma questão de regime político, resultado do regime econômico. O crítico aponta para o problema do capitalismo e, conseqüentemente, para a lógica de mercado, que definitivamente engrena naqueles anos. Assim, essa "atomização" seria resultante

"Não só da censura, mas de uma situação geral. Não duvido que o mesmo ocorra noutros países, até os francamente liberais. Certamente a causa é o regime político, mas é muito mais o regime econômico. Os interesses da maioria dos intelectuais não são mais interesses intelectuais, nem políticos propriamente ditos."¹⁷

Um dos dilemas do periódico pode ser lido a partir da perspectiva agônica de Carpeaux. Se, por um lado, o crítico aponta (e lamenta) um distanciamento daquela atitude predominante nas produções culturais dos anos precedentes, que se faziam sobretudo em torno de "movimentos", como foi o caso dos concretos, da bossa nova, do cinema novo, do tropicalismo, e tantos outros, é preciso considerar, entretanto, que é no modernismo¹⁸ que se pautam os parâmetros da revista. Por outro lado, na revista pressente-se a necessidade de se focar a produção contemporânea, debatendo-se, a partir daí, com a questão dos critérios de valor. É neste eixo que reside o drama do periódico que, diante do caráter irreversível da

¹⁶ Idem. Ibidem. p.4.

¹⁷ Idem. Ibidem. p.5.

¹⁸ Outro dado que merece ser citado: procurando conjugar um movimento similar ao dos modernistas, José se esforça para enxergar nos movimentos folclóricos produtos sofisticados, imbuídos de legitimidade e dignos de resgate. É nesse viés que leio a publicação da entrevista com Candeia no oitavo número de *José – Literatura, Crítica & Arte*.

fragmentação das vanguardas, ainda busca lugar nas trincheiras. Um dilema se impõe: voltar os olhos ao modernismo ou retratar a literatura do período?

CORRESPONDÊNCIAS MODERNISTAS

Para refletir sobre os principais traços da revista, é pertinente tratar de algumas figuras emblemáticas que se destacam nesta rede da crítica: Luiz Costa Lima, Gastão de Holanda, Sebastião Uchoa Leite são alguns dos pertencentes ao grupo que dirige e colabora na revista. Ao lado de Alceu Amoroso Lima e de Otto Maria Carpeaux, aparecem Drummond e Mário de Andrade, expoentes de uma geração que constitui as referências literárias dos primeiros. Carpeaux e Amoroso Lima são, como já foi mencionado, entrevistados pela revista, enquanto Mário de Andrade se manifesta na publicação póstuma da correspondência endereçada a Drummond. Este, por sua vez, entra em cena como o grande homenageado do periódico: desde o título, ao posto de autor mais assíduo como referência no conjunto de textos publicados.

Figurando como segunda destinatária das cartas¹⁹ de Mário, na época ainda inéditas, a revista *José* reitera os laços com o modernismo e aparece relacionada aos desdobramentos da viagem do grupo modernista de São Paulo a Minas Gerais, em abril de 1924. Nessas correspondências de Mário, o teor das cartas contém desde análises dos poemas de Drummond a posicionamentos diante de outras vertentes do movimento modernista e esclarecimentos sobre o "nacionalismo-universalismo" que prega. Sobre a publicação dessas cartas, o editor Gastão de

¹⁹ Nas cartas publicadas na revista *José* constam as seguintes datas: 10 de novembro, 1924/ sem data, no n.4; 21 de janeiro, 1925/ 18 de fevereiro, 1925/ 27 de maio, 1925, no n.5/6; 23 de agosto, 1925, no n.7/ 16 de outubro, 1925/ 18 de novembro, 1925/ 29 de novembro, 1925/ 7 de dezembro, 1925/ 28 de dezembro, 1925, no n.8; sem data/ 23 de janeiro, 1926/ 18 de fevereiro, 1926/ 19 de março, 1926/ 8 de maio, 1926, no n.9; 8 de junho, 1926/ 1º de agosto, 1926/ sem data (1926)/ sem data, no n.10. Ao cotejarmos a edição organizada por Carlos Drummond de Andrade (*A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Record, 1988), registramos algumas distinções. Verificamos que as cartas publicadas na revista são justamente as primeiras correspondências enviadas por Mário, sendo que apenas uma fica de fora, de acordo com a fonte citada. Trata-se da quinta carta [Sem data], que precede a de 27 de maio de 1925. A carta de 28 de dezembro de 1925 figura na edição em livro como sendo de 22 de dezembro de 1925, e na de 19 de março de 1926 consta a data 10 de março de 1926. Na correspondência sem data que precede a de 23 de janeiro de 1926, ambas publicadas no número nove, consta "Ano Bom de 1926", e na última carta publicada em *José*, onde consta sem data, aparece a referência [X.1926] no livro. Cabe sublinhar ainda que era intenção de Drummond tê-las publicadas todas em *José*, propósito interrompido com o fim da revista, que o poeta menciona na apresentação do livro. As notas escritas por Drummond que acompanham a edição em livro são mais completas que aquelas publicadas na revista.

Holanda, em debate publicado no penúltimo número do periódico, revela que pretendia que a correspondência de Mário fosse o "carro-chefe" das publicações de José. O editor chega a admitir o aumento na tiragem, a partir do quarto número (no qual aparecem as primeiras cartas), depositando um crédito no aumento das vendas que seria sustentado pela veiculação deste material, o que efetivamente, diga-se de passagem, não acontece. Cito, a seguir, alguns comentários a este propósito, extraídos do debate "José no espelho":

Gastão de Holanda – "(...)Se nós tivéssemos que nos conduzir pelo IBOPE de cartas, então, a conclusão seria a seguinte: não recebi nenhuma carta sobre nenhum poema, não recebi nenhuma carta sobre nenhum ensaio. Recebi inúmeras cartas sobre as cartas de Mário de Andrade e Drummond. Que eram monstro-cartas... pluricartas... sempre-cartas... Bom, em matérias de IBOPE, o surpreendente foi isso (...)"

Silvano Santiago – "Gastão, desculpe eu ser chato, mas o dado objetivo é que não foi boa a vendagem da revista. Quer dizer, não aumentou o consumo da revista."

Luiz Costa Lima – "A tiragem aumentou, não aumentou o consumo."

Jorge Wanderley – "Ou isto. Em segundo lugar: aumentou a chegada de cartas de leitores, a propósito desse assunto aí, mas essas cartas desses leitores apreciadores da epistolografia de Drummond e Mário não são exatamente do tipo de leitores que se interessariam por assuntos de nível mais complexo. Se esses são os nossos leitores, vamos escolher de vez e manter esta área, ou outra."²⁰

A publicação da correspondência dos escritores vem reforçar um posicionamento da revista: a aposta no modernismo como valor estético. Apesar das cartas dos leitores, do "IBOPE em alta", as vendas continuaram estagnadas no mesmo patamar.

Considerando-se que nas páginas de José abordam-se vários desdobramentos do movimento, incluindo-se aí a viagem a Minas Gerais, parece-me interessante abordar, ainda que sucintamente, a peregrinação, para pensar os discursos dela diferidos, inclusive os que aparecem na revista.

²⁰ In: "José no espelho", *José = Literatura, Crítica & Arte*, n.9, dezembro, 1977, pp.9-10. Consta em anexo.

O intuito da excursão dos modernistas, na semana de páscoa de 1924, era re-descobrir o Brasil, apresentando ao poeta francês Blaise Cendrars as cidades históricas de Minas Gerais. Dentre os excursionistas estavam Oswald, Mário e Tarsila e dentre os jovens literatos mineiros o anfitrião Carlos Drummond de Andrade, que, a partir deste encontro com o grupo, estabelecerá assídua correspondência com Mário durante os vinte anos que se seguem. É Drummond quem descreve, sucintamente, a cena e as personagens daquele encontro:

"Em abril de 1924, hospedou-se no Grande Hotel de Belo Horizonte um grupo de excursionistas (não se falava ainda em turismo interno) procedentes de São Paulo, que fora a Minas Gerais em visita às cidades históricas, ao ensejo da Semana Santa. Era composto por dona Olívia Guedes Penteado, seu genro Godofredo Teles, a pintora Tarsila do Amaral, o poeta francês Blaise Cendrars, os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade e um menino de dez anos, futuro artista plástico, Oswald de Andrade Filho.

Interessados no movimento literário modernista, de que Oswald e Mário eram figuras principais, fomos visitá-los — Francisco Martins de Almeida, Pedro Nava, Emílio Moura e eu. Em seu quarto volume de memórias, *Beira-mar*, Nava dá extensa relação desse encontro, que ele classificou como 'uma das coisas mais importantes para o nosso grupo'. Para mim, então, importantíssima, pois daí resultou a amizade com Mário de Andrade, desenvolvida através de sucessão de cartas, trocadas a partir de então até dois dias antes de sua morte."²¹

Desta excursão, os modernistas não saem ilesos: serão fortemente marcados pelo barroco mineiro, proliferando as impressões e imagens que estimulariam vários textos e telas, consubstanciando o acento modernista. Decorre daí a concepção patrimonialista preocupada com a tradição colonial, que rearma o passado para desmontar os pressupostos da história do século XIX. Os modernistas se vincularão com a arte colonial, prévia à hegemonia francesa que dá o timbre do Brasil *belle-époque*. O crítico Silviano Santiago traça algumas considerações a propósito da atuação dos modernistas e da importância que aquela viagem significou nas artes e na cultura brasileira:

²¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Record, 1988, p.9.

"Na vanguarda brasileira dos anos 20, era indispensável articular a idéia de forma nova à idéia de uma nova nação. Por isso, os nossos modernistas foram mais sensíveis do que os europeus à idéia de negociar com a tradição e o cânone, em busca de redefinições. Estavam menos próximos dos futuristas e mais próximos de Tzara, Duchamp e Eliot."²²

Ou seja, enquanto Marinetti comemora o incêndio dos museus, Tristan Tzara, na mesma direção de Marcel Duchamp, adota uma estratégia menos drástica que não visa destruí-los, mas "retirá-los das cinzas do passado e de reformulá-los pela indispensável dose de iconoclastia, derrisão e escárnio, que serviria para atualizá-los de acordo com o gosto e as idéias antiburguesas da época."²³ Silviano Santiago também enfatiza que T. S. Eliot ensina a lição de que questionar o cânone artístico é a forma mais adequada de encorajar a tradição a não seguir os passos ditados pelo conservadorismo artístico e ideológico. Silviano segue,

"A descoberta das cidades históricas de Minas Gerais pelos modernistas, na Semana Santa de 1924, funcionou não só como modo de retomar por outro viés o passado pátrio, mas também como forma de dinamitar o cânone erudito proposto pelos parnasianos e simbolistas. Trocavam o século 19 pelo 18 e o trabalho acadêmico pela valorização do barroco primitivo de Aleijadinho. Em Ouro Preto, Tarsila do Amaral confessa a Mário de Andrade que pretende voltar a Paris não mais para saber da última moda artística, mas para aprender a arte da restauração de que tanto estavam necessitadas as igrejas de Vila Rica. Os modernistas entregam de volta aos brasileiros esses monumentos do passado na busca da identidade nacional.

Ao articular novo cânone e nova nação, e ao articulá-los à idéia de revisão do passado pátrio, os modernistas deram um passo decisivo no caminho de *uma pedagogia pública (ensinar, deleitar e comover) de caráter nacional*, que até hoje nos parece correta, embora com os excessos que puderam entusiasmar os ideólogos do Estado Novo. Por detrás das novas articulações, foram impostas uma visão justa, mas estreita, de nacionalidade e uma escrita elitista como a única digna de valorização. Esta, necessariamente, afastava do manancial a sede de saber dos não-privilegiados. Mas há mais do que

²² SANTIAGO, Silviano. "A pedagogia do novo museu" In: *Mais!, Folha de S. Paulo*, 30 de julho de 1995, p.5.

²³ Idem. *Ibidem*. p.5.

problemas de época no projeto de restauração das cidades históricas de Minas.”²⁴

Nesta articulação de um novo cânone e de uma nova nação, abandonando ou subvertendo os parâmetros franceses, os modernistas protagonizam um papel fundamental, ao promoverem a busca de um acento nacional.

Ao pensarmos na contribuição arquitetônica diferida daquela viagem, podemos chegar a Brasília, no sentido de que, a partir da recusa da arte neoclássica, os modernistas buscam novas formas de redesenhar as cidades. Assim, não só trazem à tona o barroco, mas propõem, nesta redefinição, outra perspectiva arquitetônica.

Daí convém lembrar a conferência do arquiteto Le Corbusier em 1929, a convite de Paulo Prado, mecenas dos modernistas. Suas idéias sairão do papel no Brasil e levantarão vôo só nas décadas de 50 e 60, seja na reciclagem de uma área periférica de Belo Horizonte, a Pampulha, seja no Plano Piloto que dará formas à cidade planejada — Brasília. Enquanto nos anos vinte e nos que se seguiram, o conceito de arte moderna no Brasil parecia estar consolidado, na arquitetura essa tendência ainda não havia se concretizado. A posterior construção da cidade moderna por excelência, Brasília, representou a continuidade de um projeto menor de modernização urbana, iniciado em Belo Horizonte com a Pampulha, praticamente com as mesmas personagens²⁵.

Ganha formas a idéia da transversalidade derrubando limites, com vias de contorno rápidas, a abstração das nuances e a utilização da linha única (que nos remete também aos quadros de Tarsila do Amaral — comentados em José). Dessa forma, parece apropriado pensarmos em Brasília como a coroação de um projeto que deriva daquela viagem ao interior de Minas. Mas, vejamos como isso aparece em José.

Antes, porém, de abordar a questão da cidade, gostaria de mencionar que uma gama de textos publicados na revista re-visita o modernismo, preponderando uma perspectiva de resgate da memória. Trata-se dos seguintes textos²⁶: “Sobre um

²⁴ Idem. Ibidem. p. 5.

²⁵ Cf. SOUZA, Eneida Maria de. “Imagens da modernidade” In: *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, pp.24-5.

²⁶ O índice geral de José, publicado no Volume II desta dissertação, expõe os resumos desses textos.

tema de Augusto Meyer, seus reflexos e consonâncias" (n.5/6), por Eliane Zagury, "Aquele desenho que vem na capa de Le Formose" (n.5/6), por Alexandre Eulálio, "O nu e o vestido" (n.8), de Dirceu A. Lindoso, "Tupi tangendo alaúde" (n.9), escrito por Alencar Guimarães Lima, e "Recordações de Blaise Cendrars" (n.9), por Rubens Borba de Moraes.

A postura de alguns textos publicados em *José* insiste em dramatizar a questão da identidade nacional, buscando retomar os paradigmas do modernismo para pensar o nacional, a literatura e o cânone. Assim, a revista pode ser lida como um signo do moderno, na medida em que ainda procura sistematizar um projeto e crê na existência de uma saída para a crise da literatura. Prepondera um tom agônico nos debates, nas entrevistas e mesmo em alguns ensaios publicados, como veremos em seguida, numa espécie de reverberação dos impasses do "José" drummondiano.

O PROGRAMA DA CIDADE MODERNISTA

Vão tirar da cidade o centro da cidade, vão tirar da cidade toda a cidade, vão fazer o que da cidade?

Vão plantar uma cidade nova no lugar da cidade carcomida, vão desistir de manter as ruínas da cidade, vão decretar que a cidade não é mais de a gente morar?

Carlos Drummond de Andrade

José também se debruçará sobre a arquitetura e Brasília será o enfoque de textos que vêm discutir as possibilidades para os impasses que a cidade enfrenta. À beira dos anos 80, a cidade planejada, emblema do moderno, que um dia pareceu ser a saída para o impasse urbano, aparece em cena com muitos problemas.

Vários são os textos²⁷ publicados na revista em que se enfatiza a questão do espaço urbano, assim como a análise do Centro Urbano do Plano Piloto de Brasília, a partir da explanação de algumas posições sobre os centros das cidades em geral e do rebatimento deste referencial teórico sobre o caso da cidade planejada.

²⁷ Frederico Moraes escreve "Vocação construtiva na arte brasileira", n. 02, agos., 1976, pp.47-50; Frederico de Holanda é responsável por um ensaio, publicado em duas partes: "O centro urbano de Brasília", n. 02, agos., 1976, pp.26-31 e "O centro de Brasília, hoje (conclusão)", n. 03, set., 1976, pp.36-42 e Edgar Albuquerque Graeff publica "A questão do espaço urbano", n. 08, maio., 1977, pp. 24-30.

Penso que esses textos servem, assim como os debates, para lermos em José a busca incessante por soluções diante dos impasses.

Nos textos aqui levantados, propõem-se algumas hipóteses para a reestruturação do espaço em estudo, na busca da qualidade de vida urbana, após a identificação dos principais problemas da cidade. Neste cenário, o lixo, a poluição, a pobreza já se amontoam nesse espaço e as soluções não parecem ser tão evidentes. Como articula, ceticamente, Edgar Albuquerque Graeff, os problemas da habitação se acumulam na sociedade capitalista, devido a desajustes de ordem econômica, social e política.

"O mais ligeiro exame é suficiente para revelar que nas condições atuais já não é lícito caracterizar a cidade como berço e residência da civilização, ou como forja de revoluções. Porque a cidade está agonizante, e nos seus estertores ela não se limita a dismantelar as estruturas urbanas, mas vai ainda e rapidamente devorando o próprio agros, mutilando a natureza, destruindo, mesmo no campo, aqueles bens insubstituíveis que Le Corbusier definiu um dia como fontes de *alegrias essenciais*: o ar puro para respirar, os raios do sol, as vistas sobre a passagem, a limpidez das águas, o canto dos pássaros, a dança serena das nuvens contra as transparências do céu... A cidade, sem a menor dúvida, está falida como lugar apropriado para uma vida saudável e civilizada."²⁸

Afirma, "com plena convicção", entretanto, que a arquitetura é senhora das soluções dos problemas da habitação, porém, ela não ocupa uma posição tão sólida, o que só nos faz testemunhar o desmoronamento da cidade. Neste texto, Graeff tece 26 considerações sobre o espaço urbano, sublinhando as necessidades urbanísticas que se impõem em nossa sociedade.

"Verifica-se, portanto, que já não se trata apenas de melhorar ou reformar a cidade — mas que se impõe, com urgência, recuperar o urbano, criando novas estruturas espaciais, capazes, inclusive, de permitir que *as melhores conquistas da ciência, das técnicas e da arte moderna* participem da vida cotidiana dos homens."²⁹

²⁸ GRAEFF, Edgar Albuquerque. "A questão do espaço urbano" *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.8, maio, 1977, p.24.

²⁹ Idem. Ibidem. p.28. Grifos meus.

Graeff estabelece, dessa forma, a necessidade de se levar a revolução social ao nível da vida cotidiana de toda a população, apostando num projeto de novo espaço urbano, ou ainda, na criação da vida urbana do futuro. Ao reivindicar a fidelidade ao “mestre” Le Corbusier, para quem a vida transcorreria alegre e feliz desde que os empreendimentos urbanísticos fossem realizados de acordo com o ritmo de atividade dos homens³⁰, cujo conceito já estava tumultuado nos anos 40, Graeff conclui procurando sensibilizar o leitor, ao conclamar uma revolução urbana urgente, visando a um futuro distinto:

“nós, arquitetos, cometeremos uma espécie de suicídio profissional se continuarmos insensíveis à *revolução urbana* necessária e urgente, revolução que terá de ser vigorosamente afirmada por nós não apenas como reflexo, mas também e principalmente como instrumento de criação da SOCIEDADE URBANA do futuro.”³¹

Poderíamos ler em consonância com o diagnóstico proposto por Graeff aquele sugerido por Frederico de Holanda para os problemas concernentes ao centro urbano de Brasília. Sem alarmismos, Holanda propõe uma série de recomendações no sentido de evitar o agravamento dos problemas peculiares às grandes cidades, como o dimensionamento do comércio, a circulação de veículos e o aumento demográfico, enfatizando a necessidade de “um processo de planejamento contínuo, sistemático e global, que permanentemente tenha identificado uma série de problemas a resolver, um conjunto de objetivos a perseguir, um elenco de medidas a implantar e avaliar”³². Posicionamento que parece reforçar o conceito de moderno segundo critérios progressistas, sem se deter no processo descontínuo e rasurado da história. Nesses textos, nota-se a preponderância de um tom de crença no planejamento e nas soluções calculadas previamente, o que parece bem conciliado com a estratégia da revista, que procura dar conta dos problemas que se impõem, ensaiando propostas e soluções; é a busca incessante de respostas para a questão — E agora, José?

³⁰ Cf. GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Ibidem*. p.28.

³¹ *Idem*. *Ibidem*. p.30.

³² HOLANDA, Frederico. “O centro de Brasília, hoje (conclusão)”, *José – Literatura, Crítica & Arte*, n. 03, set., 1976, p.42.

Enxerga-se neste discurso agônico e na concepção de projeto uma prática tipicamente moderna — criticar, advertir e alertar —, com vistas à legislação dos critérios e dos valores:

“Podemos dizer que a existência é moderna na medida em que é produzida e sustentada pelo projeto, manipulação, administração, planejamento. A existência é moderna na medida em que é administrada por agentes capazes (isto é, que possuem conhecimento, habilidade e tecnologia) e soberanos. Os agentes são soberanos na medida em que reivindicam e defendem com sucesso o direito de *gerenciar e administrar a existência*: o direito de definir a ordem e, por conseguinte, pôr de lado o caos como refugio que escapa à definição.”³³

Tal argumento reforça a hipótese de leitura da revista vinculada a um projeto moderno, veiculando textos que se dispõem a discutir as possibilidades para a ordem, sustentando a crença no projeto e no planejamento. Porém, o crítico Zygmunt Bauman atenta para a armadilha das soluções modernas que primam pela produção da ordem, visto que atualmente muitos problemas são criados por resolução de problemas, novas áreas de caos são geradas pela atividade ordenadora, sendo que o progresso consiste antes e sobretudo na obsolescência das soluções de ontem.³⁴

Conceber na própria concepção de ordem a ambivalência implícita, de que não há ordem sem caos, é admitir que, ao produzir a ordem, o caos avança. É possível, nesse sentido, identificarmos no periódico, como nos textos que mencionei, essa crença no planejamento com vistas ao progresso, mas que traz paradoxalmente o gérmen desse caos. Assim, também a promoção dos debates manifesta a angústia dos impasses e as buscas por soluções³⁵.

³³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.15.

³⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Ibidem*. p.22.

³⁵ Para ilustrar essa busca, cito, além dos debates que veremos a seguir, o primeiro parágrafo de um texto de Cecília Jucá, inaugurando a seção Bibliologia: “Numa ocasião em que a indústria gráfica no Brasil importa uma maquinaria altamente sofisticada para a execução de impressos, desde o prospecto publicitário até o livro de arte — extremos de complexidade estrutural — passando pela simples brochura ou pelo livro de qualidade, é necessário propor o conhecimento de uma série de princípios normativos, que possibilitam um melhor nível do produto gráfico e, conseqüentemente, podem contribuir para equacionar a nossa problemática editorial. Esta seção procurará incentivar, através de suas crônicas consecutivas, o aprimoramento da mão-de-obra global, que acompanha

O DILEMA — AS MUSAS OU AS MASSAS?

Ao fazer um mapeamento do periodismo cultural, Jorge Rivera propõe um comentário sobre a dicotomia que marca a trajetória do gênero, uma linha de fratura ainda em curso, porém, cada vez mais borrada em boa parte dos periódicos, a dizer, a elite e a massa.

“Un examen somero de la historia del ‘periodismo cultural’ remite invariablemente a los diversos términos y combinatorias de esta dicotomía, organizados por lo general de conformidad con dos grandes agrupamientos: un tipo de publicación se fijaba como objetivo la hegemonía de un modelo de cultura especializada, erudita y homogénea, destinada a un núcleo de conocedores más o menos calificados (lo que se llamó *cultura cultivada*, *cultura de elite*, *cultura alta* o *high culture*), en tanto que otro trabaja más bien sobre los patrones de la vulgarización, la heterogeneidad y la cultura general en su sentido más difuso (...).

(...) De manera convencional se agrupa a las publicaciones del primer campo como pertenecientes a un perfil de cultura minoritario y especializado, aunque no se trate necesariamente del perfil de la *high culture*, ya que por su origen pueden pertenecer indistintamente a este universo una revista académica dedicada a alguna rama de las humanidades o una publicación contracultural de vanguardia, si a ambas las califica la pertenencia a un campo o saber unitario, la circulación restringida y la destinación a un público *cognoscenti*.”³⁶

Dessa dicotomia, temos, de um lado, uma posição de defesa de um saber exclusivista para um público selecionado e conhecedor, e, de outro, um vasto universo de consumidores de periódicos, folhetins, livros e obras de divulgação que “bastardeiam” mercantilmente os valores estéticos e conceituais do primeiro grupo. Entretanto, Rivera reconhece que, nas últimas décadas, está cada vez mais difícil distinguir o primeiro grupo,

“por lo menos con las viejas características de las revistas de elite, y con frecuencia resulta difícil advertir, en lo que respecta al segundo grupo,

todo o processo de criação do impresso (...).” JUCÁ, Cecília. “Livro: objeto gráfico” *José - Literatura, Crítica & Arte*, n.1, julho, 1976, p.42.

³⁶ RIVERA, Jorge. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 1995, pp.21-22.

distinciones muy netas entre prensa general y prensa cultural de divulgación, en gran medida por la búsqueda constante de un estilo que declina la anotación demasiado erudita o el lenguaje excesivamente especializado."³⁷

A revista *José* explicita esta tensão entre ser uma revista de elite, voltada a um público muito específico, valendo-se de um jargão de circulação restrita, ou ensaiar uma outra alternativa, de ampliação do público leitor, mas sem abrir mão dos valores estéticos, nem se transformar em divulgadora dos lançamentos das grandes editoras. Necessita, entretanto, vender para seguir existindo.

Nos meados da década de 70, quando o mercado editorial cresce e se consolida, a proliferação das revistas literárias é evidente, marcando o que se chama de “boom editorial” — surgem *Almanaque* (SP, 1976-1982), *Escrita* (SP, 1975-1988), com várias interrupções), *Inéditos* (MG, 1976-78), *Anima, Ficção* (1976-1979), dentre outras, concomitante à publicação de suplementos de jornais, como o *Folhetim* (1977-1989), da *Folha de S.Paulo* —, manifestando a emergência de formações críticas que invadem o mercado naquele período, na esteira da gradual abertura política que a sociedade brasileira experimentava no Governo do General Geisel, ainda que o AI-5 continuasse em vigor. Esses periódicos também tinham concorrentes que atravessavam o período militar, seja como mantenedores de certas tradições literárias (como o caso da revista *Tempo Brasileiro*, cujo estandarte estava nas mãos de Eduardo Portella, ou da *Revista Vozes de Cultura*, na vertente católica, na qual se manifestavam as premissas da Teologia da Libertação), seja como periódicos de oposição ao governo e à censura, como o tablóide *Opinião*, que se extingue tão logo a censura afrouxa.

Heloísa Buarque de Hollanda também trata do fenômeno, ao abordar a literatura dos anos 70:

“Referindo-se ao desempenho da literatura no ano de 75, Flavio Aguiar dizia no jornal *Movimento*: ‘Ocorreu algo que há muito não se via: a literatura este ano foi assunto polêmico, tema de debates acirrados e concorridos. Ver para crer.’ A avaliação é consensual. O novo escritor passa a ser considerado um bom negócio, antigos escritores são relançados com roupagens novas, há o conhecido surto de poesia. (...) As empresas editoras testam o alcance

³⁷ Idem. Ibidem. pp.22-23.

comercial de lançamentos bem programados do ponto de vista mercadológico. A forma curta e direta do conto se consolida. Por outro lado, conhece-se a proliferação de revistas literárias que respaldam e se alimentam da boa maré que a literatura experimenta nesse momento (...)"³⁸

No entanto, a efemeridade marcou grande parte daquelas publicações surgidas no clima da descompressão, que se extinguiram depois de alguns números. O caso de *José* não difere muito da maioria das revistas surgidas nos meados dos 70, no que tange à subsistência no mercado: teve dez números publicados em dois anos, embora tenha surgido com a pretensão de ser mensal, periodicidade que se mantém até o sétimo número. Novas exigências técnicas e de mercado se impunham e o periódico rende-se a outro dilema: fazer uma revista "elitista", publicando a "alta literatura", ou fazer uma revista de banca, para vender, sem necessariamente abrir mão da "qualidade".

Afinal, apesar de ser uma revista não institucional, a crítica acadêmica se fazia presente em *José*, o que se explica com a presença dos críticos, também professores, Luiz Costa Lima e Silviano Santiago, ambos da PUC-RJ, João Alexandre Barbosa (USP), Haroldo de Campos (PUC-SP) e Flora Süssekind (na época, aluna da PUC – RJ), para citar alguns.

Da ponte com São Paulo, há ainda a vinculação com os membros do concretismo, que também compareceram às páginas da revista. A crítica especializada parecia dissonante com a premente necessidade de vendagem, determinante para a subsistência do periódico: daí o dilema, que se manifesta na tensão de textos escritos num jargão acadêmico e de textos mais "acessíveis", visando a uma gama mais ampla de leitores. O editor de *José*, Gastão de Holanda, demonstra os números: "A venda da nossa revista é de 3 mil exemplares, hélas! A distribuição é de 5 mil!". Desses 3 mil, 1800 são vendidos no Rio de Janeiro³⁹. No quarto número, com o início da publicação das cartas de Mário a Drummond, Gastão de Holanda acreditou que a edição seria um acontecimento da maior importância da literatura brasileira, aumentando a tiragem da revista para 8 mil

³⁸ HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Anos 70 – Literatura*. Rio de Janeiro: Europa Ed., 1979, p. 41.

³⁹ Ferreira Gullar comenta os dados: "Num país de 110 milhões de habitantes é uma vergonha vender 3 mil exemplares no Rio de Janeiro (risos) em relação à população do Rio de Janeiro... Em relação ao país, então, é um troço assombroso." In: "José no espelho" Op.Cit. p.5.

exemplares, o que, como vimos, segundo Jorge Wanderley e Sebastião Uchoa Leite, foi um erro editorial, visto que o número de consumidores não aumentou.

A imposição das leis de mercado, a necessidade de vendagem e as polêmicas internas parecem ter contribuído para que os integrantes do conselho de redação e colaboradores da revista promovessem um debate — “José no espelho”—, publicado no penúltimo número, discutindo a viabilidade e as possibilidades de uma revista literária naquele momento. É possível, assim, lermos José como um “sintoma” das transformações que ocorrem no plano da cultura, mais especificamente no campo literário, no período.

O debate mencionado foi marcado por opiniões discordantes, manifestando a inexistência de um projeto comum ou de premissas convergentes no sentido de dar continuidade ao periódico. A intenção daquele encontro, segundo Gastão de Holanda, era justamente refletir sobre a existência de um lugar no mercado literário para uma revista como *José*, além de definir este lugar e a linha que se deveria adotar, o que, em última instância, é um questionamento sobre a existência, no mercado, de um lugar para esse tipo de literatura. Luiz Costa Lima, Sebastião Uchoa Leite, Jorge Wanderley e Gastão de Holanda expunham os problemas vistos de dentro da revista, como membros do conselho editorial, enquanto Ferreira Gullar, Silviano Santiago e Geraldo Carneiro enxergavam a revista de fora. O que se viu, foi muita controvérsia. Vejamos algumas delas.

Ao diagnosticar o dilema de *José*, Jorge Wanderley afirma que o problema da revista se resume no confronto de uma oposição binária:

“Então, a coisa oscila entre dois pólos: o pólo vendagem e o pólo afirmação literária em si. Se a gente vai encarar a coisa no ponto de vista da vendagem vai cair para um nível de jornalismo, para um nível de publicação mensal e de bancas. Se a gente procurar um outro foco, que seria uma discussão do literário em si, a gente cai na idéia de uma revista não-de-jornalismo, não-de-bancas, não-mensal. Portanto, mais densa, mais cuidada, mais devagar.”⁴⁰

Sobre esta oposição binária que Wanderley enxerga no periódico, talvez seja pertinente contrapor duas edições de *José*, que são tematizadas naquele debate: a primeira é o quarto número, cuja capa anuncia a publicação das cartas de

⁴⁰ WANDERLEY, Jorge. “José no espelho” Op.Cit. p.5.

Mário a Drummond, documento que parece visar a um público interessado em literatura; a outra se refere à oitava edição, que estampa na capa o desenho de Candeia, cuja entrevista figura como carro-chefe daquele número. Enquanto a primeira se refere a escritores consagrados, demonstrando critérios de valor, a segunda pode ser lida como a pedra no sapato de José, visto que é acusada de populista, ao veicular um expoente da cultura popular. O editor do periódico se defende:

“Vocês acham que a entrevista de Candeia que está sendo tão citada como uma matéria populista, antropológica e socialmente ela não tem importância? Você acha que o público daquela entrevista é só público das escolas de samba? Nunca. Na minha opinião o público da entrevista de Candeia é o público da antropologia e da sociologia...e de Candeia! Agora, a figura do Candeia é uma figura que imediatamente atrai o aspecto populista. Botamos Candeia na capa.{...}”⁴¹

Se a capa que trata das cartas de Mário é pertinente a uma revista literária, a segunda desloca o eixo de interesses ampliando para o contexto cultural, ao mesmo tempo que parece provocar um mal-estar dentre os integrantes do conselho editorial do próprio periódico, ao atingir o “público de Candeia”. Quer dizer, atingir o interesse de sociólogos e antropólogos, tudo bem, mas o público das escolas de samba... Este é um dos pontos nodais da revista, a busca de um público leitor que não seja, por um lado, nem tão elitista e especializado, e, por outro, nem tão massificado. Nesse sentido, Jorge Wanderley reafirma um posicionamento de defesa de um critério de literariedade para José.

“(...)se é uma revista literária, tem que ser mais exclusivamente e mais especificamente literária. Eu acho isso sempre e sempre achei, e, inclusive, fui muito contra os artigos até de arquitetura e das artes plásticas, quando surgiram e vi que *eles não vendiam para o público literário leitor da revista*. Principalmente com os artigos de arquitetura.”⁴²

⁴¹ HOLANDA, Gastão. *Ibidem*. p.9.

⁴² WANDERLEY, Jorge. *Ibidem*. p.5. Grifo meu. Ferreira Gullar também comenta sobre o público leitor: “Se a revista, no início, não visava um certo público, inclusive o público, suponhamos, que comprou a revista por causa da mesa-redonda sobre a antologia da Heloisa Buarque de Hollanda e, depois, esse público se modificou, porque inclusive a revista também se modificou. Então foi um outro

Enquanto Jorge Wanderley critica o ecletismo temático do periódico, Ferreira Gullar expõe sua perspectiva, tratando de outro ecletismo que o incomoda em José:

"Então, um ponto que eu queria explicar com relação ao que eu disse antes, quando eu falei do ecletismo da revista, é um pouco, não no sentido de misturar artes plásticas com literatura, é no sentido dos artigos de difícil leitura; quer dizer, para um leitor já especializado; e ao mesmo tempo uma outra matéria de caráter populista. Então é uma mistura que pode existir numa revista mais ampla, quando o seu espírito é esse. Agora, de repente, inesperadamente surgirem as matérias mais diferentes, isso é que eu acho que não ajuda muito."⁴³

Duas alternativas são propostas por Ferreira Gullar: ou a revista publica artigos que se utilizam do jargão acadêmico, restringindo o público leitor ao se voltar para o especialista, ou opta por textos mais "acessíveis", abrangendo o público leitor de literatura, ou seja, "o cara que compra os livros na livraria, leva pra casa e gosta de ler"⁴⁴. Sobre o assunto, Luiz Costa Lima diverge, afirmando a inexistência no Brasil de um público específico para literatura. Resultado disso: "inexistem revistas especializadas, o pessoal confunde um texto mais especializado com um texto acadêmico; em terceiro lugar, é a diferença entre revista e livro que no Brasil praticamente não se pode fazer."⁴⁵

A idéia de Costa Lima parece ser justamente a de fazer uma revista ensaística sobre literatura, que não encontra eco nas demais proposições. Os impasses suscitam questões: como delimitar o conceito de literário? Como fazer uma revista de vanguarda, quando esta já não é mais possível? Como resistir, mantendo a distinção da "boa" literatura, e não se render ao mercado? Como legislar num mundo em que os valores são questionáveis?

Ainda sobre polêmica que diz respeito à definição do público leitor de José, Silviano Santiago objeta:

público que começou a comprar a revista, enquanto aquele primeiro público foi desprezado." *Ibidem.* p.10.

⁴³ GULLAR, Ferreira. *Ibidem.* p.9.

⁴⁴ *Idem.* *Ibidem.* p.11.

⁴⁵ LIMA, Luiz Costa. *Ibidem.* p.14. Podemos dizer que esse embate retoma a polêmica dos anos 50, entre a crítica acadêmica e a crítica jornalística.

"Um outro ponto que eu queria levantar é o do problema jornalístico. Eu acho que realmente José não pode fazer concorrência a jornal. (...) o exemplo de uma revista que tá tentando fazer concorrência a jornal é *Escrita*, e eu acho que é exatamente o lado fraco de *Escrita*, que entrou numa de consumismo que me incomoda um pouco; uma ênfase muito grande na seção de cartas.

Agora eu acho que José não precisa entrar nessa faixa. Quer dizer, a pergunta que eu faria é (...) qual seria o público da revista? Eu tampouco acho que deve ser o público universitário, se por universitário entendemos as pessoas que estão interessadas na discussão de idéias e que têm um nível universitário..."⁴⁶

Enquanto a primeira fase da revista paulista *Escrita* (1975-1977), coordenada por Wladyr Nader, parecia promover uma reserva de mercado aos escritores nacionais, com um espaço destinado à literatura latino-americana⁴⁷, concomitante à premissa de se constituir como uma alternativa para um público mais amplo (visto que é da contribuição de muitos, e daí a promoção dos concursos, que poderia ser apontada uma saída de qualidade), José rejeita tal pauta, ao mesmo tempo em que não se pretende acadêmica, rótulo que coloca na concorrente uspiana *Almanaque*.

Escrita, naquele período, era mensal, vendida em bancas e chegou a alcançar a tiragem de 15.000 exemplares. Enxergava na televisão uma ameaça aos livros e defendia a democratização da "escrita"⁴⁸, publicando (na revista e na editora de Wladyr Nader) um grande número de "novos" escritores, provenientes do Oiapoque ao Chuí, sendo que poucos foram os nomes que constituíram uma trajetória a partir dali. Noutra perspectiva, *Almanaque*⁴⁹ é o espaço da crítica literária e filosófica, que emprega o jargão acadêmico e adiciona boas pitadas de

⁴⁶ SANTIAGO, Silvano. "José no espelho" Op.Cit. p.14.

⁴⁷ Espaço exíguo no que concerne às publicações de autores latino-americanos nesta fase da revista *Escrita*, mas que se amplia mais adiante. Ver, a este propósito, o texto de Nilcéia Valdati, "A América Latina em *Escrita*", in: *Boletim de Pesquisa – NELIC*, Florianópolis, UFSC, n.2, 1997, pp.32-37.

⁴⁸ A revista afirmava ser, em seu primeiro editorial, "uma alternativa para os descontentes com a enxurrada de informações, nem sempre corretas ou bem depuradas, que chegam através dos outros meios de comunicação". NADER, Wladyr. "Pauta" *Escrita – revista mensal de literatura*, São Paulo, n.1, 1975, p.3.

⁴⁹ *Almanaque – cadernos de literatura e ensaio* (1976-82) enfrenta problemas similares aos de José. Ver trabalho de dissertação de Renata Telles, "Glória póstuma: *Almanaque* objeto de estudo", UFSC, novembro, 1999.

ironia direcionada aos pares. Com dois a três números anuais, uma tiragem média de 3.000 exemplares, a revista é vendida em livrarias e universidades, e tem como antagonista declarado o estruturalismo⁵⁰, em voga na crítica universitária carioca do período. Abro um parênteses aqui para situar a inserção crítica da PUC do Rio na década de 70, a partir do comentário de Italo Moriconi, que menciona, como contraposição, a atuação da geração de críticos da USP nos 70:

"As ciências sociais imperavam ali [USP] como desdobramento de uma história institucional que envolveu sempre o compromisso da universidade com uma consciência de elite de mando, uma 'consciência nacional', consciência do nacional. Enquanto isso, na PUC do Rio, as individualidades soltas de Affonso [Romano de Sant'Anna], Luiz [Costa Lima] e Silviano [Santiago] tiveram que se alimentar do contexto cultural e literário extra-universitário para estabelecer seus referenciais de diálogo com a realidade circundante. Sua formação descentrada refletia-se nos cursos de orientação teórica cosmopolita."⁵¹

José não quer ser confundida com a *Escrita*, que seria, aos seus olhos, uma revista que se rende ao mercado, publicando os "novos" sem critérios consistentes, todavia também não almeja ser *Almanaque*, revista que se pauta em critérios de valor, mas que se destina aos pares, visto se tratar de uma revista assumidamente acadêmica, com ensaios que aprofundam questões teóricas, dirigindo-se a um público especializado. A revista carioca não quer ser isto nem aquilo, e acaba se esgotando no próprio dilema — E agora, José?

Entre a "ditadura da diluição" promovida pela indústria cultural e o elitismo e a especialização das revistas acadêmicas, José se instala no impasse, num espaço de indefinição sobre que perfil adotar. Diante dos diversos posicionamentos não convergentes que os participantes do debate expõem, Ferreira Gullar conclui, perplexo com as vozes dissonantes:

⁵⁰ Nessa chave, menciono a publicação, por exemplo, de "O exorcismo", de Carlos Drummond de Andrade, poema que ironiza o jargão estruturalista, que instrumentalizava uma vertente da crítica brasileira, In: *Almanaque – cadernos de literatura e ensaio*, n.5, 1977, p.7; e "A crítica da 'razão' elitista", de Lúcia Chiappini Moraes Leite e Flávio Aguiar, n.3, 1977, pp.102-106.

⁵¹ MORICONI, Italo. *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Rio Arte, 1996, pp.15-16.

"a revista *José* foi um grupo de pessoas que, como disse o Luiz [Costa Lima], são amigas, mas não são convergentes sob o ponto de vista de idéias e que se reuniram para fazer uma revista. (...) Pois bem, não me parece que tenha sido também pelo que se deduz da posição colocada pelo Sebastião [Uchoa Leite], que a revista *José* tivesse o propósito de ser uma revista de grande circulação. Ele já disse que quem quiser fazer uma revista pra vender que não chame ele. (...) é um contra-senso fazer uma revista que não é de vanguarda, que não é proselitista e tal e que ao mesmo tempo não quer vender."⁵²

Poderíamos refletir sobre o significado desse "não querer vender", na medida em que traz embutida a idéia de que o que é feito para vender não presta. Ou ainda, para ser uma revista de qualidade teria que, necessariamente, ser dirigida a um público restrito, e aí está implícito o conceito de elitismo. O próprio Sebastião afirma, ainda no debate, que "o falso e o fácil é que dominam o mercado"⁵³.

Sublinho, a seguir, a perspectiva do intelectual modernista no que concerne à sua relação com o mercado, a fim de verificar as mudanças de posições, o que pode iluminar a leitura do impasse da revista. O crítico Silviano Santiago possui uma acurada visão sobre o posicionamento elitista dos modernistas face ao mercado e auto-suficiente face ao leitor:

"Para se tocar no problema do elitismo, é preciso antes lembrar que o escritor modernista não chega a ser um profissional da palavra, e como tal não vive de rendimentos auferidos na venda dos livros que produz e os editores comerciam. Encostado nas conveniências de um emprego público, o poeta e o romancista modernistas pouco tinham a ver com as leis do mercado, julgando-as grosseiras e pouco condizentes com as regras de consumo que requer para o seu produto. Além do mais, dá as costas a uma escrita mais cativante ou sedutora para o leitor. (...)

(...)se hoje destacamos a prosa de Mário de Andrade (*Macunaíma*) e de Oswald de Andrade (*Miramar* e *Serafim*) como das mais contundentes e representativas da modernidade entre nós, temos de reconhecer que essa prosa

⁵² GULLAR, Ferreira. "José no espelho" Op.Cit. p.15.

⁵³ LEITE, Sebastião Uchoa. Ibidem. p.16.

ficou negligenciada a terceiro ou quinto plano durante mais de quarenta anos."⁵⁴

Ou seja, enquanto o intelectual modernista não se pauta pela demanda de mercado, mas, sim, por um projeto estético, em fins da década de 70 esta premissa é questionada, se não posta em xeque, sobretudo porque é da inserção no mercado de bens culturais que se abre a possibilidade de manutenção da revista. Pode-se pensar, a partir daí, o dilema do intelectual brasileiro, visto que este impasse se manifesta também em outros periódicos⁵⁵, frente às relações com o *mass media*. Se, por um lado, ensaiam-se os primeiros passos em relação à liberdade de expressão, não se pode deixar de levar em conta os imperativos de ordem econômica, que dá margem a outro tipo de tensão, a necessidade de conquistar a fidelidade de um público consumidor. É dessa forma que as relações com o mercado⁵⁶ (obviamente circunscrito no campo cultural) se constituem como uma problemática em José.

Apesar de reunir críticos emergentes de porte (para ilustrar, cito Luiz Costa Lima, Sebastião Uchoa Leite e Heloísa Buarque de Hollanda) e poetas que começam a se beneficiar de certo reconhecimento (como, por exemplo, Armando Freitas Filho), José parece entrar em crise com o próprio embaralhamento das linhagens que promove (ao abrigar os "marginais", o concretismo, o modernismo e outras). No entanto, é curioso observar a escassez de material sobre o estruturalismo no periódico, considerando-se a presença de um dos expoentes dessa vertente no Brasil, Luiz Costa Lima, alvo de um bombardeamento de críticas no período⁵⁷.

⁵⁴SANTIAGO, Silviano. "Calidoscópio de questões", In: TOLIPAN, Sérgio et alii. *Sete ensaios sobre o Modernismo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p.27.

⁵⁵ Como é o caso de *Escrita e Almanaque*, para citar alguns.

⁵⁶ A discussão sobre o relacionamento entre produção cultural e mercado é tardia no Brasil. O sociólogo Renato Ortiz apresenta uma leitura pertinente a propósito da trajetória deste debate, ao tratar da "moderna tradição brasileira", detectando o relativo silêncio sobre a existência de uma "cultura de massa" no país, sendo que somente na década de 70 surgem os primeiros estudos acadêmicos que tratam dos meios de comunicação de massa, tendo como suporte teórico os escritos frankfurtianos. ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Op.Cit.

⁵⁷ Um dos estopins dessa polêmica em torno do estruturalismo ou "polêmica da teoria", foi o texto "Quem tem medo da teoria?", publicado por Costa Lima no *Opinião* (n.159, de 21/11/75), que teve como ofensivas respostas os artigos de Carlos Nelson Coutinho ("Há alguma teoria com medo da prática?") e Cacaso ("Bota na conta do Galileu, se ele não pagar nem eu"), publicados no número seguinte, além do arremate de Ana Cristina Cesar, com "Os professores contra a parede" (12/12/75). Italo Moriconi descreve o cenário da PUC nos efervescentes anos 70 e afirma que Costa Lima, ao se ver na defensiva, frente à polêmica manifestação do "abaixo a teoria", porém, "acreditando contudo estar afinado com o que havia de mais avançado em matéria de reflexão teórica e literária no plano interdisciplinar" e liderando "uma base diminuta mas aguerrida de adeptos, assumia posições contundentes e um discurso hegemônico. Embora ele mesmo não desse a menor

A revista pode ser lida a partir dos dilemas que explicita (entre a alta literatura e a cultura de massa; entre o elitismo e o populismo), desdobrando-se em tensões que permeiam os textos e ilustram o impasse agônico da transição pelas passagens da modernidade. Sobre o problema da indefinição da revista, o comentário de Jorge Wanderley em "José no espelho" é sintomático, ao tratar de uma certa divisão em José:

"Na época em que a gente estava no terceiro ou quarto número, por aí, houve uma das mil discussões — famosíssimas entre nós. E eu disse que pro Gastão a revista deveria ser um novo PASQUIM, pra Luiz Costa Lima uma revista de ensaios literários, pra Sebastião uma revista de vanguarda experimentalista e pra mim não sei exatamente o quê, talvez tudo isto ao mesmo tempo."⁵⁸

O debate é polêmico justamente por causa dos confrontos entre diferentes perspectivas do que cada um entende pelo que deveria ser a revista José. O que seria um encontro para definir uma linha editorial, o público alvo, visando uma reformulação do periódico, acaba funcionando como uma reflexão sobre os impasses do periodismo dos fins dos 70, como bem percebeu Luiz Costa Lima:

"A função que esse balanço vai ter será muito mais para servir como uma espécie de depoimento, independentemente do que a gente tá querendo, até, sobre os dilemas das pessoas que são a gente e que estão interessadas em literatura, dos dilemas que essas pessoas têm, mesmo sem terem consciência disto."⁵⁹

Assim, uma das conclusões sobre a revista que fica muito evidente no encontro é o reconhecimento da impossibilidade de definir José como um "grupo".

importância para o trabalho da maioria dos praticantes do estruturalismo na faculdade de Letras da UFRJ, havia a impressão generalizada que lá essa corrente teórica era efetivamente majoritária. Desse modo, no âmbito acadêmico, tanto na Gávea quanto na Avenida Chile, a aglutinação das forças anti-estruturalistas representava-se a si própria como resistência a uma hegemonia. E Costa Lima tornou-se figura simbólica de tal hegemonia." MORICONI, Italo. "A teoria na prática é outra" In: *Ana Cristina César: o sangue de uma poeta*. Op.Cit. pp.57-58.

⁵⁸ WANDERLEY, Jorge. "José no espelho" Op.Cit. p.2.

⁵⁹ LIMA, Luiz Costa. *Ibidem*. p.13.

"O que me parece é que se a revista se recusa a ser porta-voz de um grupo e ela mesma não é um grupo, inevitavelmente ela não teria adversários nesse sentido. Acho que essa é a primeira coisa importante como sintoma, como balanço, como sintoma da situação brasileira intelectual hoje."⁶⁰

No início do debate, o poeta Geraldo Carneiro postulava uma tomada de posição, afirmando que o problema estava na incômoda indefinição ideológica de *José*, acusando-a de promover o diletantismo em seus textos. Certamente, a indefinição de um adversário literário só fez acirrar a crise de *José*, assim como a dificuldade de definir seu interlocutor, os critérios no processo seletivo de publicação dos textos ou a inexistência de um projeto com uma determinada orientação que declaradamente norteasse a publicação. Talvez aí também resida o ponto mais alto do periódico, no sentido em que expõe, sobretudo nos debates, a crise dos valores que testemunha, promovendo uma interessante reflexão sobre os rumos da literatura e da crítica a partir daquele momento. Abandonar a literatura realista e militante dos anos 70, abrir espaço para a publicação de traduções⁶¹ (de autores como Lewis Carroll, Arnaud Daniel, Wallace Stevens, Gustave Flaubert, dentre outros), propor novos caminhos para a crítica, no sentido de abandonar o maniqueísmo⁶² são algumas brechas que se abrem justamente a partir da crise que expõe. Questionamentos sobre o abandono, ou não, das premissas do modernismo são constantes retomadas na trajetória do periódico. Sintomaticamente, aquele encontro que definiria uma reformulação da revista parece esboçar o fim de *José*, em função da mesma pluralidade que a viabilizou, dois anos antes.

O POEMA EM JOSÉ — POESIA MARGINAL: DE VILÃ A FILÃO

Ainda nesse encontro que tentava definir os rumos que *José* deveria tomar, Luiza Lobo considera que a revista teria de "abrir mais as portas pra linguagem

⁶⁰ Idem. Ibidem. p.13.

⁶¹ No tocante às traduções publicadas em *José*, registra-se que 7,1% são textos traduzidos, sendo que, na maior parte dos casos (78%), são poemas. Do total de poemas publicados, 15,4% se referem a traduções, que geralmente abre ou encerra a seção Poesia. Publica-se uma nota biográfica sobre o escritor, acompanhando o poema, que aparece na língua de origem e em português, permitindo o cotejo das versões.

⁶² A este propósito, veremos, mais adiante, o texto "O sistema intelectual brasileiro", de Luiz Costa Lima, *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.1, julho, 1976, pp.15-17. Consta em anexo.

nova"⁶³, retomando em seu comentário uma polêmica que já havia sido o mote de outro debate⁶⁴, publicado no segundo número. Veicular o "novo" pressupunha a existência de uma nova linguagem, e Jorge Wanderley afirma enxergar no debate sobre a "poesia marginal" um passo nessa direção:

"Há uma proposta nova de uma linguagem do coloquial, e tendendo para uma dicção poética do 'desarmado', que não tá nem conscientizada, nem verbalizada, nem tá promovida como a dos concretos, mas que é uma proposta nova."⁶⁵

Porém, as discordâncias se manifestam, inclusive no que diz respeito à promoção do "Debate: Poesia hoje". Sebastião Uchoa Leite critica, explicitando seus argumentos.

"[A revista] Tentou no início suscitar um certo debate — como aquele da antologia da Heloisa — mas, mesmo assim, acho que não foi suficientemente aberto. Ficou uma coisa muito limitada a certo objeto no mercado. Certo, ele existia, então tinha de ser discutido, mas somente ele, por quê? Quer dizer, há outras coisas, há pessoas tentando fazer outras coisas. Então por que se centrar só naquele determinado objeto? Quando houve a proposta para aquela reunião, uma das minhas primeiras coisas que fiz foi perguntar por que somente sobre o livro da Heloisa, e não abrir o leque para outras coisas, chamar outras pessoas. Isso, eu disse, vai interessar especialmente ao editor da antologia. Ele vai ficar muito satisfeito de se estar fazendo propaganda grátis do livro.(...)"⁶⁶

Apesar da opinião de Sebastião Uchoa Leite, o debate foi publicado e suscitou algumas questões extremamente pertinentes para refletir sobre a própria revista, no sentido de que, também naquele encontro, entram em pauta discussões

⁶³ LOBO, Luiza. "José no espelho" Op.Cit. p.12.

⁶⁴ LIMA, Luiz Costa; LEITE, Sebastião Uchoa; WANDERLEY, Jorge; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; CESAR, Ana Cristina; CARNEIRO, Geraldo; AUGUSTO, Eudoro. "Debate: Poesia hoje", *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.2, agosto, 1976, pp.2-9.

⁶⁵ WANDERLEY, Jorge. "José no espelho" Op.Cit. p.12. Silvano Santiago retruca: "Ó Jorge, tome cuidado! Porque se você começa com uma determinada definição, sabe, de que existe uma geração, de que existe inclusive uma tentativa de conceituá-la, que ela merece o nosso apoio, eu acho que a revista JOSÉ, de repente, pode virar uma revista do tipo INVENÇÃO ou tipo PRÁXIS INSTAURAÇÃO PRÁXIS não é assim que se chamava? — etc... e todas essas revistas que são um pouco, sabe, baseadas em programas estéticos ou programas literários."

⁶⁶ LEITE, Sebastião Uchoa. "José no espelho" Op.Cit. p.3.

sobre os critérios de valor e novamente a dificuldade de se encontrar um denominador comum, desta vez para rotular uma fatia da produção poética do período. Diante da complexidade de se estabelecerem preceitos que unissem o grupo dos chamados "poetas marginais" — reunido na comemorada antologia *26 poetas hoje*, compilada por Heloísa Buarque de Hollanda, em 1976 —, José chama seu conselho editorial, representado por Luiz Costa Lima, Jorge Wanderley e Sebastião Uchoa Leite, a organizadora do livro e três poetas que colaboraram na antologia para discutirem as premissas da publicação, compilação de uma fatia da "nova poesia brasileira" na vigorosa década de 70. Numa revista cujo conceito de literário prioriza justamente a poesia⁶⁷, o debate se constitui como um espaço para o questionamento sobre os rumos e as possibilidades da poesia num momento em que se expõe a inviabilidade da idéia de vanguarda. Obviamente, há resistências.

Vimos que Carpeaux, ao tratar da produção literária do período, aborda a inexistência de correntes ou movimentos literários, sem reconhecer nos "marginais" ou em alguma outra vertente uma unicidade em termos de grupo. No debate, também nessa perspectiva aparecem, no que concerne à poesia "marginal", Luiz Costa Lima, Sebastião Uchoa Leite e Geraldo Carneiro, que não enxergam uma proposta estética comum, mas há os que defendam a existência de traços que marcam aquela produção, como a compiladora e Ana Cristina Cesar.

Heloísa Buarque de Hollanda se refere, na introdução da antologia e também no debate, a uma retomada de 22, por parte dos "marginais", no sentido de recuperar a oralidade dos modernistas. Sebastião Uchoa Leite comenta o que percebe como diferença:

"Acho que essa retomada é relativa, pois me parece que a distinção é que a poesia de Oswald, de Drummond e de um certo Bandeira de "Libertinagem" é uma poesia voltada para o coloquial mas com um sentido de objetividade muito forte enquanto que nesta, a do grupo de vocês é a tônica da subjetividade que é forte."⁶⁸

⁶⁷ Além do nome do periódico ser uma referência poética, vale acrescentar que grande parte dos ensaios e resenhas se detêm na produção poética. Ademais, do total de textos publicados em José, já se observou o amplo espaço destinado aos poemas. Ver no Volume II o índice de vocabulário controlado.

⁶⁸ LEITE, Sebastião Uchoa. "Debate: Poesia hoje" Op.Cit. p.4. Italo Moriconi, tratando de poesia, também detecta uma similaridade entre o clima estético dos anos 70 e do modernismo dos anos 20, ao abordar a necessidade, nesses dois momentos, de se assumir atitudes e temas que negassem ou

Nas problematizações sobre a delimitação dos traços ou das transpirações dessa "nova" poesia, arriscam-se alguns palpites, sugeridos por Ana Cristina Cesar, Heloísa Buarque de Hollanda e Sebastião Uchoa Leite: a intenção de "matar" Cabral, o afunilamento de caminhos entre poesia e vida, a busca de um certo evasivismo, a influência da poesia beat, o deboche do literário, o antiformalismo, o anti-elitismo. Assim, várias são as premissas apontadas na tentativa de se encontrar o ponto comum que une a antologia; no entanto, nenhuma delas parece se sustentar ou ser, por unanimidade entre os debatedores, a resposta conciliadora.

Ana Cristina Cesar, por exemplo, insiste na questão do traço "anticabralino" como critério de "marginalidade", pautando-se na consideração de Heloísa ao rotular Cabral e Drummond como "linguagem classicizante".

Enquanto isso, Luiz Costa Lima afirma que uma grande parte dos autores da Antologia sustenta uma espécie de ojeriza a qualquer reflexão crítica e questiona-se a falta de programa não implicaria uma ausência de crítica. Afirmção imediatamente contestada por Ana Cristina Cesar, enquanto Heloísa consente a proposição de Costa Lima em termos, ou seja, reconhece esta ojeriza nos "novíssimos", por conta de uma "posição anarquista". Novamente, a definição não serve ao conjunto dos poetas, mas apenas a uma fatia.

Outra explicação é mencionada pela compiladora, ao justificar que o termo marginal vem atrelado à "condição alternativa", com independência do movimento editorial, argumentando, nesse sentido, que a antologia era uma espécie de marginalidade em termos de mercado, criando uma imprensa alternativa em relação ao *establishment*. É Luiz Costa Lima quem problematiza tal critério, ao alertar para o risco de, seguindo tal raciocínio, tomar como *establishment* uma série de poetas pelo simples fato de serem editados pela José Olympio ou outras editoras prestigiosas. A pergunta que se coloca é: continuariam sendo "marginais" os poetas publicados em *26 poetas hoje*, após o sucesso editorial? Sebastião Uchoa Leite também questiona o critério levantado por Heloísa e seguem outros comentários pertinentes ao impasse:

desconsiderassem o sublime poético. "Momentos dessublimadores, culturalmente revolucionários." In: MORICONI, Italo. *Ana Cristina César: o sangue de uma poeta*. Op.Cit. p.8.

“Sebastião — Acho inteiramente natural que poetas que vêm desenvolvendo uma obra com êxito e repercussão sejam absorvidos pelo mercado tradicional. Então a alternativa que hoje se coloca é provisória.

Jorge — Isso bate em cima do que foi dito por Luiz no primeiro número de JOSÉ, quando caracteriza o fato de que no Brasil os autores começam por uma linha de protesto até serem absorvidos pela tradição e até serem substituídos pela geração seguinte.

Luiz — Pois é, por isso é que acho que essa proposta em vez de revolucionária é o que há de mais tradicional na literatura brasileira.

Geraldo — É, mas a partir do momento em que os autores começam a ser assumidos, é natural que as vanguardas estabeleçam um certo antagonismo.

Cristina — Mas aqui no caso, nestes novos textos, não foi estabelecido este antagonismo. É diferente do concretismo. A poesia de Francisco Alvim, por exemplo, recupera Drummond o tempo todo. Antônio Carlos de Brito recupera Murilo Mendes o tempo todo. O traço comum que parece ‘pintar’ é o traço anticabralino...”⁶⁹

No comentário citado, Jorge Wanderley se refere à estratégia observada por Luiz Costa Lima ao analisar o “sistema intelectual brasileiro”, pelo fato de que “cada geração literária que passa entre nós parece lançar um mesmo grito de renovação”⁷⁰, repetindo lances anteriores sem o conhecimento da atuação das gerações precedentes. É nesse sentido que Luiz Costa Lima afirma enxergar, na proposta da “poesia marginal”, ao invés de uma retomada, uma recaída, no lugar de uma atitude revolucionária, o que há de mais tradicional. Enquanto isso, Geraldo Carneiro ainda faz questão de perceber na “tomada de posição” uma atitude vanguardista de estabelecer o antagonista. O problema, e aí entra em cena novamente o dilema da revista, se situa na dificuldade de localizar o adversário. O próprio Geraldo Carneiro, ao tratar da Antologia, reconhecia: “a gente está falando aqui de uma generalidade que não existe.”⁷¹ Ora, se não há o reconhecimento de uma proposta em torno de procedimentos estéticos comuns, fica difícil estabelecer algum antagonista. Ana Cristina Cesar também reconhece

⁶⁹ “Debate: Poesia hoje”. Op.Cit. p.6.

⁷⁰ LIMA, Luiz Costa. “O sistema intelectual brasileiro”, *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.1, julho, 1976, p.15. Mais adiante, abordo este texto mais detalhadamente.

⁷¹ CARNEIRO, Geraldo. “Debate: Poesia hoje” Op.Cit. p.5.

que “não foi estabelecido este antagonismo”, apesar de perceber como traço comum o “anticabralino”.

Perante as ambigüidades e os equívocos da expressão que reúne uma diferenciada produção, os debatedores têm dificuldades em discernir critérios que dêem conta daquele conjunto de poetas. Ao agrupar uma produção desigual, a questão da qualidade também suscita polêmicas.

Jorge — Você [Heloisa] tocou também, logo no começo, no problema da qualidade dos poemas. Realmente, na Antologia, há coisas boas, algumas muito boas, e algumas abaixo da crítica.

Cristina — Discordo. Não há coisas abaixo da crítica, não.

Heloisa — Há coisas de que eu também não gosto, sim.

Sebastião — Alguns poemas da Antologia eu já conhecia, mas a maior parte deles, não. Alguns textos me agradam; outros eu não consigo aceitar; acho que com base na minha própria formação poética. (...)”⁷²

Vemos que a dificuldade enfrentada para tentar definir os critérios da Antologia, é a mesma quando se aborda o problema da qualidade do material poético. A compiladora se esquiva de um veredito: “Falta tempo para *julgar*, essas ‘respostas poéticas’ estão muito em cima dos fatos, muito próximas, são forçosamente difíceis de serem classificadas.”⁷³ Quando se chega ao problema da qualidade, questiona-se a dificuldade de se estabelecerem os parâmetros do valor literário. Nessa questão, entra em jogo o que também foi levantado no debate sobre a revista, o dilema entre critério de edição dos textos e critério de vendagem. A este propósito, em “José no espelho”, Luiz Costa Lima sublinha a importância de se desconfiar dos próprios critérios de qualidade: “À medida que a gente está lidando com um campo — literatura, que não é feito química que você não pode discutir, quer dizer, se essa fórmula dá aquilo você vai a um laboratório e verifica, deveria desconfiar sempre do próprio critério de qualidade.”⁷⁴

Heloisa aparece no debate sobre poesia com esse olhar desconfiado dos próprios critérios, lendo a Antologia como “retrato de geração”, ainda que, como afirmou Jorge Wanderley, retrate apenas “uma ilha de um amplo arquipélago da

⁷² Ibidem. p.9.

⁷³ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Ibidem. p.9.

⁷⁴ LIMA, Luiz Costa. “José no espelho” Op.Cit. p.17.

poesia jovem e atual"⁷⁵ e que, aliás, "deu muito certo, comercialmente". O comentário é ambíguo numa revista como *José*, visto que muito se problematizou essa questão, atrelando, na maior parte das vezes, a idéia de "vender" com o fato de não ser um "bom" produto. É nítido o desconforto de algumas presenças no livro para os debatedores, revelando na Antologia uma produção multiforme. Constata-se, assim, que *26 poetas hoje* foi, além de um sucesso editorial, uma polêmica questão para que *José* pudesse refletir sobre a poesia dos fins da década de 70, esboçando, em seu auto-retrato, os impasses que a atravessam: quem é o antagonista? Quais são os critérios de valor?

Eleger o que vai ser publicado, eis uma questão que está sempre em evidência para o conselho editorial da revista, que freqüentemente seleciona e escolhe o material a ser editado. Sobre os poetas eleitos para figurar nas páginas de *José*, lembro que, apesar da referência constante aos modernistas, somente alguns poemas⁷⁶ de Drummond figuram na revista. Gastão de Holanda, Sebastião Uchoa Leite, Régis Bonvicino, Jorge Wanderley e Lélia Coelho Frota são os que ocupam os postos de poetas mais recorrentes⁷⁷, enquanto os concretos marcam sua inserção no periódico sobretudo como críticos. Dos poetas que publicaram na antologia *26 poetas hoje*, freqüentam a revista Ana Cristina Cesar e Geraldo Carneiro.

Para finalizar essa abordagem, parece-me propício tratar do "poema da fadiga" para abordar o impasse da poesia na revista. Tomo uma peça de escândalo, o poema "No meio do caminho"⁷⁸, de Drummond, que por sinal foi comentário de Mário numa das cartas publicadas em *José*, onde ele escreve o seguinte: "O 'No meio do caminho' é formidável. É o mais forte exemplo que conheço, mais bem frisado, mais psicológico de cansaço intelectual." Cansaço intelectual que seria um dos propulsores de certas manifestações do lirismo que se

⁷⁵ WANDERLEY, Jorge. "Debate: Poesia hoje" Op.Cit. p.5.

⁷⁶ No primeiro número, publicam-se os seguintes poemas: Esta faca; Tenho saudades de uma dama; Sob o chuveiro amar; e, no número 5/6, Os cantores inúteis; Rifoneiro divino.

⁷⁷ Seguidos de VEIGA, Elisabeth; ANDRADE, Carlos Drummond de; SAVARY, Olga; CARNEIRO, Geraldo; CARDOZO, Joaquim.

⁷⁸ O poema, que já figura na carta enviada a Mário (ou seja, escrito em 1924, como denuncia a correspondência) foi publicado alguns anos mais tarde, em 1928, na *Revista de Antropofagia*, de Oswald, suscitando um dos últimos escândalos da fase heróica do movimento modernista. Em 1930, é um dos 49 poemas que integram o livro *Alguma Poesia*, de Drummond. ANDRADE, Mário de. "Cartas de Mário de Andrade a Drummond" *José - Literatura, Crítica & Arte*, n.4, outubro, 1976, p. 43. A carta mencionada é a segunda correspondência enviada, na qual não consta a data. O poema em questão ainda não havia sido publicado, de acordo com o comentário do próprio Mário: "Mas quero que eles [os versos de Drummond] voltem pra mim. Preciso deles em minha casa enquanto não se publicam."

seguiram à publicação do poema, segundo o próprio Mário de Andrade, em texto⁷⁹ publicado na *Revista do Brasil* em 1924. Ou seja, para o escritor paulista, a inovação modernista seria tributária, ainda que parcialmente, do cansaço intelectual produzido pelo *déjà vu*, ou ainda, pelo tédio da monotonia. A pedra no meio do caminho ilustra com precisão o sintoma do cansaço:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Neste caminho, há algo que parece resistir a qualquer metabolização, algo que permanece, seja como lembrança —

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

— seja como eco impassível de ser transformado em outro significante ("no meio do caminho tinha uma pedra"), como uma potência que se eleva ao infinito. Talvez possamos ler aí uma chave da própria José, cujo caroço, a pedra no meio do caminho, é o modernismo, que se transforma numa condenação: a revista permanece estática, atrelada aos paradigmas e valores modernistas, ou com tímidos movimentos, diante do fantasma que a assombra.

⁷⁹ Trata-se do ensaio "Da fadiga intelectual", *Revista do Brasil*, VI, 1924.

O "SISTEMA INTELLECTUAL BRASILEIRO" EM PAUTA

Nós somos as Juventudes
Auriverdes!
As franjadas flâmulas das bananeiras,
As esmeraldas das araras,
Os rubis dos colibris,
Os lirismos dos sabiás e das jandaias,
Os abacaxis, as mangas, os cajus
Almejam localizar-se triunfantemente,
Na fremente celebração do
Universall...

Mário de Andrade

Outro texto que reflete a perspectiva agônica da revista, ao tentar buscar uma alternativa para os impasses que se colocam, é o ensaio⁸⁰ de Luiz Costa Lima publicado no número de lançamento do periódico, no qual o autor problematiza a existência parasitária da crítica brasileira, carente da capacidade de avaliação de nossa própria produção. Ou seja, a partir desse texto que aborda, fundamentalmente, os impasses da crítica, procuro estabelecer relações com outros textos publicados, observando as tensões e os diálogos que se efetuam. O caráter polêmico do texto de Costa Lima é indicado pela própria rubrica que aparece na revista: Debate. Precedido por um parêntese no qual se lê "Primeiras notas"⁸¹, o texto expõe uma problemática e define um posicionamento.

O crítico sublinha uma certa descontinuidade ao ler a trajetória da literatura no Brasil, "onde cada geração parece falar uma outra linguagem a ponto de ignorar o que fez a geração precedente"⁸², criando um círculo vicioso, utilizando as armas, primeiramente, para detonar a geração que antecede, sendo que, logo em seguida, sai atrás de uma "sombra promissora", a ponto de assumir o posto de

⁸⁰ LIMA, Luiz Costa. "O sistema intelectual brasileiro" Op.Cit.

⁸¹ Este ensaio se desdobrará em uma outra versão, publicada no livro *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*, sob o título "Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil" (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, pp.3-29). Nesta última, Luiz Costa Lima adenda uma nota, em que explicita que o texto foi publicado nos *Cadernos de Opinião*, n. 2-5, Rio de Janeiro, 1978, e que "a presente versão não ultrapassa um puro nível descritivo. Desde que ele foi escrito, penso em desenvolvê-lo. Isso, entretanto, não só não foi feito, como não sei se poderá sê-lo. De qualquer modo, percebo duas frentes que necessitam de desenvolvimento: (a) como teoricamente se caracteriza a auditividade face às marcas das culturas escritas e oral. Como isso ainda não aparece com precisão neste ensaio, entenda-se que oralidade, escrituralidade e auditividade não se explicam como hábitos de elaboração intelectual; tipos ideais, podemos acrescentar, que nunca se mostram em estado de absoluta pureza." A segunda frente não é sequer citada.

⁸² LIMA, Luiz Costa. "O sistema intelectual brasileiro" Op.Cit. p.15. Complementa: "Assim, entre mútua ignorância, breve beligerância e demorada convivência, os parceiros do jogo intelectual se impedem de trazer à sua atividade específica a qualidade de um talento que muitas vezes possuem." Como vimos no debate sobre poesia, esta questão persiste na revista.

guarda e defesa. Atribui este "estado de coisas", ou seja, a incapacidade de avaliar nossa produção, como efeito da situação de periferia e subdesenvolvimento do país, "lugar-comum no rol das lamentações", que apenas reafirma a posição de vítima. Costa Lima chega a falar de uma "existência parasitária do sistema intelectual brasileiro"⁸³, incapacitado de avaliar a própria produção. Promove-se, então, o que o ensaísta chama de "macaqueação da crítica", imitando ou aplaudindo o que vem "de fora":

"Ainda neste século, é conhecida a importância de Blaise Cendrars para a valorização, por uma pintora de qualidade de Tarsila do Amaral, das cores pobres das casas do Brasil rural. Sempre andamos à cata de um foco já reconhecido externamente, na Europa ou nos Estados Unidos, que dê a nossos passos inseguros a segurança dos mestres. Assim nos pomos de acordo com a própria expectativa que o intelectual estrangeiro mantém a nosso respeito, julgando-nos como razoáveis repetidores do que ele já sabe ou fornecedores de matéria exótica."⁸⁴

Luiz Costa Lima parece reescrever, sem fazer qualquer citação, o que Mário de Andrade esboça numa das correspondências destinadas ao poeta mineiro, também publicada em José. O autor de *Macunaíma* sugere que

"(...) não existe essa oposição entre nacionalismo e universalismo. O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros — ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. (...) O despaisamento provocado pela educação em livros estrangeiros, contaminação de costumes estrangeiros por causa da ingênua macaqueação que existe sempre nos seres primitivos, ainda, por causa da leitura demasiadamente permenorizada não das obras-primas universais dum outro povo, mas das suas obras menores, particulares, nacionais, esse despaisamento é mais ou menos fatal, não há dúvida num país primitivo e de

⁸³ Idem, *Ibidem*, p.15. O emprego da palavra "sistema" é explicado pelo próprio autor, ao tratar da repetição da ignorância com relação à geração literária precedente, que fomenta um "equilíbrio melancólico": "É claro que este ritual da impotência não poderia ser totalmente explicado como decorrência apenas de uma lei de sistema intelectual brasileiro. Se este sistema assim se define é por efeito de sua posição face a sistemas mais determinantes: desde logo, o político-econômico." O conceito de sistema nos remete à *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido.

⁸⁴ Idem, *Ibidem*, p.15.

pequena tradição como o nosso. Pois é preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolonga-la, engrandece-la.”⁸⁵

Nesta, que foi a segunda carta enviada a Drummond, Mário menciona a face mimética da cultura brasileira, procurando questionar o “apertado dilema” (nacionalismo ou universalismo) que vivenciava o poeta mineiro.

“Nós, imitando ou repetindo a civilização francesa, ou a alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. Nossos ideais não podem ser os da França porque as nossas necessidades são inteiramente outras, nosso povo outro, nossa terra outra etc. Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. E então passaremos da fase do mimetismo, prá fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais.”⁸⁶

A mesma concepção, chamada por um de “mimetismo” e pelo outro de “macaqueação”, estaria em jogo na produção crítica e literária brasileira, uma no início da década de 20 e outra nos meados de 70. Noutra passagem da carta que merece nossa atenção, Mário transcreve e comenta uma afirmação de Drummond:

“‘Pessoalmente acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados.’ ‘Acho o Brasil infecto. Perdoe o desabafo que a você, inteligência clara, não causará escândalo.’ Não sou inteligência clara, mas não me escandalizei. (...) Não me escandalizei, mas acho lastimável. Tudo isso ainda são caraminholas metidas na cabeça de você pelas letras do snr. France et caterva. (...) A paisagem é inculta dum modo geral, não há dúvida. Mas pra você ela é inculta em relação à Gare d’Orsay e aos bouquins que o snr. Anatole France escarafunchava nos cais horas a fio, pra depois arranjar-lhes a literatura. A mesma paisagem que a você desgosta deu-me horas de intensa felicidade.”⁸⁷

⁸⁵ ANDRADE, Mário de. “Cartas de Mário de Andrade a Drummond.” *José - Literatura, Crítica & Arte*, n.4, outubro, 1976, p.42. Mantenho a grafia utilizada por Mário de Andrade, a qual foi reproduzida pela revista.

⁸⁶ Idem. Ibidem. p.43.

⁸⁷ Idem. Ibidem. p.42.

O posicionamento de Mário de Andrade sobre a identidade nacional é manifesto nesta carta, ao repudiar o tributo a Anatole France, traduzido na perspectiva de que o escritor dessas terras buscasse se espelhar no que se fazia na Europa. Anatole France era de nacionalidade francesa e é preciso dizer que podemos ler um posicionamento, caudatário de sua posição, que contagiou vários dos intelectuais brasileiros, aliás, descrito e questionado por Mário nesta carta. Ao comentário de Drummond —“Devo imenso a Anatole France que me ensinou a duvidar, a sorrir e a não ser exigente com a vida.”—, Mário retruca: “Mas meu caro Drummond, pois você não vê que é esse todo o mal que aquela peste amaldiçoada fez a você! Anatole ainda ensinou outra coisa de que você se esqueceu: ensinou a gente a ter vergonha das atitudes francas, praticas, vitais.”⁸⁸ Se Drummond é grato a Anatole France, Mário de Andrade, ainda nesta carta, o considera como

“uma decadencia, é o fim duma civilização que morreu por lei fatal e histórica. (...) Tem tudo que é decadencia nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. Bondade fingida porque não é desprezo, desdém ou indiferença. Dúvida passiva porque não é aquela dúvida que engendra a curiosidade e a pesquisa, mas a que pergunta: será? irônica e cruza os braços. E o que não é menos pior: é literato puro.”⁸⁹

Na mesma carta, Mário afirma que não concorda com o dilema drummondiano (nacionalismo ou universalismo?), e, sim, que o universalismo seria decorrente do “abrasileiramento do Brasil”: “o nosso contingente tem de ser brasileiro”.

As consonâncias das proposições desta carta com o ensaio de Luiz Costa Lima, cinqüenta anos mais tarde, são evidentes; ambas denunciam a atitude de “macaqueação” da crítica brasileira ao consagrar o que a européia ou norte-americana valoriza. Na mesma revista, o fato de os dois discursos – o das cartas e o de Costa Lima – terem espaço é sintomático de uma reafirmação de um posicionamento: o questionamento do dilema (nacionalismo ou universalismo), a urgência do desenvolvimento de um contingente brasileiro, do abandono da

⁸⁸ Idem. Ibidem. p.41.

⁸⁹ Idem. Ibidem. p.41.

mímese por parte dos intelectuais e do descarte de vícios e julgamentos prévios da crítica.

Outra problemática mencionada por Costa Lima diz respeito à morosidade da crítica brasileira em se adaptar ao novo, sublinhando a especificidade de um sistema avesso às inovações como o nosso, o que dá margem a uma "tradição de impasses". Para agravar tal quadro, dois fatores são especificados: o público rarefeito e a maneira pela qual se deu o reconhecimento do intelectual entre nós, sobretudo através de escritos que se limitam à mediania fluente. A universidade pouco contribuiu para aumentar o número de leitores e os manuais são adotados pelos universitários como simplificação, e não como referências das obras, promovendo a pauperização da leitura. De seu lado, afirma Costa Lima, "o escritor se vê sujeito à missão de continuar a difundir as luzes — em baixa voltagem, por certo, pelo risco de provocar curtos-circuitos."⁹⁰ E, sobretudo, através de uma "estória leve e atraente".

"Daí que, quando o agente intelectual simplesmente não dilui ou não se coloca como porta-voz de uma posição previamente constituída e aceita, passa a se incluir na 'tradição de impasses', que, segundo João Alexandre Barbosa, se inaugura com José Veríssimo. Enquanto sou um crítico literário, este impasse especialmente me toca, pois diz respeito à incapacidade de fundir a abordagem histórica com a abordagem interna das obras e estas com a preocupação sócio-política."⁹¹

Detenhamo-nos por um instante neste ponto, retomando a reflexão de João Alexandre Barbosa que, ao abordar a obra de José Veríssimo, detecta nesta a expressão da dupla face de Janus. Veríssimo seria o inaugurador de uma "linhagem", cujo método crítico impossibilita a redução a um só rótulo, e o insere, mediante as incertezas expressas em seus escritos, na "tradição do impasse". João Alexandre recorre à metáfora da postura bifronte de Janus, o deus romano dos começos circulares, sem o trânsito para o futuro aberto dos riscos e inovações, e um horizonte limitado pela herança, pela tradição, para ilustrar a postura dúbia de José Veríssimo, sendo-nos também propícia para pensar o impasse agônico da revista.

⁹⁰ LIMA, Luiz Costa. "O sistema intelectual brasileiro" Op.Cit. p.17.

⁹¹ Idem. Ibidem. p.17.

Sobre o autor da *História da Literatura Brasileira*, João Alexandre Barbosa argumenta:

“E se a imagem de Janus nos parece acertada é porque (...) o que melhor caracteriza a sua linguagem por essa época é precisamente a impossibilidade (mais uma vez) de realizar a passagem entre o modelo de reflexão oferecido pelo relacionamento entre o crítico e a sociedade de seu tempo e a invenção de uma linguagem crítica capaz de abrir o caminho na direção de uma análise integradora de obras literárias, em que os elementos do passado, da tradição, fossem perscrutados sob um enfoque contemporâneo.”⁹²

João Alexandre detecta em José Veríssimo uma aguda duplicidade: “não era capaz de transpor, para a consideração das obras literárias, as preocupações que o absorviam no espaço traçado pelas coordenadas sociais e/ou políticas”⁹³, e nesse sentido, era um “oitocentista revigorado”.

A dupla face de Janus é uma metáfora sugestiva para ler este outro José, na medida em que é precisamente diante do impasse que a crítica do periódico se manifesta: como expor um juízo estético que dê conta do modernismo e da literatura do período? (E aqui, se pensarmos em Carpeaux, que afirma a inexistência de um *corpus*, de uma literatura, entende-se melhor a crise da revista.) Como optar entre a vanguarda ou o mercado, entre o cânone ou o marginal, entre a especialização ou o diletantismo? Como sair dos binarismos? Então, situando-se nessas encruzilhadas, José aparece explicitando a crise do julgamento estético. O impasse se dá, sobretudo, em torno da dicotomia (“alta” arte e cultura de massa), que permanece resistente por décadas. Quando o paradigma dá sinais de desgaste, na ascensão da cultura que, no Brasil, podemos situar no período de início da abertura política (último quartel da década de 70), gera-se o mal-estar que identificamos em José, manifesto na ansiedade contra a contaminação da indústria cultural e na tentativa de se agarrar a alguns preceitos estéticos.

Luiz Costa Lima, ainda no texto mencionado, cita Antonio Candido para refletir sobre a inserção do intelectual no Brasil:

⁹² BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974, pp.160-161.

⁹³ Idem. *Ibidem*. p.161

“ '(...)O escritor começou a adquirir consciência de si mesmo, no Brasil, como cidadão, homem da polis, a quem incumbe difundir as luzes e trabalhar pela pátria.(...) Esta literatura militante chegou ao grande público como sermão, artigo, panfleto, ode cívica; e o grande público aprendeu a esperar dos intelectuais palavras de ordem ou incentivo, com referência aos problemas da jovem nação que surgia'. Estabeleceu-se assim, entre o escritor e o rarefeito público nada refinado, um jogo de expectativas convergentes, que até hoje basicamente se sustém. (...) Conservador ou progressista, privilegiando a partir daí autores diferentes, tal público contudo sempre exige um limite na produção simbólica: a mediania fluente.”⁹⁴

Em *José*, como vimos, este é justamente um dilema que se arma, entre ser uma revista dirigida aos pares, utilizando o jargão acadêmico, ou apostar na “mediania fluente”, voltando-se ao leitor “médio”. Ferreira Gullar, no debate “*José no espelho*”, aborda a indefinição da revista:

“Mas o que eu coloco é que algumas matérias são de difícil leitura. (...) Uma revista como JOSÉ deveria ser uma leitura para leitor de literatura; inclusive para o próprio escritor ler. Eu sou, supostamente escritor, mas eu não leio determinado tipo de coisa, porque eu não tenho esse tipo de especialização, quer dizer, não sou um teórico da literatura, então eu não leio, você tá entendendo?”⁹⁵

O alvo das críticas com relação aos artigos de “difícil leitura” parece ser justamente a figura de Luiz Costa Lima, sendo que o comentário de Silviano Santiago também vem em sua direção, ao sugerir a escrita de textos menos metafóricos:

“Eu penso em particular nos ensaios do Luiz, quer dizer, o Luiz tende a ter medo de refletir sobre o momento atual. Ou melhor, ele reflete sobre o momento atual através de metáforas. Eu acho isso de uma sofisticação muito grande. Agora, o que seria interessante é se, por exemplo, o Luiz nos ensaios dele começasse a refletir sem metáforas, sabe?”⁹⁶

⁹⁴ LIMA, Luiz Costa. “O sistema intelectual brasileiro” Op.Cit. p.17.

⁹⁵ GULLAR, Ferreira. “*José no espelho*” Op.Cit. pp.10-11.

⁹⁶ SANTIAGO, Silviano. Ibidem. p.14.

Entretanto, é Luiz Costa Lima quem traça o perfil da crítica brasileira no periódico. Ao posicioná-la numa encruzilhada, desassociada de uma ética, antes "vinculada a um rígido e esquemático código de moral", reconhece a problemática do colonialismo intelectual. A inquietação do crítico está lançada, assim como a de José, nos seguintes questionamentos: "Que saída teremos para tudo isso? Dar as costas e ir embora não parece, nem ética nem existencialmente, uma boa solução. Bancar o Quixote? Qual a vantagem dos mártires em bronze?"⁹⁷ Luiz Costa Lima arrisca, à guisa de conclusão, uma resposta, uma saída que seja alternativa àquela condenação vislumbrada por Alcântara Machado na *Revista de Antropofagia*, em 1928:

"Sem que seja uma solução, essa visão de nós mesmos, o reconhecimento do maniqueísmo que praticamos, do moralismo paternalista e mitificador que conservamos, talvez indique uma abertura de caminho. Não se trata de tirar os olhos do sufoco imediato em que vivemos, mas de vinculá-lo a um quadro historicamente mais amplo. Do contrário, também nossa atuação será responsável para que permaneçam válidas as palavras de Alcântara Machado: 'país descoberto por acaso é justo que continue ao acaso dos acontecimentos.'"⁹⁸

É preciso reconhecer o rígido código de moral ao qual se vincula o intelectual brasileiro para se desvencilhar dele, assim como perceber a conduta paternalista à qual está condicionado. O caminho que Costa Lima aponta não é o de uma postura "facilitadora" ao leitor, como querem alguns no debate "José no espelho", mas, sim, o de uma reflexão sobre os vícios de atuação desse intelectual.

Ainda sobre a "macaqueação da crítica" e a formação de um público leitor no Brasil, o crítico Otto Maria Carpeaux também reitera a problemática exposta por Costa Lima: "A França, até hoje, é ainda o umbigo do mundo para os intelectuais brasileiros"⁹⁹. O crítico austríaco-brasileiro sugere que o nosso interesse pelos hispano-americanos, por exemplo, veio de tabela, via Europa e Estados Unidos. Como intelectual de esquerda, o tom cético e decepcionado prepondera ao

⁹⁷ LIMA, Luiz Costa. "O sistema intelectual brasileiro" Op.Cit. p.17.

⁹⁸ Idem. Ibidem. p.17.

⁹⁹ CARPEAUX, Otto Maria. "Entrevista", *José – Literatura, Crítica & Arte*, Rio de Janeiro, Ed. Fontana, n.1, julho, 1976, p.5.

enfocar o papel do intelectual dos anos 70, constatando uma espécie de *trahison des clercs*¹⁰⁰ com relação ao abandono generalizado dos interesses intelectuais e políticos. A menção à tese de Julien Benda, referida na entrevista em questão por Sebastião Uchoa Leite, e atestada por Carpeaux, nos remete à crise de um modelo de intelectual¹⁰¹.

Porém, quando se detecta a "trahison de clercs", parece ainda persistir a esperança de que o abandono dos ideais seja temporário, e de que, passada a tempestade, retornarão os valores universais do homem de espírito. Não se reconhece, ainda, o advento de outro perfil de "intelectual" (talvez seja pertinente abandonarmos definitivamente o termo, e utilizar outra categoria, como a de intérprete, proposta por Zygmunt Bauman, ou produtor cultural, por Pierre Bourdieu) que, definitivamente, abandona o papel de legislador e juiz, assim como os "interesses intelectuais e políticos", dos quais trata Carpeaux, e que se consolidaria no final do século XX. Noutros termos, para pensar o intelectual da era moderna, já vimos que o crítico Zygmunt Bauman propõe a metáfora do papel de "legislador",

¹⁰⁰ Trata-se de uma referência à tese de Julien Benda (*La trahison des clercs*. Paris: Bernard Grasset, 1927), descrita pelo próprio autor: "obra em que eu denunciava o que chamei a traição dos 'clercs', quer dizer, dos intelectuais, já que essa traição constitui o fato pelo qual muitos dentre eles haviam desconhecido completamente os verdadeiros valores do intelectualismo, para pôr-se a serviço de interesses puramente temporais, em particular o nacionalismo e os interesses das classes burguesas, que, em um palavra, haviam feito política no sentido mais baixo e inintelectual do vocábulo(...)" BENDA, Julien. "Palabras pronunciadas en la sesión de apertura del Congreso de intelectuales antifascistas (Valencia, 1937)" In: *Revista Debats*. Ed. Alfons el maganim, n.56, verão, 1996, p.128. Silvano Santiago faz uma referência à tese de Benda, mencionada por Mário de Andrade: "Já desde 1934, como atesta uma entrevista ao *Diário Carioca* recentemente recolhida por Telê Ancona Lopez, Mário sentia o comichão da 'traição dos homens de espírito' explorada por Julien Benda. Instado a falar sobre os novíssimos que vinham do Nordeste (ele então era um 'novo'), elogia-os pela atitude decisiva e bem delineada diante dos problemas sociais do nosso tempo'. Mário gostaria de tomar atitude idêntica à dos novíssimos, mas algo o tolhe, como também tolhe alguns dos seus amigos, 'porque ainda [temos] muito do clerc'. Os novos ainda buscam a 'verdade', filhos que são do 'falido espírito burguês, liberal'. Já os novíssimos, filhos das 'diversas ditaduras socialistas ou fingidamente socialistas de agora', já não se interessam (clercs traidores que são) pela busca da verdade, mas buscam uma 'lei'. Diz Mário ao repórter: 'Adquirem uma lei — comunismo, integralismo, tecnocracia, etc. — e descansam nela enceguecidos. Ou iluminados'. (...) A ambivalência dos sentimentos em Mário não é novidade, afinal ele é trezentos se não for trezentos e cinquenta. Mas no caso preciso a ambivalência se explica por uma crença no retorno dos valores universais e eternos do homem de espírito. Como na tese de Julien Benda, terminada a crise mundial, o intelectual poderá voltar a ser artista. Tudo o que acontece no presente é 'o abandono temporário de elementos do ser e da humanidade que só prejudicam a fixação das formas novas da sociedade humana. Depois disso, então inteligência, cultura, individualismo retomarão de novo os seus direitos imortais', diz Mário à guisa de conclusão." SANTIAGO, Silvano. "O intelectual modernista revisitado" In: *Nas malhas da letra*. Op.cit. pp.170-171.

¹⁰¹ Gramsci faz uma distinção entre o que chama de "intelectual orgânico", aquele criado pela classe no processo de sua formação e desenvolvimento, e o "intelectual tradicional", o que forma uma camada possuidora de relativa autonomia e continuidade histórica. Para Gramsci, a tarefa do intelectual seria homogeneizar a classe e elevá-la à consciência de sua própria função histórica. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

que “consiste en hacer afirmaciones de autoridad que arbitran en controversias de opiniones y escogen las que, tras haber sido seleccionadas, pasan a ser correctas y vinculantes”¹⁰², o que parece condizente com a visão de intelectual da qual trata Carpeaux, ao afirmar: “os interesses da maioria dos intelectuais não são mais interesses intelectuais, nem políticos propriamente ditos.”¹⁰³

Ao assinalar a crise do intelectual legislador, Bauman sustenta que

“[O conceito de pós-modernismo] proclamó el fin de la exploración de la verdad última del mundo o la experiencia humana, el final de las ambiciones políticas o misioneras del arte, el del estilo dominante, los cánones artísticos, el interés en los fundamentos estéticos de la autoconfianza artística y las fronteras objetivas del arte. La ausencia de fundamentos, la futilidad de todo intento de trazar los límites de los fenómenos artísticos de una manera objetiva, la imposibilidad de legislar las reglas de un verdadero arte que lo distinguieran del no arte o el mal arte, fueron las ideas que primero se gestaron dentro del discurso de la cultura artística (...).”¹⁰⁴

Dessa forma, o intelectual legislador seria aquele que estabelece regras e se compromete com questões como a verdade, o juízo e o gosto, sendo que tal perfil impera sobretudo ao longo da modernidade. Em seu alto posto, o crítico mantém em seu controle o âmbito do gosto e o juízo artístico, arbitrando no campo das artes. Para ilustrar o impasse, cito uma passagem do já citado “Debate: Poesia hoje”, no qual, em busca de definições, Sebastião Uchoa Leite chegou a afirmar, “o problema é saber quem decreta o que é e o que não é poético.” Luiz Costa Lima imediatamente responde: “ou saber se podemos falar de poesia através de decretos...”¹⁰⁵.

Ainda sobre o perfil do “legislador”, Bauman complementa:

“Tener el control significaba manejar, sin demasiados desafíos, los mecanismos transformadores de la Incertidumbre en certidumbre; tomar decisiones, emitir pronunciamientos de autoridad, segregar y clasificar, imponer definiciones

¹⁰² BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes. Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997, p.13.

¹⁰³ CARPEAUX, Otto Maria. “Otto Maria Carpeaux” Op.Cit. p.5.

¹⁰⁴ Idem. Ibidem. p.169.

¹⁰⁵ LIMA, Luiz Costa. “Debate: Poesia hoje” Op.Cit. p.9.

vinculantes a la realidad. En otras palabras, significaba ejercer poder sobre el campo del arte.”¹⁰⁶

É precisamente esta autoridade que se coloca em xeque na emergência da pós-modernidade¹⁰⁷, quando se assiste, por exemplo, ao estremecimento de paradigmas e valores que outrora definiam as condições em que a verdade ou a “boa arte” podiam ser reconhecidas. Assim, apesar de já dar alguns sinais de crise, o modelo de intelectual que José idealiza ainda está atrelado a uma concepção moderna, na medida em que busca estabelecer os critérios de valor e pautar-se em um juízo estético. Como constatamos, os debates promovidos pelo periódico fornecem indícios do mal-estar diante da árdua tarefa de definir os critérios de qualidade literária, ou seja, de estabelecer critérios de julgamento. Os impasses que então se apresentam sinalizam as tensões de posicionamentos entre os integrantes do conselho editorial, quando se tratava de definir um perfil para a revista. Dessa forma, a crise é manifesta no momento de se estabelecerem as tomadas de posição, as linhas de interesse e abrangência e a definição do público leitor do periódico.

Sem um antagonista declarado, como era o caso dos movimentos programáticos, com manifestos e programas que delineavam as linhas de atuação, José explicita as tensões prementes diante da vontade de julgar e legislar, e da impossibilidade do ato, perante o estremecimento de valores e a crítica aos movimentos de vanguarda que tomavam forma. Uma consideração de Silviano Santiago, em “José no espelho”, dá conta dessa problemática de âmbito nacional, localizando o cerne da questão no fato de não se explicitarem no periódico os critérios de julgamento literário.

“E acho esse um dos problemas capitais para toda revista literária pós-vanguardista. Porque esta é uma das qualidades (...) do movimento concreto, do movimento neoconcreto, de práxis e ‘processo’ etc, que eram movimentos programáticos, em que tinham manifestos, em que as pessoas expunham as suas idéias, ficava muito fácil fazer uma revista. Todo o critério de seleção já estava

¹⁰⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes*. Op. Cit. p.191.

¹⁰⁷ Mais adiante, explicito que compreensão se faz do termo neste trabalho. Adianta, desde já, uma distinção com o conceito de pós-modernismo, que se refere à coleção de obras de arte ou produtos intelectuais criados nas condições ou dentro do contexto da pós-modernidade. Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes*. Op. Cit. p.170.

expresso, já estava explícito. O 'lixo' podia ser facilmente justificado, porque seriam todos os textos, todos os poemas, todos os artigos, que não se enquadrariam dentro do projeto concreto e, possivelmente, qualquer texto que fosse um pouco mais próximo de qualquer movimento paralelo ao movimento concreto, suponhamos. A mesma situação, guardadas as diferenças, encontramos numa revista como a revista da Civilização Brasileira — que também teve muita importância e que teve uma periodicidade muito grande. Ela tinha explícito seu programa, se não me engano, com uma crítica do populismo, uma autocrítica do populismo, ponhamos ou mesmo uma autocrítica da esquerda até 64 e das possibilidades da esquerda depois de 64, etc. Então eram revistas altamente programáticas. Agora, com a crítica aos movimentos de vanguarda, a partir dos anos, ponhamos 72, se não me engano, é que surgiu realmente uma crítica aberta e mesmo um descrédito de todos os programas e manifestos de vanguarda. Então, os critérios também ficaram no ar. Porque a revista JOSÉ, na medida em que não lançou no seu primeiro número um manifesto, é uma revista em que se evidencia desde o início que o critério seria um pouco o da sensibilidade de cada um. (...)"¹⁰⁸

Se a falta de explicitação dos critérios de julgamento literário é o problema de grande parte da produção periodística da época, não se pode dizer, no entanto, que José ignorou a questão. Pelo contrário, talvez mesmo diante da impossibilidade dessa definição, em toda a sua trajetória buscou apontar caminhos de uma direção a seguir, arriscando respostas a partir dos debates, entrevistas e ensaios.

Retomo novamente a perspectiva de Alceu Amoroso Lima, ao afirmar, ainda na entrevista concedida à José, que a sua geração (a mesma de Mário e de Carpeaux) viveu o início do século e "teve diante de si uma trincheira que separou o século XIX do século XX, (...)a Guerra de 14", enquanto a geração dos "Josés" enfrenta um muro: com o golpe de 64, a "nova geração brasileira" passa a ter diante de si uma enorme limitação que seria a liberdade política. Se, na primeira, a vanguarda militar e artística entrava em ação e bombardeava os menos avisados, aqui, não há mais trincheiras. Ainda que procure apontar caminhos, definir valores e

¹⁰⁸ SANTIAGO, Silviano. "José no espelho". *José – Literatura, Crítica & Arte*, n.9, dezembro, 1977, p.8. Grifo meu.

premissas para definir um posicionamento, dar ouvidos aos testemunhos de críticos experientes e reconhecidos, a revista reflete a crise de um modelo.

Talvez caiba aqui uma reflexão sobre o termo vanguarda com o propósito de verificar as razões pelas quais se problematiza esta noção no mundo pós moderno. É possível, a partir daí, perceber mais claramente o impasse de José, ao tentar um posicionamento na linha de frente.

“*Avant-garde* significa, literalmente, vanguarda, posto avançado, ponta-de-lança da primeira fileira de um exército em movimento: um destacamento que se move na frente do corpo mais importante das forças armadas – mas permanece adiante apenas com o fim de preparar o terreno para o resto do exército. Um pelotão, diz-se, que capturou um ponto de apoio no território ainda controlado pelo inimigo, será seguido por batalhões, regimentos e divisões. A vanguarda dá à distância que a separa do grosso da tropa uma dimensão temporal: o que está sendo feito *presentemente* por uma pequena unidade avançada será repetido *mais tarde*, por todas. A guarda é considerada ‘avançada’ na suposição de que ‘os restantes lhe seguirão o exemplo’. Sem falar que sabemos, com toda certeza, de que lado está a frente e onde a retaguarda, onde é ‘na dianteira’ e onde ‘atrás’. (...) Num mundo em que se pode falar de *avant-garde*, ‘para a frente’ e ‘para trás’ têm, simultaneamente, dimensões espaciais e temporais.”¹⁰⁹

Assim, temos a seguinte configuração: só podemos considerar a vanguarda quando temos definidas as linhas dianteiras; quando estas se pulverizam e não se reconhece mais nem linha de frente nem de retirada, problematiza-se a própria noção de vanguarda. Daí que Bauman enxerga, na cena contemporânea, que

“Em vez de um exército regular, as batalhas disseminadas, agora, são travadas por unidades de guerrilha; em vez de uma ação ofensiva concentrada e com um objetivo estratégico determinado, ocorrem intermináveis escaramuças locais, destituídas de finalidade global. Ninguém prepara o caminho para os outros, ninguém espera que os outros venham em seguida.”¹¹⁰

¹⁰⁹ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.121.

¹¹⁰ Idem. *Ibidem*. p.122.

No mesmo sentido, parece-me que podemos ler a angústia de José diante das dificuldades de localizar o "inimigo", o antagonista. Mais que isso, é possível identificar no paradoxo da vanguarda os impasses da própria revista, que almeja um reconhecimento público ao mesmo tempo que o despreza. De um lado, não quer a vaia, de outro, tampouco o aplauso.

"O paradoxo da vanguarda, portanto, é que ela tomou como sucesso o signo do fracasso, enquanto a derrota significasse, para isso, uma confirmação de que estava certa. A vanguarda sofria quando o reconhecimento público era negado – mas ainda se sentia mais atormentada quando a sonhada aclamação e o aplauso surgiam finalmente."¹¹¹

Entra em cena novamente a questão do "mercado". Pierre Bourdieu também afirma a ambigüidade do "não-sucesso", ou ainda, podemos acrescentar, de uma busca pelo "princípio de hierarquização interna", como denomina o próprio autor referindo-se ao grau de consagração específica, quando os escritores são conhecidos e reconhecidos por seus pares e unicamente por eles e devem seu prestígio, pelo menos negativamente, ao fato de que não concedem nada à demanda do "grande público".

"O não-sucesso é em si ambíguo, já que pode ser percebido seja como escolhido, seja como sofrido, e que os indícios do reconhecimento dos pares, que separa os 'artistas malditos' dos 'artistas frustrados', são sempre incertos e ambíguos, tanto para os observadores como para os próprios artistas: os autores *mal-sucedidos* podem encontrar nessa indeterminação objetiva o meio de manter uma incerteza sobre seu próprio destino, auxiliados nisso por todos os apoios institucionais que a má-fé coletiva lhes assegura."¹¹²

Esta perspectiva de demonizar o reconhecimento do grande público está ligada, em última instância, ao conceito de arte elevada, destinada a um público restrito e detentor de um conhecimento, que também repudia o sucesso comercial. É ainda Pierre Bourdieu quem afirma que

¹¹¹ Idem. Ibidem, p.125.

¹¹² BOURDIEU, Pierre. Op.Cit. p.248.

"não existe nada que divida mais claramente os produtores culturais que a relação que mantêm com o *sucesso comercial* ou mundano (e com os meios de o obter, como por exemplo, hoje, a submissão à imprensa ou aos meios de comunicação modernos): reconhecido e aceito, ou mesmo expressamente procurado por uns, é recusado pelos defensores de um princípio de hierarquização autônomo enquanto atestado de um interesse mercenário pelos lucros econômicos e políticos. E os defensores mais resolutos da autonomia constituem em critério de avaliação fundamental a oposição entre as obras feitas para o público e as obras que devem fazer seu público." ¹¹³

Entretanto, atualmente torna-se cada vez mais difícil manter esta posição de embate com os "lucros" e muitos são os produtores culturais que procuram alternativas a este pró ou contra. As concessões se tornam a cada dia mais regulares no campo literário, apesar de que, nas duas revistas que são o foco deste estudo, ainda podemos distinguir esta lógica de defesa de um princípio de hierarquização autônomo.

José deixa de circular em 1978 com a homenagem póstuma ao crítico Otto Maria Carpeaux ou, poderíamos dizer, ao próprio modernismo. No entanto, terá seus desdobramentos, inexoravelmente, em outro periódico, dez anos mais tarde.

Ressalto, antes de finalizar, o que considero como uma das reverberações de José em *34 Letras*, o texto de Luiz Costa Lima, "Dependência cultural e estudos literários"¹¹⁴, que retoma a questão do "sistema intelectual brasileiro". Em síntese, o mencionado ensaio reflete sobre as influências das relações econômicas nas produções culturais, questionando as razões de nossa dependência cultural. Além dos elementos de ordem econômica que afligem o intelectual brasileiro, o autor ressalta os fatores de nosso próprio sistema cultural, que demonstram descaso com a atividade intelectual. Examina o papel da auditividade e do culto da improvisação como valores que intensificam a dependência cultural, em busca de caminhos que permitam a saída desse círculo vicioso.

¹¹³ *Idem*. *Ibidem*. p.247.

¹¹⁴ LIMA, Luiz Costa. "Dependência cultural e estudos literários", *34 Letras*, n.2, dezembro, 1988, pp.116-127.

3. TODOS OS EXÉRCITOS SÃO CONVOCADOS

Um dos projetos culturais que se beneficiou da "Lei Sarney", como já se sabe, foi a revista *34 Letras*, publicada de 1988 a 1990, deixando de circular logo após a revogação desta. A lei mencionada transformava o antigo mecenato oficial¹ em contrato de incentivo do empresariado à produção cultural com benefícios legais e financeiros para a parte doadora, o que, se por um lado concretizou alguns projetos culturais interessantes, por outro fez aflorarem vários escândalos financeiros envolvendo "artistas" e um empresariado com "pouca prática". Ao tratar dos escândalos que vieram na esteira da lei Sarney, Silvano Santiago afirma:

"Há algo de podre no reino quando estão na arena pública de uma economia capitalista otimismo excessivo de quem recebe e um 'leão' amordaçado pela falta de escrúpulos dos poderosos. Moral: economia de mercado é uma balela e imposto de renda por aqui é coisa de assalariado."²

A parceria com o capital "privado", no caso de *34 Letras*, resultou numa revista elaborada, cujo projeto gráfico explicita: dinheiro não faltou. Se José vivia o dilema, encontrar-se diante de um muro, buscar a saída para a literatura, angustiar-se diante dos impasses que a consolidação da indústria cultural no Brasil impunha, com todas as implicações que isto acarretasse, *34* é pós-agônica, no sentido de que descarta o empenho agonístico que marca a outra produção, dissolvendo os antigos dilemas. Por exemplo, enquanto José busca uma autonomia financeira, encarando o dilema entre ser uma "revista de bancas" ou uma "revista elitista", sem vínculos com o Estado, em *34 Letras*, o dilema não aparece, assumindo que é

¹ A década de 70 ainda é marcada pelos desdobramentos das implantações de planos oficiais abrangentes em condições de nortear a presença do Governo na área cultural, o que sustentou a criação de vários organismos, como, por exemplo, a Embrafilme (criada em 69 e ampliada em 1975), a Funarte e o Departamento de Assuntos Culturais (DAC). Tanto a gestão de Ney Braga (governo Geisel — 1974/78) quanto a de Eduardo Portella (governo Figueiredo) atuaram de forma sistemática em torno das diretrizes da "política cultural oficial". Cf. MICELI, Sergio. "O processo de 'construção institucional' na área cultural federal (anos 70)" In: MICELI, Sergio (org.) *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984, pp.53-83. Esta nota apenas enfatiza a propensão para o oficialismo em nossa tradição cultural e literária, reforçando o paternalismo. A prática instituída com a "Lei Sarney" o camufla, mas também está inscrita nesta lógica.

² Cf. SANTIAGO, Silvano. "Amizade e vida profissional", *Folhetim*, Folha de S.Paulo, 1º de abril, 1988, pp.6-9.

um periódico que depende dos subsídios do Governo. Nos debates da primeira revista, há sempre a tentativa de encontrar respostas e denominadores comuns, enquanto na segunda prepondera a publicação de posicionamentos distintos lado a lado sem aquele mal-estar. 34 *Letras*, tendo como lema a pluralidade e a interdisciplinaridade, é pós-agônica inclusive na medida em que enxerga os aspectos positivos do embaralhamento das instâncias, digamos assim, artística, estatal e de mercado. Observemos mais detidamente essa questão.

Vimos, sobretudo com a leitura de Sérgio Micelli em *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*³, as estreitas relações dos intelectuais modernistas com o poder, visto que Micelli sublinha as vinculações políticas destes com o projeto de nação da República Nova e focaliza o mecenato exercido pela fração intelectualizada e “europeizada” dos grupos dirigentes paulistas. Assim, a relação do intelectual modernista era subsidiada, ainda que indiretamente, pelo Estado⁴, marcando uma diferenciação com relação à postura dos intelectuais que compõem a revista *José*, em fins dos 70, no repúdio a uma vinculação deste gênero, pelo menos no que concerne aos subsídios para se manter a revista, sobretudo por se tratar, à época, de um governo militar. O impasse aparece na ambígua relação que estes intelectuais mantêm com o mercado consumidor, e aqui entra em jogo, por exemplo, o dilema entre se constituir como uma “revista de bancas”, ou não. Também convém mencionar, como um sintoma dessa ambigüidade, o embaraço

³ MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel, 1979. Silviano Santiago tece comentários sobre a postura do intelectual modernista a este propósito. Reproduzo um fragmento: “O modernista não forneceu a seu leitor o ‘preço’ da obra. O estudo de Micelli não deixa, por isso, de ser uma espécie de avaliação dos custos políticos que o projeto artístico modernista acarretou por não ter o artista (e o texto) investido corajosamente em outras fontes de renda, como, por exemplo, o mercado consumidor. É verdadeira uma outra constatação de Micelli: esses intelectuais ‘foram os artífices de um mercado paralelo de bens culturais cuja força deriva do jugo que exercem sobre as instâncias de consagração que vieram se substituir aos vereditos do mercado privado’.” (SANTIAGO, Silviano. “O intelectual modernista revisitado” In: *Nas malhas da letra*. Op. Cit. pp.166-167.) Neste ensaio, Silviano comenta detidamente o estudo de Sérgio Micelli.

⁴ Cito uma passagem do livro de Sérgio Micelli para ilustrar as vinculações desta produção: “A primeira edição de quinhentos exemplares do *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia, a primeira edição de oitocentos exemplares de *Losango Cáqui*, de Mário de Andrade, a edição parisiense de *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, são empreendimentos editoriais financiados pelos próprios autores ou por seus mecenas, que ostentam as características de uma produção artesanal de luxo. Tratava-se, pois, de obras que estavam virtualmente ‘excluídas’ do mercado mais amplo onde os livros dos anatólios alcançavam vendagem expressiva através de sucessivas edições (...), os modernistas derivavam suas condições materiais de existência seja de rendimentos pessoais e/ou familiares seja de empregos e tarefas que exerciam nas instituições políticas e culturais da oligarquia.” MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)* Op.Cit. pp.14-15.

diante da tentativa de definição de uma linha editorial que desse os rumos ao periódico.

Longe desses impasses, *34 Letras* já não mais se coloca tais questões como dilemas: é bancada pelos benefícios de uma lei do Governo Sarney, estabelece ligações com o capital empresarial, assim como com o círculo acadêmico. Ensaia até mesmo uma vinculação mais efetiva com os leitores, quando a lei é revogada e a revista necessita de uma vendagem mais ampla para seguir adiante. Entretanto, esta tentativa é falida.

É conveniente chamar a atenção para o fato de que as relações de produção do intelectual se iniciaram com o papel fundamental, no nosso caso, dos *mass media*, distinguindo-nos dos casos europeus, nos quais as duas esferas aparecem em rota de colisão⁵. Renato Ortiz, leitor de Pierre Bourdieu, demarca essa distinção, tratando aqui do caso europeu:

"O século XIX se caracteriza, portanto, pela emergência de duas esferas distintas: uma de circulação restrita, vinculada à literatura e às artes, outra de circulação ampliada, de caráter comercial. O público se encontra, desta forma, cindido em duas partes: de um lado, uma minoria de especialistas, de outro, uma massa de consumidores. Essa oposição não deixa de colocar em conflito os atores desses dois campos sociais. Por isso vamos encontrar entre os artistas, os escritores, as vanguardas, as primeiras críticas em relação à chamada cultura das massas. Por exemplo: na Inglaterra, os escritos de Matthew Arnold sobre cultura; na França, as polêmicas de Saint Beuve contra a literatura industrial. Creio, no entanto, independente da ideologia professada, progressista ou conservadora, que a crítica se fundamenta num antagonismo socialmente demarcado."

Ao examinar essa problemática no Brasil, Ortiz, com extrema agudeza, enfatiza:

"Para o escritor, o jornal desempenhava funções econômicas e sociais importantes; ele era fonte de renda e de prestígio. Devido à insuficiente institucionalização da esfera literária, temos um caso no qual um órgão voltado

⁵ Cf. ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Op. Cit. p.25.

para a produção de massa se transforma em instância consagradora da legitimidade da obra literária. (...)

Esta característica da situação brasileira, um trânsito entre esferas regidas por lógicas diferentes, possui a meu ver uma dupla consequência. Uma é, sem dúvida, positiva; ela abre um espaço de criação que em alguns períodos será aproveitado por determinados grupos culturais. Outra, de caráter mais restritivo, pois os intelectuais passam a atuar dentro da dependência da lógica comercial, e por fazer parte do sistema empresarial, têm dificuldade em construir uma visão crítica em relação ao tipo de cultura que produzem.”⁶

Ou seja, operando dentro dessa lógica de mercado, e dependendo dela, os intelectuais têm efetivamente um trânsito maior, mas se restringe a problematização crítica sobre a lógica na qual se inserem suas produções. Assim, poderíamos dizer, com Renato Ortiz, que os periódicos brasileiros surgem na encruzilhada de esferas regidas por lógicas distintas (como, por exemplo, a da esfera literária e a da indústria cultural), provocando um embaralhamento dessas instâncias. Entretanto, é preciso assinalar também que as revistas literárias se valem do aparato editorial, mas demarcam seu público alvo⁷. No caso de *34 Letras*, ao depender do aval do Estado para subsistir, tendo em vista que o apoio das empresas vem em troca da renúncia fiscal, persiste a idéia de um Estado paternalista, provedor da cultura. Noutras palavras, depende do Estado, flerta com a indústria cultural, mas naufraga justamente no processo de transição para o neo-liberalismo.

O sétimo número é o primeiro (e único, aliás) a dar sinais da crise, quando a lei Sarney estava ameaçada, declarando no editorial:

“Apesar do sucesso de crítica e público estamos com dificuldades para manter o nosso projeto. *Não-comercial e não-institucional* mas voltada para as questões vivas que movem o nosso tempo, a revista tem se mantido através do apoio de empresas privadas, tornado possíveis pela lei n.7505/86. Estas empresas, e várias outras (brasileiras e estrangeiras), contactadas pela revista desde setembro do

⁶ Idem. Ibidem. pp.28-29.

⁷ Algumas revistas são dirigidas ao especialista, outras se voltam ao leitor de literatura, almejando uma fatia maior do mercado.

ano passado, se encontram, hoje, em compasso de espera, face ao momento de indefinição da política econômica e fiscal do novo governo."⁸

O disfarce "não-comercial e não-institucional" que a revista faz questão de exibir em editorial se vincula à idéia de arte autônoma, mostrando ares de descompromisso. A responsabilidade da crise, que faz com que o periódico divulgue uma campanha de arrecadação de fundos, visando assegurar a periodicidade durante o ano de 1990, é atribuída à indefinição política, econômica e fiscal do governo Collor, que apenas iniciava seu mandato. A execução do projeto só foi possível devido ao apoio privado-público, sendo que não houve sustentação via mercado e assinaturas.

Ao comunicar as dificuldades enfrentadas e a campanha de arrecadação de fundos, que solicitava contribuições voluntárias, em março de 1990, o editorial da revista utiliza a chamada — "Ouro para 34" —, numa alusão explícita ao pedido de contribuição à população da São Paulo dos anos 30, pela resistência aos federalistas, e à do Brasil dos anos de ditadura militar. Chamada ambígua que remete tanto a uma possível condecoração à revista, mas sobretudo a dois momentos singulares da política brasileira: ouro para São Paulo, campanha promovida pela oposição aos federalistas, e ouro pelo desenvolvimento do Brasil, defendida pelos militares nacionalistas. A campanha não vinga e a revista encerra suas atividades.

Segue-se à exposição das dificuldades um pedido de contribuição ao leitor na campanha de arrecadação de fundos que, ao que tudo indica, não teve êxito. A este propósito, assinalo um trecho da correspondência de João Guilherme Quental, membro do conselho diretivo, dirigida a uma leitora da revista, por ocasião de uma manifestação de solidariedade:

"Um dos grandes problemas é realmente a estabilidade emocional. Como não ficar deprimido? Como evitar o desejo de fazer as malas e ir cursar um mestrado na Costa do Marfim? Como não ter vontade de sair por aí dizendo que o país é uma droga (perdoe-nos o eufemismo), que não valorizam a cultura, que nada mais sério pode dar certo aqui? Não sabemos. Não, não mesmo. Mas, mesmo sem resposta, dominamos a indignação. Ficar frio. Pensar em como dar certo,

⁸ 34 Letras. "Ouro para 34". 34 Letras, n.7, março, 1990, p.8. Grifo meu.

em como não ter de sair do país. É importante. Por isso, acreditamos que a 34 não vai acabar de vez. Ela vai voltar. Como, quando e onde, não sabemos. Mas vai. (...)”⁹

Com a posse de Fernando Collor de Melo, a lei Sarney deixava de vigorar, para, mais tarde, dar lugar a uma lei similar nos benefícios, conhecida como “Lei Rouanet”. Entretanto, a revista não volta a circular, talvez um indício de que outras adversidades tenham liquidado a intenção de prosseguir. Ficou, porém, a Editora 34, que mantém até hoje uma produção editorial de qualidade, abrigando grande parte dos colaboradores da revista.

⁹ Correspondência enviada a uma assinante (Tânia Regina Oliveira Ramos) da revista em 23 de abril de 1990. Consta em anexo.

ASCENDÊNCIA DA TRADUÇÃO

Outra configuração sobre a qual gostaria de me deter diz respeito à abordagem da questão do nacional. Enquanto esta questão era dramatizada e aparecia como uma constante reflexão na década de 70, o quadro se mostra bastante distinto nos fins dos 80, em que prevalecem as teorizações sobre o processo de transnacionalização. Talvez possamos ler como um desdobramento dessa mudança o espaço concedido à tradução nos dois recortes. Quero dizer, se os anos 70 são marcados por uma tímida presença de traduções nos periódicos¹⁰, o quadro se apresenta distinto no decênio seguinte, sobretudo nesta revista, que propõe o atravessamento das fronteiras, inclusive lingüísticas. *34 Letras* é emblemática para assinalar esta mudança, já que tem 34% dos textos traduzidos, entre poemas, ensaios e entrevistas. Acrescento que os poemas são apresentados na língua de origem e traduzidos, fornecendo um outro estatuto para a tradução.

A presença significativa de traduções no periódico é fundamentada, por exemplo, na vertente concretista, com o exercício da teoria da "transcrição", proposta por Haroldo de Campos. Publicando algumas releituras de expoentes do "paideuma" dos concretos, as contribuições vêm, sobretudo, pelas mãos da linhagem experimentalista (como Augusto de Campos e Lino Machado). A prática parece funcionar também para fornecer à revista um certo respaldo e legitimidade, na publicação de nomes já consagrados pela crítica e na veiculação de textos por vezes ainda pouco conhecidos pelo público leitor. Nesta perspectiva proposta pelos concretos não se vislumbra uma consonância com a pluralidade propagada pelo periódico, visto que as referências dos primeiros definem, de antemão, um padrão de gosto e um recorte arbitrário.

Ao contemplar tal regularidade de textos traduzidos, a revista sustenta a assertiva de que é pautada pela busca da diversidade — "não só 'disciplinar', mas também de nacionalidades"¹¹. De fato, há uma variedade de nacionalidades no que se refere ao material poético traduzido, ainda que se perceba uma clara

¹⁰ Para se ter uma idéia do quanto se publica de textos traduzidos no periodismo, apresento alguns dados: *José – Literatura, Crítica & Arte* (1976-78), 7,1%; *Almanaque – cadernos de literatura e ensaio* (1976-82), 11,7%; *Revista Vozes de Cultura* (recorte dos anos 1975-77), 0,3%; *Argumento* (1973-74), 6,1%; *Através* (1978-79), 4,3%; *Escrita* (75-88), 7,9%, e no *Folhetim* (*Folha de S.Paulo*) dos anos 70 (77-79), apenas 0,1% de traduções. Dados extraídos do Banco de Dados do Projeto Poéticas Contemporâneas. Observe-se que, em *José*, a aposta na tradução ainda era tímida.

¹¹ *34 Letras*, "Editorial", *34 Letras*, n.5/6, setembro, 1989, p.11.

predominância dos poemas de língua inglesa. Verifica-se que, dos poemas publicados, 23 são de língua inglesa, cinco italianos, quatro de língua alemã, um austríaco, um catalão e nenhum francês.

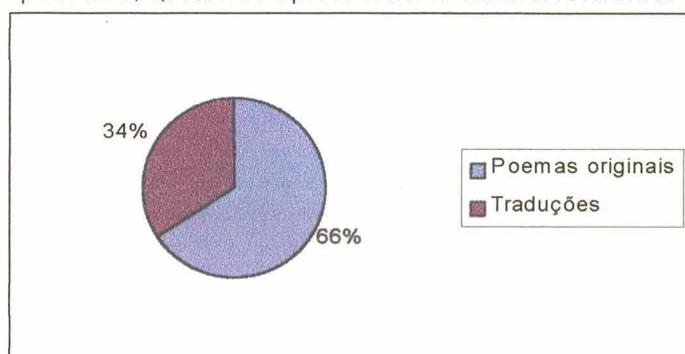
Como rubrica permanente da revista¹², a seção de tradução abriga, por exemplo, poetas como e.e.cummings e Ezra Pound. Sebastião Uchoa Leite, que, como vimos, é uma das figuras-chaves em *José*, também tem uma participação ativa em *34 Letras*, porém, de outra ordem: em *34*, ele é um dos entrevistados do periódico, o que o coloca numa posição de referência para a revista. O poeta e crítico publica também alguns textos em *34*, sendo que um deles aborda a perspectiva da tradução da linhagem experimentalista:

"esta preocupação com a tradução está ligada neles à preocupação com o pensamento mais planetário, um pensamento que não fique encarquilhado dentro de uma visão nacionalista estreita."¹³

Sublinho também a aposta de outros textos da revista na leitura da tradução como possibilidade da tradição. Tais textos, como o editorial do primeiro número, dialogam com outro comentário de Sebastião Uchoa Leite, que dá conta dessa outra vertente, ao postular a perspectiva borgeana.

"Traduzir seria ler o melhor possível. Segundo Jorge Luis Borges ler é uma operação mais intelectual que escrever. Sem atingir a mesma radicalidade,

¹² A mencionada seção contempla traduções de poemas. Cabe registrar que, do total de textos publicados em *34 Letras*, os poemas somam 35,9%. Destes, 34% de traduções e o restante figura na seção de inéditos (gráfico abaixo). Entretanto, é propício chamar a atenção para o fato de que, apesar de toda ênfase que se dá à tradução na revista, dos 34,29% do total de textos traduzidos pelo periódico, 1,79% não apresentam os créditos referentes ao tradutor.



¹³ LEITE, Sebastião Uchoa. "Sebastião Uchoa Leite", *34 Letras*, n.7, março, 1990, p.38.

poeder-se-ia dizer que traduzir é operação tão intelectual quanto produzir, e, em certas circunstâncias, mais."¹⁴

Dissonante com esta leitura, porém, é preciso dizer que se detecta também uma crítica à publicação de traduções, manifesta na escrita de Rubens Figueiredo, colaborador da tessitura narrativa de *34 Letras*, ao abordar o papel da literatura e da crítica do período.

"Divertir, comover, traduzir. Não é difícil publicar traduções. Os originais afinal já foram selecionados por editores que cumpriram suas funções profissionais. E é ainda mais fácil comentar na imprensa livros traduzidos. Seus editores, por mais recentes, já estão perfeitamente avaliados, analisados, enquadrados, por críticos que, em seus países, exerceram o seu ofício com o risco e a responsabilidade que lhes cabe. Idéias literárias novas provêm de obras novas. (...) Que insípida infantilidade o sonho de ir para o jornal escrever Joyce, Kafka, Proust."¹⁵

Se, por um lado, a crença na autenticidade e na originalidade parece deslocada quando confrontamos este com os textos da vertente pós-estruturalista publicados em *34 Letras*, por outro, é pertinente sublinhar a tensão desses textos numa revista que não postula ser uma "Igrejinha", ou porta-voz de algum grupo específico, antes parece querer dar conta em suas páginas das variadas tendências da crítica contemporânea, resultando em uma revista que foge a uma catalogação imediata.

Com efeito, figuram, lado a lado, a defesa, pouco consistente, do espaço para o nacional, como no caso em que Rubens Figueiredo propõe a publicação de "obras novas" (leia-se, brasileiras), em detrimento da "infantilidade" das traduções, cujos originais já foram devidamente "avaliados" e consagrados, e a própria crítica ao estabelecimento de fronteiras, proposta explícita dos editoriais do periódico.

A partir daí, é possível percebermos os regimes de tensão que funcionam no periódico, por exemplo, entre uma perspectiva nacionalista e outra internacionalista. Parece-me propício fazer uma distinção entre o que chamo aqui

¹⁴ LEITE, Sebastião Uchoa. "1988". *34 Letras*, n.3, março, 1989, p.140.

¹⁵ FIGUEIREDO, Rubens. "O escritor e o crítico na vida real". *34 Letras*, n.1, setembro, 1988, p.50.

de perspectiva nacionalista, que se distingue da que aparece em José. Uma das premissas do texto de Rubens Figueiredo é que o nacional em si se constitui como valor. Os textos de Luiz Costa Lima e Mário de Andrade exploram a idéia de que a questão da identidade já não passa mais pela questão do "ser brasileiro". A busca de um "acento nacional" se constitui, em Mário, no abandono do dilema (universalismo ou nacionalismo) e do mimetismo. Quase setenta anos depois, Rubens Figueiredo reclama da ascendência da tradução e da falta de crítica sobre a literatura brasileira do período. Figueiredo não condena a "macaqueação", mas a inexistência ou precariedade da crítica ao "nacional", considerando que o crítico precisaria "privilegiar a produção literária de seu país, de sua língua, pois o contato com o texto novo, ainda não catalogado e estabelecido, é que exigirá dele as genuínas qualidades de um intelectual".¹⁶ Este parece ser justamente um indício do "nacionalismo estreito" de que trata Sebastião Uchoa Leite, em posição de embate com uma das propostas da revista, de divulgar "re-leituras ou novas traduções" que ajudem na "decodificação da selva de signos que nos cerca".¹⁷

Rapidamente, gostaria de mencionar outro texto de Luiz Costa Lima, que se detém em analisar a crítica literária de extração iluminista, verificando seus critérios e suas linhas de força. Trata-se de "Crítica literária e modernidade", no qual o autor destaca, com relação ao aparecimento da crítica literária, que, com o mercado, "a *intelligentsia* tem a possibilidade de romper suas amarras com a aristocracia e seu produto principal, o livro, a tela ou a partitura, de se converter em um bem tão negociável como qualquer outro."¹⁸ Entretanto, Costa Lima também menciona a reclamação dos autores, sobretudo jovens, e aqui poderíamos inscrever a de Rubens Figueiredo, de que seus livros não são resenhados, que são desconhecidos pelos próprios professores de literatura e de que já não se dispõe de críticos como os de uma geração passada. Tentando responder a questão, o crítico enfatiza que,

"dentro da indústria cultural contemporânea, a crítica de livros é uma atividade secundária; do ponto de vista do mercado, menos decisiva que a publicidade e a venda da imagem do autor. Entre os *media* e o livro há não menos que um

¹⁶ Idem. Ibidem. p.50.

¹⁷ "Editorial", 34 *Letras*, n.1, setembro, 1988, p.5.

¹⁸ LIMA, Luiz Costa. "Crítica literária e modernidade" 34 *Letras*, n.1, setembro, 1988, p.61.

hiato de linguagens. (...) O primeiro grande adversário da crítica nos *media* não é de ordem política senão que estritamente econômica."¹⁹

Costa Lima sugere a entrada em cena de outro gênero, este de "prosa analítica", que reflita sobre a literatura tanto em sua constituição interna quanto em seu relacionamento histórico-temporal: a teoria da literatura. Não caberia ao teórico da literatura o papel de restituir à literatura o prestígio social que perdeu,

"Mas compreender sua função tem pelo menos o mérito de evitar o tom nostálgico dos que se queixam de já não termos críticos como os de outrora. Esse é um saudosismo no mínimo alimentado pela pouca informação de seus difusores."²⁰

Voltando ao tema do lugar de destaque que ocupa a tradução na revista, acrescento que, além da rubrica que contempla a tradução de poemas²¹, publica-se um número razoável de ensaios e entrevistas de outras nacionalidades, com evidente preponderância, aqui, dos franceses²². Ou seja, os franceses aparecem como ensaístas, mas não como poetas. A tradução ainda figura como temática de um dossiê de ensaios no terceiro número, com textos que tanto abordam as dificuldades da tarefa do tradutor, como procuram equacionar teorias da tradução (nas quais se empenham Haroldo de Campos e Nelson Ascher).

Quando se trata da busca pelo "internacional" por parte dos experimentalistas, detecta-se que a seleção se dá em função de valores prévios, como já dissemos. A "preocupação com o pensamento mais planetário" se define, assim, por um recorte arbitrário: é uma determinada fatia desse "internacional" que lhes interessa. Na perspectiva destes, considera-se a criação e a tradução situadas no mesmo nível, ou ainda, traduzir determinado poema e escrever um outro não

¹⁹ Idem. *Ibidem*. p.73.

²⁰ Idem. *Ibidem*. p.74. Reafirma o que já dizia em José.

²¹ Os poetas traduzidos na revista são os seguintes (ordem alfabética): ALIGHIERI, Dante; BAFFO, Giorgio; BORGES, Jorge Luis; BUKOWSKI, Charles; BYRON, Lord; CELAN, Paul; CONSTANZO, Gerald; cummings, e. e. (2 traduções); DICKINSON, Emily (2 traduções); FLEMING, Paul; GOETHE, HASS, Robert; HÖLDERLIN, Friedrich; MANZI, Gianluca; McPHERSON, Sandra (2 traduções); MENDES, Murilo; MILLAY, Edna St. Vincent; MONTALE, Eugenio; OAKES, Philip; PLATH, Sylvia (2 traduções); POUND, Ezra; ROMAGUERA, Josep; SHAKESPEARE, William (4 traduções de um mesmo poema); SILESIUS, Angelus; WHITMAN, Walt; WILLIAMS, William Carlos; WORDSWORTH, William.

²² Lembre-se a crítica que se fazia em José, na voz do crítico Otto Maria Carpeaux: "A França até hoje, é ainda o umbigo do mundo para os intelectuais brasileiros."

seriam atitudes radicalmente distintas, visto que em ambas as situações parte-se de um mesmo impulso básico perante a poesia. Em uma entrevista concedida à *34 Letras*, Augusto de Campos, o poeta-crítico, define

"Tradução como criação, recriação, *transcrição* (expressão de Haroldo). Gosto de falar em tradução-arte. A tradução é, de fato, para mim, uma experiência inseparável do impulso criativo. Meu grande modelo é Ezra Pound (...) A tradução é para mim uma forma de dialogar intimamente com os poetas que admiro, uma modalidade de crítica, e também uma disciplina do ego, um meio de sair do meu próprio círculo e confraternizar com estilos, linguagens e temperamentos diversos do meu."²³

Ao argumentar sobre seu critério de escolha no que tange aos poetas privilegiados para traduções, é possível percebermos alguma consonância em torno das eleições feitas pela revista. Augusto de Campos expõe seus critérios:

"Além da empatia com os textos, houve nas minhas incursões tradutórias um propósito crítico-didático, não apenas em função da poesia concreta, mas de uma idéia mais ampla, a de privilegiar os poetas-inventores, na classificação poundiana. A tradição de invenção sempre foi rara e rala, ainda mais entre nós. Era necessário recuperá-la. (...) *Trazer para a nossa língua algo que se encontre ausente da nossa tradição poética* certamente foi uma motivação preponderante."²⁴

Dos escritores privilegiados pelos irmãos Campos, destaque, na revista, a inserção de Dante Alighieri, Goethe, Hölderlin, e.e.cummings e Ezra Pound, para citar alguns. Na entrevista, Augusto de Campos também critica a qualidade das traduções feitas no decênio de 80, quando se assistiu a uma ampliação do espaço aos tradutores²⁵, porém, em sua opinião, salvo a prática dos concretos, traduz-se, no período, com técnica deficiente e por atacado.

²³ CAMPOS, Augusto de. "Augusto de Campos", *34 Letras*, Rio de Janeiro, n. 4, junho, 1989, pp.10-28.

²⁴ Idem. Ibidem. pp.18-19.

²⁵ Sublinho que o *Folhetim*, da *Folha de S.Paulo*, no mesmo período (88/89), também começava a abrir espaço às traduções de poemas (com considerável espaço para os experimentalistas: Haroldo de Campos, Régis Bonvicino, Nelson Ascher), prática que permite o reconhecimento de uma ascendência bem datada. A "prática dos concretos" ilustra uma atitude típica dos "movimentos", dos grupos.

No dossiê que aborda a tradução (n.3), o diálogo provocado pelos textos precisamente aqui parece funcionar numa constante remissão aos próprios artigos publicados. Por exemplo, publicam-se fragmentos de Novalis ("1772-1801"), citado no ensaio de Haroldo de Campos ("Da tradução à transficcionalidade"), consoante com o de Nelson Ascher — "O texto e sua sombra (teses sobre a teoria da intradução)" —, que apresenta a teoria da tradução de Augusto de Campos, o qual, por sua vez, é objeto de estudo de Ana Cristina Cesar ("1983"). A mediação de Sebastião Uchoa Leite ("1988") também vale ser mencionada, visto que vai tratar, em contraponto com o texto de Ascher e recorrendo a Jorge Luis Borges (cujos fragmentos também figuram no dossiê), de uma teoria da ex-tradução, na qual se considera que "traduzir seria ler o melhor possível". Uma breve retomada desses textos pode ser útil para estabelecermos tal diálogo.

Nos fragmentos²⁶ sobre a tradução, o poeta romântico Novalis distingue três espécies: a mítica, a gramatical e a modificadora. Da primeira, que expõe o caráter puro, perfeito e acabado da obra de arte individual, ressalta a impossibilidade de ser atingida, posto que é idealizada. Da gramatical, sublinha o caráter costumeiro com que nos deparamos com ela; exige muita erudição, mas apenas aptidões discursivas. Da modificadora, informa que, para ser genuína, requer o mais alto espírito poético. O verdadeiro tradutor dessa espécie, explicita Novalis, tem de ser o próprio artista e poder dar a idéia do todo a seu bel-prazer — *tem de ser o poeta do poeta*.

Em seu ensaio, o crítico Haroldo de Campos estabelece uma vinculação com a tradução modificadora:

"Novalis, na *Poética* (fragmento 490), indaga: *Uma vez que se põem tantas poesias em música, por que não pô-las em poesia?* A tradução como transcrição é o pôr em poesia da poesia. Por isso mesmo, Novalis também definia o tradutor como o poeta do poeta. Nessa mesma seqüência de idéias o transcriador poderá ser visto como o ficcionista da ficção."²⁷

²⁶ NOVALIS. "1772-1801" (Trecho extraído de *Pólen – Fragmentos, diálogos, monólogo*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988), 34 *Letras*, Rio de Janeiro, n.3, março, 1989, p.81.

²⁷ CAMPOS, Haroldo de. "Da tradução à transficcionalidade", 34 *Letras*, Rio de Janeiro, n.3, março, 1989, p.94.

O percurso de Haroldo de Campos, no texto em questão, trata das reflexões sobre tradução do lingüista Roman Jakobson e do filósofo Walter Benjamin, para inserir sua teoria da *transcrição*. Em Jakobson teríamos uma física da tradução, em Benjamin a sua *metafísica*, em Haroldo, o texto sugere, a operacionalização da atividade criativa na tradução.

Assim, o crítico aborda a estratégia argumentativa do ensaio de Benjamin e reporta-se à teoria da *transcrição* como operação tradutória consoante com "A tarefa do tradutor", ao mesmo tempo em que, no plano dos fatores intratextuais, considera a *transcrição* como "a operação que traduz, no poema de chegada, a coreografia da função poética jakobsoniana surpreendida e desocultada no poema de partida."²⁸

Também pautado em Walter Benjamin, Nelson Ascher²⁹ opta por outro termo cunhado pelos irmãos Campos (desta vez, por Augusto de Campos) — a teoria da *intradução*. As doze teses expostas por Ascher explicitam o conceito: "se *tradução* significa, originalmente, conduzir (dução) através (tra) de, já em *intradução*, o *in* pode tanto ser um sufixo de negação quanto de inserção, enquanto *intra* indica penetração". A *intradução* se proporia a "conduzir, texto adentro, a um fim por definição inalcançável". Distinta da *transcrição*, a *in-tradução* (ou *intra-dução*) resultaria num texto-*tradução* que efetivamente penetra o texto original. Convém salientar que Ascher também postula para a teoria da *intradução* o viés benjaminiano, inserindo em suas considerações algumas das reflexões de Benjamin a propósito das teses sobre a história.

"A história, por ser fenômeno ou fluxo, não pode ser fixada mas apenas *capturada enquanto imagem que lampeja...*(Benjamin), ou seja, só pode ser evidenciada enquanto uma ausência presente. Esta existe somente na área da diferença (em seu contraste com a da semelhança). Assim, a *intradução*, ao enfatizá-la, colocando de pé a sombra com identidade e história próprias, acaba evidenciando a relação fundamental entre original e tradução, geradora de diferença: a história."³⁰

²⁸ Idem. Ibidem. p.95.

²⁹ ASCHER, Nelson. "O texto e sua sombra (teses sobre a teoria da *intradução*)", 34 *Letras*, Rio de Janeiro, n.3, março, 1989, pp.142-157.

³⁰ Idem. Ibidem. p.154.

Considera, pois, a história como resultado da conjugação de duas culturas ou idiomas distintos numa tradução.

A poeta e tradutora Ana Cristina Cesar também escreveu sobre tradução em diversos de seus escritos e teve alguns fragmentos compilados pela revista³¹. Ana Cristina Cesar se detém ali na análise de dois tradutores renomados, também poetas — Manuel Bandeira e Augusto de Campos —, enfatizando os efeitos e as peculiaridades das duas traduções (de Emily Dickinson e de e.e.cummings). Considera que, enquanto na primeira continuamos a ler o próprio Bandeira, “convidando-nos ao *plaisir de lire*”, concentrando-se na reconfiguração de um tema favorito, no segundo caso, o tradutor parece rejeitar a questão do tema, a figuração, as sensações sentimentais, buscando agradar do ponto de vista técnico. Embora reconheça Augusto de Campos como um tradutor de categoria, Ana Cristina sublinha a explícita defesa, do poeta, de um determinado tipo de militância poética, correndo o risco, por vezes, de parecer excessivamente exigente, ou ainda, demasiado intelectual.

Os fragmentos de Sebastião Uchoa Leite, algumas páginas adiante, propõem um movimento inverso àquele referido por Nelson Ascher, ao tratar da tradução. Uchoa Leite delinea o seguinte movimento na operação de “extradução”:

“Traduzir seria decompor o texto **de fora** dele, para tentar recompô-lo, enquanto que a produção seria uma operação desenvolvida de dentro para fora. (...)

Há três séculos já, quis Diderot destruir o conceito ilusionista de interpretação no seu *Paradoxo do comediante*, no qual se defende a tese de que o ator não deve confundir-se com o personagem, mas vê-lo de fora, consciente do artifício da interpretação. (...)

O tradutor se vive enquanto intérprete como o ator, na visão de Diderot e na moderna, vive o seu personagem: se estranhando. Vive o seu paradoxo, que é o de querer ser fiel na diferença, dizendo o mesmo e dizendo fatalmente outra coisa.”³²

³¹ CESAR, Ana Cristina. “1983”, 34 *Letras*, Rio de Janeiro, n.3, março, 1989, pp.108-110. (Fragmentos de “Bastidores da tradução” In: CESAR, Ana Cristina. *Escritos da Inglaterra*. São Paulo: Brasiliense, 1988).

³² LEITE, Sebastião Uchoa. “1988”, 34 *Letras*, Rio de Janeiro, n.3, março, 1989, pp.140-141.

Nesse sentido, o autor sublinha a função do tradutor como a de "compreender o outro na sua diferença e tentar interpretá-lo". Na entrevista³³ que concede, já mencionada, Sebastião Uchoa Leite esclarece que o poeta não pode deixar de introjetar, mesmo traduzindo outro, a sua própria maneira de conceber as coisas. O errado, diz ele, é aquele poeta que tenta ser totalmente neutro com relação ao objeto que está traduzindo, porque resultaria em "uma coisa sem gosto". Com elogios aos poetas-tradutores como Manuel Bandeira, Ana Cristina Cesar, Augusto de Campos, Décio Pignatari, o entrevistado se coloca numa situação de quem opera distintos tráfegos, assim como reflete a prática do periódico. Ou seja, ao tratar de sua poesia, Sebastião Uchoa Leite assinala o diálogo com as dicções de Chico Alvim e Ana Cristina Cesar, que desenvolveram uma preocupação mais próxima da crítica da linguagem, ao mesmo tempo em que se identifica, "por um outro lado", com outra trilha, de poetas como Régis Bonvicino, Nelson Ascher, Paulo Leminski, por sua vez, descendentes diretos da linhagem experimentalista. Talvez também nessa encruzilhada possamos situar a própria revista, pois ela também opta por ambas as trilhas, ainda que prepondere uma aposta mais incisiva no fim do lirismo. No que concerne ao espaço dedicado à poesia em *34 Letras*, saliento que esta ocupa duas seções: inéditos e traduções (de consagrados). Nos inéditos, mesclam-se poetas inéditos e poemas inéditos (de poetas nem tão inéditos, como o caso de Armando Freitas Filho). Nesta seção, os nomes mais recorrentes são João Guilherme Quental, Rubens Figueiredo, Adriana Guimarães, Carlos Irineu da Costa e Armando Freitas Filho, ou seja, a maioria integrante do comitê organizador da revista.

Na derrubada de fronteiras que pretende o periódico, a mescla de nomes consagrados e desconhecidos funciona como legitimadora de um posicionamento teórico e de capital simbólico, visando à inserção de alguns nomes na esfera do campo intelectual, ao lado de autores que já desfrutam de reconhecimento. Na trajetória da revista, três entrevistas com poetas se registram: João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos e Sebastião Uchoa Leite. Nas opções poéticas de *34*, observa-se, por exemplo, que não se abre espaço a nenhum poeta da antologia organizada por Heloísa. Além da produção criativa, constata-se que uma considerável parcela dos textos críticos se debruça sobre a análise de poemas.

³³ Idem. "Sebastião Uchoa Leite", *34 Letras*, Rio de Janeiro, n.7, março, 1990, p.34.

Sejam resenhas ou ensaios, os objetos de estudo geralmente se restringem a uma parcela do grupo publicado (a dizer, os experimentalistas), criando um círculo vicioso, do tipo: Lino Machado, que escreveu sobre e traduziu Yeats, lido por Augusto de Campos, que escreveu sobre Dickinson, lido por Nelson Ascher, que escreveu sobre Augusto de Campos, e assim por diante.

Sobre a encruzilhada mencionada por Sebastião, parece-me que poderíamos lê-la como um prenúncio do que ocorreria na poesia dos anos 90. Uma revista como *Inimigo Rumor* (Rio de Janeiro: Sette Letras), publicada desde 1997, ilustra bem o exemplo, ao abrigar tanto a linhagem experimentalista quanto a vertente lírica. Entretanto, quando tratamos de *34 Letras*, verifica-se que, no que concerne à poesia, a proposta de "dar conta da pluralidade" perde o efeito, na medida em que suas opções se restringem a um determinado grupo.

O ALÍVIO PÓS-MODERNO

Diferentemente de *José*, *34 Letras* afirma abrigar em suas páginas uma pluralidade de linhagens, sem que transpareça qualquer indício de mal-estar. A revista, fruto do empenho de um grupo de estudantes da PUC do Rio, parece comemorar o final da ditadura das vanguardas e suas lógicas disjuntivas (traço ainda persistente e significativo em *José*, tendo em vista, por exemplo, a procura pelo antagonista, o ser contra ou ser a favor), dando vazão à coexistência pacífica de várias vertentes: há espaço para os críticos que publicavam em *José*, para o concretismo (que, mais timidamente, também aparece em *José*), para os estreantes acadêmicos e para o pensamento francês pós-estruturalista.

A inversão da hierarquia já pode ser detectada na direção da revista: enquanto em *José* tínhamos um grupo de intelectuais que já contava com um certo reconhecimento e inserção no mundo acadêmico, em *34* temos um grupo de estudantes que ainda não conta com a legitimidade de que os primeiros usufruíam. Desta vez, são os estudantes que convidam os professores³⁴ à

³⁴ Tendo em vista que alguns desses professores (como Luiz Costa Lima e Silviano Santiago) pertencem à PUC do Rio, de onde sai a revista, é pertinente delinear o perfil da crítica exercida nesta universidade. Além de ter sido alvo de polêmicas durante os anos setenta, já mencionada, em virtude da incorporação do estruturalismo por alguns professores como Affonso Romano de Sant'Anna e Luiz Costa Lima, a atuação dos críticos daquele estabelecimento, ao propor novas formas de abordagem do texto literário, vinham modificar o cenário das letras brasileiras, opondo-se à metodologia que vigorava na USP. "A liberdade concedida ao exercício teórico na PUC-RJ seria

participação, em clara inversão dos papéis, onde se pode ler um indício da relativização proposta.

Outro pressuposto que me interessa retomar é o das referências teóricas mais freqüentes no periódico, que denunciam a problematização do esgotamento da modernidade como um tópico recorrente na revista. Sabe-se que a noção de uma consciência catastrófica da modernidade já aparece no século XIX em Nietzsche e no início do século XX em Benjamin, referências constantes em *34 Letras*, ao lado de Deleuze e Foucault. Marcam presença os autores de textos que impugnam a noção de limite e questionam a certeza das dicotomias modernas, como, por exemplo, a noção de centro e periferia. Nas páginas de *34*, o "cânon do apocalipse moderno", como Derrida denomina o quarteto — Hegel, Marx, Nietzsche e Heidegger—, é referência constante, estando dentre os vinte autores mais citados nos textos³⁵, assim como os praticantes da literatura de exaustão³⁶ — Mallarmé, Joyce, Borges. Já vimos que, em *José*, preponderam as referências ao modernismo brasileiro, sendo que os poetas e escritores, de uma maneira geral, são muito mais citados que os filósofos, confirmando a literatura como o maior foco de interesse da revista.

Ao pensarmos no sintoma do cansaço em *José*, a partir do poema drummondiano, é possível ensaiar uma articulação com a literatura de exaustão mencionada em *34 Letras*. O cansaço, que traduz a saturação do conhecimento, ainda pressupõe o outro, enquanto o esgotamento fratura essa noção do outro e narra uma des-subjetivação. Verifica-se o deslocamento de uma mesma problemática, a das artes e da literatura no fim de século, utilizando-se cânones diferenciados para pensá-la: a primeira opta pelo modernismo brasileiro triunfante, ao passo que a outra elege preponderantemente a tradição moderna européia.

uma constante a ser mantida durante toda sua existência. Curiosamente, o curso de pós-graduação em Letras daquela universidade se estruturou em torno da área de Literatura Brasileira, não apresentando variantes como Teoria Literária, Semiologia, Poética, etc., mas desde o início nele predominou um trabalho de assimilação das correntes teóricas em vigor na crítica literária internacional. Tal fato seria fundamental para a absorção de contribuições diferenciadas, dentre as quais destaca-se a de Silvano Santiago." LIMA, Rachel Esteves. "A crítica cultural na universidade" In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo(Orgs.) *Navegar é preciso... viver. Escritos para Silvano Santiago*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p.97.

³⁵ Ver o índice de autores citados no volume II.

³⁶ O crítico John Barth utiliza o termo para tratar dos textos que têm como herança o esgotamento da experiência do eu singular. Cf. MIRANDA, Wander Melo. "A liberdade do pastiche" *34 Letras*, n.3, março, 1989.

Uma das causas dessa preponderância é que a revista abriga, como colaboradores, o “novo nietzscheanismo francês”, como Vincent Descombes definiu a produção que vinha reiterar os pressupostos nietzscheanos. Ou, nas palavras de Hal Foster, a vertente pós-modernista-pós-estruturalista. Descombes explicita, de forma sucinta, alguns fundamentos dessa perspectiva a partir das reflexões de Pierre Klossowski:

“La hipótesis del eterno retorno ocupa un gran espacio en la especulación de los nietzscheanos por una razón que há sido indicada por Klossowski: esta hipótesis, ante todo, quiere decir que nunca há habido *primera* vez (no hay origen) y que nunca habrá *última* vez (no hay final de la historia). Tesis cruel a oídos de los fenomenólogos, y de la que ya hemos observado algunos efectos en las desconstrucciones de Derrida. De ahí las paradojas desarrolladas con agrado por Klossowski: no hay *original*, el modelo de la copia ya constituye una copia, la copia es, pues, una copia de la copia; no hay *máscara hipócrita*, pues la cara cubierta por esta máscara ya constituye una máscara; no hay *hechos*, sólo interpretaciones, toda interpretación es, pues, la interpretación de una interpretación anterior; no hay *sentido próprio* de una palabra, sólo sentidos figurados, pues los conceptos no son sino metáforas disimuladas; no hay *versión auténtica* de un texto, sólo traducciones; no hay verdad, sólo imitaciones, parodias. Y así sucesivamente.”³⁷

Ao bascular a ficção e a teoria, ao deslocar as fronteiras e impugnar a noção de hierarquia, a revista procura refletir o espírito das referências que publica. Entretanto, talvez o que cause um certo desconforto na leitura do periódico é o caráter ‘democrático’ que a revista assume ao utilizar a estratégia de deshierarquização, no sentido de que publica textos de autores “consagrados” ao lado de autores, por vezes, “iniciantes”.

A publicação provoca uma sensação de alívio e de desconfiança: alívio, demonstrando a viabilidade, ao menos inicial, de um projeto editorial ousado que testemunha a produção cultural do período, e, podemos acrescentar, a

³⁷ DESCOMBES, Vincent. *Lo mismo y lo otro*. Trad. Elena Benarroch. Madrid: Cátedra, 1979, p.237. Descombes cita Klossowski a partir da conferência “Nietzsche, o politeísmo e a paródia” (1957), que foi publicada nas páginas da revista *34 Letras*, n.7, março, 1990. O texto também consta em *Un si funeste désir*, Paris: Gallimard, 1963.

possibilidade da parceria com o capital privado; desconfiança, na medida em que se percebe um certo “adesismo”, no sentido de legitimar nomes desconhecidos ao lado de consagrados e de pós-consagrar o concretismo como a viabilidade para a poesia, questão já abordada anteriormente.

Fredric Jameson utiliza o termo — *alívio pós-moderno* — para tratar da liberação da produção cultural contemporânea, ao mesmo tempo em que detecta a despotencialização dos textos modernos, ao serem retemperados. Em suas palavras, o alívio pós-moderno é

“um estrondoso desbloqueio e liberação de uma nova produtividade que estava de algum modo tensionada e congelada, endurecida como um músculo com cãibra, no final do período moderno. (...) Nunca é demais ressaltar a importância simbólica do momento (na maioria das universidades americanas, entre o final dos anos 50 e o começo dos anos 60), em que os ‘clássicos’ modernos fizeram sua entrada no sistema escolar e nas bibliografias de curso das faculdades (...). Isso, a seu modo, representou uma espécie de revolução, com conseqüências inesperadas, forçando o reconhecimento dos textos modernos ao mesmo tempo que os despotencializava, como o que ocorre com antigos radicais ao serem nomeados para um cargo no governo.”³⁸

A partir daí, como já foi indicado, podemos pensar no caráter de ambivalência dessa inserção: ou seja, a partir do momento em que os “clássicos” modernos dão entrada no cânone, estes correm o risco de perder o caráter contestatório de que outrora estavam imbuídos. É o que já acontecia na José com referência ao modernismo.

Em *34 Letras*, lemos os dois movimentos do referido “alívio pós-moderno”: tanto a constatação do desbloqueio, quanto a re-edição de uma série de textos modernos que, em seu contexto, eram de uma radicalidade enfática. Isso nos remete ao percurso das vanguardas, já mencionado, cujas atitudes se despotencializam na medida em que são absorvidas e cooptadas pela cultura de *mass media* ocidental. E, nesse sentido, é preciso reconhecer hoje a obsolescência das técnicas de choque da vanguarda. Retomando o argumento de Peter Bürger,

³⁸JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996, p.317.

podemos dizer que os movimentos europeus de vanguarda e, na mesma chave leio o modernismo brasileiro dos anos 20, inicialmente, podem ser definidos como ataques ao *status* da arte na sociedade burguesa, impugnando não um estilo artístico, mas sim a instituição arte em sua separação da *praxis*³⁹, tendo como meta o fim da lacuna que separa a arte da vida. Na tentativa de reintegrar arte e vida, a vanguarda funcionou no sentido de libertar a tecnologia de seus aspectos instrumentais, minando a noção burguesa de tecnologia atrelada ao progresso e a idéia de arte "autônoma" e "orgânica"⁴⁰. O sentido de provocação das manifestações vanguardistas perde o vigor na repetição das estratégias, que passam a ter outros propósitos: ou seja, retoma-se a atitude vanguardista com o propósito de justamente conquistar a entrada no museu e o reconhecimento. Neste caso, o concretismo é exemplo emblemático.

Na mesma perspectiva, é pertinente falarmos de uma ambivalência detectada na apropriação dos textos consagrados: ao afirmá-los, deslocando-os para um espaço em que se alternam com textos isentos do capital simbólico que aqueles carregam, postulam uma equivalência e o aval simbólico de reconhecimento, requisitando legitimidade ao periódico e aos autores "estreados". Na retomada que promove dos "clássicos" do moderno⁴¹, por exemplo, tanto podemos ler uma recuperação dos questionamentos e da radicalidade que estes textos carregam, quanto a postulação de um capital simbólico que paira sobre esta produção com vistas a promover o reconhecimento do periódico, assim como dos outros autores que ali publicam. Conseqüentemente, ao promover o cânone, carrega a ambivalência do ato. A esse respeito, Fredric Jameson assinala que

³⁹ Peter Bürger enfatiza: "quando os vanguardistas demandam a exigência de que a arte volte a ser prática, não querem dizer que o conteúdo das obras seja socialmente significativo. A exigência não se refere ao conteúdo das obras; vai dirigida contra o funcionamento da arte na sociedade, que decide tanto sobre o efeito da obra como seu particular conteúdo." Cf. BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Op.Cit. p.103. Ou seja, não se tratava de buscar a militância, mas uma aproximação da *praxis* visando permitir a capacidade de criticá-la, afastando-se do esteticismo. Bürger chama a atenção, entretanto, para o cumprimento das intenções dos movimentos vanguardistas na sociedade do capitalismo tardio como uma advertência funesta. "Devemos perguntar-nos, desde a experiência da falsa superação, se é desejável, em realidade, uma superação do *status* de autonomia da arte, se a distância da arte com respeito à *praxis* vital não é garantia de uma liberdade de movimentos no seio da qual se podem pensar alternativas à situação atual". p.110.

⁴⁰ Cf. HUYSSSEN, Andreas. "A dialética oculta", In: *Memórias do modernismo*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

⁴¹ JAMESON, Fredric. *Pós modernismo: a lógica do capitalismo tardio*. Op.Cit. p.307.

“os ‘clássicos’ do moderno podem certamente ser pós-modernizados, ou transformados em ‘textos’, se não em precursores da ‘textualidade’: as duas operações são relativamente diferentes, uma vez que os precursores — Raymond Roussel, Gertrude Stein, Marcel Duchamp — sempre tiveram uma certa dificuldade de se enquadrar no cânone modernista. Eles são os casos exemplares e as testemunhas oculares apresentados para comprovar a identidade entre o modernismo e o pós-modernismo, uma vez que, em suas obras, pequenas mudanças, uma mera troca perversa de posições, transformam o que deveriam ser os valores estéticos do mais clássico alto modernismo em algo desconfortável e remoto (porém mais próximo de nós!). É como se eles formassem uma oposição no interior da própria oposição, uma negação estética da negação; contra a já anti-hegemônica arte de minoria do moderno, eles encenaram sua rebeldia privada ainda mais minoritária e privada, que, é claro, se tornará por sua vez canônica quando o moderno se congelar e se transformar em peça de museu.”

Convém acrescentar ainda que, do ponto de vista do autor, o “alívio pós moderno” promove a seguinte situação:

“os vários rituais modernistas ficam deslocados e a produção da forma novamente se torna aberta para quem quiser se comprazer com ela, mas a seu próprio preço, a saber, a destruição preliminar dos valores formais modernistas (agora considerados ‘elitistas’), além de outras categorias fundamentais relacionadas a eles, tais como obra e sujeito. (...) O jogo da forma, a produção aleatória de novas formas e a alegre canibalização das velhas formas não nos levarão a um estado de espírito relaxado e receptivo no qual, por uma feliz coincidência, uma forma ‘grande’ ou ‘significativa’ acabe por surgir. (De qualquer maneira, parece possível que o preço por essa nova liberdade textual esteja sendo pago pela linguagem e pelas artes lingüísticas, que batem em retirada diante da democracia do visual e do auditivo.) O estatuto da arte (e também da cultura) teve que ser irrevogavelmente modificado para assegurar essas novas produtividades e não pode voltar a ser o que era, a nosso bel-prazer.”⁴²

⁴² Idem. Ibidem. p.321.

Ler o "alívio pós moderno" em *34 Letras* é, então, reconhecer a canibalização do cânone modernista. Observe-se o discurso ritual de *34*: coloca-se fora do mercado, denominando-se "não comercial", e assume a pluralidade, porém, canônica.

De qualquer modo, a revista aparece com uma embalagem requintada e com grife, cujo conteúdo vem mesclado com produtos de qualidades diversas. Ao descartar o dilema e questionar, com algumas estratégias, toda sorte de hierarquia, *34* pretende propor os vários caminhos para a literatura, que desembocam, ao que parece, numa alternativa de "sair" da literatura.

Ainda que o periódico apresente como proposta o abandono do julgamento — e aqui precisamos levar em conta que toda escolha é arbitrária e implica, sim, julgamento de valor —, procurando promover o choque entre posicionamentos e linhagens, é possível detectar o leque de preferências, assim como os rechaços compartilhados pelo círculo de colaboradores mais regulares do periódico. Há uma opção evidente, por exemplo, pela literatura do alto modernismo⁴³ e a cultura de massa aparece timidamente. Quando aparece, como no primeiro número, por exemplo, em que a revista publica um artigo de Antônio Mafra, crítico da revista *Visão* e *Jornal da Tarde*, que tece comentários sobre a atividade de crítica musical, o texto parece deslocado dentro do periódico. Talvez possamos lê-lo como uma provocação ao embate. Ao lado de textos de Luiz Costa Lima, Fernando Pessoa, T.S. Eliot, Antônio Mafra assume um tom coloquial e de depoimento, como nessa passagem, que ilustra a falta de critérios convincentes para o discernimento da boa música pop:

"Eu, que gosto de fazer o que chamo de criticagem — uma mistura de crítica com reportagem, onde introduzo algumas informações artístico-biográficas do criticado —, gostaria de dizer a todos os que foram alvo de minhas críticas que meu critério é absolutamente pessoal. Eu gosto ou não gosto. Vou ao show. Se gosto, se o trabalho me impressiona, tudo bem: minhas palavras revelarão isso. Se não, da mesma forma. Tenho, como critério, respeitar o alvo. Mesmo que seja o exemplo mais execrável de artista, se ele chegou naquele patamar de merecer a atenção das minhas mal traçadas linhas e do órgão em que estou

⁴³ Um dado que confirma a hipótese é a listagem de autores mais frequentemente citados nos textos do periódico. Ver a listagem no Volume II.

escrevendo, deve ser respeitado. Humano, admito que às vezes me comportei com humildade. Outras vezes, com intolerância. Mas jamais grosseiro, desrespeitoso. E olha que certos astros mereciam porradas bem dadas."⁴⁴

Dessa forma, propõe um retorno ao impressionismo, despojado de erudição. No fim do artigo, o autor afirma em tom categórico:

"A indústria cultural (sic) elegeu o brega como a moda. O momento é brega. Então, tome Rosana, Xitãozinho e Xororó, Patrícia, Dominó... E todo mundo quer receber a pecha. É bom (sic), vende, lota. Como a crítica resolve esta questão, uma vez que é preciso identificar os verdadeiros bois dos bois-de-piranhas?(...)

A crítica, repito, deve saber descobrir e revelar quando um disco é feito para saciar certos anseios mercantis, puramente mercantis (como foi o caso do *Quatro Coiotes*, o último disco do RPM). E elogiar mesmo assim, caso o produto, mesmo envolvido numa aura pouco aceitável, assim o mereça."⁴⁵

Ou seja, há espaço para se falar da indústria cultural, ainda que muito restrito; entretanto, no engendramento em que o texto aparece, destoa da especialização e dos posicionamentos dos outros artigos, mesmo que, de algum modo, o discurso "anti-indústria cultural" também apareça ali.

Assim, apesar de as fronteiras entre a arte erudita e a cultura de massa se tornarem cada vez mais fluidas, minha hipótese é a de que o discurso do Grande Divisor⁴⁶ das águas ainda persiste na revista. Andreas Huyssen sublinha que a barreira intransponível nas sociedades capitalistas teorizada por Adorno, o "técnico *par excellence* do Grande Divisor", serviu para o projeto cultural do final dos anos 30, mas se esgotou e estaria sendo substituído pelo paradigma do pós-moderno,

⁴⁴ MAFRA, Antônio. "Radiografia de uma crítica no país semi-analfabeto" 34 *Letras*, n.1, setembro, 1988, pp.54-55.

⁴⁵ Idem. Ibidem. p.57.

⁴⁶ Valho-me da metáfora utilizada por Andreas Huyssen, em *Memórias do modernismo*, para identificar "o tipo de discurso que insiste na distinção categórica entre alta arte e cultura de massa. (...) A crença no Grande Divisor, com suas implicações estéticas, morais e políticas, predominou na academia até os anos 80 (veja-se, por exemplo, a quase total separação institucional entre os estudos literários, incluindo a nova teoria literária, e a pesquisa sobre cultura de massa, ou a insistência, muito difundida, em excluir questões éticas ou políticas do discurso da literatura e da arte). Mas ela foi sendo cada vez mais posta em xeque pelos recentes desenvolvimentos das artes, do cinema, da literatura, da arquitetura e da crítica." Huyssen enfatiza ainda que, depois da vanguarda

"que é em si tão diverso e multifacetado como o modernismo o foi, antes de ser mumificado e virar dogma"⁴⁷, promovendo, portanto, o esmaecimento das divisas entre a alta arte e a cultura de massa. Dessa forma, a dicotomia vem sendo posta em xeque de várias formas nos últimos vinte anos. Huyssen acrescenta, sobre a cena cultural contemporânea, que

"parece claro que os usos que a alta arte faz de certas formas de cultura de massa (e vice-versa) têm cada vez mais borrado as fronteiras entre as duas; onde havia o grande muro modernista, que costumava manter os bárbaros do lado de fora e a cultura do lado de dentro, protegida, há hoje apenas um terreno movediço que pode se mostrar fértil para alguns e traiçoeiro para outros."⁴⁸

Suspeito, entretanto, que apesar de a proposta do periódico ser a de "propor cenários possíveis para os percursos literários; nunca condenar ou excluir, sempre acrescentar"⁴⁹, percebe-se uma clara preponderância pelo circuito da arte erudita. Ao se definir como uma revista de literatura, depara-se com a problemática da delimitação: "Mas o que é literatura, onde estão suas fronteiras? Impossível determiná-las sem recorrer a uma arbitrariedade inútil. Melhor dizer que é uma revista **em torno de** literatura."⁵⁰ Escapa da delimitação, mas, ao fazer as opções, demarca suas escolhas, seu *panthéon* dourado.

Ressalte-se que *34 Letras* promove, também com critérios perceptíveis, a inserção do cinema, da história em quadrinhos e da música na esfera da arte, mas é preciso acrescentar, entretanto, que a revista elege determinados tipos de produção que já estão legitimados nessa esfera "cult". Cito alguns exemplos a este propósito: no caso do cinema, elege Andrei Tarkovski, Wim Wenders, Raul Ruiz e Anselmo Duarte; nos quadrinhos, dá destaque aos americanos X-MEN (década de 60) e Krazy Kat (início do século); na música, trata da eletroacústica, tomando como referência os comentários de compositores renomados como Stravinski, Edgar Varèse, Claudio Monteverdi e Rodolfo Caesar. As escolhas denunciam a

histórica, o pós-modernismo também vem desafiar a "canonizada dicotomia alto/baixo". In: *Memórias do modernismo*. Op. Cit. p.9.

⁴⁷ HUYSEN, Andreas. *Ibidem*. p.12.

⁴⁸ *Idem*. *Ibidem*. p.61.

⁴⁹ "Editorial", *34 Letras*. Rio de Janeiro, n.1, setembro, 1988, p.4.

⁵⁰ *Idem*. *Ibidem*. p.4.

inscrição na esfera de arte culta, mantendo, mesmo que de forma elíptica e obscura, a distinção entre o conceito de arte elevada, superior, e as zonas “baixas” da cultura, da arte contaminada pelo lucro.

É possível afirmar, diante dessas escolhas, que apesar de uma proposta de abandono do julgamento de valor e da conseqüente definição de um cânone, as opções eleitas pelo periódico o situam exatamente nessa esfera de uma arte para poucos, visando aos acadêmicos e aos *connaisseurs*. A revista ensaia o salto no muro (entre cultura letrada e cultura de massa), o trânsito nas duas esferas, mas inexoravelmente opta, com explícita preponderância, por escolhas que pertencem à cultura erudita. Nesse sentido, tem um pé no discurso do Grande Divisor, sendo que as fronteiras ainda persistem. Assim, *34 Letras* se constitui como uma revista dirigida aos pares, a um público restrito e bem definido, que domina o jargão e reconhece os valores e o cânone que a revista celebra. Com pretensões de ser a *top* de linha, ainda que diga que não pretende ser a revista, lança mão de um visual arrojado que impressiona tanto pela qualidade técnica, pelo esteticismo, quanto pela presença de intelectuais em evidência no circuito acadêmico brasileiro e internacional. Dessa forma, acaba sendo emblemática como uma revista modernista, não no sentido brasileiro, mas mantendo como características a permanência de um conceito de arte elevada, dirigida a um público seletivo e conhecedor. Ao mesmo tempo em que afirma o discurso do Grande Divisor, o periódico se vale de uma estilização que borra essas fronteiras (de hierarquias, de nacionalidades), o que acaba funcionando como excelente estratégia de marketing.

"A mais intrínseca lei formal do ensaio é a heresia."

T.W. Adorno

Em *34 Letras*¹, que não foge à regra da maior parte dos periódicos latino-americanos, o ensaio² é o gênero textual preponderante. Sabemos que se trata de um gênero híbrido por excelência, mescla do rigor científico com artifícios ficcionais, e que, a este propósito, desenvolve-se o célebre texto de Adorno³. O pensador frankfurtiano teoriza sobre o gênero, esclarecendo que o ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizadas, não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Antes, suspende a idéia tradicional de verdade e questiona o conceito de método. Afirma ainda que

"Ele [o ensaio] se revolta contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável, o efêmero, não seria digno da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual ele é mais uma vez condenado, no plano do conceito. (...) É inerente à forma do ensaio a sua própria relativização: ele precisa compor-se de tal modo como se, a todo momento, pudesse interromper-se. Ele pensa aos solavancos e aos pedaços, assim como a realidade é descontínua; encontra a sua unidade através de

¹ Dos textos publicados na revista, 38,8% do total são ensaios, sendo que os poemas praticamente empatam nesta recorrência, somando 35,9% do total. Ver no volume II as estatísticas de vocabulário controlado.

² Em 1580, Michel de Montaigne, vivendo numa época plena de transformações e assistindo a uma revisão de valores estéticos, morais e materiais do mundo, época de transição da cultura medieval definhante com a era moderna embrionária, empregou o termo ensaio (*Essais*) em suas obras, consagrando o direito de o sujeito individual expressar sua experiência pessoalizada do mundo, sem recorrer a modelos legitimados. Montaigne não só empregou o termo, mas se utilizou da forma, ou seja, é mister assinalar essa trama textual: o autor parte do estudo de si mesmo, "de um homem", para alcançar o conhecimento "do homem", transitando do particular ao geral, sem pretensão de totalidade. Nas palavras de Sérgio Milliet: "seu verdadeiro pensamento ultrapassa esse eu, abarca o universo humano. Ninguém mais do que ele se acomoda às formas contrárias às suas; ninguém mais do que ele toma de empréstimo alguns traços alheios para tornar agradável sua pintura e sem a pretensão de desenhar o próprio retrato." MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio I*. Trad. Sérgio Milliet. RJ/POA/SP: Ed. Globo, 1961.

³ ADORNO, T.W. "O ensaio como forma" In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno*. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1986, pp.167-187.

rupturas e não à medida que as escamoteia. (...)A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito suspenso."⁴

Nesse pensar aos solavancos, o ensaio escapa à forma rígida, instaurando-se no transitório e fugindo à totalização do saber. Apesar de ter sido considerado como gênero menor na Europa desde o século XVIII é na "periferia" que o ensaio encontra condições para proliferar. Na América Latina, por exemplo, é a forma predominante à qual os críticos recorrem para ocupar uma posição ou discuti-la, dando formas a uma tradição.

A pesquisadora Luz Rodríguez sublinha a importância do ensaio⁵ para os pensadores latino-americanos diante da necessidade de desenvolver estratégias de sobrevivência intelectual que lhes permitissem manter-se sobre o fio da navalha, sem cair em nenhum dos abismos da oposição binária, a dizer, civilização e barbárie, razão e instinto.

"[Los pensadores latinoamericanos] tuvieron que aceptar el axioma excluyente de la modernidad - afirmación o negación, ser el mismo o el otro - pero lo sabotearon con las técnicas del ensayo: una manera de razonar y de pensar que expone las ideas en forma de opiniones personales y provisionales. (...) No era considerado literario porque prevalecía en él la exposición de ideas más que la imaginación: pero tampoco era aceptado como prosa científica por dos razones: su predilección manifiesta por los asuntos sujetos a controversia que no admiten juicios definitivos e inequívocos, y la utilización de anécdotas ficticias o poco verificables para confirmar o apuntalar las ideas expuestas."⁶

O ensaio surge em contraponto ao tratado, que buscava dar conta de totalidades, sem espaço para a dúvida ou para a ficção. Essa forma híbrida segue

⁴ ADORNO, T.W. Ibidem, p.174. É preciso acrescentar, entretanto, que Adorno irá denunciar a apropriação do ensaio pela indústria cultural.

⁵ RODRÍGUEZ, Luz. *El sueño de la razón*. Leiden: Rijks Universiteit Leiden, 1998. Neste ensaio-conferência, a crítica e pesquisadora argentina, ao abordar a cultura ocidental pautada pelo mito binário chamado modernidade, cujos elementos, a Razão e o Instinto, se opunham e se excluíam, toma como exemplo paradigmático o caso de *Facundo*, de Sarmiento, para refletir sobre a questão da identidade e demonstrar como a literatura latino-americana reflete sobre o paradoxo civilização e barbárie. Assim, enfatiza as estratégias utilizadas por esses pensadores "periféricos", ao problematizarem o mito da modernidade, afirmando tanto o outro quanto o mesmo. O ensaio aparece como o gênero discursivo favorito desses pensadores, visto que "utiliza todas las estrategias posibles, vengan de donde vengan, no sólo para convencer, sino también para persuadir y seducir." (p.19)

⁶ Idem. Ibidem. p.20.

“una lógica de la experimentación que deja que las ideas emerjan a la vida sin un acabamiento absoluto”⁷, onde se observa a preponderância da suspeita em detrimento da certeza. Em suma, a estratégia do ensaio vale-se de uma lógica da suspeita frente aos saberes constituídos.

Assim, o ensaio se apresenta como um texto estratégico que muito serviu ao pensamento latino-americano, que abre mão das certezas, dos juízos definitivos e das verdades acabadas para refletir sobre possibilidades, suspeitas, dando conta de uma tradição em formação. Convém assinalar, entretanto, que existem níveis distintos de densidades de interpretação nesses textos, e é o que percebemos na leitura de *34 Letras*.

Além da recorrência do ensaio na revista, cabe ainda destacar outra estratégia recorrente, a disposição dos novos textos ensaísticos alternados com fragmentos de ensaios de escritores e filósofos, estes já publicados e consagrados. Ou seja, não se trata, no caso, de ocupar o espaço com novas traduções ou textos inéditos no Brasil, mas re-publicar fragmentos de autores canônicos, já traduzidos para o português, funcionando como uma sorte de legitimação dos outros textos.

As tensões e polêmicas entre os textos são evidentes e fazem parte da própria estratégia da revista, ao intercalar fragmentos de textos de autores consagrados, geralmente de outras épocas, entre os ensaios escritos por contemporâneos. Os arranjos são feitos de modo a provocar confrontos, reeditando antigas polêmicas, sem nenhuma historicização, mas que definem, pelas próprias escolhas arbitrárias, critérios nos quais podemos ler um posicionamento do periódico. Assim, é interessante pensar sobre a função dos fragmentos que, se por um lado servem como contraponto aos ensaios, reativando as discussões e depondo pela ausência de julgamento, como propunha aquele primeiro editorial, por outro, servem para demarcar as escolhas, ao optar por autores como Machado de Assis, Fernando Pessoa, Goethe, Baudelaire, Tolstoi, Victor Hugo, e tantos outros detentores de capital simbólico (diga-se de passagem, com predomínio dos europeus). Os fragmentos recebem um estatuto diferenciado dos ensaios no sumário da revista, figurando, inicialmente, simplesmente como “fragmentos de textos”, e, mais tarde, sem nenhuma menção. É preciso acrescentar também que o

⁷ FORSTER, Ricardo. “El encogimiento de las palabras” In: *Babel. Revista de libros*. Buenos Aires: Puntosur S.R.L., Ano III, n.18, agosto 1990, p.28.

fragmento, na maior parte das vezes, é produzido pela revista, ao recortá-lo de seu contexto.

Para abordar tal estratégia, recorro uma vez mais ao crítico norte-americano Fredric Jameson. Tendo na bagagem uma trajetória marxista, Jameson abandona toda ortodoxia para refletir sobre a cena contemporânea, pensando a pós-modernidade como

"um novo dilema historicamente original, que envolve nossa inserção como sujeitos individuais em um conjunto multidimensional de realidades radicalmente descontínuas, cujas molduras vão desde os espaços sobreviventes da vida privada burguesa até o descentramento inimaginável do próprio capital global."⁸

Então, ao analisar as manifestações culturais inscritas na lógica do capitalismo tardio, Jameson considera a cultura da sociedade de consumo como um complexo flutuante de signos e imagens fragmentárias que produz uma incessante interação que desestabiliza significados simbólicos e uma ordem cultural há muito tempo mantidos. Abordando a produção cultural pós-moderna, assinala que nessa lógica

"a referência e a realidade [do signo] desaparecem de vez, e o próprio conteúdo — o significado — é problematizado. Resta-nos o puro jogo aleatório dos significantes que nós chamamos de pós-modernismo, que não mais produz obras monumentais como as do modernismo, mas embaralha sem cessar os fragmentos de textos preexistentes, os blocos de armar da cultura e da produção social, em uma nova bricolagem potencializada: metalivros que canibalizam outros livros, metatextos que fazem colagem de pedaços de outros textos (...)."⁹

34 *Letras* lança mão da prática da bricolagem, colando excertos de textos entre os ensaios e propondo um diálogo de vários momentos e perspectivas em relação a um determinado tema. O resultado é uma *mélange* de fragmentos

⁸ JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996, p.408.

⁹ Idem. *Ibidem*. p.118.

esparços sobre uma temática, a partir dos quais o leitor pode operar a leitura de diversas redes da crítica, provocando um embaralhamento peculiar às estratégias pós-modernas.

Nesse emprego do fragmento, pode-se dizer que novamente vimos entrar em cena o risco da ambivalência, em que aparece outro regime de tensão. Explico: o fragmento é postulado, por alguns, com uma função contestatória, vinculando-se a uma vertente benjaminiana, e, por outros, despojado de tal politização, prevalece um uso com mais ênfase no visual do que na fragmentação de um antigo saber. É outro risco constante que assume a revista. A estratégia é, em linhas gerais, a seguinte: dispor os fragmentos de forma que se provoque o choque entre as idéias expostas nos ensaios e nesses cacos, estabelecendo um regime de tensão, sem uma contextualização dos debates e dos textos, salvo a indicação do ano em que o texto foi publicado. Há casos, porém, que os fragmentos vêm reafirmar os textos, funcionando como estratégia de legitimação e estabelecendo um diálogo entre autores a partir dos recortes efetuados, como vimos nos exemplos do dossiê sobre tradução.

Com vistas a ilustrar o choque mencionado com a inserção dos fragmentos, cito um caso, entre outros, que o número inaugural oferece no dossiê de ensaios sobre a crítica: trechos de um texto de T. S. Eliot entre o ensaio de Rubens Figueiredo e o de Antônio Mafra.

Eliot esboça sua perspectiva sobre a função do crítico literário, assim como suas contribuições como crítico e o que considera as limitações de alguns métodos. Nos fragmentos que a revista publica, Eliot sublinha que a função da crítica literária é promover a compreensão e a apreciação da literatura, estando aí implícita a tarefa secundária de identificar e apontar o que *não* deve ser apreciado. Na sua concepção, o propósito do crítico

“é livrar-nos das limitações de nossa própria época, e ao poeta, cujas obras estamos lendo, das limitações de sua época, a fim de ganhar a experiência direta, o contato imediato com sua poesia. O que mais importa, digamos, ao ler uma ode de Safo, não é que me imagine numa ilha grega há 2500 anos. O que importa é a experiência, que é a mesma de todos os seres humanos de diferentes séculos e idiomas, capazes de apreciar poesia; é a centelha que consegue atravessar esses 2500 anos. Portanto, o crítico a quem sou mais

agradecido é aquele que consegue fazer-me ver algo que eu jamais vira antes, ou que vira apenas com os olhos nublados de preconceitos, aquele que me coloca frente a isso, para depois deixar-me a sós."¹⁰

Nesse sentido, Eliot enxerga como tarefa do crítico ajudar os leitores a compreender e a apreciar, sendo que, para bem legislar, deve ser "um homem completo, um homem de convicções e princípios e com conhecimento e experiência de vida."¹¹

Voltemo-nos agora às proposições do escritor Rubens Figueiredo, que afirma o novo como valor — "Idéias literárias novas provêm de obras novas. Ainda que ruins, péssimas"¹² — e defende a necessidade de o crítico "privilegiar a produção literária de seu país, de sua língua", que seria a "única forma de extrair o seu verdadeiro significado cultural". Ao clamar por uma perspectiva mais próxima de nossa realidade, Figueiredo afirma a ausência de responsabilidade dos "comentaristas" brasileiros, que insistem em escrever sobre escritores que já fazem parte do cânone ocidental. O que falta ao crítico literária no Brasil? Ele responde:

"Para aguçar sua aplicação crítica, seu juízo, ele precisa privilegiar a produção literária de seu país, de sua língua, pois o contato com o texto novo, ainda não catalogado e estabelecido, é que exigirá dele as genuínas qualidades de um intelectual. (...) O embate com o autor que é seu contemporâneo, seu vizinho, que esbarra com ele no supermercado, longe das mitologias literárias, é que lhe permitirá dar uma contribuição original à cultura de sua época, à literatura de seu tempo, de sua língua."¹³

O tom inconformado do escritor Rubens Figueiredo tem alvo definido: "a barbárie de afirmativas inseqüentes como a que se viu há pouco, quando se disse e repetiu não haver obras e autores novos importantes nesta última década."¹⁴ Ou seja, não importa a qualidade das obras, mas desde que sejam escritas por contemporâneos, de preferência do próprio país, servem bem como material de

¹⁰ ELIOT, T. S. "1956", 34 *Letras*, n.1, setembro, 1988, p.53. (Extraído de "As fronteiras da crítica". Conferência Gideon Seymour, Universidade de Miinnesota, 1956, in: *A essência da poesia*, Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1972.)

¹¹ Idem. Ibidem. p.53.

¹² FIGUEIREDO, Rubens. "O escritor e o crítico na vida real". Op.Cit. p.50.

¹³ Idem. Ibidem. p.50.

¹⁴ Idem. Ibidem. p.49.

análise para o crítico. Poderíamos fazer um contraponto: enquanto Eliot solicita do crítico o discernimento entre a arte e a "não arte", para cumprir a tarefa de legislar e louvar a "boa" literatura, Rubens Figueiredo sugere o novo (leia-se o contemporâneo) e o nacional como critérios para o crítico se pautar.

Em outro ponto de tensão se instala o já citado Antônio Mafra, ao ensaiar a "Radiografia de uma crítica no país semi-analfabeto", quando se debruça sobre os diferentes tipos de críticos de música, dispensando o crítico da erudição acadêmica:

"Tem gente que demonstra, com ranço professoral, conhecimentos musicais. Talvez queira impressionar o alvo de suas críticas e se mostrar algo hermético perante o leitor comum. Afinal, um pouco de erudição sempre conta nesse país semi-analfabeto. Outros fazem tipo, gostam de polemizar, mostrar-se 'antenas' (aspas ultranecessárias) da raça – aqueles que captam os sinais da modernidade/atualidade. (...)"¹⁵

Utilizando-se de uma linguagem coloquial, o que por si causa estranhamento com relação ao conjunto de textos publicados na revista, Antônio Mafra também impõe uma posição peculiar frente aos produtos da cultura de massa, como já se observou. Os textos publicados em 34, freqüentemente ou apostam numa posição crítica aos produtos destinados ao grande público, ou simplesmente abordam outro tipo de produção, destinada a um público seletivo. No artigo, Antônio Mafra trata das estratégias das grandes gravadoras para demonstrar que é preciso conhecer os meandros do mercado para situar a crítica de música. Assim, seria tarefa do crítico identificar quando certo produto vem apenas suprir os "anseios mercantis", sem deixar, porém, de elogiá-lo, caso o mereça.

Note-se o confronto promovido com o enxerto do fragmento de Eliot entre os dois textos, funcionando como provocação ao embate colocando em jogo os critérios de valor com que cada crítico procede a suas análises.

A partir dessa estratégia da revista, de apresentar as diversas perspectivas sem tomar partido, pode-se ler um argumento do músico e compositor Pierre Boulez, considerado por Zygmunt Bauman como um notável analista da cultura

¹⁵ MAFRA, Antônio. "Radiografia de uma crítica no país semi-analfabeto" 34 *Letras*, n.1, setembro, 1988, p.55. Já no ensaio de Eliot, onde a erudição é bem-vinda, enfatiza-se as contribuições dos críticos professores e professores críticos.

contemporânea, ao mencionar os riscos da pluralidade, quando admite que "a reticência em tomar uma posição, a aceitação incondicional do pluralismo e certa generosidade liberal que caracterizam o nosso tempo criam uma situação em que 'tudo é bom, nada é ruim; não há quaisquer valores, mas todos são felizes'".¹⁶

A apropriada análise de Boulez nos leva a pensar sobre os riscos da tolerância incondicional que, se não é o propósito explícito de *34 Letras*, visto que a revista propõe, grosso modo, um cânone essencialmente moderno, parece constituir-se como seu risco, ao pretender dar conta da pluralidade de uma gama de posicionamentos, de estéticas, de linhagens. E, nesse sentido, já sublinhamos a confluência às páginas do periódico de poetas, tradutores, artistas plásticos, filósofos, professores, sociólogos, estudantes, escritores e críticos de variadas tendências. Convém retomar novamente a pretensão da revista ditada no primeiro editorial, de "nunca condenar ou excluir [percursos literários], sempre acrescentar". Ao se isentar de qualquer julgamento, cai-lhe como uma luva o prognóstico de Boulez: "tudo é bom, nada é ruim". Entretanto, é um prognóstico que, na revista, tem duas caras, afirma-se enquanto exhibe, na mesma vitrine, autores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, porém, também o nega, conforme defende uma concepção de arte "erudita".

Enquanto a pluralidade parecia se constituir um dilema para José, que buscava, sobretudo nos debates, uma saída ou um denominador comum, em *34 Letras* a pluralidade assume outra função: a de legitimar a democracia do veículo, pretendendo dar conta das várias facetas da arte contemporânea. Dessa forma, se José vivencia a crise em busca de um consenso, *34* desconhece a angústia e está sob a égide do dissenso. Nesta última, as tensões aparecem desprovidas da angústia.

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama; Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.131.

CONTEXTUALIZANDO O DEBATE — A ASCENSÃO DO INTÉRPRETE

Para refletir sobre a prática intelectual a partir de *34 Letras*, relacionando-a com a de José, parece-me pertinente partir de algumas considerações acerca do debate modernidade/pós-modernidade, verificando as conexões e, sobretudo, as tensões entre os dois termos, que trazem embutidos estratégias e questionamentos distintos, a fim de melhor contemplar a emergência de duas metáforas que nos servem neste trabalho: a crise do intelectual “legislador”, já mencionada, e a ascensão do “intérprete”, que nos serve para ler o perfil do crítico de *34*.

Apesar de este ser um tema fecundo e marcado por uma profusão de polêmicas, não se tem aqui a pretensão de uma análise exaustiva sobre o mencionado debate, mas arrisca-se um esboço da querela com vistas a introduzir a questão para verificar as mudanças nas manifestações da cultura contemporânea e a inserção da revista nesse contexto. A intenção não é celebrar nem condenar a pós-modernidade, mas tentar perceber como as estratégias da revista respondem à sua lógica.

Se a década de 60 é lida como o momento de ruptura e de emergência de um novo estatuto da sociedade que se delinea a partir das grandes transformações sociais e psicológicas daquele decênio, é sobretudo na década de 70 que Jean-François Lyotard, Fredric Jameson, Jean Baudrillard, dentre outros pensadores, lêem as manifestações sociais, políticas, e sobretudo culturais, suas transformações e implicações como fenômenos da pós-modernidade, enquanto Jürgen Habermas e outros filósofos alimentam o debate tratando a modernidade como projeto inacabado. No ringue brasileiro, poderíamos situar, no primeiro time, os adeptos da leitura da pós-modernidade, Silviano Santiago, Italo Moriconi, Wander Melo Miranda, para citar alguns que contribuem nas páginas de *34*, apesar de não se utilizarem do termo na revista. As exceções, no caso, são fornecidas por Hans Ulrich Gumbrecht e Jeanne Marie Gagnebin. O primeiro, em entrevista publicada no segundo número, define o conceito e suas implicações, valendo-se de três conceitos básicos:

“o primeiro seria a destemporalização ou simultaneidade, ou seja, um presente cada vez mais amplo e cheio de movimento, mas sem direção. Em segundo

falaria de destotalização, quer dizer, que já não valem os conceitos totalizantes do mundo. Para destotalização, o conceito positivo seria a pluralidade viscosa, ou seja, uma pluralidade de fenômenos que não se pode distinguir nitidamente. O terceiro conceito é desreferencialização. É como se houvesse sido perdida a impressão de que o homem está em contato com o mundo exterior, ou seja, de que o mundo exterior é que dá referência aos significados. (...) No total, metaforicamente resumindo os três conceitos, poderíamos dizer que é como se nos encontrássemos dentro de um globo em que há muitos movimentos e fenômenos borrados, e sem a possibilidade de sair-se para ter a distância cognitiva necessária para descrevê-los." ¹⁷

No caso de Jeanne Marie Gagnebin, o emprego do termo acontece em texto¹⁸ que trata das noções de origem e original em Walter Benjamin. Ao colocar estas noções em xeque, Benjamin já descreveria, segundo Gagnebin, "a paisagem da nossa 'pós-modernidade'".

Ao aceitarmos os paradoxos da tradição moderna para ler a *condição pós-moderna*, pensada aqui a partir de algumas manifestações como a erosão das identidades, o estremecimento dos valores e paradigmas, a crise dos grandes relatos, a flutuação das fronteiras, a dissipação dos limites, pode-se dizer que a morte do pai é o tema psicanalítico que impulsiona o debate, o que nos leva a uma reflexão sobre o esgotamento da modernidade como decorrência da perda de hierarquia, do declínio da lei. Um processo no qual se verifica, por exemplo, o deslocamento do peso fundacional do sujeito para as instâncias discursivas.

É necessário afirmar a discordância existente em torno dos significados do termo pós-modernidade, o que só contribui para o acirramento da querela. Entretanto, é preciso optar por uma definição, tendo em vista que nos valem do termo. Um importante teórico da pós-modernidade e das questões que se vêm colocando para a produção intelectual e artística é Zygmunt Bauman. Leitor perspicaz da cultura contemporânea, Bauman trata do estremecimento da ordem moderna e suas estratégias, distinguindo a pós-modernidade como a era das incertezas:

¹⁷ GUMBRECHT, Hans Ulrich. LEIBOLD, Monika. GUIMARÃES, José Otávio N. "Entrevista: Gumbrecht", 34 *Letras*, n.2, dezembro, 1988, pp.107-108.

¹⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. "Notas sobre as noções de origem e original em Walter Benjamin", 34 *Letras*, n.5/6, setembro, 1989, pp.285-296.

“Desde la perspectiva posmoderna, el episodio de la modernidad parece haber sido, más que cualquier otra cosa, la era de la certidumbre.

Es así porque la más intensa de las experiencias posmodernas es la falta de confianza en sí misma. (...)

El hecho es, sin embargo, que nunca dejaron de buscar esa enunciación y casi nunca dejaron de creer que la búsqueda sería — debía ser — exitosa. El período posmoderno se distingue por abandonar la búsqueda misma, tras haberse convencido de su futilidad. (...)

La modernidad, en comparación, parece no haber albergado nunca dudas similares en cuanto al fundamento universal de su condición. La jerarquía de valores impuestos al mundo administrado por el extremo noroccidental de la península europea era tan firme y estaba respaldada por poderes tan enormemente avasallantes, que durante dos siglos siguió siendo la base de la visión mundial, más que un problema abiertamente debatido.”¹⁹

A nova configuração da sociedade traz consigo outros desafios ao desconcertante espaço em que o capitalismo multinacional transforma riquezas e misérias, cânones e “novidades”. Pode-se dizer que se assiste à deslegitimação dos preceitos morais e as velhas certezas perdem as referências.

A emergência de uma sociedade civil mundial obrigada a ajustar-se à dinâmica da transnacionalização das economias, à globalização dos mercados, contexto que o crítico Fredric Jameson relaciona à emergência da nova fase do capitalismo avançado, multinacional e de consumo, resulta em um processo de dissolução das fronteiras, de questionamento dos paradigmas e das certezas, ao passo que os conglomerados financeiros passam a ditar a nova lógica do mercado, com o capital expandindo-se para além das fronteiras do Estado-nação.

“Considero tais peculiaridades do pós-modernismo sintomas e expressões de um novo dilema historicamente original, que envolve nossa inserção como sujeitos individuais em um conjunto multidimensional de realidades radicalmente descontínuas, cujas molduras vão desde os espaços sobreviventes da vida

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes*. Op.Cit. p.171.

privada burguesa até o descentramento inimaginável do próprio capital global”²⁰

A geografia econômica passa a demarcar as “novas” fronteiras, agora voláteis e flutuantes, com a migração do capital, e observa-se uma retomada das idéias liberais no jogo das relações internacionais. Não avançarei nessas questões, visto que o que nos interessa aqui é verificar os desdobramentos dessas crises (de hierarquias e de valores) no campo de bens simbólicos, mais especificamente, no câmbio gerado no papel do intelectual contemporâneo.

“A diferencia de la noción de una sociedad posindustrial, el concepto de posmodernidad se refiere a una cualidad distintiva del clima intelectual, a una postura metacultural nueva, a una autoconciencia distintiva de la era. Uno de los elementos básicos — si no el elemento — de esta autoconciencia es la comprensión de que la modernidad está terminada; que es un capítulo cerrado de la historia, que hoy puede contemplarse en su integridad, con el conocimiento retrospectivo de sus logros prácticos así como de sus esperanzas teóricas.”²¹

Nessa configuração que se delineia, há cada vez menos espaço para se desempenhar as funções que outrora eram exercidas como direito e dever do intelectual, que se posicionava em nome da Razão. Em seus pronunciamentos, a veracidade e a autoridade moral eram insuspeitas, colocando-o numa posição de árbitro e legislador das normas que regiam o gosto artístico. Porém,

“El mundo contemporáneo se adapta mal a los intelectuales como legisladores; lo que ante nuestra conciencia se presenta como la crisis de la civilización o el fracaso de cierto proyecto histórico, es una crisis genuina de un papel específico, y la experiencia correspondiente de la superfluidad colectiva de la categoría que se había especializado en desempeñarlo.

Un aspecto de esta crisis es la ausencia de ámbitos desde los cuales puedan hacerse declaraciones de autoridad del tipo que implica la función de legisladores intelectuales.”²²

²⁰ JAMESON, Fredric. Op. Cit. p.408.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes*. Op.Cit. p.170.

²² Idem. *Ibidem*. p.174.

Quando as declarações de autoridade perdem a legitimidade, efetiva-se a crise do papel tradicional de legislador. Neste cenário, quem toma o cargo de juiz e formador de opinião é o próprio mercado, e o intelectual assume, gradualmente, a partir de então, a função de intérprete da cultura.

“La idea de la interpretación supone que la autoridad constituyente del significado reside en otra parte, en el autor o en el texto; el papel de los intérpretes se reduce a leer en voz alta el significado. El buen intérprete es el que lo lee apropiadamente, y es necesario (o eso cabe esperar) que alguien responda por las reglas que guiaron la lectura y con ello haga válida o autorizada la interpretación; alguien que tamice las interpretaciones y separe las buenas de las malas. Pero la estrategia de la interpretación difiere de todas las de la legislación en un aspecto fundamental: *abandona abiertamente*, o hace un costado como irrelevante para la tarea del momento, *el supuesto de la universalidad de la verdad, el juicio o el gusto*; se niega a diferenciar entre comunidades que producen significados; acepta los derechos de propiedad de esas comunidades y los considera el único fundamento que pueden necesitar los significados propios de una comunidad. Lo que queda por hacer a los intelectuales es interpretar dichos significados para beneficio de quienes no pertenecen a la comunidad que está detrás de ellos; dirimir la comunicación entre ‘incumbencias delimitadas’ o ‘comunidades de significado’.”²³

Finalmente, é nesse quadro que, destituído o sentido desse modelo de intelectual, entra em cena o crítico pós-moderno, cuja tarefa primordial passa a ser a de interpretar, e não mais julgar. Beatriz Sarlo também aborda as mudanças no cenário cultural, ou mediático, como prefere chamar, afirmando que “también ha sido desalojada la figura del intelectual que fue paradigmática en la primera mitad del siglo XX (en esto piensa Bourdieu cuando afirma la clausura del lugar ocupado por Sartre).”²⁴ Outra passagem do mesmo texto, Sarlo enfatiza algumas peculiaridades da crise do discurso intelectual:

²³ Idem. Ibidem. p.276. Grifo meu.

²⁴ SARLO, Beatriz. “¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía.” In: *Punto de vista*, Buenos Aires, n.50, novembro, 1994, pp.6-7.

"La competencia por el lugar del intelectual que emite su voz de cara a la sociedad y es escuchado por ella (una disposición espacial que tiene tanto de imaginario como de real) ya no sucedía únicamente entre esos iguales que, con las armas del discurso, enfrentaban otros discursos y, en ocasiones, otras armas. Lo nuevo de la situación es que junto a ellos, otros pretendientes, venidos de más lejos (los periodistas, los comunicadores), se ubican en posiciones desde donde su palabra es más persuasiva, más próxima y sobre todo más familiar. (...)

El lugar de Sartre, efectivamente, está clausurado: pero no sólo la muerte de Sartre cerró para siempre esa 'clase de uno', como la llamó Pierre Bourdieu. Ese lugar ya era impracticable antes de su muerte: los lenguajes de la crítica habían comenzado a especializarse; los saberes técnico-prácticos habían comenzado a tomar la delantera de los saberes filosófico-morales; el derrumbe de las utopías políticas reactualizaba de manera contradictoria el dilema de 'las manos sucias': el futuro ya no garantizaba todos los actos que en el presente se cometieran invocando su nombre o el de la utopía."

É preciso acrescentar uma questão crucial com que a crítica se depara a partir dessa conjunção: a entrada em cena do pluralismo, que emerge como uma consequência do relativismo valorativo, promovendo uma espécie de equivalência entre as mais diversas produções.

"Se o pluralismo torna a arte meramente relativa, também parece des-definir a arte alta e a baixa — mas não é o caso. Na maior parte das formas pluralistas essa linha é obscurecida, e a arte que deveria ser crítica (tanto da alta arte quanto da cultura da mídia) perde suas arestas. Isso não faz parte de qualquer agenda explícita, mas aqui, por exemplo, a reivindicação é clara: 'Não há mais hierarquia entre céu e terra, nenhuma diferença entre o alto e o baixo; os bastiões perversos e limitados da ideologia e de qualquer outro tipo de dogma caíram'."²⁵

Isso nos leva, segundo Foster, à indiferença, e este talvez seja um dos riscos que se impõem conforme o crítico se questione sobre a possibilidade, tanto da arte quanto da crítica, de reter (ou restaurar) uma radicalidade sem cair num novo exclusivismo ou dogmatismo²⁶. Noutras palavras, enquanto a lógica da vanguarda

²⁵ FOSTER, Hal. "Contra o pluralismo" Op.Cit. pp.54-55.

²⁶ Cf. FOSTER, Hal. Op.Cit. p.55.

era declaradamente exclusivista, operando a partir de transgressões utópicas ou anárquicas, o pluralismo se vale dos retornos e referências de formas exaustas, isento das arestas críticas.

Cabe lembrar, sumariamente, que Bauman distingue as duas lógicas vanguardistas:

"se a vanguarda modernista se ocupava de marcar as trilhas que levavam a um consenso 'novo e aperfeiçoado', o vanguardismo pós-moderno consiste não exatamente em desafiar e debilitar a forma existente e reconhecidamente transitória de consenso, mas em solapar a própria sensibilidade de qualquer acordo futuro, universal e, desse modo, sufocante."²⁷

A atitude agora não almeja o consenso nem o questionamento de uma estética já existente, antes arruina a idéia de projeto teleológico, em favor da coexistência pacífica do plural, proposição evidente na revista. Alinha-se, poderíamos acrescentar, à concepção pós-estruturalista no que tange à crítica da representação, à medida que questiona o conteúdo de verdade desta e explora os regimes do significado. Jameson assinala:

"A estética pós-estruturalista contemporânea assinala a dissolução do paradigma modernista — com sua valorização do mito e do símbolo, da temporalidade, da forma orgânica e do concreto universal, a identidade do sujeito e a continuidade da expressão lingüística — e antecipa a emergência de uma outra concepção pós-modernista ou esquizofrênica do artefato — agora reformulado como 'texto' ou 'écriture' e enfatizando a descontinuidade, a alegoria, o mecânico, o hiato entre o significante e o significado, o lapso na significação, a síncope na experiência do sujeito."²⁸

Concluindo, portanto, mas sem pretender acrescentar mais uma definição do que seja a pós-modernidade, visto que em torno do conceito está armado o debate, convém retomar o argumento de Andreas Huyssen, ao sustentar que o que está em questão aí é o Grande Divisor,

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Op. Cit. p.139.

²⁸ Apud FOSTER, Hal. "Polêmica (Pós-)Moderna" Op. Cit. p.176.

"o grande muro entre a arte moderna e a cultura de massa, que os movimentos artísticos dos anos 60 intencionalmente começaram a dismantelar em sua crítica ao cânon do alto modernismo, e que os neo-conservadores culturais estão tentando reconstruir hoje em dia. Uma das poucas concordâncias sobre as imagens do pós-modernismo é a respeito de sua preocupação em negociar formas de alta arte com certas formas e gêneros de cultura de massa e com a cultura da vida diária."²⁹

Dessa forma, essa idéia do esmaecimento das rígidas fronteiras entre a arte erudita e a cultura de massa remete à discussão inicial sobre a atuação do intelectual no novo cenário cultural. Diante da fluidez dessas fronteiras, e das conseqüentes lamentações em torno da perda de qualidade, a questão que se nos impõe é: como a revista se insere nesse contexto? Já vimos que *34 Letras* não contribui com a derrubada do "muro", sendo tímida a negociação, mencionada por Huyssen, entre as formas da alta arte com as da cultura de massa; antes, reafirma o discurso das águas divisoras, valendo-se de estratégias que depõem contra tal negociação, devido à restrita aparição de textos impregnados das formas, categorias e conteúdos da indústria cultural. O simples fato de ser uma revista vendida em livrarias, e não em bancas, já aponta para um determinado público. A questão se torna um pouco mais complicada, porém, quando tratamos de outras estratégias, como a do esmaecimento das fronteiras hierárquicas e disciplinares ou do que chamamos de "estética do fragmento". Apesar dessas características e da presença, como dissemos, de críticos intérpretes, que se pautam na leitura dos textos sem supor uma autoridade constituinte do significado. Abdicam da suposta universalidade e da verdade, e conseqüentemente, de uma única interpretação, publicando, não raras vezes, na revista, textos tematizando uma mesma obra. Assim, entendo que a revista precisa ser lida nessa chave de contradições.

²⁹ HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do modernismo*. Op.Cit. p.61. Ver também, do mesmo autor, o ensaio "Mapeando o pós moderno", In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) *Pós modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, pp.15-80.

INVADINDO AS TERRAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Dadas as coordenadas sobre o que se entende aqui por pós-modernidade, vejamos agora como essa perspectiva se manifesta na revista. Convoquemos então Wander Melo Miranda e, a seguir, Silviano Santiago, que abordam as estratégias da narrativa pós-moderna, partindo da idéia de que esta carrega como herança o esgotamento da experiência do eu singular, vale-se do pastiche, toma o "real" e o "autêntico" como construções da linguagem, e, em detrimento da vivência, ganha espaço a ficção³⁰. Wander Melo Miranda articula sua leitura da narrativa apócrifa ao que John Barth define como "literatura de exaustão", e afirma sobre estes textos:

"São filhos, até certo ponto constrangidos, dos pais sábios e autoritários (Silviano Santiago) da Modernidade, dos monstros sagrados, reificados e já institucionalizados que deram por concluído o ciclo de invenção dos estilos que ainda podiam ser inventados. O que resta a eles, de novo, senão a pilhagem e o pastiche ao infinito de estilos os mais variados — eruditos ou populares — para que o silêncio seja vencido, para que histórias possam ser contadas?"³¹

Tais narrativas se incluem, ainda de acordo com o autor, na seita dos Niilistas (à qual pertencem Italo Calvino, Ricardo Piglia, Borges, Silviano Santiago, por exemplo), acreditando que "somente a contrafação, a mistificação e mentira intencionais podem representar, em um livro, a verdade não contaminada pelas pseudo-verdades dominantes"³², enquanto os fiéis da seita dos Iluminados continuariam a crer que existem alguns poucos livros verdadeiros. Assim, é na "literatura de exaustão" que o crítico enxerga a possibilidade de atuação do crítico e escritor nesse espaço fraturado onde se cruzam verdades e falsificações, onde se faz necessário exceder os limites das convenções literárias e dos lugares-comuns ideológicos.

³⁰ Ver, a este propósito, o texto "O narrador pós-moderno", de Silviano Santiago, publicado na *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, n.5, ano 2, 1985, pp.4-13. (Também consta em *Nas malhas da Letra*).

³¹ MIRANDA, Wander Melo. "A liberdade do pastiche" *34 Letras*, n.3, março, 1989, p.173.

³² Idem. *Ibidem*. p.172.

"Para fugir dos textos pasteurizados, feitos em série e de acordo com o gosto do público e a demanda mercadológica, para escapar da uniformidade liberal da voz própria ou do *museo de cera al que son conducidos los escritores* (Piglia, *Crítica y ficción*), a única saída é o enfrentamento da contradição entre escritura social e apropriação privada, mediante a proliferação de vozes, o falar através de máscaras e com voz alheia. Só assim a máquina polifacética (Art/Piglia) que é a literatura pode continuar funcionando, sem emperrar de vez."³³

Wander Melo Miranda reconhece nas narrativas que assim se caracterizam como manifestações da escrita que questiona as noções de autenticidade e autoridade do texto paterno, pensando e valorizando a apropriação de um texto por outro.

Consoante com essa poética, lê-se o lance de dados mallarmaico proposto por Silviano Santiago. Fragmentos que se dispõem ao longo do texto e nos fornecem uma chave de leitura. Eis o jogo proposto por "As escrituras falsas são"³⁴, texto emblemático para se refletir sobre a atuação do crítico pós-moderno e sobre a perspectiva da revista, que abriga em suas páginas toda uma geração da crítica que partilha desse referencial de atuação.

Se agruparmos os fragmentos dispostos no corpo do ensaio, com algum destaque, temos um aforisma: "As escrituras falsas são/ fraude só se/ se toma a perspectiva/ da justiça dos home." Vejamos, a partir da leitura do texto, o que ele sintetiza.

Ao tratar da produção literária da década de 80, Silviano Santiago problematiza a atuação do escritor e do crítico, desvencilhando-se de antigas posturas para propor o pastiche, a mescla e a transgressão como viabilidades de outras escrituras. Ficções como *Em liberdade*, de Silviano, e *Respiração artificial*, de Ricardo Piglia, servem como exemplos sintomáticos desse novo estatuto da ficção, que mistura narrativa com reflexão, num movimento ao mesmo tempo crítico-histórico e poético. Neste ensaio, a liberdade é conquistada com um alicate cortante na cerca de arame farpado que estrategicamente fecha o círculo da literatura brasileira. Argumenta que

³³ Idem. Ibidem. pp.174-175.

³⁴ SANTIAGO, Silviano. "As escrituras falsas são", *34 Letras*, n.5/6, setembro, 1989, pp.304-308.

"a tarefa do escritor brasileiro dos anos 80 (sobretudo depois do instigante e insuportável fato histórico que foi a recente ditadura militar) é a de resgatar o que poderia ter acontecido à nossa narrativa ficcional se ela não tivesse se colado de maneira tão insidiosa aos acontecimentos históricos e aos sentimentos pessoais. Para tanto, já não é suficiente apenas abandonar os fatos históricos recentes e invadir peito aberto o território da história para narrá-la de uma outra ou de outras perspectivas.(...) Seria indispensável dar antes por fechado o ciclo da nossa literatura (...) e ali dentro trabalhar – ainda que só por algum tempo – para desconstruir uma *outra* história, a da ficção nacional. O dentro da ficção no dentro da história no dentro. Ou seja: pôr em aberto a arqueologia dessa dupla construção, mostrando quais os estilos individuais que salientaram as vigas e por isso foram dados como nobres e dignos de figurar em destaque nas nossas histórias da literatura, e quais os estilos individuais que abriram rachaduras no sistema e por isso foram relegados a segundo plano ou foram simplesmente recalçados no tecido histórico."³⁵

Nessa chave, a historiografia literária deve ser tomada na própria ficcionalidade que a desconstrói por um movimento da nova narrativa poética. Noutras palavras, Silviano propõe a desconstrução da ficção nacional para, a partir daí, fraudar elementos que abalam a construção da história literária, produzindo rachaduras, fendas, ficções. Desse modo, o exercício proposto é que o escritor falsifique um ou vários estilos, violentando-os e transgredindo-os.

Se o primeiro invasor dessas terras é Antonio Candido (ao nos dizer que a literatura brasileira sempre esteve vinculada aos acontecimentos pessoais e por isso nunca chegou a levantar grandes vôos de imaginação), o segundo invasor apontado é Oswald de Andrade ("e sua defesa de *Macunaíma* publicada na *Revista de Antropofagia*"), que teria se utilizado do alicate cortante para atravessar a cerca de arame farpado da literatura brasileira, com suas metáforas afiadas: "Grileiro: indivíduo que procura apossar-se de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade."³⁶

O gesto de transgressão do grileiro é comparado ao do ficcionista, por Silviano Santiago: as artimanhas da arte da grilagem consistem em invadir a terra

³⁵ Idem. Ibidem. p.305.

³⁶ Apud. SANTIAGO, Silviano. Ibidem. p.307.

alheia para ali plantar sem grilo a sua semente. Sugere, oswaldianamente, "a posse em lugar da propriedade".

Pode-se articular essa idéia com a leitura de Wander Melo Miranda, que enxerga na figura do copista a viabilidade do intérprete: pois que o copista é justamente aquele que vive em duas dimensões temporais, a escrita e a leitura.

"Copista e também investigador, o narrador identifica-se então com o leitor, na tarefa de escarafunchar arquivos e textos, levantar dados, fazer conjecturas, seguir pistas labirínticas, decifrar letras esmaecidas, correr atrás de cartas e diários perdidos, maquinar, tramar, fraudar... Quem o criminoso, quem o detetive, nessa relação deleitosa, delituosa e transgressora com a cultura?"³⁷

No mesmo sentido, Wander e Silviano parecem propor a invasão de terras alheias, a tomada de outras perspectivas, fazendo valer a fraude e a pilhagem para que outras histórias possam ser contadas. Poderíamos tomar ainda a perspectiva do crítico Raul Antelo, que nos diz que "a questão passa (...) por perder o estilo, por sermos invadidos por outros estilos para capturar adesões (que nos sobram) e distanciamentos (que nos faltam)".³⁸

Silviano anuncia, neste ensaio e *Em liberdade*, que "as chamadas escrituras falsas são as que trazem as boas novas". Ao pensarmos na metáfora proposta pelo crítico, poderíamos nos remeter à revista *José* como a guarda costeira deste território, ainda pautada por leis e normas, apesar das dificuldades em localizar os adversários. A crise de *José* parece ter-se acirrado por causa desta indefinição do antagonista e pela inviabilidade de um projeto estético ou político que norteasse a publicação; por sua vez, em *34 Letras*, borram-se as fronteiras desse território e manifesta-se, em alguns textos, um convite ao exercício da pilhagem.

³⁷ MIRANDA, Wander Melo. "A liberdade do pastiche" Op.cit. p.173.

³⁸ ANTELO, Raul. "Fantasmagorias libertárias" In: *Navegar é preciso...viver. Escritos para Silviano Santiago*. Op.Cit. p.71.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proponho-me, nessas considerações, a expor algumas reflexões sobre as questões que me ocuparam durante a trajetória deste trabalho. Tendo como foco de interesse a leitura dos dois periódicos — *José e 34 Letras* — como formações críticas, tomando-as como dois grandes textos, observei suas escolhas temáticas, seus editoriais, os traços que marcam as duas publicações, assim como as referências teóricas, as escolhas de colaboradores e as tensões que as permeiam. Isso permitiu pensar as revistas através de duas metáforas, a do legislador e a do intérprete, capazes de dramatizar o conflito que se pode ler. Para fazê-las funcionar, o gesto é o artesanal, da leitura e da citação, e, dessa forma, como já afirmou Eneida de Souza, “mutilam-se corpos, sacrificam-se versos, e a citação promove a circulação do sentido, que irá depender do lugar em que foi enxertado.”¹ Os atos de cortar e colar, dos quais a leitura e a escrita são por excelência formas derivadas, serviram para fazer aflorar as hipóteses e para persegui-las, a ponto de traçar um itinerário de questões. Como diz Compagnon, “reescrever, reproduzir um texto a partir de suas iscas, é organizá-las ou associá-las, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os elementos postos em presença um do outro: toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário.”²

Ao ler as revistas através daquelas metáforas, procurei arriscar alguns comentários sobre a disposição da cena cultural. Entretanto, convém assinalar um dos maiores riscos que se impõem nessa tarefa de ler o contemporâneo: o olhar fora de foco. É sempre arriscado refletir sobre a escrita de críticos, poetas e escritores que ainda estão produzindo, e este é o caso de alguns colaboradores desses periódicos. Contudo, o trabalho se torna ainda mais desafiador, e, nesse caminhar sobre os ovos, por descuido, talvez tenha quebrado algum sem a devida necessidade. Ao reconhecer tal circunstância, procurei tomar o cuidado de me ater à escrita dos colaboradores nas revistas, isentando-me da tarefa de examinar a trajetória de suas produções veiculadas em outras páginas.

¹ SOUZA, Eneida Maria de. “Tempo de pós-crítica” In: *Cadernos de Pesquisa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, n.20, novembro, 1994.

² Cf. COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996, p.12. Op. Cit. p.29.

Em *José*, a “soma das personalidades” acabou por refletir um contexto cheio de impasses frente à consolidação da indústria cultural e à proposta de fazer uma revista literária que primasse pela “qualidade” literária, apostando no modernismo como valor estético. Se o modernismo da “fase heróica”, como denomina João Luiz Lafetá, aparentemente é um consenso como expressão dessa qualidade para *José*, o desacordo entre os integrantes do conselho editorial parece residir na dificuldade de se definir, por exemplo, um perfil para a revista.

Já *34 Letras* partiu em busca de uma “fórmula” que fosse capaz de dar conta da diversidade que tenta veicular, e, mesmo não encontrando tal fórmula, o que se afirma no “Editorial” do número 5/6, várias experimentações foram feitas. A revista assumiu os riscos de abrigar “outras disciplinas, outros estilos, outras preocupações” em nome das possibilidades.

Uma das hipóteses lançadas nesse trabalho foi a de ler *José* como um signo do moderno (o legislador), na medida em que ainda procura sistematizar um projeto, dramatiza a questão da identidade nacional, crê na existência de uma saída para a crise da literatura, proposições que afloram em toda a revista e se explicitam nos dois debates abordados neste trabalho: um em torno da “poesia marginal”, outro sobre os impasses de uma revista literária na década de 70. *34 Letras* aparece destituída da angústia e da tarefa de tentar sistematizar um projeto, apostando na interdisciplinaridade como alternativa a uma revista sobre literatura.

O texto de Luiz Costa Lima, a propósito do “sistema intelectual brasileiro”, publicado em *José*, é corolário do impasse da própria revista, como um dos prenúncios de uma nova configuração cultural que se armava. O ensaio apresenta um problema e busca uma saída, propondo uma revisão de nossas práticas literárias; da mesma forma, parece-me que, através das entrevistas, debates e ensaios, a revista tenta indicar aberturas de caminhos para os diversos impasses que se colocam naquele momento. Ou seja, em *José* podemos ler o desejo nostálgico de preservação do “literário” em sua pureza, mas, simultaneamente e não sem conflitos, dando espaço, por exemplo, à antropologia — vide a entrevista com Candeia —, e discutindo a separação já problemática entre o erudito e o popular, e até, o de massa.

Observe-se que é no período imediatamente posterior ao da publicação de *José*, pelos idos de 1979 a 81, no Brasil, que, na perspectiva de Silviano Santiago³, podemos detectar algumas transformações que acenam para o momento de transição do século XX para o seu “fim”: a cultura brasileira vislumbra indícios de abertura e do processo de democratização⁴, assiste-se à ascensão da antropologia⁵ e ao rompimento das muralhas da reflexão crítica que separavam o erudito do popular e do pop. Essas mudanças teriam corroborado para uma revisão da questão da identidade nacional, despertando reflexões e textos sintomáticos dessa transitividade. Aqui nos serve a reflexão de Silviano, na medida em que, ao detectar esse momento de transição, referenda os indícios de mudança percebidos como um dos aspectos do conflito na *José*. Pode-se dizer ainda que a tranqüilidade de 34 talvez se dê, além dos motivos já analisados, pelo fato de já ser uma revista finissecular, naqueles termos apontados por Silviano, e não se encontrar mais no momento da passagem. Porém, é preciso acrescentar, se a revista, de algum modo, cumpre a agenda, fica de fora o “rompimento das muralhas”, que praticamente não se efetiva.

Nos textos da *José*, observou-se a preponderância de um tom agônico, numa espécie de reverberação dos impasses do José drummondiano, de onde surge o nome de batismo da revista. Vimos que *José* prima pelo valor literário, cuja tradução manifesta é o modernismo: de Drummond, Mário, Bandeira, Oswald, Tarsila. No entanto, tão certa quanto a manifestação de engajamento com os elementos da poética modernista, é sua problematização, ou seja, a discussão de seu próprio esgotamento. Um caleidoscópio de dilemas explícito nos dez números do periódico, que presta tributo ao modernismo, publicando Oswald, via estudos, Mário, via cartas, Drummond, via poemas. Pura nostalgia de um modernismo que, em seu contexto, foi uma “força fatal”; em *José*, um signo da diáspora das vanguardas.

³ Cf. SANTIAGO, Silviano. “Democratização no Brasil — 1979-1981 (Cultura versus Arte)”, in: ANTELO, Raul et al. (orgs.) *Declínio da arte/ Ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/ Abralic, 1998, pp.11-23.

⁴ Assim, Silviano enfatiza que “a luta das esquerdas contra a ditadura militar deixa de ser questão hegemônica no cenário cultural e artístico brasileiro, abrindo espaço para novos problemas e reflexões inspirados pela democratização no país”. Idem. *Ibidem*. p.12.

⁵ Nesse momento de transição, “a Sociologia e a velha geração de acadêmicos saíam de campo e tomavam lugar na arquibancada, para entrar em campo a Antropologia sob as ordens dos emergentes mapeadores das transformações culturais por que passava o país.” Idem. *Ibidem*. p.16.

A angústia existencial (sem desconsiderar também a nítida questão social e política) exposta no poema referido tem seus desdobramentos na revista, traduzidos no impasse diante da nova configuração do mercado editorial, da estrutura da mídia, assim como do campo da cultura, outrora melhor demarcado: o mercado de bens culturais se consolida, no Brasil, nas décadas de 60 e 70 e as leis de mercado se impõem. A partir desse quadro, o periódico expõe o seguinte dilema: como manter e veicular a "alta literatura", sem ser uma revista acadêmica ou proselitista, nem tampouco uma alternativa de massa? Como lidar com o "gosto da maioria" e o discurso universitário? Como concorrer com o recente *Folhetim* (1977-1989) e outros tablóides (como o *Opinião*/72-77 e *O Pasquim* /69-85), que já tinham assegurado uma distribuição e circulação ampla?

Caberia questionar a ameaça que José enxerga nessas publicações, se aproximarmos as temáticas, entrevistas e reportagens veiculadas por esses outros periódicos. Por exemplo, ao analisarmos o referencial teórico, os valores literários pelos quais prima José, verifica-se que muito se distancia da primeira versão "midiática" e de entretenimento do *Folhetim* daquele período. Além disso, trata-se, no caso, de concorrência com jornal, o que distingue as estratégias adotadas, sendo problemático comparar o tipo de distribuição e abrangência de dois veículos com características próprias. De toda maneira, José enxerga concorrentes por toda parte e pauta-se pelo dilema: como manter os valores literários e, ao mesmo tempo, vender a revista? Há possibilidade dessa conjugação? Como preservar determinado conceito e função do literário, diante da necessidade de lidar com o mercado e com as novas configurações culturais? Qual estratégia de sobrevivência adotar? Impõe-se a urgência de se repensar a "resistência", devido à dispersão de um inimigo, que outrora era declarado. Ao reconhecer a impraticabilidade do perfil de intelectual nos moldes do que se lhe incumbia até Sartre, na qual a re-configuração *massmediática* da cultura tem um papel crucial, assistimos à crise do "legislador" reverberando em José.

É particularmente sugestiva a retomada de alguns versos do célebre poema José para lermos essa atitude na revista, de tentar se vincular a um posicionamento e a uma estética e dos impasses que se colocam naquele momento: "quer ir para Minas,/Minas não há mais." Emblemática constatação, se a transpusermos ao periódico, que serve para ilustrar, simultaneamente, o desejo de um retorno ao modernismo, manifesto numa nostalgia do movimento, e a constatação da

inviabilidade do ato. Daí decorre o tom melancólico de um passado que carrega a preciosidade da literatura e o presente dilemático de José que, impossibilitado de se superpor a outros tempos, acaba dando o testemunho da crise, do muro, do impasse que inviabiliza a resistência (ou existência) da revista.

Em *34 Letras*, vimos que a mescla de texturas, de estilos, de disciplinas, de línguas e de épocas é simultânea à mescla de hierarquias que a revista promove, publicando os novos, os inéditos, os consagrados, os já canônicos, lado a lado. Considerando sua pretensão de “dar conta da pluralidade de pontos de vista e assuntos”⁶, a pergunta que se lançou foi a seguinte: é possível lê-la como signo da pós-modernidade? Em sucintas palavras, emprego o termo como a emergência de uma nova sensibilidade, sintomática deste fim de século, sem discutir a fundo a transformação dos paradigmas culturais, sociais e econômicos implicados nesta mudança. A nova sensibilidade é marcada pela perda de certos valores e a conseqüente substituição destes (como já observou Georg Simmel, qualquer valor só é um valor graças à perda de outros valores), que neste caso implicaria a desvalorização das estratégias e fundamentos da arte moderna, problematizando-a e lendo-a sob outros prismas. Chegou-se a uma resposta ambivalente: sim, quando a revista utiliza certas estratégias, como o já mencionado esmaecimento das fronteiras de hierarquias, mas nos “confunde” ao afirmar a permanência de um conceito de arte elevada, dirigida a um público seletivo e conhecedor, explicitando a recusa ao “mercado”.

Concernente a esta questão, destaquei, neste estudo, a tendência, na pós-modernidade, à progressiva erosão das distinções entre cultura “erudita”, ou “alta” cultura, e cultura de massa nos processos de migração intensiva dos produtos culturais e nos efeitos das novas construções discursivas da cultura urbana, o que só timidamente se efetiva em *34 Letras*. É necessário enfatizar, como vimos, que José já renunciara a inviabilidade de se agarrar aos preceitos da arte “cultura”, marcando o fim da revista, ainda que involuntariamente, com o debate “José no espelho”, ao tentar estabelecer critérios, normas, valores pelos quais a revista primária: seu dom é veneno.

Outro dado que me interessa pensar, mas que demandaria um trabalho além dos limites temporais desta dissertação, refere-se à análise específica da

⁶ *34 Letras*. “Editorial”, *34 Letras*, n.5/6, setembro, 1989, p.11.

poesia publicada nas duas revistas e, especialmente, à publicação dos "novos" poetas em *José* e em *34 Letras*. A pergunta poderia ser: por que, no primeiro caso, ao publicá-los, consideramos uma valorização desses "novos" poetas, uma aposta nesses "talentos", enquanto no outro caso falamos em quebra de hierarquias? A resposta parece estar nos bastidores, na medida que, em *José*, temos um grupo, os que fazem a revista, já possuidor de um capital simbólico, o que resulta no reconhecimento de uma autoridade ao esboçar suas escolhas. Podemos reconhecer aí o perfil do legislador em ação. Apesar disso, esta foi uma das "lebres" levantadas no polêmico debate "José no espelho"⁷: a de que a simples publicação de um poema isolado não se constituiria efetivamente numa aposta. No último número, uma "verdadeira aposta" aparece sob o título "Um poeta novo: Geraldo Carneiro", em que Jorge Wanderley, Luiz Costa Lima e Silviano Santiago escrevem ensaios que apresentam as peculiaridades da poética de Geraldo Carneiro, a que se seguem dez de seus poemas. Já em *34 Letras*, o que ocorre é uma espécie de auto-promoção, ou seja, os "novos" são, em grande parte, exatamente os mesmos que fazem a revista, inexistindo um critério de autoridade que os legitime. A estratégia, então, é a de dispor os "novos" com os que já são reconhecidos, estabelecendo-se a legitimidade por outros meios.

Uma das preocupações deste trabalho foi também a de refletir sobre a atuação do intelectual através da análise dos textos das revistas, verificando a crise de um modelo e a emergência de um outro, em concomitância à crise das vanguardas e dos valores estéticos da modernidade. Como já se assinalou, o questionamento da Razão universal e unificadora, a quebra da hegemonia dos discursos causada pela relativização dos paradigmas teóricos, a acachapante debilidade de qualquer princípio de legitimidade e universalidade em nossa sociedade é fator que tem contribuído para inviabilizar um modelo de intelectual, pelo menos tal como concebíamos esta figura clássica. Dentre seus atributos, era inerente a tarefa de legislar, definir o que era e o que não era arte, reconhecer o belo e o kitsch, tarefa, porém, cada vez mais árdua ou impraticável, quando as regras, os princípios e os valores literários deixam de ser predeterminados por alguma autoridade ou consenso.

⁷ Ferreira Gullar e Silviano Santiago abordam a questão e propõem que o conselho editorial tenha a coragem de apostar em certas pessoas. "José no espelho" Op.Cit. p.17.

Enquanto, em *José*, observou-se esta crise a partir dos debates, em *34 Letras* o texto de Silviano Santiago, "As escrituras falsas são", nos serviu para ler mais de perto o questionamento deste perfil e a entrada em cena de outros valores, como o pastiche e a fraude. Além disso, o texto de Silviano nos fornece subsídios para refletir sobre a atuação do crítico-intérprete.

Outro levantamento, que também poderia ser analisado detidamente em trabalho de maior amplitude, merece ser destacado nessas considerações finais: os autores mais freqüentemente citados no conjunto de textos, demonstrando, quantitativamente, as referências mais regulares de cada revista. É evidente que o critério quantitativo, pautado no número de ocorrências desses nomes no conjunto de textos, não apresenta resultados conclusivos em si mesmo; aponta direções e facilita pesquisas, necessitando, no entanto, de uma análise mais detida para verificar os critérios valorativos com os quais se trata determinado autor. Apesar disso, vejamos os dez autores mais freqüentemente citados em *34 Letras*: Martin Heidegger, Platão, Walter Benjamin, Jorge Luis Borges, Stéphane Mallarmé, Paul Valéry, Aristóteles, Friedrich Nietzsche, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Se compararmos com as referências promovidas pela *José*, observaremos, nesta, uma preponderância de poetas e escritores, sobretudo provindos do Modernismo brasileiro: Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Mallarmé, Mário de Andrade, James Joyce, Machado de Assis, Manuel Bandeira e T.S. Eliot, para citar os mais cotados. O predomínio de poetas já indica uma opção da revista pelo "especificamente literário", sendo que, nestes dados, também podemos ler o estabelecimento de uma linha de continuidade com a Semana de Arte Moderna. Este cânone da revista também expressa o caráter nacionalista da década de 70, sendo que, mesmo uma publicação voltada para um público leitor "mais erudito" não consegue romper as fronteiras da nacionalidade.

No *panthéon* de *34*, encontramos os autores de textos que questionam a história, a verdade, a língua, o ser, o tempo e o poder como sistemas totalizantes. Seus escritos proporcionam a emergência, poderíamos dizer, de uma nova ordem do discurso. Os fragmentos, os aforismas, as ficções, os questionamentos contundentes desses escritores e pensadores são emblemáticos para ilustrar a derrubada de fronteiras, realizada por seus textos e pretendida por *34 Letras*. Poder-se-ia objetar ainda que os pensadores e escritores que a revista toma como

paradigmas só vêm legitimar o esmaecimento das fronteiras lingüísticas, disciplinares, hierárquicas, denunciando a corrosão dos pilares nacionalistas e questionando os paradigmas positivistas. Porém, não se poder inscrever 34 como uma revista de depois da queda do muro (entre cultura letrada e indústria cultural), visto que vários indícios denunciam sua inscrição no circuito da cultura letrada, voltada aos pares. Obviamente, isso não se dá sem tensões.

No periódico, privilegia-se o enfoque da leitura da cultura, em detrimento do especificamente literário, abrindo espaço, por exemplo, ao enfoque da análise de histórias em quadrinhos. Enquanto a abordagem de outras temáticas, que não o especificamente literário, aparecia como tensão em *José*, em *34 Letras* promove-se este intercâmbio com outras áreas de forma mais tranqüila.

Uma das conclusões a que se pode chegar neste trabalho é a de que *34 Letras* assume o discurso do pluralismo, apostando nele como seu maior trunfo, porém atua com práticas disfarçadas. É pertinente sublinhar, antes de explicar tais práticas, os efeitos nocivos dessa mesma pluralidade democrática no periódico, ao acolher as inclinações da vertente experimentalista, dos alunos da PUC, de *José*, ou mais amplamente, da crítica universitária carioca, e do pós-estruturalismo francês. Diga-se de passagem, a teoria francesa, naquele momento, era a grande "vedete" no campo.

Ao propor um *patchwork* de tendências e estilos, a revista parece cair na armadilha do pluralismo, cuja problemática é delineada por Hal Foster com uma consciência aguda, ao analisar os fenômenos da arte contemporânea. O pluralismo é definido por Foster como

"uma situação que concede uma espécie de equivalência; arte de várias espécies passa a parecer mais ou menos igual — igualmente (des)importante. A arte se torna não uma arena de diálogo dialético, mas de interesses investidos, de seitas licenciadas: em lugar da cultura temos cultos. O resultado é uma excentricidade que conduz, tanto na arte quanto na política, a um novo conformismo: o pluralismo como instituição."⁸

Ao permitir todos os estilos, o pluralismo serve ao conformismo, abandona a contestação ao institucional e sugere uma "paralisa cultural, um *status quo*

⁸ FOSTER, Hal. Op.Cit. pp.35-36.

assegurado — elas [as múltiplas posturas] podem inclusive servir como biombo político". Ou ainda, como "biombo econômico":

"Com a vanguarda reduzida a um agente de inovação formal(ista) — à 'tradição do novo' — o mundo da arte foi consolidado como linha segura de produtos obsoletos. Em vez da seqüência histórica, agora confrontamos a formação estática: um bazar pluralista composto pelo indiscriminado substitui o showroom do novo. Como vale tudo, nada muda; e esta (conforme Walter Benjamin escreveu) é a catástrofe."⁹

O crítico demonstra como esse pluralismo não conduz a uma consciência aguda da diferença, mas antes a uma condição estagnadora de indiscriminação e indiferença. Observe-se o que foi dito: a revista parece cair na armadilha do pluralismo. De fato, cai, a meu ver, quando promove a equivalência¹⁰ de autores consagrados e desconhecidos, ao utilizar a estratégia de se auto-imputar um reconhecimento, como já mencionei, valorizado pela embalagem luxuosa e pelo discurso do elitismo. Tem aparência de "chic", de "alta" cultura, mas é preciso perceber o que se trata de embalagem. Afirmo também que a revista atua com práticas disfarçadas, que se constituem justamente no emprego de um discurso do pluralismo, abrigando as várias vertentes e linhagens, sendo que, numa análise mais detida, verificou-se que há uma preponderância e opção, no que se refere à poesia, por determinado cânone, sobretudo pelo que advém do concretismo. Seja nos poetas entrevistados, nos poemas traduzidos e em muitos ensaios, o que se detecta é um grande espaço, poderíamos dizer, uma reserva de mercado aos concretos. Nessa chave, o pluralismo aparece apenas como efeito discursivo.

Ainda sobre perspectiva da revista, ao adotar uma estratégia conciliadora de agrupar variadas tendências críticas, outras questões se nos impõem: não estaria respondendo com a lógica pluralista de reabsorver a arte radical ao mesmo tempo em que se entretém com a arte regressiva? Nostalgia de formas exaustas

⁹ Idem. *Ibidem*. p.46.

¹⁰ Não entro aqui no mérito de julgar a qualidade dessas produções, mas apenas identifico a estratégia de auto-promoção. A análise do material publicado pelos autores colaboradores "estrangeiros" ou "pouco conhecidos" mereceria uma abordagem mais aprofundada, o que não foi possível ser feito nesta dissertação.

com novos rótulos, destituída de consciência crítica? Ficam, por enquanto, as questões.

5. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. "A indústria cultural". In: COHN, Gabriel(org.) *Theodor W. Adorno*. Trad. Flávio R. Kothe e outros. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. "O ensaio como forma" In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno*. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1986, pp.167-187.
- ALLIEZ, Éric. *Da impossibilidade da fenomenologia: sobre a filosofia francesa contemporânea*. Trad. Raquel de Almeida Prado e Bento Prado Jr. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A licção do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ANTELO, Raul. (org.) *Declínio da arte – Ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1998.
- _____. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- _____. "Fins do moderno" In: *Travessia - revista de literatura*, n.31, Florianópolis, UFSC, ago/1995-jul/1996, p.5-21.
- ARANTES, Ofília, ARANTES, Paulo. *Um ponto cego no projeto moderno de Jurgen Habermas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ATHAYDE, Tristão de. "Síntese" In: *Lanterna Verde*, n.4, Rio de Janeiro, novembro, 1936, pp.85-98.
- BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974.
- _____. "Réquiem para Jorge Wanderley" In: *Cult – revista brasileira de literatura*, São Paulo, n.31, 2000.
- BARBOSA, Rita de Cássia. *O cotidiano e as máscaras*. Tese de doutorado, USP, 1984.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Antonio Gonçalves. Lisboa: Ed. 70, 1984.
- _____. *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Legisladores e intérpretes. Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENDA, Julien. "Palabras pronunciadas en la sesión de apertura del Congreso de intelectuales antifascistas (Valencia, 1937)" In: *Revista Debats*. Ed. Alfons el maganim, n.56, verão, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Lições da aula*. Trad. Egon de Oliveira Rangel. São Paulo: Ática, 1988.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Vega, 1993.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & Outras metas: ensaio de teoria e crítica literária*. 4.ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

- CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. "A síndrome do fim" In: *Travessia - revista de literatura*, n.31, Florianópolis, UFSC, ago/1995-jul/1996, p.23-32.
- _____. "Não há sol que sempre dure. Revistas literárias brasileiras: anos 70" In: *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis: UFSC, n.3, março, 1998.
- _____. "Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa", *Continente Sul Sur* – Revista do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, n.2, novembro, 1996, pp.111-120.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- CARVALHAL, Tania Franco (org.) *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: Ed. da Unisinos, 1996.
- CASULLO, Nicolás (org.) *El debate modernidad/pos-modernidad*. 3ª ed. Buenos Aires: Puntosur, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHIARETTI, Marcos. "34 Letras um cuidado gráfico e crítico" In: *Letras, Folha de S.Paulo*, Sábado, 1º de julho, 1989, p.2.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- DESCOMBES, Vincent. *Lo mismo y lo otro*. Trad. Elena Benarroch. Madri: Cátedra, 1982.
- DELEUZE, Gilles. *A dobra. Leibniz e o barroco*. Trad. Luiz B.L. Orlandi. Campinas: Papirus, 1991.
- DIMAS, Antonio. "Um suplemento carnudo" In: *Continente Sul Sur*, nº 2, novembro, 1996, Porto Alegre: IEL.
- EAGLETON, Terry. *Las ilusiones del posmodernismo*. Trad. Marcos Mayer. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- FABRIS, Annateresa (org.) *Modernismo e modernidade no Brasil*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1994.
- FORSTER, Ricardo. "El encogimiento de las palabras" In: *Babel. Revista de libros*. Buenos Aires: Puntosur S.R.L., Ano III, n.18, agosto 1990, p.28.
- FOSTER, Hal. *Recodificação. Arte, espetáculo, política cultural*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Trad. Antonio F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa Passagens: 1992.
- _____. *O pensamento do exterior*. Trad. Nurimar Falci. São Paulo: Princípio, 1990.
- _____. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- FREITAS FILHO, Armando. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Orgs.) *Ana Cristina Cesar. Correspondência incompleta*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.
- GLAUDES, Pierre; LOUETTE, Jean-François. *L'Essai*. Paris: Hachette, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- GUATTARI, Félix. "Impasse pós-moderno e transição pós-mídia", *Folhetim*, n.479, *Folha de S. Paulo*, 13 de abril de 1986, p.2-5.

- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960-1970*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. "Vista de hoje", in: *Revista do Brasil*, n.5. Rio de Janeiro: Secretaria Estadual da Cultura / RIOARTE, 1984.
- _____. "O espanto com a biotônica vitalidade dos 70", *Almanaque*, nº 10, 1979, p.43-53.
- _____. (org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- _____. *Anos 70 – Literatura*. Rio de Janeiro: Europa Ed., 1979.
- HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LIMA, Guilherme Cunha. *O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz – Montaigne, Schlegel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. "Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil" In: *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, pp.3-29.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- _____. *O pós-moderno explicado às crianças*. Trad. Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- MESSEDER, Carlos Alberto. "O novo network poético 80 no Rio de Janeiro" *Revista do Brasil*, vol. II, n. 5, Rio de Janeiro: Rioarte, 1986, pp.66-81.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- _____. "O processo de 'construção institucional' na área cultural federal (anos 70)" In: MICELI, Sergio (org.) *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984, pp.53-83.
- MORICONI, Italo. *Ana Cristina César: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- NADER, Wladyr. "Pauta" *Escrita – revista mensal de literatura*, São Paulo, n.1, 1975, p.3.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Retrato de época: poesia marginal anos 70*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.
- PONTES, Heloisa. *Destinos mistos: Os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RINCÓN, Carlos. *La no simultaneidad de lo simultáneo*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional, 1995.
- RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. Buenos Aires, Barcelona, Mexico: Paidós, 1995.
- RODRÍGUEZ, Luz. *El sueño de la razón*. Leiden, 1998.
- _____. "Argentina, años 90: el intelectual y los medios" In: *Continente Sul Sur*, nº 2, novembro, 1996, Porto Alegre: IEL, pp.23-34.

- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- _____. "A crítica literária nos jornais", in: *Nuevo texto crítico*, n.15/16, jul.94-jun.95, p.61-68.
- _____. "As ondas do cotidiano", *Folhetim, Folha de S. Paulo*, Domingo, 2 de agosto de 1981, pp.5-6.
- _____. "A pedagogia do novo museu" In: *Mais!, Folha de S. Paulo*, 30 de julho de 1995, p.5.
- _____. "Calidoscópio de questões" In: TOLIPAN, Sérgio et alii. *Sete ensaios sobre o Modernismo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.
- SARLO, Beatriz. "¿La voz universal que toma partido? Crítica y autonomía." In: *Punto de vista*, Buenos Aires, n.50, novembro, 1994.
- _____. *Cenas da vida pós-moderna*. Intelectuais, arte e video-cultura na Argentina. Trad. S. Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- _____. *Instantâneas. Medios, ciudad y costumbres en el fin de siglo*. Buenos Aires: Ariel, 1996.
- _____. ALTAMIRANO, Carlos. *Literatura/Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983.
- SENNA, Marta de. "34 Letras", *Nicolau*, ano III, n.26, Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura/ Imprensa oficial do Paraná, agosto, 1989, p.27.
- SOUZA, Eneida Maria de. "A teoria em crise" In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada - abralic*, n.4, Florianópolis, 1998, p.19-29.
- _____. "Tempo de pós-crítica" In: *Cadernos de Pesquisa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, n.20, novembro, 1994.
- _____. "Imagens da modernidade" In: *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- _____.; MIRANDA, Wander Melo(Orgs.) *Navegar é preciso... viver. Escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1993.
- _____. "Rodapés, tratados e ensaios" In: *Folhetim, Folha de S. Paulo*, n.514, São Paulo, 12 de dezembro de 1986, pp. 7-12.
- TELLES, Renata. "Glória póstuma: Almanaque objeto de estudo", UFSC, novembro, 1999.
- TRILLING, Lionel. *Literatura e sociedade*. Trad. Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: Ed. Lidador, s/d.
- VALDATI, Nilcéia. "A América Latina em Escrita", in: *Boletim de Pesquisa - NELIC*, Florianópolis, UFSC, n.2, 1997, pp.32-37.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VOLUME II - INDEXAÇÃO

1. CRITÉRIOS DE CATALOGAÇÃO

"Classificar consiste nos atos de incluir e excluir. Cada ato nomeador divide o mundo em dois: entidades que respondem ao nome e todo o resto que não. Certas entidades podem ser incluídas numa classe — tornar-se uma classe — apenas na medida em que outras entidades são excluídas, deixadas de fora. Invariavelmente, tal operação de inclusão/exclusão é um ato de violência perpetrado contra o mundo e requer o suporte de uma certa dose de coerção. Ela pode durar na medida em que o volume de coerção aplicada continuar adequado à tarefa de superar a extensão da discrepância criada."¹

Zygmunt Bauman

Os riscos do ato de classificar também são abordados no prefácio de *As palavras e as coisas*, no qual Michel Foucault revela que seu livro nasce de um texto de Borges. O referido texto inspirador cita "uma certa enciclopédia chinesa" que, ao propor uma classificação dos animais, apresenta as seguintes alternativas:

"a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas".²

A taxinomia provoca risos, visto que, explica Foucault, "a cada uma destas singulares rubricas podemos dar um sentido preciso e um conteúdo determinável", mas as categorias borgeanas nos remetem, com aguda ironia, aos paradoxos, alertando para a impossibilidade de uma relação estável entre conteúdo e continente.

Foucault relata que do riso e do mal-estar provocado por aquela absurda classificação nascia a suspeita de que há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação que não convém, e explícita, a partir daí, seu objetivo no livro, de tratar de uma história da semelhança, perseguindo a questão: "sob que condições o pensamento clássico pôde refletir, entre as coisas, relações

¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.11.

² Apud FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p.6.

de similaridade ou de equivalência que fundam e justificam as palavras, as classificações, as trocas?"³

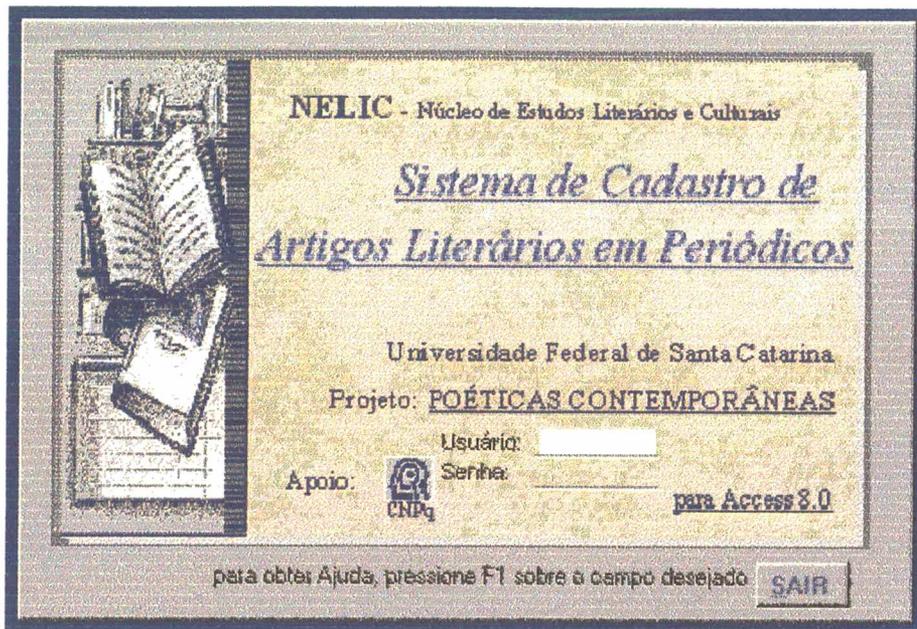
Por ora, o que me interessa na taxinomia borgeana é ilustrar a dificuldade de se estabelecer categorias e a distorção que pode provocar a classificação. Porém, se por um lado, reconhecemos as incongruências das classificações, por outro, estamos constantemente arrumando "gavetas" para classificar o que está a nossa volta. Neste trabalho, elas nos são úteis, na medida em que nos permitem organizar, ainda que de forma arbitrária, a vasta gama de textos publicados nos periódicos, material da pesquisa.

Ciente das limitações que comporta todo ato de classificação, pretendo expor aqui os critérios de catalogação dos textos que foram utilizados na primeira etapa deste trabalho. Acrescento que tais critérios são resultados de várias discussões entre os pesquisadores do Projeto Poéticas Contemporâneas e continuam sofrendo constantes ajustes para comportar diferentes revistas, com projetos editoriais e estéticos muito distintos. Assim, a metodologia de catalogação que se apresenta é aquela que se utilizava na fase de indexação dos artigos. Fazemos uso da planilha do banco de dados desenvolvida com o programa Access especialmente para o Projeto Poéticas Contemporâneas.

Mais um parênteses: segue-se ao Índice Geral das duas revistas, algumas estatísticas e gráficos resultantes da catalogação. Sem pretensão "científica", atento para o fato de que não considero os dados quantitativos resultados conclusivos, mas que inevitavelmente demandam uma leitura dos textos mais aprofundada.

³ Idem. Ibidem. p.14.

Planilhas do Banco de Dados:



Escolha do Periódico para Trabalho

Periódicos - (Editora)	N°	Vol	Mês	Ano	Artigos
Folhetim - (Folha de S. Paulo)	016		maio.	1977	9
José - Literatura, Crítica e Arte - (Fontana)	017		maio.	1977	11
Nicolau - (Imprensa Oficial do Estado do Paraná)	018		maio.	1977	12
Novos Estudos - (CEBRAP)	019		maio.	1977	12
Oitenta - (L&PM Editores)	020		jun.	1977	14
Polímica - (Editora Cortez & Moraes)	021		jun.	1977	13
Polímica - (Editora Moraes Ltda.)	022		jun.	1977	14
Polímica - (Ass. Cultural Polímica de Crítica e Criação)	023		jun.	1977	12
Praga - (Boitempo Editorial)	024		jul.	1977	17
Rebate de Pares - (Universidade Estadual de Campinas)	025		jul.	1977	13
Remate de Males - (Universidade Estadual de Campinas)	026		jul.	1977	13
Remate de Males - (Livraria Duas Cidades)	027		jul.	1977	14
Revista de Cultura Vozes - (Editora Vozes)	028		jul.	1977	12
Revista do Brasil - (Sec. da Ciência e Cultura)	029		agos.	1977	11
	030		agos.	1977	15

OK

[EDIÇÃO] - Folhetim.n. 537, maio, 1987

Página 1 | Página 2

Código: Idioma:

Ordem de Exibição: Entidade coletiva:

Título do Artigo: Página(s):

Subtítulo do Artigo:

Vocabulário Controlado: Nome pessoal como assunto:

▶ CONCAH	Viviana Bosl
* <input type="text"/>	

Palavras - Chave:

Registro: de 1

INCLUIR Autoras e Colaboradores

Registro: de 1

Registro: de 5

[EDIÇÃO] - Folhetim.n. 537, maio, 1987

Página 1 | Página 2

Notas de Resumo: Para melhor visualização de um duplo clique sobre o campo (Notas de Resumo ou Iconografia)

A autora analisa o mundo da imaginação criado pela poesia de Yeats, que, de acordo com sua análise, se afasta até mesmo perigosamente do mundo do real.

▶ BLAKE	William	1
MALLARME	Stéphane	1
PAES	José Paulo	1
WILSON	Edmund	3
MEIRELES	Cecília	2
SANZIG	Rafael	1
GOETHE	(Johann Wolfgang Von)	1
PLATÃO		2

Iconografia:

Tradutores:

Registro: de 12

INCLUIR Autores Citados

Registro: de 1

Registro: de 5

Os campos preenchidos na planilha do banco de dados são os seguintes:

Código: Código interno do programa, aparece devidamente preenchido.

Ordem de exibição: Ordem dos artigos catalogados.

Idioma: Campo que pode ser preenchido com as siglas apresentadas na base: POR - português, ITA - italiano, SPA - espanhol, FRE - francês, GER- alemão, RUS - russo, ENG - inglês, de acordo com a língua do artigo indexado. Há duas entradas para este campo, visto que determinados textos são acompanhados da tradução.

Entidade coletiva: Campo preenchido com o nome da revista quando o texto está sob sua responsabilidade. Ou seja, não aparece autor colaborador. É o caso de muitas apresentações ou editoriais. Pode aparecer também como o entrevistador (no caso em que os créditos são atribuídos ao nome do periódico).

Título do artigo: Título do artigo que está sendo catalogado (com letra maiúscula somente na primeira palavra). Em caso de vários títulos agrupados por um, prepondera o título geral. Nos casos em que o título geral não figura, indexar os títulos separados por barra /. Quando um poema não apresentar título, deve-se inserir o primeiro verso, entre aspas e com reticências no fim. Exemplifico: "não penses enquanto passa (...)". No caso da mesma ocorrência num texto em prosa, a mesma solução é empregada, reproduzindo-se as quatro primeiras palavras.

Subtítulo do artigo: Além dos subtítulos, este campo é usado para colocar as informações bibliográficas das resenhas indexadas. Estes últimos dados devem vir entre parênteses (), e o título da obra deve aparecer entre aspas, visto que não é possível utilizar nem o negrito nem o itálico.

Páginas: Número das páginas que o artigo ocupa; Ex: p. 11-13.

Vocabulário controlado: É preenchido com o tipo de artigo catalogado, a partir de um elenco pré-estabelecido (ver o item 2).

Nome pessoal como assunto: Campo preenchido somente quando o texto se refere a um(a) determinado(a) autor(a). O nome indexado neste campo também deve figurar como autor citado, visando facilitar as pesquisas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge.

Autores colaboradores: Autor(es) responsável(veis) pelo artigo. No caso das entrevistas, o nome do entrevistado e do(s) entrevistador(es) devem constar.

Palavras-chaves: Para cada texto indexado, são retiradas no máximo seis palavras-chaves (retiradas da listagem do banco de dados) (Ex.: literatura, cultura, Brasil, sociologia) Este campo não é preenchido quando se trata de ficção, poema, capa, HQ/Charge.

Resumo: Pequeno resumo ou descrição dos textos catalogados. Caso se mencione algum nome de obra, também utilizar as aspas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge.

SUGESTÃO: Utilizar os colchetes [] para informações complementares ao resumo.

Iconografia: Tipo de iconografia, autor (fotógrafo ou ilustrador), título da ilustração (entre aspas, caso conste) ou nome do fotografado, data (caso conste). Ex: Fotos, Zeca Feitosa, de José Saramago, 1988. Outro exemplo: Desenho, sem crédito, 1977.

Autores citados: Campo reservado aos autores que são citados nos artigos. Consta sempre o último sobrenome do autor. Ex: ASSIS, Machado de.

Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge.

Tradutor: Nome do tradutor, em caso de recorrência. Caso o texto seja traduzido, mas o nome do tradutor não figure no texto, digita-se sem crédito, com vistas a evitar distorções na pesquisa.

O índice geral que se apresenta a seguir é um dos relatórios resultantes da indexação, dispondo, no caso, as informações por ordem cronológica da publicação dos periódicos. Antes, exponho os critérios de indexação, seguindo a ordem do índice em questão:

1. Apresentam-se os dados bibliográficos do texto, na seguinte ordem: Sobrenome, nome do autor; Título do texto; Subtítulo do texto (caso exista); Tradutor (caso haja necessidade); Título do periódico; Número; Páginas (do texto); Data.

- 1.1. Caso o texto não venha assinado, convencionou-se atribuir a autoria ao periódico.
- 1.2. Na indexação do nome do autor, utiliza-se a listagem de autores disponível da Base de dados, inviabilizando que o pesquisador seja fiel às assinaturas dos textos nos periódicos. Por este motivo, o item 5.2. se constitui como uma opção para esclarecimentos a propósito destas.
- 1.3. Nas entrevistas, os nomes do(s) entrevistador(es) e do entrevistado(a) constarão como autores do texto.
- 1.4. No caso das resenhas, o subtítulo é preenchido com os dados da obra resenhada entre parênteses.
- 1.5. No caso da publicação de vários poemas de um mesmo autor, seguem-se os seguintes critérios: se houver um título que os agrupe, mantém-se o mesmo neste campo e citam-se os títulos no resumo; caso apresentem-se somente os títulos dos poemas, estes devem entrar separados por uma barra (/), obedecendo à pontuação dos mesmos.
- 1.6. Quando um poema não apresentar título, opta-se por inserir neste campo o primeiro verso, entre aspas e com reticências no fim. Exemplifico: "não penses enquanto passa (...)".

No caso da mesma ocorrência num texto em prosa, a mesma solução é empregada, reproduzindo-se as quatro ou cinco primeiras palavras. Cabe aqui uma ressalva. Neste trabalho, optou-se por excetuar dessa regra as resenhas sem título, visto que o subtítulo sempre estará preenchido.

2. O campo Vocabulário controlado é preenchido com a "tipologia" dos textos. Este item merece uma explanação mais detalhada, visto que demandou um aprofundamento teórico de conceitos que discriminam determinados tipos de textos. É importante salientar que a escolha desses termos foi pautada num estudo da diversidade de textos e rubricas dos periódicos, e procurou-se eleger algumas tipologias que dessem conta da volumosa variedade classificatória que constava nas revistas. No intuito de possibilitar o cruzamento dos dados, optou-se pela adoção de um mesmo princípio de classificação para os artigos de todos os periódicos, ainda que seja possível, durante o processo, a revisão e a inserção de alguma "nova" tipologia, caso o nosso arbitrário princípio não dê conta de algum artigo. Atualmente, este campo oferece as seguintes possibilidades: Apresentação (de textos, da revista ou de autores), Poema, Resenha, Reportagem (noticiário sobre determinado assunto), Cartas do leitor, Correspondência (publicação de carta de valor documental), Depoimento (textos que dão testemunho), Entrevista, Ficção (contos, fragmentos de romance, novelas, peças teatrais ou crônicas), Editorial (texto que exprime a opinião do órgão), Informe (breves informações, notas), HQ/Charge (histórias em quadrinhos ou charges) e Ensaio. Acrescenta-se, ainda, nos casos em que se trata de resenha ou ensaio, um segundo termo que especifica a disciplina abordada no artigo. No momento, constam no banco de dados as seguintes alternativas: Antropologia, Bibliologia, Ciência, Comunicação, Cultura, Economia, Educação, Esporte, Filosofia, História, Linguística, Literatura, Política, Psicologia, Psicanálise, Sociologia.

3. No terceiro campo (Palavras-chaves), preenchido quando se trata de ensaio, resenha, entrevista, correspondência, reportagem ou apresentação, o pesquisador elenca as palavras-chave do texto, visando possibilitar futuras pesquisas a partir de um determinado termo.

4. O Nome pessoal como assunto deve ser preenchido nos casos em que o texto trate especificamente de um(a) determinado(a) autor(a).

5. É feito um resumo do texto, sempre que se trate de outro gênero, que não o poema, a ficção, o HQ ou a charge.

5.1. O campo (Resumo) também deve ser utilizado para as notas de publicação, notas explicativas, local e data, que porventura constem nos textos. Tais indicações devem aparecer depois dos resumos, entre colchetes.

5.2. Este campo também serve para adicionar informações que indiquem assinaturas dos textos que não correspondam ao nome do(a) autor(a) indexado no primeiro campo. Este e qualquer outro dado complementar que o pesquisador desejar inserir, deverá vir entre colchetes []. Exemplificativo: [O autor do texto assinou como JW.] No caso, trata-se de um texto de Jorge Wanderley.

Indica-se, da mesma forma, os textos e poemas cuja publicação for bilíngüe: [Publicação bilíngüe.]

5.3. Os títulos de obras artísticas (livros, filmes, peças de teatro, telas, esculturas, etc) virão entre aspas, devido à impossibilidade de se empregar o itálico na base de dados. O mesmo acontece no caso de títulos de artigos citados no resumo e títulos de obras resenhadas.

6. No campo Autores citados, utiliza-se a listagem de autores da Base de dados, que está em processo de constante revisão. Convencionou-se que este campo é preenchido quando houver ocorrências de citação a um(a) autor(a), salvo em poemas, ficções, HQ, Charge. No caso de dedicatórias, não se considera o(a) autor(a) citado(a).

7. O campo Iconografia é preenchido sempre que houver necessidade. Neste trabalho, particularmente, opta-se pela seguinte descrição: Tipo de iconografia (Foto, Caricatura, Ilustração, etc); crédito (autor(a) da foto ou ilustração); título ou data (se houver), entre aspas. No caso das fotos de personalidades, não havendo título, coloca-se o nome do fotografado; noutros casos, opta-se por uma breve descrição.

7.1. Havendo publicidade, deve-se mencionar neste campo de Iconografia.

2. ÍNDICE GERAL — José — Literatura, Crítica & Arte

HOLANDA, Gastão de. "José é uma revista criada (...)". *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.1, jul., 1976.

Vocabulário controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Periodismo

Notas de resumo: O editor faz a apresentação do primeiro número da revista José, que surge num momento especial das letras brasileiras, com a proposta de testemunhar a produção intelectual e refletir sobre esta. Gastão de Holanda afirma que a publicação deste periódico é o primeiro passo da proposta, que significa a busca de uma fisionomia.

*

BARATA, Mario. (MENDES, Murilo. "Antologia poética." Rio de Janeiro: Fontana/MEC, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.2, jul., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: MENDES, Murilo

Palavras-chave: Brasil; Poesia

Notas de resumo: O texto percorre algumas passagens da vida de Murilo Mendes, para tratar dos textos que compõem a Antologia. O livro, de acordo com a resenha, reúne poemas que revelam a totalidade cultural e integração humana do poeta.

Autores citados: MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; MERQUIOR, José Guilherme; MIRÓ, (Joan); MONTEVERDI, Claudio; MOZART, Wolfgang Amadeus; SILVA, Ariosvaldo Vieira da; NERY, Ismael; CHAGALL, Marc; MEIRELES, Cecília; MACHADO, Aníbal; PIRANESI; SAUDADE, Maria da.

*

FROTA, Lélia Coelho. (SILVA, José Antonio da. "Alice." São Paulo: Livraria Duas cidades, 1972). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.2, jul., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Romance; Década de 70

Notas de resumo: De acordo com o texto, a obra do pintor e escritor José Antonio da Silva reflete o processo dinâmico da mudança social, a influência da urbanização no meio agropastoril. A autobiografia de Silva - "Alice", exhibe um realismo cabloco, uma religiosidade categórica e profunda: de conteúdo realista ao mesmo tempo que fantástico.

Autores citados: SILVA, José Antônio da; MOUTINHO, Nogueira; ROSA, Guimarães.

*

CARPEAUX, Otto Maria; LIMA, Luiz Costa; LEITE, Sebastião Uchôa. Otto Maria Carpeaux. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.3-9, jul., 1976.

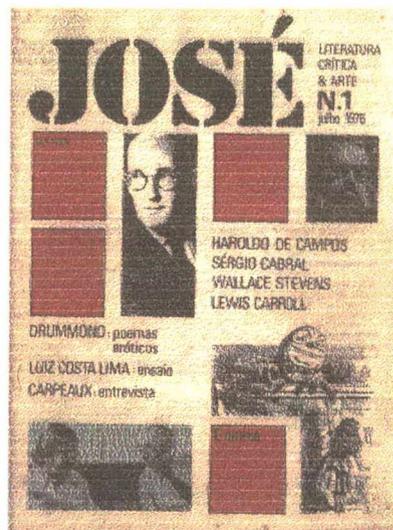
Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Palavras-chave: Crítica; Filosofia; História; Política; Censura; Década de 70; Literatura

Notas de resumo: Passados 37 anos de sua chegada ao Brasil, o escritor Otto Maria Carpeaux responde algumas questões relativas à literatura, artes, filosofia, história e política. Carpeaux recusa-se a falar de sua biografia, preferindo discorrer sobre as tendências da crítica e a fragmentação dos movimentos literários. Aborda também a questão da censura e da atividade jornalística.

Autores citados: ALIGHIERI, Dante; BAUDELAIRE, Charles; BOSSUET, Jacques-Benigne; BRECHT, Bertolt; COLERIDGE, Samuel Taylor; SANCTIS, Francesco de; ELIOT, T. S.; MÁRQUEZ, Gabriel García; JOYCE, James; KAFKA, Franz; LUTERO, Martinho; MALRAUX, André; MANN, Thomas; MAQUIAVEL, Nicolau; MAURRAS, Charles; MOZART, Wolfgang Amadeus; MUSIL, Robert; PAZ, Octavio; PROUST, Marcel; SARTRE, Jean-Paul; SCHOENBERG, Arnold; SHAKESPEARE, William;



WAGNER, Richard; WEISS, Peter; WITTGENSTEIN, Ludwig; ZOLA, Émile; SIMENON, Georges; CORTÁZAR, Julio; HEGEL; VICO, Giambattista; CHATEAUBRIAND, François René; KLEE, Paul; ALVARO, Corrado; HOCHHUTH, Rolf; KIPPHARDT, Heinar; JAKOBSEN, Jens Peter; BEETHOVEN, Ludwig van; HOMERO; BACH, Johann Sebastian; BECKETT, Samuel; ROSA, Guimarães; ALAS, Leopoldo.

Iconografia: Fotos, Pedro Oswald Cruz, de Carpeaux e Luiz Costa Lima.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. Esta faca/ Tenho saudades de uma dama/ Sob o chuveiro amar. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.10-11, jul., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Poemas inéditos na época da publicação.]

Iconografia: Desenho, Mauro dos Guaranys.

*

FROTA, Lélia Coelho. Menino deitado em alfa. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.12, jul., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta dedicatória: "Para João Emanuel".]

*

HOLANDA, Gastão de. Imagens/ Lagoa Rodrigo de Freitas/ Das opções metafísicas/ Autopescaria/ Recusa informal. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.13, jul., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

STEVENS, Wallace. The snow man/ O homem da neve. Trad. Jorge Wanderley. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.14, jul., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota biográfica de Wallace Stevens, por Jorge Wanderley.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Wallace Stevens.

*

MELO, José Laurenio de. Muss - Pound O'Lini. (a limerick in Basic English). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.14, jul., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota explicativa deste tipo de poema (limerick).]

*

LIMA, Luiz Costa. O sistema intelectual brasileiro. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.15-17, jul., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Teoria literária; Década de 70; Intelectual

Notas de resumo: O texto esboça o quadro do sistema intelectual brasileiro da década de 70, aborda as incapacidades deste sistema e reconhece o maniqueísmo praticado e o moralismo paternalista vigente, o que possibilita uma interessante discussão do papel dos intelectuais e dos próprios leitores. [Consta epígrafe de Ricardo Ramos.]

Autores citados: ALENCAR, José de; AMADO, Jorge; AMARAL, Tarsila do; ANDRADE, Oswald de; BARBOSA, João Alexandre; CANDIDO, Antonio; GALVÃO, Walnice Nogueira; MACEDO, Joaquim Manoel de; ASSIS, Machado de; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; VERÍSSIMO, José; ARISTÓTELES; LÉVI-STRAUSS, Claude; FOUCAULT, Michel; HEGEL; RAMOS, Ricardo; LACAN, Jacques; MACHADO, (Antônio de) Alcântara.

Iconografia: Publicidade, livro de Dante Alighieri.

*

BULHÕES, Antonio. Milagre. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.18-20, jul., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Publicidade, livro de Dante Alighieri, da Ed. Fontana.

*

WANDERLEY, Jorge. Com as melhores famílias. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.21-22, jul., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

LEITE, Sebastião Uchôa. Humpty Dumpty: poder e palavra. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.23-24, jul., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CARROLL, Lewis

Palavras-chave: Poder; Linguagem; Ficção; Nonsense

Notas de resumo: O autor analisa o capítulo "Humpty Dumpty" de "Through the looking-glass", escrito por Lewis Carroll. O texto trata dos diálogos de Alice com Humpty Dumpty e o considera a imagem do poder autoritário.

Autores citados: FREUD, Sigmund; CARROLL, Lewis; GARDNER, Martin; PARISOT, Henri.

*

CARROLL, Lewis. Humpty Dumpty. Trad. Sebastião Uchôa Leite. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.24-27, jul., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota explicativa: o capítulo faz parte de uma tradução completa dos textos de "Alice in wonderland" e "Through the looking-glass", a serem publicados num mesmo volume, dirigido ao público adulto.]

Iconografia: Ilustração, s/crédito, "Humpty Dumpty".

*

LOBO, Luiza; SOUSÂNDRADE, Joaquim de. A visão antecipadora de Sousândrade. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.28-30, jul., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: SOUSÂNDRADE, Joaquim de

Palavras-chave: Modernismo; Índio; Romantismo; Literatura

Notas de resumo: A autora faz uma explanação de seus estudos sobre os artigos de Sousândrade, mais especificamente uma de suas primeiras contribuições à Revista Ilustrada do Século - O Novo Mundo, a qual abordava o estado dos índios no vale do Amazonas, e que revela o olhar crítico e a visão antecipadora do escritor. Após o texto da autora, publica-se um artigo de Sousândrade, que tem a forma de uma carta aberta ao Imperador, na qual expõe seus posicionamentos.

Autores citados: ALENCAR, José de; ANCHIETA, José de; CAMPOS, Augusto de; FRANCO, Francisco de Melo; MONTAIGNE; MONTESQUIEU; MORUS, Thomas; RABELAIS, François; SODRÉ, Nelson Werneck; VELOSO, Caetano; VIEIRA, (Pe.) Antonio; LÉVI-STRAUSS, Claude; ALVES, Castro; DIDEROT, Denis; ROUSSEAU, Jean-Jacques; D'EVREUX, Yves; GAMA, Basílio da; DURÃO, Santa Rita; CAVALHEIRO, Edgar; LEVAL; MOCQUET; PIGAFFETA; ROTTERDAM, Erasmo de; NÓBREGA, Padre Manoel da; CALDAS, Sousa; MACHADO, (Antônio de) Alcântara.

Iconografia: Publicidade, livro "O interior da matéria".

*

CAMPOS, Haroldo de. Luz: escrita paradisíaca. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.31-34, jul., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Teoria literária; Tradução; Literatura

Notas de resumo: O ensaio trata da tradução da "Canzone", de Guido Cavalcanti, feita em duas versões por Ezra Pound. O texto procura estabelecer relações entre os escritos de Dante e de Cavalcanti, visto que Pound também se apropriou da entretela dialógica dos textos de ambos autores. [Consta nota explicativa: o ensaio, escrito em São Paulo, 1975, precede a tradução de "6 Cantos do Paraíso", de Dante Alighieri, a ser publicado.]

Autores citados: ALIGHIERI, Dante; BENSE, Max; ECO, Umberto; ELIOT, T. S.; MALLARMÉ, Stéphane; POUND, Ezra; BROWN, Norman O.; VIRGÍLIO; LOTMAN, Iúri; BENJAMIN, Walter; CAVALCANTI, Guido; GROSSETESTE, Roberto; KANDINSKI; VANTONGERLOO; HOCKE, Gustav René; BORGES, Jorge Luis.

Iconografia: Foto, Pepeu, de Haroldo de Campos.

*

DANIEL, Arnaut; BERRY, André; KOMACHI; BHARTHART. Três níveis do hermetismo poético.

Trad. Joaquim Cardozo. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.34-36, jul., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota explicativa: Joaquim Cardozo procura analisar brevemente alguns gêneros de hermetismo que existem na poesia, através do exame de algumas estrofes das mais antigas literaturas, desde o poeta Bhartrhart, que viveu provavelmente no século VII, até Arnaud Daniel, trovador do século XII.] [Publicação nas línguas de origem e algumas traduções.]

*

CORIOLANO, Paulo de Araújo. Hermilo Borba Filho (1917 - 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.36-37, jul., 1976.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Nome pessoal como assunto: BORBA FILHO, Hermilo

Palavras-chave: Biografia; Teatro

Notas de resumo: O texto relata a biografia do escritor Hermilo Borba Filho, por ocasião de seu falecimento. Após enumerar suas principais obras, o texto enfatiza a participação ativa de Hermilo no processo cultural do país.

Autores citados: SUASSUNA, Ariano; VERÍSSIMO, Érico; BORBA FILHO, Hermilo.

Iconografia: Fotos, s/crédito, Reunião dos estudantes de Direito, entre os quais se encontra Hermilo Borba Filho.

*

CABRAL, Sérgio. A música conta a história. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.38-41, jul., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Política; Censura; Música

Notas de resumo: Sérgio Cabral reúne alguns trechos de músicas do início deste século que ilustram passagens da situação política e acontecimentos peculiares de nosso país. O autor enfatiza que a dificuldade de ler a política através da música se dá no momento em que a censura vigora.

Autores citados: BABO, Lamartine; SANTOS, Ernesto dos (Donga); SILVA, José Barbosa da (Sinhô); BARROSO, Ary; BATISTA, Wilson; LIRA, Marisa; NEVES, Eduardo das; PERNAMBUCO, João; DUARTE, Felipe; SAMPAIO, Luiz Nunes; FREIRE JUNIOR; SOUTO, Eduardo; LOBO, Haroldo; ROBERTI, Roberto; VIANA, Elpidio; TRIGUEIRO, Nelson; ALENCAR, Cristovão de; BARBOSA, Paulo; LACERDA, Benedito; MARTINS, Roberto; BLANCO, Billy; MESQUITA, F.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Ernesto dos Santos; José Barbosa da Silva; Getúlio Vargas e músicos.

*

JUCÁ, Cecília. Livro: objeto gráfico. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.42-43, jul., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Bibliologia

Palavras-chave: Design; Livros; Arte gráfica

Notas de resumo: O texto expõe alguns princípios normativos da impressão gráfica no Brasil, visando possibilitar um melhor nível dos produtos gráficos e contribuir para equacionar a problemática editorial.

Autores citados: MELO NETO, João Cabral de; MONTEIRO, Vicente do Rego; MELO, José Maria de Albuquerque; MAIA, Pedro Moacyr; MONTEIRO, Salvador.

*

MELO, José Laurenio de. As artes de reprodução - I. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.43-45, jul., 1976.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Palavras-chave: Bibliologia; Livros

Notas de resumo: O autor escreve uma nota biográfica de Orlando da Costa Ferreira e apresenta o ensaio de Orlando, que tem o intuito de oferecer ao leitor um panorama das artes de reprodução no Brasil. Melo aborda a trajetória de Orlando, suas principais obras e a contribuição de seus estudos.

Autores citados: MALLARMÉ, Stéphane; CAMPOS, Renato Carneiro; HOLANDA, Gastão de; FERREIRA, Orlando da Costa; MAGALHÃES, Aloísio; MORISON, Stanley; WARDE, Beatrice;

THOME, Jules-René; LACOMBE, Américo Jacobina.
Iconografia: Foto, s/crédito, de Orlando da Costa Ferreira.

*

FERREIRA, Orlando da Costa. As artes de reprodução - I. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº01, p.45-48, jul., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Bibliologia

Palavras-chave: Bibliologia; Livros; Arte gráfica; Técnica

Notas de resumo: Neste ensaio, o autor confronta as diversas acepções da arte gráfica, relatando a história das artes de reprodução. A partir do relato das técnicas de reprodução empregadas em outros países, o texto busca ilustrar o desenvolvimento das artes gráficas no Brasil, refletindo sobre as implicações dessas tendências.

Autores citados: BACON, Francis; GASSET, José Ortega y; VALÉRY, Paul; MORISON, Stanley; WARDE, Beatrice; BELLO, Oliveira; GONÇALVES, José Maria; PERNIN, A.; BAUDRY, Georges; KIRCHNER, Joachim; MUNRO, Thomas; SOARES, Ernesto; ROBBES, Pierre; BLANCHARD, Gerard; CARTER, Thomas Francis; BLUTEAU, Raphael; PORTA, Frederico; RUBLI, Willy; AULETE, Caldas; COGNIAT, Raymond; VOX, Maximilien.

Iconografia: Publicidade, Assinatura de José.

LIMA, Luiz Costa; WANDERLEY, Jorge; CESAR, Ana Cristina; LEITE, Sebastião Uchôa; AUGUSTO, Eudoro; CARNEIRO, Geraldo; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Debate: poesia hoje. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.2-9, agos., 1976.

Vocabulário controlado: DEBATE

Palavras-chave: Cultura alternativa; Década de 70; Poesia; Movimento literário; Literatura

Notas de resumo: Debate no qual os participantes discutem a Antologia 26 poetas hoje, livro organizado por Heloisa Buarque de Hollanda. Os convidados e o conselho editorial da revista questionam a origem da nova poesia dita marginal, seu embasamento gerador, suas características e relações com outros movimentos, sobretudo da década de 70.

Autores citados: ALVIM, Francisco; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BLAKE, William; BOSI, Alfredo; MAIAKÓVSKI, Vladímir; MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; PAZ, Octavio; SANTOS, Adauto de Souza;

SCHWARZ, Roberto; VILHENA, Bernardo; WHITMAN, Walt; CHACAL; KEROUAC, Jack; ALVES, Castro; TAVARES, Zulmira Ribeiro; SALDANHA, Carlos Felipe; HUGO, Victor; RAUSCHENBERG, Robert; SALOMÃO, Waly; LOWELL, Robert; PIVA, Roberto; RAMOS, Ricardo; FERLINGHETTI, Lawrence; TORQUATO NETO; AZEVEDO, Álvares de; FREITAS FILHO, Armando; ABREU, Casimiro de.

Iconografia: Fotos, s/crédito, Livro; dos participantes do debate. Publicidade, assinatura José.

*

LOBO, Luiza. O truta trauteador. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.10-11, agos., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Desenho, Rico.

*

COUTINHO, Edilberto. O último dia. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.12-13, agos., 1976.

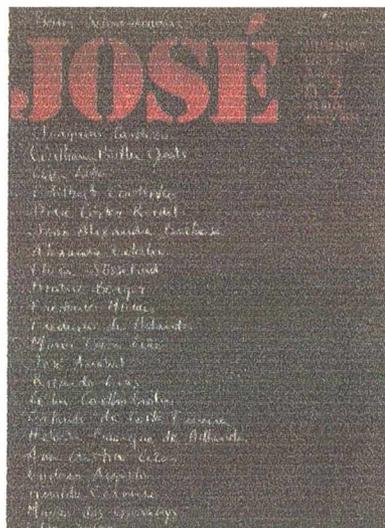
Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta epígrafe de Pablo Neruda.]

*

WANDERLEY, Jorge. Notícias de lá. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.13-15, agos., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO



Iconografia: Desenho, Rico.

*

FERREIRA, Orlando da Costa. As artes de reprodução - II. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.15-18, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Bibliologia

Palavras-chave: Livros; Arte gráfica; Técnica; Bibliologia

Notas de resumo: Nesta segunda parte do ensaio, cuja introdução se encontra publicada na revista n.1, o texto aborda as classificações, elaboradas por diversos autores, dos processos das artes de reprodução. O autor discorre sobre estes processos e suas variantes, comparando os estudos já realizados nesta área.

Autores citados: BAUDRY, Jean Louis; KIRCHNER, Joachim; BLUTEAU, Raphael; PORTA, Frederico; BUONOCORE, Domingo; FREER, Percy; MACHADO, José Pedro; SICLUNA, V. Martinez; CERDEIRA, Eleuterio; FUMAGALLI, Giuseppe; RODRIGUES, Francisco de Assis; LEMOS, Maximiliano; PINTO, Américo Cortez; HOSTETTLER, Rudolf; THOMPSON, Anthony.

*

YEATS, William Butler. The second coming/ A segunda vinda. Trad. Jorge Wanderley. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.19, agos., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota biográfica de William Butler Yeats (1865-1939), por Jorge Wanderley.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Yeats.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. A gosma do cosmo/ Biografia de uma idéia/ Encore/ Não me venham com metafísicas. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.20, agos., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Constam as datas: 1972, 1976, 1973, 1972, respectivamente.]

*

SAVARY, Olga. Estame/ Lavra. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.21, agos., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta a referência: Do livro inédito - "Repertório selvagem".]

Iconografia: Desenho, Mauro dos Guarany's.

*

CARNEIRO, Geraldo. Calypso/ Jardim das delícias/ Before the fireplace. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.22, agos., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

HOLANDA, Gastão de. Nossa alma. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.23, agos., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Desenho, Angelo Venosa.

*

CARDOZO, Joaquim. Beijo italiano/ Tereza era uma fonte/ Canção para um fim de abril. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.24-25, agos., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Maria Luiza Leão.

*

HOLANDA, Frederico de. O centro urbano de Brasília. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.26-31, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Arquitetura; Urbanismo; Cidade

Notas de resumo: O autor faz uma análise do Centro Urbano do Plano Piloto de Brasília, a partir da explanação de algumas posições sobre os centros das cidades em geral e do rebatimento deste referencial teórico sobre o caso de Brasília. Após a identificação dos principais problemas dos centros urbanos, o texto propõe algumas hipóteses para a reestruturação do espaço em estudo, na busca de qualidade de vida urbana. [Consta epígrafe de Guimarães Rosa.]

Autores citados: FURTADO, Celso; SINGER, Paul; VENTOS, Xavier Rubert de; LABASSE, Jean; DELFANTE, Charles; SOUCY, Claude; LYNCH, Kevin; BERRY, Brian; McLUHAN, Marshall.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Brasília.

*

ARRABAL, José. À margem de "O porco ensangüentado". *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.31-33, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Crítica; Teatro; Dramaturgia; Brasil

Notas de resumo: O texto faz uma crítica à peça "O porco ensangüentado", de Consuelo de Castro, considerando-a vaga por abordar uma problemática sob perspectiva moralista, sem nenhum questionamento do papel histórico desta mesma moral que o texto toma como parâmetro do bem viver. O autor propõe três reflexões a respeito da obra: a moral existindo como dado de poder, o teatro preocupado em registrar a decadência dos extratos sociais dominantes como elemento dramático e a oposição maniqueísta que a peça exhibe.

Autores citados: BRECHT, Bertolt; SCHILLER, Friedrich; CASTRO, Consuelo de.

Iconografia: Publicidade, de livros da Ed. Fontana.

*

BARBOSA, João Alexandre. Re-visando Augusto dos Anjos. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.33-35, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ANJOS, Augusto dos

Palavras-chave: Crítica; Poesia; Brasil

Notas de resumo: O texto analisa o trabalho de Zenir Campos Reis, que se propõe a fazer uma releitura de Augusto dos Anjos (REIS, Zenir Campos. "Augusto dos Anjos: pressupostos para uma revisão crítica" São Paulo: Ed. Ática). Nesta releitura, Zenir Campos Reis faz uma revisão da obra do poeta, fornecendo ao leitor um novo texto e a redescoberta de Augusto dos Anjos. [Consta nota explicativa: o texto servirá de prefácio ao livro citado, a ser editado pela Ática.]

Autores citados: ANJOS, Augusto dos; BENN, Gottfried; CARPEAUX, Otto Maria; ELIOT, T. S.; HOUAISS, Antonio; JAUSS, Hans Robert; MARINETTI; MELO NETO, João Cabral de; REIS, Zenir Campos; ROSENFELD, Anatol; TRAKL, Georg; KILKERRY, Pedro; TRILLING, Lionel; SOBRINHO, Maranhão; ROSAS, Ernani; VERDE, Cesário; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; ADORNO, T. W..

*

RIEDEL, Dirce Côrtes. Do conto hoje. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.35-38, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Conto; Década de 70

Notas de resumo: O texto faz uma reflexão sobre o conto brasileiro daquele momento. Partindo do pressuposto de que freqüentemente os valores sócio-culturais não são discutidos no texto, mas questionados pelo próprio leitor, Riedel propõe a análise de três narrativas: "Presepe", "O edifício" e "Feliz ano novo"; observando a linguagem, as personagens, os espaços e as reflexões de cada conto.

Autores citados: CAMÕES, Luiz Vaz de; DOSTOIEVSKI; DRUMMOND, Roberto; FONSECA, Rubem; GUMBRECHT, Hans Ulrich; ASSIS, Machado de; PICASSO, Pablo; TREVISAN, Dalton; RUBIÃO, Murilo; MAUPASSANT, Guy de; BALZAC, Honoré de; ROSA, Guimarães.

Iconografia: Publicidade, Livro da Ed. Fontana.

*

BORGES, Beatriz; SUSSEKIND, Flora. Três tristes tigres: um blasfemo jogo de espelhos. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.39-44, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: INFANTE, Guillermo Cabrera

Palavras-chave: Crítica; Tradução; Literatura

Notas de resumo: Visto que a tradução de "Três tristes tigres", de Guillermo Cabrera, estava para ser publicada em português, as autoras procuraram analisar a obra evidenciando a reunião e tematização das diversas linguagens artísticas de nosso tempo presentes no

romance. Neste estudo, aproximaram "Alice in Wonderland" e "Through the looking-glass", de Lewis Carroll, da obra de Cabrera, ressaltando as referências e semelhanças de várias passagens. [As autoras eram, na época, alunas do curso de graduação de Letras da PUC do Rio.] [Consta epígrafe de Borges.]

Autores citados: CARPENTIER, Alejo; DELEUZE, Gilles; FAULKNER, William; INFANTE, Guillermo Cabrera; JOYCE, James; KAFKA, Franz; LIMA, (José) Lezama; MALLARMÉ, Stéphane; PROUST, Marcel; QUIROGA, Horacio; WITTGENSTEIN, Ludwig; CARROLL, Lewis; STENDHAL, (Pseud. de Henri-Marie Beyle); BORGES, Jorge Luis.

Iconografia: Publicidade, Opinião.

*

LEÃO, Maria Luiza. José - Literatura, Crítica & Arte. Maria Luiza Leão. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.45-47, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Surrealismo; Pintura; Artes plásticas

Notas de resumo: Maria Luiza Leão concede uma entrevista à revista José e fala de sua formação artística, das influências de sua pintura, do processo criativo e de sua paixão pela literatura. A artista plástica discorre também sobre o valor das influências e o caráter da comunicação na arte. [Consta nota introdutória por Gastão de Holanda.]

Autores citados: CHARDIN, Teilhard de; FRANCESCA, Piero Della; GOYA, (Francisco José de); MALRAUX, André; MATISSE, Henri; MONDRIAN; MORANDI; PICASSO, Pablo; POLLOCK, Jackson; POMPEIA, Raul; PORTINARI, Candido; PROUST, Marcel; SATIE, Erik; BONNEFOY, Yves; CHAGALL, Marc; ALMEIDA, Manuel Antônio de; CAMUS, Albert; AZEVEDO, Álvares de; FOURNIER, Allain; RADIGUET, Raymond; BIANCO, Enrico; BRUEGHEL; BULFINCH; VERMEER; HOLBEIN; BALTHUS; BRAQUE, Georges.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Maria Luiza Leão e uma de suas telas.

*

MORAES, Frederico. Vocaçãõ construtiva na arte brasileira. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.47-50, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Arquitetura; Modernismo; Barroco; Construtivismo

Notas de resumo: O texto reflete sobre a vocação construtiva na arte brasileira, analisando esta característica na cultura popular, no barroco e no modernismo. O ensaio levanta algumas questões teóricas e históricas da arte construtiva no Brasil, citando exemplos da literatura, pintura, escultura e arquitetura, na discussão das razões dessa vontade de ordem.

Autores citados: AMARAL, Tarsila do; BRECHERET, Victor; CASTRO, Amílcar de; CLARK, Lygia; CORDEIRO, Waldemar; LE CORBUSIER, (Pseud. de Charles Édouard Jeanneret); LÉGER, Fernand; MELO NETO, João Cabral de; MIRÓ, (Joan); OITICICA, Hélio; VOLPI, Alfredo; WARCHAVCHIK, Gregori; WRIGHT, Frank Lloyd; PEVSNER, N.; MONTEIRO, Vicente do Rego; GUIGNARD, Alberto da Veiga; BRANCUSI, Constantin; BILL, Max; CAMARGO, Iberê; MACHADO, Lourival Gomes; PAPE, Ligia; OHTAKE, Tomie; GABO, Naum; KUH, Katharine; WEISSMANN, Franz; ARATOV; MAGNO, Montez; WORRINGER, Wilhelm; VALENTIM, Rubem; GASPARIANI, Graziano; VIEIRA, Mary; CHESCHIATI; PEDROSA, José; BREST, Jorge Romero; CALI, François; COLLARES, Raimundo; READ, Herbert; GOGH, Vincent Van; CÉZANNE, Paul.

Iconografia: Foto, s/crédito, Obras de Ascânio Monteiro, Rubem Valentim e Franz Weissmann.

Publicidade, Graphos.

*

EULÁLIO, Alexandre. Obscuridade iluminura. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.51, agos., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Pintura; Ideograma; Artes plásticas

Notas de resumo: O texto percorre o caminho traçado pela pintura de Adão Pinheiro, descrevendo os desdobramentos de suas pinceladas e de seus traços, seus labirintos e passagens.

Autores citados: LÉGER, Fernand; MATISSE, Henri; BRENNAND, Francisco.

Iconografia: Reprodução de tela de Adão Pinheiro.

*

SCHNAIDERMAN, Boris. (ROBEL, Léon. "Littérature soviétique: questions..." França: Action poétique, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.52, agos., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: URSS; Poesia

Notas de resumo: O texto analisa a obra de Robel, um dos importantes divulgadores da literatura soviética no Ocidente. A resenha alerta os leitores para a importância deste livro, no qual o tradutor, crítico, teórico e escritor Léon Robel documenta interessantes passagens das lutas literárias e ideológicas de nosso tempo.

Autores citados: DOSTOIEVSKI;MAIAKÓVSKI, Vladímir; PLEKHANOV, (Georgi Valentimovitch); TOLSTOI, Leon; KHLIÉBNIKOV, Vielimir; GORKI, Máximo; TRIOLET, Elsa; ROBEL, Léon; DELUY, Henri; ARAGON, Louis; GOUFINKEL, Nina; LAFFITTE, Sophie; SOLJENITZIN, Alexander; KATAIEV, (Valentin Petrovitch); OLECHA, Iuri; AKSIONOV.

*

CABRAL, Astrid. (MOURÃO, Rui. "Cidade calabouço." São Paulo: Edições Quíron, 1973). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.53, agos., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Carnaval; Cultura; Cidade

Notas de resumo: Nesta resenha, comenta-se o livro "Cidade Calabouço", de Rui Mourão, afirmando que a narrativa extrapola a circunstância de relato jornalístico do carnaval belorizontino, que se constitui na própria ação da trama, diante da qual o autor elabora a apoteose de violência típica da sociedade contemporânea. A resenha enfatiza a originalidade de alguns enfoques da obra e o impacto da denúncia e protesto contra nossa fragmentada sociedade.

Autores citados: MORAES, Vinícius de; RIO, João do (Pseud. de Paulo Barreto); MACHADO, Aníbal; LOPES, Fernão; MOURÃO, Ruy; McLUHAN, Marshall.

*

WANDERLEY, Jorge. (GALVÃO, Walnice Nogueira. "Saco de gatos - Ensaio crítico." São Paulo: Livraria Duas cidades & Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº02, p.53-54, agos., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Crônica; Música popular

Notas de resumo: O texto analisa "Saco de Gatos", coletânea de ensaios críticos escritos por Walnice Nogueira Galvão, tratando dos méritos do trabalho intelectual da autora e pincelando alguns enfoques desenvolvidos em sua obra.

Autores citados: AMADO, Jorge; CUNHA, Euclides da; GODARD, Jean-Luc; LINS, Álvaro de Barros; VASCONCELOS, José Mauro de.

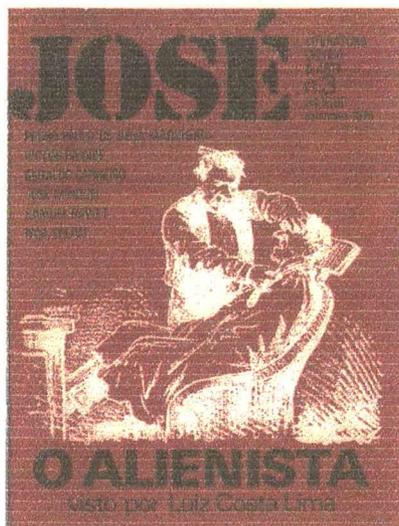
*

José - Literatura, Crítica & Arte. Literatura e sociedade: o que se escrevia. Trad. Maria Isabel Gonçalves Tomás; João Gaspar Simões; Marques Rebelo. José - Literatura, Crítica & Arte, nº02, p.54-55, agos., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: Trata-se de diversos fragmentos escritos em diferentes épocas, que marcaram estes momentos através da literatura. Nesta antologia aparece Erasmo de Rotterdam (Século XVI), com um extrato de "O elogio da loucura", traduzido por Maria Isabel Gonçalves Tomás; um soneto de Luis de Camões (Século XVI) e um fragmento de "Os Luziadas", do mesmo autor; um trecho do romance "Os amores de Luciano Leuwen", de Stendhal (Século XIX); uma fala de uma personagem do romance "Ana Karenina", de Leon Tolstói (Século XIX), com tradução de Marques Rebelo; e uma frase de Charles Baudelaire (Século XIX) de "Les fleurs du mal".

Iconografia: Publicidade, Assinatura de José.



CAMPOS, Haroldo de. Signantia: quasi coelum. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.2-3, set., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

WANDERLEY, Jorge. À manhã de domingo de Wallace Stevens/ Lear revisitado/ Hamlet. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.4, set., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena. Mallarmé/ Murilo Mendes/ Francis Ponge. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.5, set., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Autores citados: MALLARMÉ, Stéphane; MENDES, Murilo; PONGE, Francis.

Iconografia: Desenhos, Angelo Venosa.

*

HOLANDA, Gastão de. A paisagem caroável/ Tijuca, Domingo. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.6, set., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

VEIGA, Elisabeth. Desmitificação. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.7, set., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

CELAN, Paul. Todesfuge/ Fuga da morte. Trad. Flávio Kothe. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.8-9, set., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota biográfica de Paul Celan (1920-1970), por Luiz Costa Lima.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Paul Celan.

*

RAWET, Samuel. Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.10-11, set., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Foto, AJB.

*

ARÊAS, Vilma. O rosto do herói. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.11-12, set., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

GIUDICE, Victor. Os banheiros. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.12-13, set., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Publicidade, Livraria Leonardo da Vinci.

*

BULHÕES, Antonio. O ensaio. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.14-18, set., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota explicativa: trecho da primeira parte do romance "As quatro estações", em preparo.]

*

LINDOSO, Dirceu Accioly. A serpente e a máscara. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.18-23, set., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Antropologia

Palavras-chave: Antropologia; Etnografia; Etnologia

Notas de resumo: O texto examina um problema da etnografia estética discutido na obra de Lévi-Strauss, ocorrência da representação decomposta nas artes da Ásia e América. A análise do antropólogo estabelece um nexos entre o fato artístico aparentemente

inexplicável e a estrutura social onde ele ocorre, partindo da evidência de um elemento plástico - desdobramento da representação - comum a diferentes culturas no espaço e no tempo. O autor apresenta também a interpretação da representação decomposta, de Franz Boas, e as discordâncias teóricas dos dois pesquisadores.

Autores citados: BOAS, Franz; MAUSS, Marcel; LÉVI-STRAUSS, Claude; MÉTRAUX, Alfred; KELEMEN, Pál; CLOUET, François.

*

CARNEIRO, Geraldo. No fundo, todo vampiro é bom sujeito. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.23-26, set., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Psicanálise

Notas de resumo: A partir de algumas passagens do "Drácula", de Bram Stoker, o texto procura desvendar os enigmas propostos pelo texto. Para isso, acorda Reich e Freud e toma de suas teorias alguns caminhos para a interpretação das situações.

Autores citados: BAUDELAIRE, Charles; FREUD, Sigmund; REICH, Wilhelm; STOCKER, Bram.

Iconografia: Desenho, Rico.

*

LIMA, Luiz Costa. O palimpsesto de Itaguaí. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.27-33, set., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ASSIS, Machado de

Palavras-chave: Crítica; Razão; Loucura; Literatura

Notas de resumo: O texto cita alguns estudos do conto "O alienista", de Machado de Assis, e apresenta uma análise do conto, trabalhando o questionamento da loucura nas subestórias que se desenvolvem no texto e a perspectiva em que a ciência é abordada na narrativa. [Consta data: Rio, julho-agosto, 76.]

Autores citados: ALENCAR, Mario de; ANJOS, Augusto dos; DÜRER, Albrecht; FREUD, Sigmund; GOMES, Eugenio; MEYER, Augusto; MOOG, Viana; POE, Edgar Allan; ROMERO, Silvio; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; FOUCAULT, Michel; PINEL, Phillipe; BRAYNER, Sonia; BRUEGHEL; SOUSA, J. Galante de; PUJOL, Alfredo; VALE, Ribeiro do; VALERIO, Américo; LOPES, José Leme; MAYA, Alcides Gomes; CHARCOT, Pinel; MATOS, Mario; PEREIRA, Lúcia Miguel; GRIECO, Agripino; SZASZ, Thomas S.; PEREGRINO JR.

Iconografia: Ilustração, s/crédito. Foto, Arquivo DINSAM, "Os fraques da razão". Gravura em metal da série "Caprichos", Goya. Foto, Arquivo DINSAM, "O espaço excluído".

*

SACCO; VANZETTI, Bartolomeo. Última fala à corte. Trad. Jorge Wanderley. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.33-34, set., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota explicativa sobre o processo que os escritores enfrentaram, escrita por Jorge Wanderley.]

Iconografia: Publicidade, Livro da Ed. Fontana.

*

HOLANDA, Frederico de. O centro de Brasília, hoje (conclusão). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.36-42, set., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Arquitetura; Urbanismo; Cidade; Brasil

Notas de resumo: Nesta segunda parte do ensaio, cuja introdução foi publicada na revista n.2, o autor toma como objeto de análise a cidade atual, fruto do Plano-Piloto datado de 1957 e das injunções sociais, políticas, econômicas, que determinaram sua implantação ao longo de seus quase 20 anos de história. A partir daí, o estudo de Holanda caminha na direção de perseguir soluções para os desafios e conflitos encontrados nos espaços urbanos de Brasília.

Autores citados: COSTA, Lucio; LERUP, Lars; GOMES, Claudio.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Brasília. Maquete, Unidades espaciais de Brasília. Publicidade, Livro da Ed. Fontana; Graphos.

*

MINDLIN, José; HOLANDA, Gastão de. José Mindlin. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.43-50, set., 1976.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Biografia; Política; Jornalismo; Literatura; Bibliologia; Livros

Notas de resumo: Nesta entrevista concedida à Gastão de Holanda, José Mindlin discorre sobre suas raízes, sua formação intelectual, participação política e leituras favoritas. O jornalista, advogado, colecionador, livreiro e industrial Mindlin aborda, além de suas experiências, a evolução das artes de reprodução no Brasil e questões polêmicas como a violentação do livro e a responsabilidade do industrial no processo cultural do país.

Autores citados: ALENCAR, José de; ALIGHIERI, Dante; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BANDEIRA, Manuel; BARRETO, Lima; BAUDELAIRE, Charles; BILAC, Olavo; BOSSUET, Jacques-Benigne; CAMINHA, Adolfo; CAMÕES, Luiz Vaz de; CARVALHO, Vicente de; CONSTANT, Benjamin; CUNHA, Euclides da; DORIA, Sampaio; DOSTOIEVSKI; DÜRER, Albrecht; FLAUBERT, Gustave; MÁRQUEZ, Gabriel García; GIDE, André; LEONI, Raul de; LOBATO, Monteiro; ASSIS, Machado de; MELO NETO, João Cabral de; MONTAIGNE; PAZ, Octavio; PESSOA, Fernando; PETRARCA, Francesco; PROUST, Marcel; QUEIROZ, Eça de; REGO, José Lins do; RULFO, Juan; SÁBATO, Ernesto; SAINT-SIMON, Claude-Henri; SHAKESPEARE, William; SHELLEY, Mary (Wollstonecraft); TOLSTOI, Leon; VERLAINE, Paul; VICENTE, Gil; WILDE, Oscar; LLOSA, Mário Vargas; NAVA, Pedro; CORTÁZAR, Julio; STENDHAL, (Pseud. de Henri-Marie Beyle); HUGO, Victor; MEIRELES, Cecília; BENEDETTI, Mario; VAMPRE, Spencer; PESTANA, Nestor Rangel; MAZAGÃO, Mario; CESAR, José Augusto; MORATO, Francisco; PAVLOVA, Anna; COVELLO, Antonio Augusto de; OLIVEIRA NETO, Luiz Camilo de; RETZ, (Cardeal) de; SALVADOR, (Frei) Vicente de; MANUCIO, Aldo; SCHEDEL, Hartman; BOTTICELLI; ULSENIUS, Theodoricus; ESCHER, M.C.; DEBRET, Jean-Baptiste; KEATS, John; BORGES, Jorge Luis; REINACH, Joseph; BALZAC, Honoré de; ROSA, Guimarães; SEGALL, Lasar; ABREU, Capistrano de; ALBANO, José.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Mindlin. Desenhos, Coleção JM, "Crônica de Nuremberg". Litografia, M.C.Escher, "Répteis". Xilografia, Dürer, "Rinoceronte". Publicidade, Assinatura de José.

*

COUTINHO, Edilberto. (SALES, Herberto. "O fruto do vosso ventre." Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.51, set., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Romance; Década de 70

Notas de resumo: A resenha trata de "O fruto do vosso ventre", Herberto Sales, livro composto de três partes: Os coelhos da ilha - apólogo; A ilha dos homens - sátira, e O livro do filho - fantasia evangélica. De acordo com o texto, o escritor ousa um novo caminho, conciliando o documental e o ficcional.

Autores citados: RAMOS, Graciliano; RAMOS, Ricardo; SALES, Herberto.

*

FROTA, Lélia Coelho. (TOLKIEN, J.R.R. "O senhor dos anéis - Livros primeiro, segundo, terceiro e quarto." Editora Artenova, 1975). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº03, p.51-52, set., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Literatura

Notas de resumo: O texto analisa os primeiros volumes que integram a trilogia "O senhor dos anéis", de John Ronald Revel Tolkien, sugerindo que este livro suscita nos leitores um ânimo de oposição profunda contra a destruição do homem e da natureza. O fascinante desta obra, segundo a resenha, é que para o autor e para o leitor a história constitui um mundo vivido, uma experiência acontecida e entendida por ambos como tal.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Cyro dos; AUDEN, W.H.; CARDOZO, Joaquim; JOYCE, James; LISBOA, Henriqueta; LEARY, Thimoty; TOLKIEN, John Ronald Revel; LEWIS, C. S.; NEMEROV, Howard; MONJARDIM, Luis Alberto.

Iconografia: Publicidade, Assinatura de José.

SANTIAGO, Silvano. Crescendo durante a guerra numa província ultramarina (fragmentos). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.2-3, out., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "Crescendo durante a guerra numa província ultramarina", publicam-se os seguintes poemas: Um valor mais alto se alevanta/ A máscara do poder/ June Allyson & Fred Astaire/ Shirley Temple/ Liberdade/ Demissão em ritmo de guerra/ ZYB-6, rádio voz de.

Autores citados: OITICICA, Hélio; HANDKE, Peter.

Iconografia: Desenhos, s/crédito.

*

SANTOS, Atalá M. Porto. Movimento medial. Poema XVI. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.4, out., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

FREITAS FILHO, Armando. Fragmentos de um domador. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.5, out., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

CESAR, Ana Cristina. Nada, esta espuma/ Enciclopédia Delta, p.3305/ Casablanca. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.6, out., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Autores citados: MIRANDA, Raul.

*

PONGE, Francis. À la rèveuse matière/ À sonhadora matéria. Trad. Júlio Castañon Guimarães. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.7-8, out., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota biográfica do escritor Francis Ponge (1899-), por Júlio Castañon Guimarães.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Francis Ponge. Ilustração, Ana Lucia

*

MAGNO, Montez. Algúria. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.9-13, out., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Publicidade, Graphos e Studium fotografia.

*

WANDERLEY, Jorge. Para sempre das horas. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.14-15, out., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Publicidade, Livros da Ed. Fontana.

*

HOLANDA, Gastão de. Josias e a Imperatriz. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.16-20, out., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Desenhos, Adão Pinheiro, (1960). Publicidade, Livro da Ed. Fontana.

*

MARANHÃO, Haroldo. O batizado. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.21-23, out., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Ilustração, Rico. Publicidade, Opinião.

*

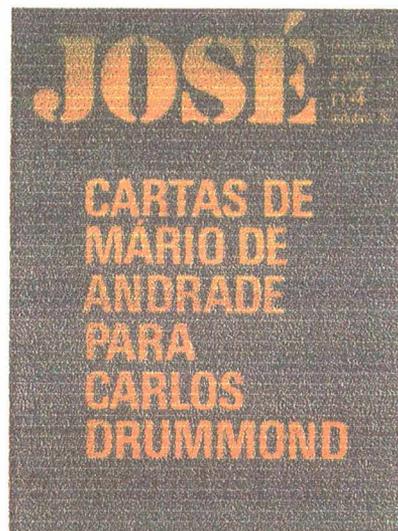
TOZZI, Cesar. O lápis. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.24-26, out., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Desenho, Gina.

*

NUNES, Benedito. O carro dos milagres. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.27-28, out., 1976.



Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: MONTEIRO, Benedicto

Palavras-chave: Ficção; Literatura; Década de 70

Notas de resumo: O texto aborda as qualidades da obra de Benedicto Monteiro, que tem como peculiaridade a presença de um personagem

arquetípico: o contador de histórias. Tanto no romance "Verde Vagomundo", quanto nos contos do "Carro do Milagres", o relato oral é característica da narrativa escrita do autor, que, de uma forma descontraída e vital, tem com o leitor uma conversa de compadre.

Autores citados: MOREIRA, Eidorfe.

*

BARBIERI, Ivo. A heresia didática. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.28-30, out., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: FAUSTINO, Mário

Palavras-chave: Crítica; Poesia

Notas de resumo: O texto aborda os princípios da poética de Mário Faustino, manifestados no corpo de sua obra. Nela, o poeta defende a função didática da poesia e o comprometimento desta com o sujeito da produção e com o destinatário, procurando desvendar alguns enigmas, no mergulho num tempo caótico e no eco de vozes dos mitos gregos. O autor demonstra como Mário Faustino critica o ideal da arte pela arte e como seu discurso ensaístico-poético trata o poeta como arquiteto do mundo, fundador de si próprio.

Autores citados: HEIDEGGER, Martin; MALLARMÉ, Stéphane; POE, Edgar Allan; WILDE, Oscar; CONFÚCIO; DEBRUN, Michel; SÓCRATES.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. Satie: sotie. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.31-32, out., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: SATIE, Erik

Palavras-chave: Modernidade; Pastiche; Música

Notas de resumo: O texto procura definir, baseado em alguns críticos, a obra do músico francês Erik Satie. Diante dos comentários e classificações sobre os quarenta anos de música de Satie (1885-1924), o artigo evidencia a multiplicidade de disfarces que o músico assume. Transgredindo, burlando, ironizando, Satie está constantemente criticando a idéia da disponibilidade para um aprendizado poético que não se encerra.

Autores citados: BOULEZ, Pierre; CAGE, John; GIDE, André; VERDI, Giuseppe; WEBERN, Anton von; FUMET, Stanislas; BEETHOVEN, Ludwig van; ROLAND, Manuel; MELLERS, Wilfrid; SASSER, William G.; JACOB, Clément; MYERS, Rollo; VARÈSE, Edgar; POULENC, Francis; SCHNEIDER, Marcel; SAMUEL, Claude; RAVEL; DEBUSSY, Claude Achille.

Iconografia: Ilustração, Erik Satie.

*

SATIE, Erik. Das "Memórias de um amnésico" o que eu sou/ Os animais e a música: dois fragmentos/ Fragmentos de uma conferência/ Sobre a vida do artista/ Paulo e Virgínia/ Robinson Crusoe/ Olhar. Trad. Sebastião Uchoa Leite. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.33-34, out., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: Os textos de Erik Satie são acompanhados das datas e, alguns, das publicações em que apareceram: Das "Memórias de um amnésico" o que eu sou (*Revue de la Société Internationale de Musique*, 15 de abril, 1912)/ Os animais e a música: dois fragmentos (*Revue de la Société Internationale de Musique*, 1 de fevereiro, 1914)/ Fragmentos de uma conferência (Conferência sobre "Os animais na música", novembro, 1916)/ Sobre a vida do artista (Citado em "Erik Satie", de Rollo Myers, Gallimard, 1959)/ Paulo e Virgínia (1924)/ Robinson Crusoe (1924)/ Olhar (1913); traduzidos de "La revue musicale" (junho, 1952) e do "Panorama de l'art musical contemporain", de Claude Samuel (1962).

Iconografia: Ilustração, Erik Satie.

*

KOTHE, Flavio René. Historiografia/ Historicidade literária. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.35-38, out., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Historiografia; Historicidade

Notas de resumo: O texto pretende situar a questão da formação da História da Literatura, propondo o reconhecimento da história na estrutura da obra literária, o que possibilita uma nova perspectiva. No seu entendimento, existe uma tendência de se confundir a obra de arte com o documento, privilegiando o nacional em detrimento do literário.

Autores citados: MALLARMÉ, Stéphane; SZONDI, Peter; TODOROV, Tzvetan; TINIANOV, Iúri.

*

ANDRADE, Mário de. Cartas de Mário de Andrade a Drummond. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.38-45, out., 1976.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Crítica; Modernismo; Intelectual; Poesia

Notas de resumo: Drummond faz uma apresentação das cartas escritas por Mário de Andrade que lhe foram enviadas durante os anos de 1924 a 1945. A revista José publica duas dessas correspondências (10 de novembro, 1924/ Sem data), nas quais Mário fala do seu ofício, de suas leituras e comenta seus posicionamentos sobre a vida e sobre alguns intelectuais. Mário trata da escritura de seu poema Danças, que aparece publicado na página 41. Sobre os poemas que Drummond lhe enviou, tece observações que aparecem nas páginas 43 a 45, acompanhadas dos poemas em questão: No meio do caminho/ Política/ Nota social/ Construção/ Passa uma aleijadinha. [Publicação inédita, naquele momento]

Autores citados: AMARAL, Tarsila do; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; ARANHA, Graça; BANDEIRA, Manuel; CARVALHO, Ronald de; FRANCE, Anatole; NAVA, Pedro; ARANHA, Luiz; SEGALL, Lasar; ALMEIDA, Martins de.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Drummond e Mário.

*

WANDERLEY, Jorge. (LOBO, Luiza. "Por trás dos muros - arte-fábulas." Rio de Janeiro: Ed. Brasília, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.46, out., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: LOBO, Luiza

Palavras-chave: Conto; Literatura

Notas de resumo: De acordo com a resenha, Luiza Lobo desenvolve, em seu livro de contos, textos que têm a consciência crítica como componente artesanal e técnico. Apesar do universo crítico presente nesses contos, o autor afirma que o universo-fruição dá conta de atingir o leitor. [O autor assina por J.W.]

Autores citados: POE, Edgar Allan; CARROLL, Lewis; CORTÁZAR, Julio; MICHAUX, Henri.

*

HOLANDA, Gastão de. (BULHÕES, Antonio. "Estudos para a mão direita." Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº04, p.46-47, out., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: BULHÕES, Antonio

Palavras-chave: Conto; Literatura

Notas de resumo: O texto considera as qualidades dos quinze contos de Antonio Bulhões reunidos no livro "Estudos para a mão direita". O trabalho do ficcionista busca, segundo a resenha, um aprimoramento técnico de indisfarçável dificuldade, sendo que sua linguagem é o instrumento de que se serve para traduzir uma experiência que obriga as palavras a que impliquem mais do que podem suportar. [O autor assina por G.H.]

Autores citados: BARRETO, Lima; ELIOT, T. S.; JOYCE, James; ASSIS, Machado de; BULHÕES, Antonio; REBELO, Marques; ALMEIDA, Manuel Antônio de; MELO, José Laurenio de; KLEE, Paul; KANDINSKI;RAVEL;STRANGER, Eduard; VASSARELY.

Iconografia: Publicidade, Assinatura de José.

CARDOZO, Joaquim. Poesia dos processos estocásticos (aleatórios). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.2-3, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "Poesia dos processos estocásticos (aleatórios)", publicam-se os seguintes poemas: Andar ao acaso/ Ruído ao acaso/ Processo da sorte no jogo/ O movimento Browniano/ Propriedade ergódica (ergodismo)/ Recorrência/ Processo

Iconografia: Desenhos, s/crédito.

*

FIGUEIREDO, Luis Antônio de. Minidepô - único. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.4, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

HENRIQUES NETO, Afonso. I was/ Roll over Beethoven. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.5, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

LACLETTE, Jorge. Relato de uma viagem de regresso. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.6-7, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "Relato de uma viagem de regresso", publicam-se os poemas: Brasil/ Chegada/ Em mares americanos/ Costas d'Africa/ Europa/ Partida/ Meio da viagem. [Consta nota de referência: os poemas fazem parte das coletâneas "O animal e seus dentes" (1949/59), "Pedras de Petra" (1960/1976), "Diário de bordo" (1971), inéditos em livro.]

*

SAVARY, Olga. Os 4 elementos da paixão. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.8, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "Os 4 elementos da paixão", publicam-se os poemas, com as respectivas datas: Fogo/ Ar/ A água/ Terra. Constam as datas: Recife, março 1971; Arraial do Cabo, 1972; Rio, 1974; Rio, dezembro 1974, respectivamente.

Iconografia: Desenhos, s/crédito.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. Lance de dedos/ S. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.9, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Desenho, s/crédito.

*

GULLAR, Ferreira. Vendo a noite/ Passeio em Lima. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.10, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Constam as datas: 1968, 1974, respectivamente.]

*

MARTINS, Max. O resto são as palavras. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.11, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

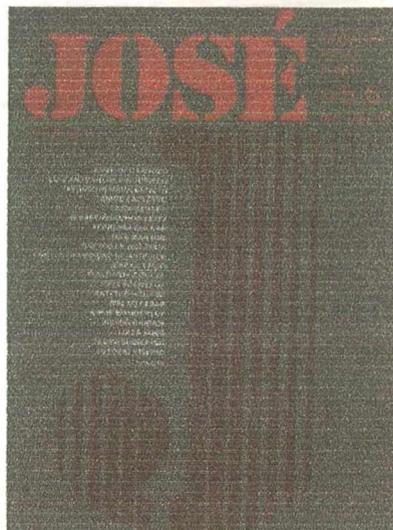
HOLANDA, Gastão de. Mulher superdotada/ Consulte o dicionário de rimas/ Dieta do sobrenatural. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.12, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Desenho, s/crédito.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. Os cantores inúteis/ Rifoneiro divino. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.13, nov./dez., 1976.



Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

OCTAVIO, José. Dois momentos do caderno de um durante. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.14, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "Dois momentos do caderno de um durante", publicam-se os poemas: Homenagem a Allen Ginsberg / "A profundidade aguda e a limpeza de um corte de gilete, (...)". [Constam as datas: 1974, 1976, respectivamente.]

Iconografia: Ilustração, s/crédito.

*

MORICONI, Italo. Noite: prazeres rápidos/ Meus oito anos. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.15, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [O autor assina como Italo Moriconi Jr.]

*

BONNEFOY, Yves. Vrai nom/ Vero nome/ Vrai corps/ Vero corpo. Trad. Jorge Wanderley. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.16, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota biográfica de Yves Bonnefoy, por Jorge Wanderley.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Yves Bonnefoy

*

HOUAISS, Antonio; MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena; LEITE, Sebastião Uchôa; SALOMÃO, Margarida. Antônio Houaiss. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.18-31, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Nome pessoal como assunto: HOUAISS, Antonio

Palavras-chave: Brasil; Biografia; Tradução; Cultura; Literatura

Notas de resumo: Na entrevista concedida por Antonio Houaiss à revista, o professor discorre sobre sua formação intelectual e o panorama cultural brasileiro. Discute alguns fatos lingüísticos e enfatiza a necessidade de se estabelecer a viabilidade de várias normas cultas no Brasil, ao invés de uma só norma da língua, elitista e ditatorial. Além disso, Houaiss trata de suas obras, em especial da tradução de Ulisses, de Joyce. Seu depoimento relata também as dúvidas em relação à obra de Guimarães Rosa, e seu otimismo face a produção literária da época.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; AQUINO, Santo Thomas de; BANDEIRA, Manuel; BARBOSA, Rui; CALLADO, Antonio; CARPEAUX, Otto Maria; DOURADO, Autran; FONSECA, Rubem; GULLAR, Ferreira; HAECKEL, Erns Heinrich; JAKOBSON, Roman; JOYCE, James; LIMA, Jorge de; LINS, Ronaldo Lima; ASSIS, Machado de; MACHADO, Ana Maria; MALLARMÉ, Stéphane; MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; NASCENTES, Antenor; NEJAR, Carlos; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do; RODRIGUES, Nelson; AGOSTINHO, Santo; SAUSSURE, Ferdinand de; VALÉRY, Paul; VEIGA, José J.; LÉVI-STRAUSS, Claude; NAVA, Pedro; FREIRE, Paulo; MEIRELES, Cecília; FREYRE, Gilberto; FARIAS JR., Ernesto; CAMARA JR., Joaquim Matoso; LEME, Pascoal; LIMA, Carlos Henrique da Rocha; ELIA, Silvio; ROSA, Tomas Santa; RUYSBROECK, (Jan van); PROENÇA, Ivan Cavalcanti; DANIEL, Mary Lou; PIÑON, Néliida; TEIXEIRA, Anísio; NASCENTES, Olavo Aníbal; ROSA, Guimarães.

Iconografia: Fotos, Cecílio Caldeira, de Antonio Houaiss; entrevistadores. Publicidade, Studium fotografia e Design.

*

CESAR, Waldo. O ensaio. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.32-33, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Desenho, Cecília Jucá.

*

WANDERLEY, Jorge. Casalinhos. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.34-35, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*
GIUDICE, Victor. Defesa siciliana. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.36-37, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*
LOBO, Luiza. As hamadriadas e a quántupla coluna de dédaló. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.38-40, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*
SUSSEKIND, Flora. Uma sumiu. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.41-42, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta epígrafe de Silbermann.]

Iconografia: Publicidade, Gráfica Danúbio.

*
RISÉRIO (FILHO), Antonio. Catatau: Cartesanato. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.43-46, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: LEMINSKI, Paulo

Palavras-chave: Crítica; Linguagem; Literatura; Brasil

Notas de resumo: O livro "Catatau", escrito por Paulo Leminski, ocupa um lugar de destaque na prosa literária brasileira, de acordo com o autor do ensaio. Neste texto, procura-se revelar as razões da importância desta obra: temas desenvolvidos e inovações na linguagem. A trama se desenrola com a vinda de Cartesius ao Brasil, em companhia de Nassau, e emaranha-se com o transplante da lógica europeia para a pressão dos trópicos. Como bom joyciano, Leminski também elabora o texto em forma de mosaico, no qual os temas se interpenetram e se desdobram, conduzindo o leitor a uma interessante aventura.

Autores citados: ANDRADE, Oswald de; BACHELARD, Gaston; CAMPOS, Haroldo de; DARWIN, Charles; DESCARTES, René; GASSENDI, Pierr; INFANTE, Guillermo Cabrera; JOYCE, James; LEVIN, Harry; MARX, Karl; NEWTON, Isaac; PEIRCE, Charles Sanders; PIGNATARI, Décio; POUND, Ezra; VELOSO, Caetano; ZAMENHOF, Ludwig Lazarus; CORTÁZAR, Julio; HEGEL; TORQUATO NETO; GILBERT, Stuart; ZENÃO; HOMERO; BORGES, Jorge Luis; ROSA, Guimarães; DUARTE, Rogério; HOLLANDA, Heloisa Buarque de.

Iconografia: Publicidade, Graphos; Livrarias; Nova Galeria de Arte; Babilak.

*
ZAGURY, Eliane. Sobre um tema de Augusto Meyer, seus reflexos e consonâncias. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.47-53, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: MEYER, Augusto

Palavras-chave: Crítica; Modernismo; Poesia; Literatura

Notas de resumo: Através de um passeio pelos versos de Augusto Meyer, a autora nos propõe diversas leituras de um tema que perpassa algumas de suas poesias. O mito de Narciso aparece para ilustrar a ocorrência deste jogo de sombras e espelhos, que refletiriam o ângulo de visão de Meyer. A sombra, por exemplo, pode ser positiva ou negativamente conotada para o poeta, conforme se ligue à descanso e nitidez, ou, pelo contrário, à imagem imperfeita, duplo turvo do ser.

Autores citados: PROUST, Marcel; SÉRGIO, Antônio; MORAIS, Carlos Dante de; DROSTE-HULSHOFF, Annette von.

Iconografia: Publicidade, Livro da Ed. Fontana.

*
EULÁLIO, Alexandre. Aquele desenho que vem na capa de "Le Formose". *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.54-58, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: AMARAL, Tarsila do

Palavras-chave: Brasil; Modernismo; Pintura; Artes plásticas

Notas de resumo: A partir da leitura da tela "A negra", de Tarsila do Amaral, o texto nos leva à versão inaugural desta obra, estruturação mais decantada do quadro definitivo, que encaderna o referido livro de Cendrars - "Le Formose". O lineamento arquitetônico e a conformação da tela de Tarsila parecem provir, segundo o texto, do trabalho desenvolvido por Léger e da preocupação temática vivida pela pintora. Tarsila assume, a partir de então, um processo de explosiva conscientização, e oferece o impacto visual e intelectual desta tela agressiva.

Autores citados: ANDRADE, Mário de; LÉGER, Fernand; CENDRARS, Blaise; LEYMARIE, Jean; BORLIN, Jean.

Iconografia: Reproduções de telas e desenhos de Tarsila do Amaral e Léger. Publicidade, Light.

*

BARBOSA, Ana Mae. O que é o ensino da arte?. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.60-61, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Educação

Palavras-chave: Arte; Educação

Notas de resumo: O texto procura responder à questão baseada nas abordagens contextualista e essencialista. A partir de problemas relatados por alunos em sala-de-aula, a autora revela a desvinculação entre objetos e métodos, o que torna a atividade artística meramente mecânica. O texto alerta, ainda, para a necessidade do professor de arte preocupar-se em levar seus alunos à reflexão acerca dos próprios trabalhos artísticos e também da arte do adulto.

Autores citados: BELL, Quentin; FISCHER, Ernest; GOMBRICH, E. H.; LANGER, Suzanne; EISNER, Elliott W.; LANIER; CIZEK.

*

CUNHA, Pedro Octavio Carneiro da. Questão de regime. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.62-64, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - História

Palavras-chave: Brasil; Liberalismo; República; Primeiro Reinado

Notas de resumo: O texto critica o relato de alguns historiadores e faz uma revisão dos fatos históricos arrolados na época da Independência e Primeiro Reinado, mais especificamente na mudança do regime absolutista para o liberal. Propõe-se o confronto das práticas vigentes na época, como o caso da escravidão, com o discurso liberal do Primeiro Reinado; além de evocar nomes representativos que influenciaram, positiva ou negativamente, este processo determinante da história brasileira.

Autores citados: BELL, Quentin; FONSECA, Antonio Borges da; GOMBRICH, E. H.; WISNER, Elliot W.

Iconografia: Publicidade, Assinatura de José, Livro da Ed. Fontana.

*

CAMPOS, Augusto de. O difícil anonimato. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.65-66, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: DICKINSON, Emily

Palavras-chave: Crítica; Biografia; Poesia

Notas de resumo: Augusto de Campos escreve sobre a grandeza ética e estética da poetisa Emily Dickinson, que não teve nenhum livro editado em vida, e cuja obra só foi publicada e reconhecida depois de sua morte. Os 1775 poemas revelam a densidade da linguagem poética de Dickinson, que preferiu o difícil anonimato, a trair a poesia. Publicam-se dois poemas de Emily: "Não sou Ninguém. Quem é você? (...)" / "Cortar o Ar do Ar - (...)", traduzidos por Augusto de Campos.

Autores citados: PESSOA, Fernando; POE, Edgar Allan; SCHOENBERG, Arnold; WHITMAN, Walt; HIGGINSON, Thomas; THORAU, Henry.

Iconografia: Ilustração, s/crédito, de Emily Dickinson.

*

ANDRADE, Mário de. Mario de Andrade para Carlos Drummond - Cartas II. *José - Literatura*,

Crítica & Arte, nº.05/06, p.67-72, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Crítica; Modernismo; Poesia

Notas de resumo: A revista José dá continuidade na publicação das cartas escritas por Mário de Andrade e destinadas à Drummond, que mantiveram um diálogo postal de 1924 a 1945. Um bilhete (21/1/1925) e duas cartas (18/02/1925 e 27/05/1925) são publicados neste número. O bilhete vai junto com o livro "A escrava que não é Isaura". Na primeira carta, Mário comenta os poemas Passa uma aleijadinha/ Nota social/ Construção, de Drummond, e aborda "a estilização culta da linguagem da roça, como da cidade, do passado e do presente" que emprega na sua própria escritura. Na segunda carta aqui publicada, Mário reflete acerca do casamento e da felicidade, diante da notícia de que Drummond estaria prestes a casar.

Autores citados: ANDRADE, Oswald de; ARANHA, Graça; BANDEIRA, Manuel; FRANCE, Anatole; ASSIS, Machado de; ROSENFELD, Anatol; VILLA-LOBOS, Heitor; CROCCE, Benedetto; DUARTE, Paulo Sérgio; FIALHO, Otavinho; MOURA, Emílio; MORAIS, Rubens de; HOMERO; ALMEIDA, Martins de.

Iconografia: Reprodução de tela, "Mario de Andrade por Lasar Segall", 1927. Fotografias, s/crédito, de Heitor Villa Lobos (1922); Oswald de Andrade (1916); Graça Aranha (1922). Reprodução da capa da revista Klaxon.

*

CANDIDO, Antonio. Poesia ao norte. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.73-75, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: MELO NETO, João Cabral de

Palavras-chave: Crítica; Poesia; Literatura; Brasil

Notas de resumo: O texto constata a predominância de textos ensaísticos no centro do país e uma tendência à poesia no norte. Elege, então, dois livros de poetas nordestinos para serem analisados: "Pedra do sono", de João Cabral de Melo Neto, e "Anjo dos abismos", de Rui Guilherme Barata. Os poemas que compõem "Pedra do Sono" são construídos com rigor, sendo que os elementos se encontram dispostos segundo um critério seletivo, no qual se percebe a ordenação vigorosa que o poeta imprime ao material com sensibilidade. O hermetismo e a valorização plástica das palavras são características destes poemas. Quando refere-se ao "Anjo dos abismos", o autor elogia a bela fluidez e lamenta a sensação de identificação com outras poesias já conhecidas. [Consta nota de referência: o texto foi publicado na Folha da manhã, de São Paulo, em 13/06/1943.]

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; MALLARMÉ, Stéphane; BARATA, Rui Guilherme; SCHMIDT, Augusto Frederico.

Iconografia: Publicidade, Livros da Ed. Fontana.

*

RODRIGUES, Marília; LEÃO, Maria Luiza. Marília Rodrigues. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.76-79, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Nome pessoal como assunto: RODRIGUES, Marília

Palavras-chave: Biografia; Pintura; Artes plásticas

Notas de resumo: A artista plástica Marília Rodrigues concede uma entrevista à Maria Luiza Leão, e, num tom informal, fala de suas gravuras, suas raízes e seus planos. Discorre sobre o trabalho desenvolvido com seus alunos na Escolinha de Arte do Brasil e revela os caminhos para a leitura de suas gravuras mais recentes: a inquietação do espectador.

Autores citados: PENA, Cornélio; HORI, Marlene.

Iconografia: Reprodução de telas de Marília Rodrigues, 1976. Fotos, s/crédito, de Marília Rodrigues e Maria Luiza Leão.

*

José - Literatura, Crítica & Arte. Uma artista de Santa Teresa. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.79, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Pintura; Artes plásticas

Notas de resumo: De uma exposição coletiva de pintura na União dos Artistas de Santa Teresa, destaca-se Vânia Reis e Silva, cujos quadros compõem paisagens surrealistas agradáveis, e nos quais se pode descobrir certo sotaque oriental. Nas pinturas de Vânia, as metáforas se sucedem na transfiguração de paisagem urbana.

Autores citados: SILVA, Vania Reis e.

Iconografia: Reprodução de tela de Vania Reis e Silva, 1974.

*

LINS, Ronaldo Lima. (MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena. "Devastação..." Imago Editora, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.80, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Poesia

Notas de resumo: De acordo com a resenha, a poesia de Pedro Paulo de Sena Madureira revela sua juventude, coragem e ousadia. Seu livro está dividido em duas partes: Mordaças e Revelações. A primeira nos mostra um poeta que confessa o estado de opressão em que vive, e nos fala, com ou sem as mordaças, que o próprio amor constitui uma experiência dolorosa. Em Revelações, o artista nos leva a um passeio através de seus poetas e escritores prediletos, como se, após Mordaças, surgisse a possibilidade nova de rever a vida e o mundo.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; BAUDELAIRE, Charles; ELIOT, T. S.; HORKHEIMER, Max; MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena; MAIAKÓVSKI, Vladímir; MALLARMÉ, Stéphane; MELO NETO, João Cabral de; NIETZSCHE, Friedrich; POUND, Ezra; PROUST, Marcel; RIMBAUD, Arthur; VALÉRY, Paul; VERLAINE, Paul; LAUTRÉAMONT, Conde de; ADORNO, T. W.

*

COUTINHO, Edilberto. (CARONE, Edgar. "O Tenentismo." Difel/Difusão Editorial, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.80, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - História

Palavras-chave: Brasil; Política; República; Tenentismo; Década de 20

Notas de resumo: "O Tenentismo", livro do pesquisador Edgard Carone, é um levantamento importante dos personagens e acontecimentos que abalaram as estruturas do país entre os anos de 1922 e 1927, e que permitem a compreensão dos fenômenos sociais e políticos brasileiros que culminariam com a queda da Primeira República, em 1930. O livro, cuja apresentação é de autoria de Fernando Henrique Cardoso, é dividido em três partes: Acontecimentos, Personagens e Programas; e revela documentos inéditos ou pouco divulgados pela historiografia brasileira.

Autores citados: CARDOSO, Fernando Henrique; CARONE, Edgard.

*

COUTINHO, Edilberto. (PROENÇA, Ivan Cavalcanti. "A ideologia do cordel" Imago Editora/INL, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.81, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Literatura de cordel; Mídia; Cultura

Notas de resumo: Para quem se interessa pelas aproximações entre literatura e cultura popular, o texto sugere a leitura deste livro do professor Ivan Cavalcanti Proença. Nesta obra, Proença constata a sobrevivência surpreendente do poeta popular na aldeia global. O professor acompanha o processo do fazer literário do cordel no Brasil, no qual o poeta colhe os dados em meios oficiais, criando os textos a partir de uma ideologia implícita naqueles dados.

Autores citados: AMADO, Jorge; MELO NETO, João Cabral de; REGO, José Lins do; SUASSUNA, Ariano; GOMES, Dias; FERREIRA, Ascenso; PROENÇA, Ivan Cavalcanti; ANTEL, Raymond; MAIA, Antonio; SANTOS, Miguel dos; SAMICO, Gilvam.

Iconografia: Publicidade, das revistas Inéditos, Ficção e José.

*

COUTINHO, Edilberto. Informe literário. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº.05/06, p.82-84, nov./dez., 1976.

Vocabulário controlado: INFORME - Literatura

Notas de resumo: Neste informe literário, o autor comenta as seguintes obras: "Reflexos do baile", de Antonio Callado; "Contos reunidos", de Marques Rebelo; Revista Colóquio Letras, dirigida por Jacinto do Prado Coelho; "República de assassinos", de Aguinaldo Silva; "Diálogo", de Samuel Rawet; "Os búfalos pastam entre flores", de Farida Issa; "A noite dos tambores silenciosos", de Josué Guimarães; "O ciclo das águas", de Moacir Scliar; "Ficção completa", de José Lins do Rego; "O fruto do vosso ventre", de Herberto Sales e "Xadrez de estrelas", de Haroldo de Campos. Além disso, noticia a existência do primeiro agente literário brasileiro - Romulo Paes Barreto, e anuncia o Prêmio Nórdica, concurso patrocinado pela Editora Nórdica.

Autores citados: ANDRADE, Mário de; BRASIL, Assis; CALLADO, Antonio; COELHO, Jacinto do Prado; CUNHA, Fausto; ELIOT, T. S.; GULLAR, Ferreira; HOUAISS, Antonio; HUXLEY, Aldous; LINS, Osman; LOUZEIRO, José; MELO NETO, João Cabral de; REGO, José Lins do; SCLiar, Moacyr; TELLES, Lygia Fagundes; RAWET, Samuel; HOHLFELDT, Antonio; MONTELLO, Josué; REBELO, Marques; VILELA, Luiz; AYALA, Walmir; AMADO, Genolino; SALES, Herberto; PARKER, John M.; MACHADO, Álvaro Manuel; OLIVEIRA, José Osório de; SILVA, Aguinaldo; ISSA, Farida; GUIMARÃES, Josué; CONDE, João; NASCIMENTO, Esdras do; FERREIRA, Ondina; ORWELL, Georg.

Iconografia: Capa do livro de Farida Issa. Desenho, s/crédito. Publicidade, Livros da Ed. Fontana; Opinião.



MÜLLER-BERG, Klaus. De Alejo Carpentier. Trad. Vanêde Nobre. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.2-5, jan., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CARPENTIER, Alejo

Palavras-chave: Romance; Hispano-América; Música; Literatura

Notas de resumo: O escritor Carpentier faz um depoimento ao autor do artigo sobre suas três mais recentes obras, e Klaus Müller-Bergh nos relata as peculiaridades destes escritos. A segunda (e definitiva) versão de "Concierto Barroco" - novembro de 1974, aparece com algumas variantes causadas pela descoberta do libreto de Alvisse Giusti, acrescentando alguns dados na abordagem da obra de Vivaldi, que aparece como personagem do romance. A preocupação com os fatos históricos já não é tão relevante em "El recurso del método", no qual Carpentier permite ao leitor as associações da história e da obra, sem os entraves

da precisão. A narrativa aborda o tema da ditadura e caracteriza a consciência introspectiva do autor. Ainda inacabada, a obra "La consagración de la primavera" reflete sobre a angústia do homem moderno, e a decisiva década de trinta.

Autores citados: ARMSTRONG, Louis; BAUDELAIRE, Charles; DESCARTES, René; ELLINGTON, Duke; MÁRQUEZ, Gabriel García; PICASSO, Pablo; POE, Edgar Allan; STRAVINSKY, Igor; VIVALDI, Antonio; WAGNER, Richard; LLOSA, Mário Vargas; CORTÁZAR, Julio; BASTOS, Augusto Roa; ARAGON, Louis; BALBOA, Silvestre; HAENDEL, Georg Friedrich; SCARLATTI, Domenico; TURNER, Joseph; GIUSTI, Alvisse; CANDE, Roland; RAMEAU, Jean-Philippe; DEBUSSY, Claude Achille; SIQUEIROS, Alfano; BARAGANO; ASTURIAS, Miguel Angel; BORGES, Jorge Luis; FUENTES, Carlos.

Iconografia: Fotografia, s/crédito, de Alejo Carpentier

*

BRAUNES, Renato Landim de Vasconcellos. Kalima e eu. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.6-7, jan., 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Fotografia, s/crédito.

*
SANTIAGO, Silviano. ela/Ela/& os Machos. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.8-9, jan., 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*
HOLANDA, Gastão de. A inelutável modalidade do invisível. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.10-14, jan., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CAMPOS, Haroldo de

Palavras-chave: Tradução; Poesia; Concretismo

Notas de resumo: De acordo com Gastão de Holanda, a publicação do "Xadrez de estrelas" possibilita ao leitor o acesso à obra poética de Haroldo de Campos, fundador do Grupo Noigandres e expoente da poesia concreta brasileira. As freqüentes conexões visuais nas poesias, simultaneidade de função semântica e estética das palavras, estruturas lingüísticas visíveis, jogos caleidoscópicos, são algumas características da teoria do grupo. Segundo o autor do artigo, os concretistas também transformaram a arte de traduzir numa recriação de textos, seguindo os passos de Manuel Bandeira. Os poemas de Haroldo revelam o comportamento da palavra portadora de uma exaustiva carga de significados e acasos. Este espetáculo visual transcreve alguns conceitos estéticos das artes visuais, que são abordados por Gastão de Holanda.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; APOLLINAIRE, Guillaume; BANDEIRA, Manuel; BENSE, Max; BOULEZ, Pierre; CAGE, John; CAMPOS, Augusto de; CARPEAUX, Otto Maria; CUMMINGS, E. E.; DUCHAMP, Marcel; HOUAISS, Antonio; JOYCE, James; LIMA, Jorge de; MAIAKÓVSKI, Vladímir; MALLARMÉ, Stéphane; MATOS, Gregório de; MELO NETO, João Cabral de; MIRÓ, (Joan); MONDRIAN; PAZ, Octavio; PICASSO, Pablo; PIGNATARI, Décio; POE, Edgar Allan; POUND, Ezra; RONAI, Paulo; SHAKESPEARE, William; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; VALÉRY, Paul; WEBERN, Anton von; BONNEFOY, Yves; EYCK, Jean Van; CALDER, Alexandre; KILKERRY, Pedro; KANDINSKI; FIAMINGHI, Hermelindo; CAJADO, Octavio Mendes; PENNAFORT, Onestaldo de; WILLIAMS, William Carlos; RIOS, Juan; OSBORN, Harold; BUTOR, Michel; KOLAR, Jiri; GHIANO, Juan Carlos; LEAR, Edward; BRAQUE, Georges; BALZAC, Honoré de; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; GOGH, Vincent Van; BARTOK, Bela; DIVIS, Vladimir.

Iconografia: Fotografias, Angelo Venosa, Grupo Noigandres. Reproduções de telas, "Succession" de Kandinsky (1935); "Arbre d'après Hiroshige" (Pormenor) de Van Gogh (1888); "Escargot, femme, étoile" de Miró (1934).

*
NUNES, Benedito. Memórias de Ralfo. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.15-16, jan., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: SANT'ANNA, Sérgio

Palavras-chave: Romance; Crítica; Década de 70

Notas de resumo: Segundo o texto, o livro de Sergio Sant'Anna - "Confissões de Ralfo" (uma autobiografia imaginária), 1975, propõe um interessante jogo de identidade entre autor e personagem, subvertendo os costumes da tradicional família literária. No prólogo, o autor da obra se situa no personagem, dentro do próprio espaço literário, onde ambos evoluem sob uma única figura. Fingir-se personagem não é o mesmo que criar um ser fictício, e este novo distanciamento permite a Sergio Sant'Anna confrontar a literatura com a existência, e demonstrar, com humor, a crueldade, a loucura e a violência destes dois mundos. Este jogo de identidade do autor e da forma (caráter fragmentário da narrativa apoiada nos mais diversos estilos) termina sendo o destino arriscado da literatura numa época de crise.

Autores citados: ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; DEFOE, Daniel; ASSIS, Machado de; MANN, Thomas; MUSSET, Alfred de; PESSOA, Fernando; CARROLL, Lewis; STERN, Lawrence; FRISCH, Max; LUKÁCS, Georg.

Iconografia: Publicidade, Babilak; Galeria de Arte Moderna; Graphos.

*
CAMPOS, Augusto de. Da América que existe: Gregório de Matos. *José - Literatura, Crítica &*

Arte, nº07, p.17-21, jan., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: MATOS, Gregório de

Palavras-chave: Brasil; Barroco; Poesia; Literatura

Notas de resumo: A obra poética completa de Gregório de Matos foi editada por James Amado em 1969, mas não faltaram críticas ao empreendimento, sob a alegação de que a obra de Gregório já estava suficientemente difundida. Augusto de Campos enfatiza a necessidade de se retomar esta poesia rica em acentos novos, cheia de garra e farra verbal, que deglute e vomita o barroco europeu retemperado, e que oferece muitas perspectivas de abordagem para o leitor moderno. Publica-se, de Gregório de Matos, "Regra de bem viver", um texto literário sem pré-definição formal, no qual o autor satiriza o casamento convencional com farpas de afiada agudeza poética. [Consta nota de referência: os poemas foram retirados da edição de James Amado, com pequenas correções assinaladas em notas.]

Autores citados: CABRAL, (Alfredo do)Vale; AMADO, James; ANDRADE, Oswald de; GÓNGORA, (Luis de Argote y); GONZAGA, Tomás Antônio; MARTINS, Heitor; PEIXOTO, Afrânio; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de; RISÉRIO (FILHO), Antonio; WISNICK, José Miguel; KILKERRY, Pedro; SOUSA, Manuel de Faria e; PINTO, Fernão Mendes; BORBA, Francisco da Silva; LORCA, Federico Hernandez García; BORGES, Jorge Luis.

Iconografia: Publicidade, Revistas Ficção e Inéditos.

*

MAcNEICE, Louis. Reflections/ Reflexos. Trad. Jorge Wanderley. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.22, jan., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota biográfica de Louis MacNeice, por Jorge Wanderley.] [Publicação bilíngüe.]

*

MAGNO, Montez. "Há muito que pratico yoga (...)" / "Tudo o que eu tinha fiz presentes (...)" / "Um olho (...)" / "Por trás da árvore o sol (...)". *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.23, jan., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Constam as datas: 1976, 1974, 1973, 1973, respectivamente.]

*

BONVICINO, Régis. A linguagem. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.24, jan., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

GAMA, Mauro. Governo/ Tela. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.25, jan., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Istórias. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.26-27, jan., 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta data: dezembro, 1968.]

*

PAES, José Paulo. Não cora o livro de ombrear co'o sabre/ Neopaulística ou elegia ecológica/ A um cavalógrafo/ Brecht revisitado/ A evolução dos estilos/ O libertador/ Lar/ Epitáfio para Rui/ Um sonho americano. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.28, jan., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

LUCCA, Newton de. Constituição revista ou epitalâmio ao nominalismo/ Sísifa/ Descompasso. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.29, jan., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

ANDRADE, Mário de. Mario de Andrade para Carlos Drummond - Cartas III. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.30-33, jan., 1977.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Modernismo; Biografia; Pau-brasil; Literatura

Notas de resumo: A revista José publica mais uma carta escrita por Mário de Andrade para Drummond, datada de 23/8/1925. Nesta correspondência, Mário expõe suas impressões sobre o sentido prático da vida e dá conselhos ao amigo relativos ao casamento e à família, além de estimular a publicação de A Revista, periódico dirigido por Martins de Almeida e Drummond.

Autores citados: ANDRADE, Oswald de; ARANHA, Graça; TESCHAUER, Carlos; ALMEIDA, Martins de.

Iconografia: Fotografia, s/crédito, " Mário de Andrade em companhia da Sra. Augusto Meyer".

*

LIMA, Alceu Amoroso; HOLLANDA, Heloisa Buarque de...a geração de vocês, de repente se encontra diante de um muro... *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.34-36, jan., 1977.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Palavras-chave: Política; Censura; Década de 70; Cultura; Literatura

Notas de resumo: Alceu Amoroso Lima concede entrevista à revista José e expõe sua visão sobre a atuação intelectual e a produção cultural das novas gerações da época no Brasil. Aborda o desapontamento como o primeiro sinal desta geração, visto que vinha numa tentativa enorme de participação e de libertação de problemas sociais, e se vê diante de uma muralha, sofrendo enorme limitação que é a liberdade política. No entanto, Lima acredita que a capacidade criadora dessa geração acaba sendo estimulada pelas dificuldades vividas. Aponta como questão capital o problema da autonomia da cultura intelectual e sua interdependência com as outras formas de cultura. O escritor finaliza comparando as dificuldades e perspectivas de sua geração (1890) com a que está vivendo esta época de aceleração da história e do progresso tecnológico.

Autores citados: ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BANDEIRA, Manuel; BERNANOS, Georges; CAMÕES, Luiz Vaz de; CARVALHO, Ronald de; LIMA, Jorge de; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; SHAKESPEARE, William; GOETHE; OLIVEIRA, Maria Lília Gouveia de; SILVEIRA, Valdomiro; BARBUSSE, Henri; BALZAC, Honoré de; PLATÃO; MARCOS, Plínio.

Iconografia: Fotografia, J.B., de Alceu Amoroso Lima.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. (ANJOS, Augusto dos. "Toda a poesia de Augusto dos Anjos" Editora Paz e Terra, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.37, jan., 1977.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: ANJOS, Augusto dos

Palavras-chave: Poesia; Brasil

Notas de resumo: A publicação de "toda a poesia de Augusto dos Anjos" surge com duas interessantes diferenças em relação às obras já editadas do poeta: não tem o grande "Eu" impresso na capa e é acompanhado do estudo crítico do poeta Ferreira Gullar, trazendo contribuição valiosa como descrição do que chama de sistema poético de Augusto dos Anjos. A resenha faz algumas restrições às colocações de Gullar, sem desmerecer a contribuição deste redimensionamento crítico da figura de Augusto dos Anjos.

Autores citados: BANDEIRA, Manuel; GULLAR, Ferreira; MELO NETO, João Cabral de; POE, Edgar Allan; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; KILKERRY, Pedro; GAMA, Marcelo; CHKLOVSKI, Víctor.

*

COUTINHO, Edilberto. Informe literário. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.38-40, jan., 1977.

Vocabulário controlado: INFORME - Literatura

Palavras-chave: Década de 70; Literatura

Notas de resumo: O autor comenta as seguintes obras: "Jacarés ao sol", de Rubem Mauro Machado; "Balada do falso messias", de Moacyr Scliar; "O pirotécnico Zacarias", de Murilo Rubião; "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus; "Tudo em cor-de-rosa", de Yolanda Penteado; "toda a poesia de Augusto dos Anjos"; "Poema sujo", de Ferreira Gullar; "O

ateneu", de Raul Pompéia; "No ritmo dessa festa", de Bruna Lombardi; "Dentes ao sol", de Ignacio de Loyola Brandao; "Gato e rato", de Gunther Grass; Revistas Ficção e Escrita; "História de revistas e jornais literários", de Plínio Doyle. Além disso, noticia a entrevista que Jorge Amado concedeu ao Jornal O Estado de São Paulo, na qual diz que a expressão literatura latino-americana, quando usada por europeus ou norte-americanos, tem uma conotação de sentido colonialista.

Autores citados: AMADO, Jorge; ANJOS, Augusto dos; CARPEAUX, Otto Maria; CARPENTIER, Alejo; CUNHA, Fausto; FIRESTONE, Shulamith; GALEANO, Eduardo; GRASS, Günter; GULLAR, Ferreira; HOUAISS, Antonio; JESUS, Carolina Maria de; LIMA, Luiz Costa; ASSIS, Machado de; MENEZES, Carlos; NABOKOV, Vladimir; POMPÉIA, Raul; SCLIAR, Moacyr; TELLES, Lygia Fagundes; VEIGA, José J.; WANDERLEY, Jorge; HOHLFELDT, Antonio; BRANDÃO, Ignácio de Loyola; LEITE, Sebastião Uchôa; RUBIÃO, Murilo; MOREYRA, Eugenia Alvaro; SUSSEKIND, José Carlos; LOMBARDI, Bruna; PIÑON, Nélida; MACHADO, Rubem Mauro; PENTEADO, Yolanda; SILVEIRA, Joel; COELHO, Luis Lopes; SANTARENO, Bernardo; BOTELHO, Fernanda; TREVISAN, Hamilton; NADER, Wladyr; NUNES, Cassiano; BERTHOLO, Therezinha; DENGLER, Carl N.; STEVENSON, Leslie; NADER, Alceu; DOYLE, Plínio; SANT'ANNA, Sérgio; ARAÚJO, Astolfo; CAVALCANTI, Valdemar; PIRES, José Cardoso; HOLLANDA, Heloisa Buarque de.

*

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Carta. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº07, p.40, jan., 1977.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Polêmica; Literatura

Notas de resumo: A revista José publica uma carta (6/01/77) do escritor Affonso Romano de Sant'Anna, que solicita uma retificação quanto ao artigo de Antonio Risério, publicado no n.6 deste periódico. Risério sugere, naquele artigo, que Affonso, em seu estudo "O múltiplo Caetano", teria atribuído à Caetano a autoria de diversas músicas de Torquato Neto.

Autores citados: SCHWARZ, Roberto; VELOSO, Caetano; RISÉRIO, Antonio; TORQUATO NETO; LESSA, Ivan.

Iconografia: Publicidade, Assinatura de José; Opinião.

CANDEIA; FERREIRA, Maria do Carmo; HOLANDA, Gastão de; JUCÁ, Cecília; FROTA, Lélia Coelho. Candeia Quilombo. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.2-12, maio, 1977.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

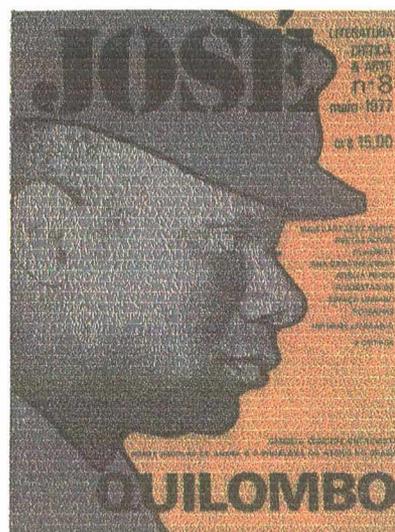
Nome pessoal como assunto: CANDEIA,

Palavras-chave: Religião; Carnaval; Cultura; Negros

Notas de resumo: A revista José entrevista Candeia, fundador do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo. O sambista lidera o movimento que busca preservar e incentivar a cultura e os valores populares, e depõe sobre o carnaval, espetáculo feito por e para a massa popular, que está virando palco de coreografias, alegorias e autoridades. Candeia aborda este processo de descaracterização das manifestações, e fala do candomblé, do jongo e do samba, e da necessidade de preservar as origens africanas. As motivações para a fundação do Quilombo, diz Candeia, nasceram da consciência da marginalização do negro no Brasil. Segundo o sambista, "houve aqui um slogan fajuto de libertação que não deu ao negro uma oportunidade de participação".

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; BARRETO, Lima; HOUAISS, Antonio; JESUS, Carolina Maria de; ASSIS, Machado de; PICASSO, Pablo; PORTELA, Paulo da; ALVES, Castro; MEIRELES, Cecília; CABRAL, Sérgio; SILVA, Julio Martins da; DEBRET, Jean-Baptiste; CACHAÇA, Carlos; CARTOLA.

Iconografia: Fotografias, s/crédito, de Candeia; de Gastão de Holanda e Lélia Frota; "O



samba no Quilombo começa cedo"; "Puxador de samba do Quilombo".

*

FROTA, Lélia Coelho. Alma & pétalas/ Compasso de Nerval. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.13, maio, 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

PRADO, Adélia. Linguagem. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.13, maio, 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

CARONE, Modesto. Tempestade/ Rural. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.14, maio, 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

FERREIRA, Maria do Carmo. Verdavários/ Previsão do ausente. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.14, maio, 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

VENTURA, Roberto; SILVA, Fernando Antônio da; PINTO, Ricardo Augusto Rocha; GONÇALVES, Marcos M. Poesia jovem. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.15, maio, 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob a rubrica "Poesia jovem", publicam-se os poemas: O dentifrício, de Roberto Ventura; Moral e cínica/ Casa repleta de cômodos, de Marcos M. Gonçalves; Babilônia/ O homem de telejornal, de Ricardo Augusto Rocha Pinto; Bolsa dos humores/ Encanto/ Domingo/ Esperança, de Fernando Antonio da Silva.

*

WANDERLEY, Jorge. Duas verbiagens. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.16-17, maio, 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Autores citados: MARVELL, Andrew.

Iconografia: Desenho, Rico.

*

CESAR, Ana Cristina. Na outra noite no meio-fio. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.18-19, maio, 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Desenho, Tania Kacelnik.

*

FLAUBERT, Gustave; TERRAIL, Berthe du. O arco dos bufões. Flaubert + DuTerrail. Trad. Luiz Costa Lima. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.20-23, maio, 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: Luiz Costa Lima traduz o trecho final do cap. V de "Bouvard et Pécuchet", de Flaubert, assim como os comentários de um desconhecido ensaísta chamado Berthe du Terrail. [Consta nota explicativa: as anotações foram encontradas no livro "D'une bêtise à l'autre", publicado em 1919, e Luiz Costa Lima decidiu publicar por considerá-las adequadas a leitores como nós.]

Autores citados: MAISTRE, Joseph de; PROUST, Marcel; SCHELLING, Friedrich; SHAKESPEARE, William; HUGO, Victor; VIRGÍLIO; JOUFFROY; SÓCRATES; HOMERO; MOLIÈRE, (Pseud. de Jean Baptiste Poquelin); MARMONTEL, (Jean-François); CHENIER, André.

Iconografia: Desenho, s/crédito. Publicidade, Livro da Ed. Fontana e Assinatura de José.

*

GRAEFF, Edgar Albuquerque. A questão do espaço urbano. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.24-30, maio, 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Arquitetura; Urbanismo; Cidade

Notas de resumo: O texto expõe diversas reflexões em torno da problemática atual da

arquitetura. Segundo o ensaio, a cidade está agonizante e o desmoronamento é motivado por problemas de causas econômicas e sociais, mas também pelas insuficiências do próprio campo da arquitetura. A mudança de qualidade suportada pelos imóveis urbanos no curso dos últimos séculos e a exploração predatória da natureza introduzidas na economia pelo imediatismo capitalista resultaram na deterioração da vida urbana. Alia-se a isto a incapacidade que a arquitetura tem revelado para tocar o fundo da questão do urbano e para estabelecer, com base na prática do urbanismo no curso dos últimos cem anos, uma teoria capaz de fecundar os esforços no sentido da criação de uma nova estrutura espacial, que seja coerente com o mundo moderno e favorável ao pleno florescimento da vida urbana nas condições desse mundo moderno. O texto aborda os principais contrastes e conflitos proporcionados pela vida urbana do momento, e alerta para a necessidade urgente dos arquitetos perceberem a revolução urbana que está acontecendo, para assegurar melhores condições para o futuro.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ENGELS, Friedrich; LE CORBUSIER, (Pseud. de Charles Édouard Jeanneret); LEFEBVRE, Henri; NIEMEYER, Oscar; RUSSEL, Bertrand; GORKI, Máximo; FERNANDES, Millôr.

Iconografia: Reprodução, "Croquis de Niemeyer".

*

LINDOSO, Dirceu Accioly. O nu e o vestido. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.31-39, maio, 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Antropologia

Nome pessoal como assunto: ANDRADE, Oswald de

Palavras-chave: Modernismo; Dialética; Antropofagia; Matriarcado

Notas de resumo: O texto retoma os polêmicos escritos de Oswald de Andrade para analisar a estrutura do discurso que os sustenta e afirma que o discurso antropológico oswaldiano se destina, em parte, a estabelecer uma cronologia de cultura. O artifício teórico utilizado nessa manipulação do processo histórico foi o de introduzir a lógica hegeliana na História. A estrutura dialética apresenta-se da seguinte maneira: o primeiro termo corresponde ao homem natural; o segundo, ao homem civilizado; e o terceiro, ao homem natural tecnizado. O esquema oswaldiano formaliza o processo de negações que constitui os três termos como uma antropologia que se revela por meio de uma relação de oposição nu/vestido. O autor acrescenta que o discurso do ideólogo da antropofagia se deixa devorar por um furor autofágico quase suicida. O texto demonstra as contradições e falhas das leituras teóricas de Oswald, a partir de seus textos. Recorre, então, ao esquematismo teórico que domina tal discurso: a etnologia jurídica de Bachofen e a dialética de Hegel. [Consta epígrafe de Oswald de Andrade.]

Autores citados: CAMPOS, Haroldo de; CANDIDO, Antonio; DUMONT, Louis; ENGELS, Friedrich; FREUD, Sigmund; MALINOWSKI, Bronislaw; MORUS, Thomas; NIETZSCHE, Friedrich; WEBER, Max; ARISTÓTELES; ÉSQUILO; LÉVI-STRAUSS, Claude; ROUSSEAU, Jean-Jacques; HEGEL; STADEN, Hans; HESÍODO; WESTERMARCK; SÓCRATES; BACHOFEN; LEVILLIER, Roberto; GRAEBNER; ANCKERMANN; SCHMIDT, (Pe.) Wilhelm; DUMÉZIL, Georges; LECLERC, Gérard; FROBENIUS, Leo; VESPÚCIO, Américo.

Iconografia: Ilustrações, s/crédito. Publicidade, Livraria Leonardo da Vinci; Livro da Ed. Fontana.

*

ANDRADE, Mário de. Mario de Andrade para Carlos Drummond - Cartas IV. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.40-44, maio, 1977.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Modernismo; Periodismo; Cartas

Notas de resumo: A revista *José* publica mais cinco cartas escritas por Mário de Andrade e endereçadas a Drummond. A primeira, datada de 16/10/25, trata dos problemas da crítica de Tristão de Ataíde, sobretudo em seus comentários sobre o "Noturno de Belo Horizonte", de Mário, além de fazer considerações sobre a ortografia da Língua Portuguesa. Seguem-se três bilhetes (18/11/25; 29/11/25; 7/12/25) a propósito da organização, por parte do jornal "Noite", do Rio de Janeiro, de uma coluna de artigos escritos pelos modernistas, da qual os mineiros

participariam. Na quinta carta (28/12/25) Mário discorre sobre o mal-estar causado pela publicação de sua entrevista para o jornal "Noite", em que o periódico atribuiu-lhe a "chefia do modernismo".

Autores citados: ALMEIDA, Guilherme de; ANDRADE, Carlos Drummond de; ARANHA, Graça; BANDEIRA, Manuel; FRANCE, Anatole; MATOS, Gregório de; ROMERO, Silvio; VERÍSSIMO, Érico; NAVA, Pedro; MILLIET, Sérgio; ARANHA, Luiz; MOURA, Emílio; ALMEIDA, Tácito de; VIANA, Gonçalves; VASCONCELOS, Diogo de; ATHAYDE, Tristão de (Pseud. de Alceu Amoroso Lima); ALMEIDA, Martins de.

Iconografia: Fotografia, s/crédito.

*

COUTINHO, Edilberto. Informe literário. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.45-46, maio, 1977.

Vocabulário controlado: INFORME - Literatura

Palavras-chave: Romance; Década de 70; Literatura

Notas de resumo: No informe literário, comentam-se as seguintes obras: "A fuga do arcanjo" e "A pedra iluminada", de Walmir Ayala; "Castro Alves de todos nós", de Eliane Zagury; "Os ratos de São Sebastião", de Fuad Atala; "Sumaimana" e "Canção para o totem", de Regina Célia Colônia; "O viajante das nuvens", de Haroldo Bruno; além de citar alguns lançamentos de livros e elogiar a iniciativa da Editora Nórdica e da Editora Três, por suas interessantes publicações.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; DOURADO, Autran; FIGUEIREDO, Guilherme; JAGUARIBE, Helio; NERUDA, Pablo; TELLES, Gilberto Mendonça; ZAGURY, Eliane; ALVES, Castro; QUEIROZ, Maurício Vinhas de; CARVALHO, José Cândido de; AYALA, Walmir; OLIVEIRA, Franklin de; RAMOS, Ricardo; SALES, Herberto; ATALA, Fuad; COLÔNIA, Regina Célia; PENTEADO, Darcy; MANSUR, Gilberto; BACH, Richard; FERREIRA, Edmar Pedreira; VILAÇA, Antônio Carlos; ORNELLAS, Manoelito de; REALI, Eriide Melillo; BURNETT, Lago; CUNHA, Wilson; BRUNO, Haroldo; FERNANDES, Millôr; IVO, Lêdo; PRETA, Stanislaw Ponte.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. Enigma-imagem de Marcel Duchamp. (CAMPOS, Augusto de. "Reduchamp." Iconogramas de Julio Plaza. São Paulo: Edições Strip, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.47, maio, 1977.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: DUCHAMP, Marcel

Palavras-chave: Arte; Ready-made

Notas de resumo: Para que Marcel Duchamp hoje, e no Brasil? O autor procura demonstrar o sentido desta presença, que fez com que Augusto de Campos se debruçasse sobre a vida-obra de Duchamp, e revelasse nesta publicação uma espécie de remontagem dos gestos duchampianos. De acordo com Sebastião Uchoa, a edição de "Reduchamp" é uma obra-prima da arte gráfica, com interessantes estilizações gráficas e iconogramas de Julio Plaza. [Consta epígrafe de Marcel Duchamp.]

Autores citados: CAMPOS, Augusto de; PLAZA, Julio.

*

WANDERLEY, Jorge. Drummond, jacarés e tudo. (ANDRADE, Carlos Drummond de. "Os dias lindos." Rio de Janeiro: José Olympio, 1977). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.47-48, maio, 1977.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: ANDRADE, Carlos Drummond de

Palavras-chave: Jornalismo; Crônica

Notas de resumo: "Os dias lindos, de Drummond, é considerado por Jorge Wanderley como um momento excepcional do gênero crônica entre nós. Este gênero tem como característica uma leveza natural, permitindo leitura descompromissada e que parece bastante adequado à publicação de jornal. Talvez por isso os estudiosos da literatura ainda não tenham lhe dedicado a atenção merecida.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; BRAGA, Rubem; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes.

*

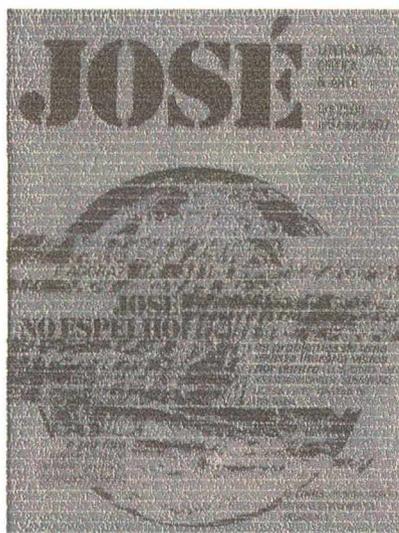
RISÉRIO, Antonio. Carta. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº08, p.48, maio, 1977.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Polêmica

Notas de resumo: Risério responde a carta de Affonso Romano de Sant'Anna, que havia escrito solicitando retificação do artigo publicado por Risério. Este afirma que a demanda seria infundada, visto que os dados fornecidos por ele, ao escrever "O múltiplo Caetano", foram colhidos em fichas técnicas de discos e resenhas jornalísticas, e não em "fuxicos", como supunha Sant'Anna.

Autores citados: GIL, Gilberto; CHAMIE, Mário; SANT'ANNA, Affonso Romano de; VELOSO, Caetano; CAPINAM, José Carlos; TORQUATO NETO; LESSA, Ivan; LACAN, Jacques; DUARTE, Rogério.



CARNEIRO, Geraldo; GULLAR, Ferreira; LIMA, Luiz Costa; SANTIAGO, Silviano; WANDERLEY, Jorge; LEITE, Sebastião Uchôa; HOLANDA, Gastão de. José no espelho. *Debate. José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.2-17, dez., 1977.

Vocabulário

controlado: DEBATE

Palavras-chave: Brasil; Jornalismo; Década de 70; Periodismo; Polêmica

Notas de resumo: Os escritores Ferreira Gullar, Silviano Santiago, Geraldo Carneiro e Luiza Lobo reúnem-se com o conselho editorial da revista José, Luiz Costa Lima, Gastão de Holanda, Jorge Wanderley e Sebastião Uchoa Leite, para debater sobre os problemas de uma revista literária naquele momento. Opiniões divergentes são expostas e as soluções possíveis para a sobrevivência do veículo também são distintas. O debate aborda a dificuldade de se construir um

periódico que não seja porta-voz de um grupo homogêneo e não manifeste um posicionamento político. Além disso, são questionados os critérios de edição dos textos, critérios de vendagem, a concorrência com outras revistas e suplementos literários, a linguagem jornalística e a definição do público leitor.

Autores citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; FONSECA, Rubem; GALVÃO, Walnice Nogueira; PIGNATARI, Décio; WIENER, Norbert JUCÁ, Cecília; LINDOSO, Dirceu Accioly; VENOSA, Angelo; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; CANDEIA.

Iconografia: Fotografias, s/crédito, dos debatedores. Publicidade, Assinatura de José.

*

MIRANDA, Luiz de. Poética isolada/ Inquisição/ Sobreaviso. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.18, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

VEIGA, Elisabeth. Suicida/ Contabilidade final. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.18, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

OLSZEWSKI, Roberto. "estar à janela (...)" / Hai-kai/ Diagnose/ Poema. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.19, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

ARAÚJO, Wilson. Civilizado ocidental cristão. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.19, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

BOZETTI, Roberto. Relato. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.19, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

HOLANDA, Gastão de. Prelúdio de uma tarde - Debussy/ Como eles me acusam. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.20, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [No segundo poema, consta dedicatória: "A Carlos Drummond de Andrade".]

*

SALDANHA, Carlos Felipe. Delíquios termais/ O conde de Lisle/ Cosmogonia panchu. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.21, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

LEITE, Sebastião Uchôa. "Ora, direis, ouvir estrelas"/ "Prefiro rosas, meu amor, à pátria"/ Nova niezscheana/ A opinião sem ter razão/ As time goes by. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.21, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Nota: Poemas reunidos em "De uma série de pequenos venenos", abril/77.

*

WANDERLEY, Jorge. Auto-retrato dos outros. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.22, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

BARATA, Paulo Luiz. "grande é o espaço da criação (...)". *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.22, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

RILKE, Rainer Maria. Poesia no mundo. Abisag. Trad. Décio Pignatari. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.23, dez., 1977.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta a data: fevereiro/1977.]

Iconografia: Fotografia, s/crédito, de Rainer-Maria Rilke.

*

NEVES, Luiz Felipe Baeta. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.24-30, dez., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Esporte

Palavras-chave: Ideologia; Política; Futebol; Nacionalismo; Sociologia

Notas de resumo: Analisar as mensagens ideológicas emitidas pelo futebol, a mais importante manifestação de massa do Brasil daqueles dias como fenômeno social, é a proposta deste texto. Tais mensagens emitem determinadas representações ideológicas sobre a organização da sociedade, o poder e a estrutura do tempo, dentre outras, que são mediatizadas por símbolos. As representações são descritas em duas rubricas: a ideologia da permanência, na qual se distinguem os enunciados que buscam justificar a manutenção dos valores desta sociedade, e a ideologia da transformação, cujas mensagens apontam para uma visão crítica.

Iconografia: Fotografias, s/crédito.

*

CAMPOS, Haroldo de. A rosácea das convergências. Entretexo para uma leitura de Fenollosa. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.31-37, dez., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: FENOLLOSA, Ernest

Palavras-chave: Crítica; Lingüística; Poesia; China; Literatura

Notas de resumo: O ensaio "Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a

poesia", do filósofo Ernest Fenollosa, tem provocado algumas discussões em torno do assunto. Segundo Haroldo de Campos, a moderna teoria lingüística pode oferecer elementos que auxiliem no debate deste estudo. O texto percorre a trajetória dos estudos de Fenollosa, considerando-a chave para a leitura do ensaio. Outro dado que permite um adequado entendimento do texto citado, e que é minuciosamente descrito, é o conhecimento do contexto vivencial e o "extratexto" cultural no qual se formou e atuou o filósofo norte-americano. [Consta nota explicativa: o trabalho é parte de um ensaio mais longo, que servirá de prefácio à coletânea "Ideograma: lógica, poesia, linguagem", organizada por Haroldo para a Editora Cultrix.]

Autores citados: EMERSON, William; BRECHT, Bertolt; CAGE, John; DERRIDA, Jacques; DESCARTES, René; ELIOT, T. S.; HYPOLITE, Jean; JAKOBSON, Roman; JAMES, Henry; JAMES, William; JOYCE, James; MALLARMÉ, Stéphane; MATISSE, Henri; MONDRIAN; NIETZSCHE, Friedrich; PAULHAN, Jean; PEIRCE, Charles Sanders; PICASSO, Pablo; POUND, Ezra; SAUSSURE, Ferdinand de; SHELLEY, Mary (Wollstonecraft); SOUSÂNDRADE, Joaquim de; STAROBINSKI, Jean; VALÉRY, Paul; WEBER, Max; WORDSWORTH, William; YEATS, William Butler; HEGEL; BALLY, Charles; RAUSCHENBERG, Robert; EISENSTEIN, Sergei; WILLIAMS, William Carlos; SECHEHAYE, A.; KARCEVSKI, S.J.; CHISOLM, Lawrence W.; DAVIE, Donald; BROOKS, Van Wyck; HARRIS, William T.; NORTON, Charles Eliot; KNIGHT, Thomas S.; KANEKO, Kentaro; TOMONOBU, Kano; YEITOKU, Kano; HAGA, Yaichi; ARIGA, Nagao; MORI, Kainen; NEMOTO, Michiaki; UMEWAKA, Minoru; DOW, Arthur; O'KEEFE, Georgia; OLSON, Charles; KENNER, Hugh; WHISTLER; CÉZANNE, Paul.

Iconografia: Publicidade, Livro da Ed. Fontana/Summus.

*

LIMA, Alencar Guimarães. Tupi tangendo alaúde. Uma leitura de Paulicéia Desvairada. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.38-42, dez., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ANDRADE, Mário de

Palavras-chave: Antropofagia; Poesia; Cultura; Modernismo

Notas de resumo: O texto propõe uma leitura dos poemas de "Paulicéia desvairada", de Mário de Andrade. O título remete à libertação e à perda do juízo, sendo que este desvairismo é atingido através da loucura, como a loucura da aceitação passiva de uma cultura importada e repressora. Ao mesmo tempo que a antropofagia do poeta (personagem que se configura no texto poético) se propõe a assimilar o discurso europeu, ela recupera as próprias características, que foram anexadas a este no momento da conquista. O texto apresenta ainda as diversas facetas do poeta, que se sucedem ao longo da "Paulicéia", descrevendo os jogos de linguagem utilizados para caracterizar o espaço entre os dois pólos (cultura européia e indígena), que propicia a desrepressão da cultura brasileira. [Consta epígrafe de Mário de Andrade.]

Autores citados: ANDRADE, Oswald de; BRECHT, Bertolt; DERRIDA, Jacques; NUNES, Benedito; SHAKESPEARE, William; FOUCAULT, Michel; LICHTENBERGER, Henri.

Iconografia: Publicidade, Livraria Duas cidades; Graphos; Livro da Ed. Fontana; Assinatura de José.

*

MORAES, Rubens Borba de. Recordações de Blaise Cendrars. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.43-47, dez., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CENDRARS, Blaise

Palavras-chave: Modernidade; Modernismo; Biografia

Notas de resumo: Neste texto, enfatiza-se a importância da poesia rica e significativa do escritor modernista Blaise Cendrars, que no momento estava sendo bastante lido e estudado. Considerado uma lenda, um personagem mitológico, cujo mistério maior é a veracidade dos fatos por ele narrados. A própria bibliografia de Cendrars é incerta e confusa, motivo pelo qual Moraes decide escrever sobre as recordações de sua convivência com o escritor. O texto relembra comentários e passagens da vida de Cendrars e conclui que sua característica principal é a imaginação criadora e a mensagem de liberdade confida em sua obra.

Autores citados: AMARAL, Araci; AMARAL, Tarsila do; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; APOLLINAIRE, Guillaume; BANDEIRA, Manuel; BARROS, Couto de; BOILEAU, Nicolas; PRADO, Paulo; SCHOPENHAUER, Arthur; LÉRY, Jean de; D'ABBEVILLE, Claude; MILLIET, Sérgio; ARANHA, Luiz; GRANCE, Abel; THIOLIER, René; DELAFOSSE, Maurice; MALLET, Robert; LÉAUTAND, Paul; MANOLL, Michel; MACHADO, (Antônio de) Alcântara.

Iconografia: Publicidade, Livro da Ed. Fontana/Summus; Pasquim.

*

TOZZI, Cesar. Extrapolação. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.48, dez., 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

LOBO, Luiza. O apito. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.49-51, dez., 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Publicidade, Livro da Ed. Fontana.

*

ANDRADE, Mário de. Mario de Andrade para Carlos Drummond - Cartas V. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.52-56, dez., 1977.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Crítica; Modernismo; Literatura

Notas de resumo: Mais seis cartas de Mário de Andrade são publicadas nesta edição da revista José. Na primeira carta (sem data), que vai acompanhada da coleção completa da revista Klaxon, o escritor trata de alguns de seus recentes escritos. A seguinte, de 23/01/26, é sintética: procura desfazer o mal entendido com o jornal "Noite" e o pessoal de Minas. A terceira carta (18/02/26) solicita a colaboração de Drummond para a "Terra roxa e outras terras" e a quarta (19/03/26) demonstra a preocupação com o fato de o poeta mineiro estar numa cidadezinha do interior de Minas - Itabira, e procura animá-lo falando da amizade e da consideração que tem pelo poeta. Na quinta correspondência (8/5/26), Mário trata da carta tristonha que recebeu de Drummond e na sexta (sem data) aborda as dificuldades financeiras de ambos, solicita uma cópia de todos os poemas drummondianos e procura fazê-lo reagir do abatimento que confessou na última carta.

Autores citados: ALPHONSUS, João; ARANHA, Graça; NAVA, Pedro; MOURA, Emílio; ATHAYDE, Tristão de (Pseud. de Alceu Amoroso Lima); ALMEIDA, Martins de.

*

LINDOSO, Dirceu Accioly. (CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. "Don Quixote de la Mancha." Trad. de Visconde de Castilho e Azevedo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.57, dez., 1977.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Romance

Notas de resumo: A mais conhecida e vulgarizada tradução para o português do "El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Manja", de Cervantes, é a de Visconde de Castilho. Nesta obra, percebe-se a preocupação do tradutor em eliminar as interferências da língua original na língua do texto traduzido, eliminando assim, muitas das peculiaridades do texto original. Apesar de considerar a tradução de Castilho como uma das melhores, Lindoso levanta algumas soluções empobrecedoras adaptadas pelo tradutor, com respeito à obra de arte original.

Autores citados: CARPEAUX, Otto Maria; HATZFELD, Helmut; HORÁCIO;CASTILHO, Visconde de; MOUNIN, Georges; KRAAZ, Gerhart; CERVANTES, Miguel de.

*

SANTIAGO, Silviano. (GULLAR, Ferreira. "Poema sujo" Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.58, dez., 1977.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: GULLAR, Ferreira

Palavras-chave: Crítica; Poesia; Vanguarda; Poesia marginal

Notas de resumo: O livro "Poema sujo", escrito por Ferreira Gullar, é considerado como um livro oportuno, visto que leva à uma reflexão sobre os caminhos impostos por Drummond (com "Claro enigma", em 1951), João Cabral, vanguarda, marginalismo e sobre a própria

poesia. A publicação deste livro em 76 oferece a inquietação e a resposta como motores eficientes na produção literária daquele momento. Santiago aborda a produção dos poetas naquele momento e enfatiza a importância de uma postura mais crítica e coerente, ingrediente encontrado no "Poema sujo" de Gullar, que se renova na poesia dos "marginais" e amadurece ao contato com os clássicos.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; CAMPOS, Haroldo de; CANDIDO, Antonio; GULLAR, Ferreira; MELO NETO, João Cabral de; PESSOA, Fernando; PIGNATARI, Décio; VALÉRY, Paul; NAVA, Pedro; VICENTE, José; BASTOS, Oliveira.

*

LINDOSO, Dirceu Accioly. Carta. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.58, dez., 1977.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Notas de resumo: O autor escreve à revista *José* fazendo algumas retificações gramaticais sobre seu ensaio "O nu e o vestido", publicado no n. 8.

*

MÜLLER-BERG, Klaus. Books abroad nosso jubileu de ouro 1927-1977. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.59, dez., 1977.

Vocabulário controlado: INFORME - Literatura

Palavras-chave: Periodismo

Notas de resumo: O texto noticia a mudança de título da revista literária *Books abroad*, dedicada à literatura internacional, para *World literature today*. O primeiro número (inverno de 77) é consagrado à Elizabeth Bishop, poetisa norte-americana que morou vinte anos no Brasil, tendo editado várias antologias de poetas brasileiros contemporâneos. A revista está ampliando a seção de resenhas de literatura afro-luso-brasileira, e abre espaço na área de poesia de expressão portuguesa.

Autores citados: BISHOP, Elizabeth; MÁRQUEZ, Gabriel García; PONGE, Francis; UNGARETTI, Giuseppe; MORLEY, Helena.

Iconografia: Reprodução da capa de *World Literature Today*, winter 1977.

*

José - Literatura, Crítica & Arte. "A Avenir Editora, responsável pela (...)". *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.59, dez., 1977.

Vocabulário controlado: INFORME - Literatura

Palavras-chave: Periodismo

Notas de resumo: A Avenir editora, responsável pela revista *Módulo* - publicação da área de arquitetura e que volta-se no momento para as atividades literárias, divulga o lançamento de um livro de poesias e solicita o encaminhamento de novos trabalhos poéticos para serem publicados.

Iconografia: Publicidade, Livraria Leonardo da Vinci; Livraria Freitas Bastos S.A.

*

CARONE, Modesto. Anatol Rosenfeld e a literatura. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.60-61, dez., 1977.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ROSENFELD, Anatol

Palavras-chave: Crítica; Linguagem; Literatura; Intelectual

Notas de resumo: O texto faz uma releitura de Anatol Rosenfeld, representante da crítica brasileira contemporânea, centrando-se na seguinte questão: como Anatol criticou a própria crítica, pressupostos de sua atividade, e pensou seu próprio pensamento. A partir das reflexões teóricas acerca da literatura em "Estrutura e problemas da obra literária", de Rosenfeld, a resenha trata de algumas relações entre a criação e a crítica do autor.

Autores citados: ANDRADE, Mário de; BRECHT, Bertolt; MANN, Thomas; SCHWARZ, Roberto; GOETHE.

*

BARBOSA, Denis Borges. Etimelis. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.62-64, dez., 1977.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

CHAMIE, Mário. Cartas. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº09, p.64, dez., 1977.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Polêmica; Literatura

Notas de resumo: Mário Chamie responde à carta escrita por Antônio Risério no número anterior. Defende-se das acusações feitas por Risério, alegando conhecer muito bem a autoria da letra "Mamãe coragem" e as citações e processos naturais de assimilação de seus textos nas poesias de Caetano e Gil. Em tom agressivo, conclui definindo-se como poeta, sendo que "a linguagem que produz se constitui fonte para que outros se abasteçam".

Autores citados: GIL, Gilberto; ALIGHIERI, Dante; ANDRADE, Oswald de; BAUDELAIRE, Charles; BRECHT, Bertolt; ELIOT, T. S.; HERÁCLITO; MATOS, Gregório de; VELOSO, Caetano; RISÉRIO, Antonio; COELHO (NETTO), Teixeira; CORREA, José Celso Martinez; TORQUATO NETO.

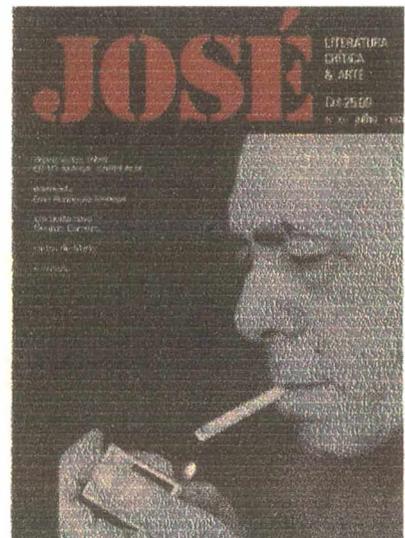
HOLANDA, Gastão de. Otto Maria Carpeaux 1902 - 1978. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.3, jul., 1978.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Notas de resumo: O editor explica o atraso deste número da revista, justificado pela decisão de fazer uma homenagem póstuma a Otto Maria Carpeaux, por ocasião de seu recente falecimento. Gastão de Holanda recorda alguns encontros com o escritor e resalta a importância deste crítico no cenário da literatura brasileira, observando também as semelhanças da obra de Carpeaux com a de Alceu Amoroso Lima, ambos jornalistas e escritores europeus revolucionários, cujo conhecimento pesaria em nossa formação.

Autores citados: APOLLINAIRE, Guillaume; HOUAISS, Antonio; KOSTER, Henry; LIMA, Alceu Amoroso; SARTRE, Jean-Paul; CROCCE, Benedetto; LEITE, Sebastião Uchôa; CAMUS, Albert; SAINT-HILAIRE, Auguste de; DEBRET, Jean-Baptiste; MANSFIELD, Katherine; CONDÉ, José; LANGSDORFF; HENDERSON, James; TOLLENARE; GRAHAM, Maria; ENDER.



*
HOUAISS, Antonio. Uma face de Otto Maria. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.4-5, jul., 1978.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Palavras-chave: Biografia

Notas de resumo: Houaiss comenta algumas passagens da trajetória do escritor Otto Maria Carpeaux, que exercia as funções de bibliotecário da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro quando os dois se conheceram. O autor faz alguns relatos para demonstrar o pioneirismo dos atos, a sensibilidade do homem e a importância da obra de Carpeaux. [Consta data: Rio, 7 de março de 1978.]

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Augusto dos; ARANHA, Graça; BARBOSA, Francisco de Assis; BARRETO, Lima; CAPANEMA, Gustavo; SOUSA, Cruz e; DIAS, Gonçalves; NUNES, José Joaquim; RIBEIRO, Darcy; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de; VASCONCELOS, José Leite de; MAURÍCIO, Jaime; GRÜNEWALD, José Lino; GOMRINGER, Eugen; ALVES, Castro; HOLANDA, Gastão de; TEIXEIRA, Anísio; SILVEIRA, Álvaro Ferdinando Sousa da; NASCENTES, Olavo Aníbal; CAMARINHA, Mário; CUNHA, Antônio de Pádua da Costa e; CAPISTRANO, Martins; ABREU, Casimiro de.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Carpeaux ao lado de Antonio Houaiss e Enio Silveira, 1968.

*
GOMRINGER, Eugen. "teu olhar (...)". Trad. Otto Maria Carpeaux. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.6-7, jul., 1978.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: o poema foi retirado do volume inédito "Studenbuch" ("Livro de horas"), publicado em "Neue Zuercher Zeitung", Zurique, 12/09/1964, e foi traduzido por Otto Maria Carpeaux, que entregou o manuscrito a José Lino Grünewald.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Carpeaux e sua mulher D. Helena.

*

ANDRADE, Carlos Drummond de. Antes do amanhecer. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.8, jul., 1978.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Palavras-chave: Biografia

Notas de resumo: Drummond escreve sobre a injustiça da morte de Carpeaux com relação ao tempo. Primeiro, porque não merecia ir embora na abertura do carnaval, segundo porque apesar de septuagenário, morreu sem um sorriso que compensaria a amargura dos anos vividos. O autor relembra as atitudes marcantes de Carpeaux e fala do silêncio cheio de significado em que se fechou por certo tempo, causado pela impossibilidade de publicar o que escrevia.

Autores citados: DULLES, John W. Foster; SHAKESPEARE, William.

*

MENDES, José Guilherme. Carpeaux - a coerência na contradição. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.9, jul., 1978.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Palavras-chave: Crítica; Biografia

Notas de resumo: O texto revela as coerências e contradições do escritor Otto Maria Carpeaux, qualidades que perpassam sua obra e a tornam imprescindível. A coerência aparece na sua vida dedicada à luta contra o obscurantismo, pela liberdade e pela justiça, sendo que o oposto, a contradição, é também uma de suas características: era o mais novo e o mais antigo dos homens, aparência de conservador e âmago de revolucionário.

Autores citados: APOLLINAIRE, Guillaume; RULFO, Juan.

Iconografia: Fotografias, s/crédito, de Carpeaux.

*

BRANCO, Aloysio Gentil. Carpeaux, um amigo. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.11, jul., 1978.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Palavras-chave: Crítica; Biografia

Notas de resumo: O autor descreve alguns hábitos do escritor Otto Maria Carpeaux, enfatizando a lição mais alta que este deixou: engajamento e compromisso político não significa a limitação da inteligência ou da sensibilidade do homem como pessoa.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; BEETHOVEN, Ludwig van; BACH, Johann Sebastian.

Iconografia: Fotografia, s/crédito, de Carpeaux.

*

GAMA, Mauro. Carta a Carpeaux post-mortem. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.10-11, jul., 1978.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Palavras-chave: Biografia

Notas de resumo: A carta (25/2/78) trata das recordações de momentos vivenciados por Mauro Gama ao lado de Carpeaux. Revela que a grande lição deixada pelo escritor é de humanidade e trabalho.

Autores citados: KAFKA, Franz; BRUEGHEL; BACH, Johann Sebastian; ORANGE, Guilherme de.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. Carpeaux: aventura da realidade. *José - Literatura, Crítica & Arte*,

nº10, p.13, jul., 1978.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: CARPEAUX, Otto Maria

Palavras-chave: Biografia; Jornalismo

Notas de resumo: O texto aborda os encontros de Sebastião Uchoa Leite com Carpeaux através das andanças profissionais ou por intermédio dos livros. Enfatiza que na década de 70 Carpeaux foi marginalizado das funções de escritor, eliminado da Grande Imprensa, vivendo assim um segundo exílio. [Consta data: Rio Fevereiro/1978.]

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; GAMA, Mauro; HOUAISS, Antonio; RABELAIS, François; RODRIGUES, Francisco de Assis; VILLAR, Mauro; CARDIM, Ismael; MENDES, José Guilherme; GASPAR, Susana.

Iconografia: Fotografias, s/crédito, de Carpeaux.

*

MONEGAL, Emir Rodríguez; LIMA, Luiz Costa; SANTIAGO, Silviano; MÜLLER-BERG, Klaus; LEITE, Sebastião Uchôa; HOLANDA, Gastão de; JOZEF, Bella. Emir Rodriguez Monegal. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.14-23, jul., 1978.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Nome pessoal como assunto: MONEGAL, Emir Rodríguez

Palavras-chave: Crítica; Literatura comparada; Literatura; Ensino de literatura

Notas de resumo: O crítico literário uruguaio Emir Rodriguez Monegal concede uma entrevista à revista e fala de seu interesse pela literatura brasileira e dos trabalhos de Literatura Comparada que desenvolve nos Estados Unidos desde 1968, no Departamento de Espanhol e Português. O professor ressalta a importância de se trabalhar com a leitura anacrônica no ensino da literatura, rompendo com o enfoque positivista tradicional.

Autores citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BAKHTIN, Mikhail; BARBOSA, João Alexandre; BARTHES, Roland; BRECHT, Bertolt; CANDIDO, Antonio; CARDENAL, Ernesto; CARPENTIER, Alejo; DOSTOIEVSKI; ELIOT, T. S.; FERNANDES, Florestan; FONSECA, Rubem; MÁRQUEZ, Gabriel García; HUIDOBRO, Vicente; INFANTE, Guillermo Cabrera; JAMES, Henry; JOYCE, James; LIMA, Lezama; LISPECTOR, Clarice; MALLARMÉ, Stéphane; MAQUIAVEL, Nicolau; MELO NETO, João Cabral de; NERUDA, Pablo; PAZ, Octavio; POUND, Ezra; PUIG, Manuel; RABELAIS, François; REGO, José Lins do; RULFO, Juan; SHAKESPEARE, William; TODOROV, Tzvetan; VALLEJO, Cesar; LLOSA, Mário Vargas; CORTÁZAR, Julio; FOUCAULT, Michel; CORBIÈRE, Edouard; PARRA, Nicanor; ARISTÓFANES; GIRONDO, Olivério; KIPLING, Rudyard; ALEMÁN, Mateo; CASARES, Bioy; HUGHES, Langston; LOZADA, Alejandro; BORGES, Jorge Luis; CERVANTES, Miguel de; EINSTEIN, Albert; CÉSAIRE, Aimé; McLUHAN, Marshall; ROSA, Guimarães; SARDUY, Severo.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Monegal e Silviano Santiago; de Monegal e Klaus Müller-Bergh; de Bella Joseph. Publicidade, Livro da Ed. Summus.

*

CAMPOS, Augusto de. Valéry: eu mordo o que posso. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.24-29, jul., 1978.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: VALÉRY, Paul

Palavras-chave: Literatura; Poesia

Notas de resumo: Augusto de Campos seleciona e traduz algumas reflexões escritas por Paul Valéry nos seus "Cahiers", lampejos fascinantes do pensamento fragmentário do poeta. Por considerá-las interessantes passagens da primeira parte dos "Cadernos", Augusto de Campos escolheu alguns fragmentos e oferece uma leitura-tradução dos aforismas valerianos.

Autores citados: ANDRADE, Oswald de; BARTHES, Roland; CAGE, John; PIGNATARI, Décio; POE, Edgar Allan; POUND, Ezra; BROWN, Norman O.; ROBIN, Judith.

Iconografia: Publicidade, Livraria Leonardo da Vinci; Livraria Duas cidades.

*

LIMA, Luiz Costa; SANTIAGO, Silviano; WANDERLEY, Jorge. Um poeta novo: Geraldo Carneiro. A poesia do fal(h)o. *Novos & novos. José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.30-32, jul., 1978.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CARNEIRO, Geraldo

Palavras-chave: Década de 70; Poesia; Brasil

Notas de resumo: Três autores apresentam a poesia de Geraldo Carneiro. Silviano Santiago afirma que o discurso poético de Carneiro ao mesmo tempo que "se inscreve sujo no corpo branco do papel, faz incisões idealizantes no corpo satânico da amada". O olhar analítico de Luiz Costa Lima percebe a prática da negação que percorre tais versos, com a qualidade de oferecer à poesia um princípio de orientação concreto, porém não escapista: a orientação fálica perante o mundo. O texto de Luiz Costa Lima foi escrito no Rio, em dezembro de 77. Jorge Wanderley enfatiza que o poeta citado representa com perfeita adequação uma poética de novos autores, que propõe uma dicção diferente, misturando poesia "beat" com a preguiça de herói sem caráter.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; BANDEIRA, Manuel; CANDIDO, Antonio; DELEUZE, Gilles; ELIOT, T. S.; FONSECA, Rubem; GINSBERG, Allen; GULLAR, Ferreira; JOYCE, James; KAFKA, Franz; LISPECTOR, Clarice; MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; PLATH, Sylvia; SEXTON, Anne; STEIN, Gertrude; KEROUAC, Jack; MEIRELES, Cecília; LOWELL, Robert; FERLINGHETTI, Lawrence; VERDE, Cesário; GUATTARI, Félix.

*

CARNEIRO, Geraldo. Lira dos 20 anos/ Mar de sargaços/ Cattivo tempo/ "No hay primavera en mis entrañas"/ Morte & amor/ Olhos de ressaca/ Fogos de artifício/ Vaga e noctâmbula/ Sobre a verdura/ Barganhas de Babel. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.33-35, jul., 1978.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

GROSSMAN, Judith. O obstetra. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.36-37, jul., 1978.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Publicidade de Livro da Ed. Fontana.

*

NUNES, Benedito. A vontade de saber. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.38-41, jul., 1978.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: FOUCAULT, Michel

Palavras-chave: Epistemologia; Genealogia; Filosofia

Notas de resumo: O artigo aborda as duas etapas do pensamento de Michel Foucault: a da descrição epistemológica, na qual desenvolve os estudos de gênese da psicologia, da psiquiatria e da clínica médica, e a metodológica, de teorização dos discursos. O autor percorre estas duas fases de Foucault através de suas obras, explicitando que estas etapas demarcam as escalas de uma concepção e as direções teóricas preponderantes que nem sempre seguiram os mesmos eixos.

Autores citados: DILTHEY, Wilhelm; HEIDEGGER, Martin; KANT, (Immanuel); NIETZSCHE, Friedrich; SPENGLER, Oswald, FOUCAULT, Michel.

Iconografia: Publicidade de Livro da Ed. Fontana.

*

BONVICINO, Régis. "mosca (...)"/ A linguagem do amor. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.42, jul., 1978.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

LEMINSKI, Paulo. Olhar paralisador nº91/ Dia sem saída. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.42, jul., 1978.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

NOVA, Sebastião Villa. Caixamundo. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.43, jul., 1978.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta data: Recife, dezembro de 1976, e dedicatória: "A João Cabral de Melo Neto".]

*

PEDROSO, Marilda. Anno miseriae - muri 1977/ Poeta/ 1963. *José - Literatura, Crítica & Arte*,

nº10, p.43, jul., 1978.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

BORGES, Jorge Luis. Poesia no mundo. Rascunho para Borges/ O sonho de Pedro Henriquez Ureña. José - Literatura, Crítica e Arte, nº10, p.44, jul., 1978.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de apresentação do texto borgeano ("O sonho de Pedro Henriquez Ureña", do livro "El oro de los tigres"), por Régis Bonvicino.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Borges.

*

RAWET, Samuel. O prisioneiro da nuvem. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.45, jul., 1978.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta epígrafe de Rimbaud.]

*

ARÊAS, Vilma. Ave, Clarice ou o ovário do poema. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.46-50, jul., 1978.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: LISPECTOR, Clarice

Palavras-chave: Crítica; Literatura; Brasil

Notas de resumo: O texto analisa vários aspectos da obra de Clarice Lispector, percorrendo alguns textos para demonstrar a ousadia e o talento de sua poesia. Enfatiza a gestação do itinerário do despertar da consciência filosófica no mundo da cultura em "A paixão segundo G. H.", a expulsão do desejo no amor certo e institucional de "Uma aprendizagem" e a tensão entre destruir os procedimentos de exclusão e render-se a eles em "A via crucis do corpo".

Autores citados: ALENCAR, José de; ASSIS, Machado de; MELO NETO, João Cabral de; FOUCAULT, Michel; PESSANHA, José Américo.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Clarice Lispector. Publicidade de Livro da Ed. Francisco Alves.

*

ANDRADE, Mário de. Mario de Andrade para Carlos Drummond - Cartas VI. *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.51-55, jul., 1978.

Vocabulário controlado: CORRESPONDÊNCIA(S)

Palavras-chave: Crítica; Modernismo; Poesia; Futurismo

Notas de resumo: Duas cartas (8/06/26; 1º/08/26) e dois bilhetes (ambos de 1926) de Mário de Andrade para Drummond. Nestas correspondências, Mário manifesta a decepção com Marinetti, em recente estada no Brasil, e comenta as dificuldades de publicação de poemas no país. Apesar disso, argumenta que é dever de Drummond publicar o livro de poemas que acabou de escrever, utilizando o argumento de que "como poetas a gente não se pertence mais". Mário envia sugestões e comentários sobre os poemas drummondianos que compõem tal obra. No último bilhete, Mário escreve sobre seu delicado estado de saúde.

Autores citados: COUTO, Ribeiro; MARINETTI; MACHADO, (Antônio de) Alcântara; ATHAYDE, Tristão de (Pseud. de Alceu Amoroso Lima); ALMEIDA, Martins de.

*

HOLANDA, Gastão de. Visita sobre visita. (ANDRADE, Carlos Drummond de. "A visita." Rio de Janeiro: José Mindlin, 1977). *José - Literatura, Crítica & Arte*, nº10, p.55-56, jul., 1978.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Poesia; Década de 70

Notas de resumo: A resenha trata da publicação de "A visita", poema de Carlos Drummond de Andrade, editado em 1977 por José Mindlin, numa tiragem limitada com excelentes qualidades gráficas. Além da perfeição visual, Gastão de Holanda enfatiza que o poema é um ato de amor, no qual Drummond recria a visita que Mário de Andrade fez a Alphonsus de Guimaraens em julho de 1919, envolvendo os dois poetas em palavras "desverbalizadas" mas profundamente românticas, sendo que o resultado é um poema que transfigura a

realidade mais profunda.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; SOUSA, Cruz e; GUIMARAENS, Alphonsus de; MERQUIOR, José Guilherme; POE, Edgar Allan; VITOR, Nestor.

2.1. ÍNDICE DE AUTORES COLABORADORES

ANDRADE, Carlos Drummond de

n. 01, jul., 1976. p.10-11

Esta faca/ Tenho saudades de uma dama/ Sob o chuveiro amar

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.13

Os cantores inúteis/ Rifoneiro divino

n. 10, jul., 1978. p.8

Antes do amanhecer

ANDRADE, Mário de

n. 04, out., 1976. p.38-45

Cartas de Mário de Andrade a Drummond

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.67-72

Mário de Andrade para Carlos Drummond - Cartas II

n. 07, jan., 1977. p.30-33

Mário de Andrade para Carlos Drummond - Cartas III

n. 08, maio., 1977. p.40-44

Mário de Andrade para Carlos Drummond - Cartas IV

n. 09, dez., 1977. p.52-56

Mário de Andrade para Carlos Drummond - Cartas V

n. 10, jul., 1978. p.51-55

Mário de Andrade para Carlos Drummond - Cartas VI

ARAÚJO, Wilson

n. 09, dez., 1977. p.19

Civilizado ocidental cristão

ARÉAS, Vilma

n. 03, set., 1976. p.11-12

O rosto do herói

n. 10, jul., 1978. p.46-50

Ave, Clarice ou o ovário do poema

ARRABAL, José

n. 02, agos., 1976. p.31-33

À margem de "O porco ensangüentado"

AUGUSTO, Eudoro

n. 02, agos., 1976. p.2-9

Debate: poesia hoje

BARATA, Mario

n. 01, jul., 1976. p.2

BARATA, Paulo Luiz

n. 09, dez., 1977. p.22

"grande é o espaço da criação (...)"/

"grande é a via-láctea (...)"/>

BARBIERI, Ivo

n. 04, out., 1976. p.28-30

A heresia didática

BARBOSA, Ana Mae

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.60-61

O que é o ensino da arte?

BARBOSA, Denis Borges

n. 09, dez., 1977. p.62-64

Etimelis

BARBOSA, João Alexandre

n. 02, agos., 1976. p.33-35

Re-visando Augusto dos Anjos

BERRY, André

n. 01, jul., 1976. p.34-36

Três níveis do hermetismo poético

BHARTRHART,

n. 01, jul., 1976. p.34-36

Três níveis do hermetismo poético

BONNEFOY, Yves

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.16

Vrai nom/ Vero nome/ Vrai corps/ Vero corpo

BONVICINO, Régis

n. 07, jan., 1977. p.24

A linguagem

n. 10, jul., 1978. p.42

"mosca (...)"/ A linguagem do amor

BORGES, Beatriz

n. 02, agos., 1976. p.39-44

Três tristes tigres: um blasfemo jogo de espelhos

BORGES, Jorge Luis

n. 10, jul., 1978. p.44

Poesia no mundo

BOZETTI, Roberto

n. 09, dez., 1977. p.19

Relato

BRANCO, Aloysio Gentil

n. 10, jul., 1978. p.11

Carpeaux, um amigo

BRAUNES, Renato Landim de Vasconcellos

n. 07, jan., 1977. p.6-7

Kalima e eu

BULHÕES, Antonio

n. 01, jul., 1976. p.18-20
Milagre

n. 03, set., 1976. p.14-18
O ensaio

CABRAL, Astrid

n. 02, agos., 1976. p.53

CABRAL, Sérgio

n. 01, jul., 1976. p.38-41
A música conta a história

CAMPOS, Augusto de

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.65-66
O difícil anonimato

n. 07, jan., 1977. p.17-21

Da América que existe: Gregório de Matos

n. 10, jul., 1978. p.24-29

Valéry: eu mordo o que posso

CAMPOS, Haroldo de

n. 01, jul., 1976. p.31-34

Luz: escrita paradisíaca

n. 03, set., 1976. p.2-3

Signantia: quasi coelum

n. 09, dez., 1977. p.31-37

A rosácea das convergências

CANDEIA

n. 08, maio., 1977. p.2-12

Candeia Quilombo

CANDIDO, Antonio

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.73-75

Poesia ao norte

CARDOZO, Joaquim

n. 02, agos., 1976. p.24-25

Beijo italiano/ Tereza era uma fonte/

Canção para um fim de abril

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.2-3

Poesia dos processos estocásticos
(aleatórios)

CARNEIRO, Geraldo

n. 02, agos., 1976. p.2-9

Debate: poesia hoje

n. 02, agos., 1976. p.22

Calypso/ Jardim das delícias/ Before the
fireplace

n. 03, set., 1976. p.23-26

No fundo, todo vampiro é bom sujeito

n. 09, dez., 1977. p.2-17

José no espelho

n. 10, jul., 1978. p.33-35

Lira dos 20 anos/ Mar de sargaços/ Cativeiro
tempo/ "No hay primavera en mis

entrañas"/ Morte &

amor/ Olhos de ressaca/ Fogos de
artifício/ Vaga e noctâmbula/ Sobre a
verdura/ Barganhas de Babel

CARONE, Modesto

n. 08, maio., 1977. p.14

Tempestade/ Rural

n. 09, dez., 1977. p.60-61

Anatol Rosenfeld e a literatura

CARPEAUX, Otto Maria

n. 01, jul., 1976. p.3-9

Otto Maria Carpeaux

CARROLL, Lewis

n. 01, jul., 1976. p.24-27

Humpty Dumpty

CELAN, Paul

n. 03, set., 1976. p.8-9

Todesfuge/ Fuga da morte

CESAR, Ana Cristina

n. 02, agos., 1976. p.2-9

Debate: poesia hoje

n. 04, out., 1976. p.6

Nada, esta espuma/ Enciclopédia Delta,
p.3305/ Casablanca

n. 08, maio., 1977. p.18-19

Na outra noite no meio-fio

CESAR, Waldo

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.32-33

O ensaio

CHAMIE, Mário

n. 09, dez., 1977. p.64

Cartas

CORIOLANO, Paulo de Araújo

n. 01, jul., 1976. p.36-37

Hermilo Borba Filho (1917 - 1976)

COUTINHO, Edilberto

n. 02, agos., 1976. p.12-13

O último dia

n. 03, set., 1976. p.51

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.80

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.81

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.82-84

Informe literário

n. 07, jan., 1977. p.38-40

Informe literário

n. 08, maio., 1977. p.45-46

Informe literário

- CUNHA, Pedro Octavio Carneiro da**
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.62-64
Questão de regime
- DANIEL, Arnaut**
n. 01, jul., 1976. p.34-36
Três níveis do hermetismo poético
- EULÁLIO, Alexandre**
n. 02, agos., 1976. p.51
Obscuridade iluminura
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.54-58
Aquele desenho que vem na capa de "Le Formose"
- FERREIRA, Maria do Carmo**
n. 08, maio., 1977. p.14
Verdávários/ Previsão do ausente
n. 08, maio., 1977. p.2-12
Candeia Quilombo
- FERREIRA, Orlando da Costa**
n. 01, jul., 1976. p.45-48
As artes de reprodução - I
n. 02, agos., 1976. p.15-18
As artes de reprodução - II
- FIGUEIREDO, Luis Antônio de**
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.4
Minidepô - único
- FLAUBERT, Gustave**
n. 08, maio., 1977. p.20-23
O arco dos bufões
- FREITAS FILHO, Armando**
n. 04, out., 1976. p.5
Fragmentos de um domador
- FROTA, Lélia Coelho**
n. 01, jul., 1976. p.2
n. 01, jul., 1976. p.12
Menino deitado em alfa
n. 03, set., 1976. p.51-52
n. 08, maio., 1977. p.2-12
Candeia Quilombo
n. 08, maio., 1977. p.13
Almas & pétalas/ Compasso de Nerval
- GAMA, Mauro**
n. 07, jan., 1977. p.25
Governo/ Tela
n. 10, jul., 1978. p.10-11
Carta a Carpeaux post-mortem
- GIUDICE, Victor**
n. 03, set., 1976. p.12-13
Os banheiros
- n. 05/06, nov./dez., 1976. p.36-37
Defesa siciliana
- GOMRINGER, Eugen**
n. 10, jul., 1978. p.6-7
"teu olhar (...)"
- GONÇALVES, Marcos M.**
n. 08, maio., 1977. p.15
Poesia jovem
- GRAEFF, Edgar Albuquerque**
n. 08, maio., 1977. p.24-30
A questão do espaço urbano
- GROSSMAN, Judith**
n. 10, jul., 1978. p.36-37
O obstetra
- GULLAR, Ferreira**
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.10
Vendo a noite/ Passeio em Lima
n. 09, dez., 1977. p.2-17
José no espelho
- HENRIQUES NETO, Afonso**
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.5
I was/ Roll over Beethoven
- HOLANDA, Frederico de**
n. 02, agos., 1976. p.26-31
O centro urbano de Brasília
n. 03, set., 1976. p.36-42
O centro de Brasília, hoje (conclusão)
- HOLANDA, Gastão de**
n. 01, jul., 1976. p.13
Imagens/ Lagoa Rodrigo de Freitas/ Das opções metafísicas/ Autopescaria/ Recusa informal
n. 01, jul., 1976. p.1
"José é uma revista criada (...)"
n. 02, agos., 1976. p.23
Nossa alma
n. 02, agos., 1976. p.45-47
Maria Luíza Leão
n. 03, set., 1976. p.6
A paisagem caroável/ Tijuca, Domingo
n. 03, set., 1976. p.43-50
José Mindlin
n. 04, out., 1976. p.46-47
n. 04, out., 1976. p.16-20
Josias e a Imperatriz
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.12
Mulher superdotada/ Consulte o dicionário de rimas/ Dieta do sobrenatural

n. 07, jan., 1977. p.10-14
A inelutável modalidade do invisível
n. 08, maio., 1977. p.2-12
Candeia Quilombo
n. 09, dez., 1977. p.2-17
José no espelho
n. 09, dez., 1977. p.20
Prelúdio de uma tarde - Debussy/ Como eles me acusam
n. 10, jul., 1978. p.3
Otto Maria Carpeaux 1902 - 1978
n. 10, jul., 1978. p.14-23
Emir Rodriguez Monegal
n. 10, jul., 1978. p.55-56
Visita sobre visita

HOLLANDA, Heloisa Buarque de

n. 02, agos., 1976. p.2-9
Debate: poesia hoje
n. 07, jan., 1977. p.34-36
...a geração de vocês, de repente se encontra diante de um muro...

HOUAISS, Antonio

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.18-31
Antonio Houaiss
n. 10, jul., 1978. p.4-5
Uma face de Otto Maria

JOZEF, Bella

n. 10, jul., 1978. p.14-23
Emir Rodriguez Monegal

JUCÁ, Cecília

n. 01, jul., 1976. p.42-43
Livro: objeto gráfico
n. 08, maio., 1977. p.2-12
Candeia Quilombo

KOMACHI,

n. 01, jul., 1976. p.34-36
Três níveis do hermetismo poético

KOTHE, Flavio René

n. 04, out., 1976. p.35-38
Historiografia/ Historicidade literária

LACLETTE, Jorge

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.6-7
Relato de uma viagem de regresso

LEÃO, Maria Luiza

n. 02, agos., 1976. p.45-47
Maria Luiza Leão
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.76-79
Marília Rodrigues

LEITE, Sebastião Uchôa

n. 01, jul., 1976. p.3-9
Otto Maria Carpeaux
n. 01, jul., 1976. p.23-24
Humpty Dumpty: poder e palavra
n. 02, agos., 1976. p.2-9
Debate: poesia hoje
n. 02, agos., 1976. p.20
A gosma do cosmo/ Biografia de uma idéia/ Encore/ Não me venham com metafísicas
n. 04, out., 1976. p.31-32
Satie: sotie
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.9
Lance de dedos/ S
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.18-31
Antonio Houaiss
n. 07, jan., 1977. p.37
n. 08, maio., 1977. p.47
Enigma-imagem de Marcel Duchamp
n. 09, dez., 1977. p.2-17
José no espelho
n. 09, dez., 1977. p.21
"Ora, direis, ouvir estrelas"/ "Prefiro rosas, meu amor, à pátria"/ Nova niezscheana/ A opinião sem ter razão/ As time goes by
n. 10, jul., 1978. p.14-23
Emir Rodriguez Monegal
n. 10, jul., 1978. p.13
Carpeaux: aventura da realidade

LEMINSKI, Paulo

n. 10, jul., 1978. p.42
Olhar paralisador nº91/ Dia sem saída

LIMA, Alceu Amoroso

n. 07, jan., 1977. p.34-36
...a geração de vocês, de repente se encontra diante de um muro...

LIMA, Alencar Guimarães

n. 09, dez., 1977. p.38-42
Tupi tangendo alaúde

LIMA, Luiz Costa

n. 01, jul., 1976. p.3-9
Otto Maria Carpeaux
n. 01, jul., 1976. p.15-17
O sistema intelectual brasileiro
n. 02, agos., 1976. p.2-9
Debate: poesia hoje
n. 03, set., 1976. p.27-33
O palimpsesto de Itaguaí
n. 09, dez., 1977. p.2-17

- José no espelho
n. 10, jul., 1978. p.14-23
Emir Rodriguez Monegal
n. 10, jul., 1978. p.30-32
Um poeta novo: Geraldo Carneiro
- LINDOSO, Dirceu Accioly**
n. 03, set., 1976. p.18-23
A serpente e a máscara
n. 08, maio., 1977. p.31-39
O nu e o vestido
n. 09, dez., 1977. p.58
"Meu ensaio O nu e o vestido (...)"
n. 09, dez., 1977. p.57
- LINS, Ronaldo Lima**
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.80
- LOBO, Luiza**
n. 01, jul., 1976. p.28-30
A visão antecipadora de Sousândrade
n. 02, agos., 1976. p.10-11
O truta trauteador
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.38-40
As hamadriadas e a quántupla coluna de dédalo
n. 09, dez., 1977. p.49-51
O apito
- LUCCA, Newton de**
n. 07, jan., 1977. p.29
Constituição revista ou epitalâmio ao nominalismo/ Sísifa/ Descompasso
- MAcNEICE, Louis**
n. 07, jan., 1977. p.22
Reflections/ Reflexos
- MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena**
n. 03, set., 1976. p.5
Mallarmé/ Murilo Mendes/ Francis Ponge
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.18-31
Antonio Houaiss
- MAGNO, Montez**
n. 04, out., 1976. p.9-13
Algúria
n. 07, jan., 1977. p.23
"Há muito que pratico yoga (...)" / "Tudo o que eu tinha fiz presentes (...)" / "Um olho (...)" / "Por trás da árvore o sol (...)"
- MARANHÃO, Haroldo**
n. 04, out., 1976. p.21-23
O batizado
- MARTINS, Max**
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.11
O resto são as palavras
- MATOS, Gregório de**
n. 07, jan., 1977. p.17-21
Da América que existe: Gregório de Matos
- MELO, José Laurenio de**
n. 01, jul., 1976. p.43-45
As artes de reprodução - I
n. 01, jul., 1976. p.14
Muss - Pound O'Lini
- MENDES, José Guilherme**
n. 10, jul., 1978. p.9
Carpeaux - a coerência na contradição
- MINDLIN, José**
n. 03, set., 1976. p.43-50
José Mindlin
- MIRANDA, Luiz de**
n. 09, dez., 1977. p.18
Poética isolada/ Inquisição/ Sobreaviso
- MONEGAL, Emir Rodríguez**
n. 10, jul., 1978. p.14-23
Emir Rodriguez Monegal
- MORAES, Frederico**
n. 02, agos., 1976. p.47-50
Vocação construtiva na arte brasileira
- MORAES, Rubens Borba de**
n. 09, dez., 1977. p.43-47
Recordações de Blaise Cendrars
- MORICONI, Italo**
n. 05/06, nov./dez., 1976. p.15
Noite: prazeres rápidos/ Meus oito anos
- MÜLLER-BERG, Klaus**
n. 07, jan., 1977. p.2-5
De Alejo Carpentier
n. 09, dez., 1977. p.59
Books abroad nosso jubileu de ouro 1927-1977
n. 10, jul., 1978. p.14-23
Emir Rodriguez Monegal
- NEVES, Luiz Felipe Baeta**
n. 09, dez., 1977. p.24-30
Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol
- NOVA, Sebastião Villa**
n. 10, jul., 1978. p.43
Caixamundo

NUNES, Benedito

n. 04, out., 1976. p.27-28

O carro dos milagres

n. 07, jan., 1977. p.15-16

Memórias de Ralfo

n. 10, jul., 1978. p.38-41

A vontade de saber

OCTAVIO, José

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.14

Dois momentos do caderno de um durante

OLSZEWSKI, Roberto

n. 09, dez., 1977. p.19

"estar à janela (...)" / Hai-kai / Diagnose / Poema

PAES, José Paulo

n. 07, jan., 1977. p.28

Não cora o livro de ombrear co'o sabre / Neopaulística ou elegia ecológica / A um cavalógrafo /

Brecht revisitado / A evolução dos estilos / O libertador / Lar / Epitáfio para Rui / Um sonho

PEDROSO, Marilda

n. 10, jul., 1978. p.43

Anno miseriae - muri 1977 / Poeta / 1963

PINTO, Ricardo Augusto Rocha

n. 08, maio., 1977. p.15

Poesia jovem

PONGE, Francis

n. 04, out., 1976. p.7-8

À la rêveuse matière / À sonhadora matéria

PRADO, Adélia

n. 08, maio., 1977. p.13

Linguagem

RAWET, Samuel

n. 03, set., 1976. p.10-11

Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror

n. 10, jul., 1978. p.45

O prisioneiro da nuvem

RIEDEL, Dirce Côrtes

n. 02, agos., 1976. p.35-38

Do conto hoje

RILKE, Rainer Maria

n. 09, dez., 1977. p.23

Poesia no mundo

RISÉRIO (FILHO), Antonio

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.43-46

Catatau: Cartesano

n. 08, maio., 1977. p.48

Carta

RODRIGUES, Marília

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.76-79

Marília Rodrigues

SALDANHA, Carlos Felipe

n. 09, dez., 1977. p.21

Delíquios termais / O conde de Lisle / Cosmogonia panchu

SALOMÃO, Margarida

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.18-31

Antonio Houaiss

SANT'ANNA, Affonso Romano de

n. 07, jan., 1977. p.40

Carta

n. 07, jan., 1977. p.26-27

Istórias

SANTIAGO, Silviano

n. 04, out., 1976. p.2-3

Crescendo durante a guerra numa província ultramarina (fragmentos)

n. 07, jan., 1977. p.8-9

ela/Ela/& os Machos

n. 09, dez., 1977. p.58

n. 09, dez., 1977. p.2-17

José no espelho

n. 10, jul., 1978. p.30-32

Um poeta novo: Geraldo Carneiro

n. 10, jul., 1978. p.14-23

Emir Rodriguez Monegal

SANTOS, Atalá M. Porto

n. 04, out., 1976. p.4

Movimento medial

SATIE, Erik

n. 04, out., 1976. p.33-34

Das "Memórias de um amnésico" o que eu sou / Os animais e a música: dois fragmentos / Fragmentos de uma conferência / Sobre a vida do artista / Paulo e Virgínia / Robinson Crusoe / Olhar

SAVARY, Olga

n. 02, agos., 1976. p.21

Estame / Lavra

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.8

Os 4 elementos da paixão

SCHNAIDERMAN, Boris

n. 02, agos., 1976. p.52

SILVA, Fernando Antônio da

n. 08, maio., 1977. p.15

Poesia jovem

SOUSÂNDRADE, Joaquim de

n. 01, jul., 1976. p.28-30

A visão antecipadora de Sousândrade

STEVENS, Wallace

n. 01, jul., 1976. p.14

The snow man/ O homem da neve

SUSSEKIND, Flora

n. 02, agos., 1976. p.39-44

Três tristes tigras: um blasfemo jogo de espelhos

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.41-42

Uma sumiu

TERRAIL, Berthe du

n. 08, maio., 1977. p.20-23

O arco dos bufões

TOZZI, Cesar

n. 04, out., 1976. p.24-26

O lápis

n. 09, dez., 1977. p.48

Extrapolação

VANZETTI, Bartolomeo

n. 03, set., 1976. p.33-34

Última fala à corte

VEIGA, Elisabeth

n. 03, set., 1976. p.7

Desmitificação

n. 09, dez., 1977. p.18

Suicida/ Contabilidade final

VENTURA, Roberto

n. 08, maio., 1977. p.15

Poesia jovem

WANDERLEY, Jorge

n. 01, jul., 1976. p.21-22

Com as melhores famílias

n. 02, agos., 1976. p.53-54

n. 02, agos., 1976. p.13-15

Notícias de lá

n. 02, agos., 1976. p.2-9

Debate: poesia hoje

n. 03, set., 1976. p.4

À manhã de domingo de Wallace Stevens/ Lear revisitado/ Hamlet

n. 04, out., 1976. p.14-15

Para sempre das horas

n. 04, out., 1976. p.46

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.34-35

Casalinhos

n. 08, maio., 1977. p.47-48

Drummond, jacarés e tudo

n. 08, maio., 1977. p.16-17

Duas verbiagens

n. 09, dez., 1977. p.22

Auto-retrato dos outros

n. 09, dez., 1977. p.2-17

José no espelho

n. 10, jul., 1978. p.30-32

Um poeta novo: Geraldo Carneiro

YEATS, William Butler

n. 02, agos., 1976. p.19

The second coming/ A segunda vinda

ZAGURY, Eliane

n. 05/06, nov./dez., 1976. p.47-53

Sobre um tema de Augusto Meyer, seus reflexos e consonâncias

2.2. ESTATÍSTICAS — AUTORES CITADOS

(Constam somente os autores mais citados)

Campo:	Percentual:		
ANDRADE, Carlos Drummond de	1,53	ALENCAR, José de	0,29
ANDRADE, Oswald de	1,38	MACHADO, Alcântara	0,29
MELO NETO, João Cabral de	1,17	BARRETO, Lima	0,29
MALLARMÉ, Stéphane	0,87	KILKERRY, Pedro	0,29
ANDRADE, Mário de	0,80	PESSOA, Fernando	0,29
JOYCE, James	0,73	CAGE, John	0,29
ASSIS, Machado de	0,73	AMARAL, Tarsila do	0,29
BANDEIRA, Manuel	0,73	RAMOS, Ricardo	0,29
ELIOT, T. S.	0,73	APOLLINAIRE, Guillaume	0,29
POE, Edgar Allan	0,66	ANJOS, Augusto dos	0,29
PROUST, Marcel	0,66	DOSTOIEVSKI,	0,29
SHAKESPEARE, William	0,58	MAIAKÓVSKI, Vladímir	0,29
ROSA, Guimarães	0,51	FREUD, Sigmund	0,29
POUND, Ezra	0,51	CARROLL, Lewis	0,29
BRECHT, Bertolt	0,51	McLUHAN, Marshall	0,22
HOUAISS, Antonio	0,51	SCHWARZ, Roberto	0,22
BORGES, Jorge Luis	0,51	SÓCRATES	0,22
NAVA, Pedro	0,44	FRANCE, Anatole	0,22
GULLAR, Ferreira	0,44	MATISSE, Henri	0,22
VALÉRY, Paul	0,44	RISÉRIO, Antonio	0,22
AMADO, Jorge	0,44	BEETHOVEN, Ludwig van	0,22
BAUDELAIRE, Charles	0,44	LÉGER, Fernand	0,22
SOUSÂNDRADE, Joaquim de	0,44	RABELAIS, François	0,22
CORTÁZAR, Julio	0,44	MATOS, Gregório de	0,22
PICASSO, Pablo	0,44	MANN, Thomas	0,22
ARANHA, Graça	0,44	RAMOS, Graciliano	0,22
ALMEIDA, Martins de	0,44	CARPENTIER, Alejo	0,22
VELOSO, Caetano	0,36	LLOSA, Mário Vargas	0,22
HEGEL	0,36	HUGO, Victor	0,22
PIGNATARI, Décio	0,36	BRUEGHEL	0,22
LÉVI-STRAUSS, Claude	0,36	LIMA, Jorge de	0,22
FOUCAULT, Michel	0,36	ARANHA, Luiz	0,22
MEIRELES, Cecília	0,36	MOURA, Emílio	0,22
FONSECA, Rubem	0,36	DESCARTES, René	0,22
CANDIDO, Antonio	0,36	INFANTE, Guillermo Cabrera	0,22
MÁRQUEZ, Gabriel García	0,36	SALES, Herberto	0,22
CARPEAUX, Otto Maria	0,36	CAMÕES, Luiz Vaz de	0,22
PAZ, Octavio	0,36	HOLLANDA, Heloisa Buarque de	0,22
REGO, José Lins do	0,36	KANDINSKI	0,22
MENDES, Murilo	0,36	RULFO, Juan	0,22
TORQUATO NETO,	0,36	ATHAYDE, Tristão de	0,22
ALVES, Castro	0,36	MONDRIAN	0,22
HOMERO,	0,29	DEBRET, Jean-Baptiste	0,22
KAFKA, Franz	0,29	MIRÓ, (Joan)	0,22
BALZAC, Honoré de	0,29	BACH, Johann Sebastian	0,22
CAMPOS, Augusto de	0,29	ROMERO, Silvio	0,15
NIETZSCHE, Friedrich	0,29	PROENÇA, Ivan Cavalcanti	0,15
CAMPOS, Haroldo de	0,29	RODRIGUES, Francisco de Assis	0,15
ALIGHIERI, Dante	0,29	WEBER, Max	0,15
		GALVÃO, Walnice Nogueira	0,15

GIL, Gilberto	0,15	ENGELS, Friedrich	0,15
GIDE, André	0,15	MAQUIAVEL, Nicolau	0,15
MACHADO, Aníbal	0,15	LEITE, Sebastião Uchôa	0,15
RAMOS, Péricles E. da Silva	0,15	HOLANDA, Gastão de	0,15
REBELO, Marques	0,15	TOLSTOI, Leon	0,15
LOWELL, Robert	0,15	LE CORBUSIER	0,15
RAUSCHENBERG, Robert	0,15	ABREU, Casimiro de	0,15
RAVEL	0,15	GORKI, Máximo	0,15
LISPECTOR, Clarice	0,15	HEIDEGGER, Martin	0,15
WAGNER, Richard	0,15	JESUS, Carolina Maria de	0,15
CAMUS, Albert	0,15	BENSE, Max	0,15
ROSENFELD, Anatol	0,15	AZEVEDO, Álvares de	0,15
ROUSSEAU, Jean-Jacques	0,15	AYALA, Walmir	0,15
RUBIÃO, Murilo	0,15	HOHLFELDT, Antonio	0,15
WARDE, Beatrice	0,15	SHELLEY, Mary	0,15
NASCENTES, Olavo Aníbal	0,15	JAMES, Henry	0,15
ALMEIDA, Manuel Antônio de	0,15	JAKOBSON, Roman	0,15
OITICICA, Hélio	0,15	BLUTEAU, Raphael	0,15
CUNHA, Euclides da	0,15	TELLES, Lygia Fagundes	0,15
CUNHA, Fausto	0,15	SUASSUNA, Ariano	0,15
MILLIET, Sérgio	0,15	BARTHES, Roland	0,15
NERUDA, Pablo	0,15	KIRCHNER, Joachim	0,15
DÜRER, Albrecht	0,15	KLEE, Paul	0,15
DEBUSSY, Claude Achille	0,15	VIRGÍLIO	0,15
WILLIAMS, William Carlos	0,15	TODOROV, Tzvetan	0,15
WILDE, Oscar	0,15	TEIXEIRA, Anísio	0,15
MERQUIOR, José Guilherme	0,15	BONNEFOY, Yves	0,15
DELEUZE, Gilles	0,15	KEROUAC, Jack	0,15
MONTEIRO, Vicente do Rego	0,15	BARBOSA, João Alexandre	0,15
DERRIDA, Jacques	0,15	BELL, Quentin	0,15
MOZART, Wolfgang Amadeus	0,15	LACAN, Jacques	0,15
DUARTE, Rogério	0,15	SOUSA, Cruz e	0,15
MORUS, Thomas	0,15	ADORNO, T. W.	0,15
MORISON, Stanley	0,15	STENDHAL	0,15
DOURADO, Autran	0,15	GOETHE	0,15
MONTAIGNE	0,15	SAUSSURE, Ferdinand de	0,15
MARINETTI	0,15	SEGALL, Lasar	0,15
WEBERN, Anton von	0,15	VERDE, Cesário	0,15
PORTA, Frederico	0,15	BRAQUE, Georges	0,15
PONGE, Francis	0,15	VERÍSSIMO, Érico	0,15
POMPÉIA, Raul	0,15	GOGH, Vincent Van	0,15
MALRAUX, André	0,15	VEIGA, José J.	0,15
CERVANTES, Miguel de	0,15	GOMBRICH, E. H.	0,15
CÉZANNE, Paul	0,15	VERLAINE, Paul	0,15
PIÑON, Nélida	0,15	LESSA, Ivan	0,15
CROCCE, Benedetto	0,15	ARISTÓTELES,	0,15
BROWN, Norman O.	0,15	SARTRE, Jean-Paul	0,15
CARVALHO, Ronald de	0,15	ARAGON, Louis	0,15
CALLADO, Antonio	0,15	LIMA, Lezama	0,15
FERNANDES, Millôr	0,15	BOSSUET, Jacques-Benigne	0,15
FERLINGHETTI, Lawrence	0,15	SCHOENBERG, Arnold	0,15
PEIRCE, Charles Sanders	0,15	SCLIAR, Moacyr	0,15
WHITMAN, Walt	0,15	BOULEZ, Pierre	0,15
WITTGENSTEIN, Ludwig	0,15	VARNHAGEN, Francisco A. de	0,15
CHAGALL, Marc	0,15		

2.3. ESTATÍSTICAS – PALAVRAS-CHAVE

Campo:	Percentual:		
Crítica	12,05	Antropologia	0,40
Poesia	7,63	Construtivismo	0,40
Biografia	5,22	Ready-made	0,40
Literatura	5,22	Índio	0,40
Modernismo	4,82	Pastiche	0,40
Década de 70	3,21	Pau-brasil	0,40
Brasil	2,81	Poder	0,40
Política	2,41	Poesia marginal	0,40
Romance	2,41	Primeiro Reinado	0,40
Cultura	2,41	Negros	0,40
Periodismo	2,01	Razão	0,40
Pintura	2,01	Nacionalismo	0,40
Artes plásticas	1,61	Religião	0,40
Arquitetura	1,61	Romantismo	0,40
Jornalismo	1,61	Sociologia	0,40
Tradução	1,61	Surrealismo	0,40
Livros	1,61	Tenentismo	0,40
Cidade	1,61	Teoria literária	0,40
Polêmica	1,61	URSS	0,40
Linguagem	1,20	Psicanálise	0,40
Música	1,20	Lingüística	0,40
Arte gráfica	1,20	Hispano-América	0,40
Conto	1,20	História	0,40
Urbanismo	1,20	Historicidade	0,40
Censura	1,20	Historiografia	0,40
Arte	0,80	Ideograma	0,40
Antropofagia	0,80	Ideologia	0,40
Modernidade	0,80	Nonsense	0,40
Ficção	0,80	Vanguarda	0,40
Barroco	0,80	Genealogia	0,40
Crônica	0,80	Literatura comparada	0,40
República	0,80	Literatura de cordel	0,40
Carnaval	0,80	Loucura	0,40
Cartas	0,80	Matriarcado	0,40
Teatro	0,80	Mídia	0,40
Etnografia	0,40	Movimento literário	0,40
Etnologia	0,40	Música popular	0,40
Filosofia	0,40	Liberalismo	0,40
Epistemologia	0,40		
Educação	0,40		
Futebol	0,40		
Dramaturgia	0,40		
Dialética	0,40		
Design	0,40		
Década de 20	0,40		
Cultura alternativa	0,40		
Futurismo	0,40		
Concretismo	0,40		
China	0,40		
Bibliologia	0,40		

2.4. ARTIGOS LOCALIZADOS E AGRUPADOS POR TRADUTORES (NEGRITO)

VOCAB. CONTROLADO: POEMA(S)

CARDOZO, Joaquim

n. 01, jul., 1976, p.34-36

Três níveis do hermetismo poético

DANIEL, Arnaut; BERRY, André; KOMACHI; BHARTRHART

CARPEAUX, Otto Maria

n. 10, jul., 1978, p.6-7

"teu olhar (...)"

GOMRINGER, Eugen

GUIMARÃES, Júlio Castañon

n. 04, out., 1976, p.7-8

À la rêveuse matière/ À sonhadora matéria

PONGE, Francis

KOTHE, Flávio

n. 03, set., 1976, p.8-9

Todesfuge/ Fuga da morte

CELAN, Paul

PIGNATARI, Décio

n. 09, dez., 1977, p.23

Poesia no mundo

RILKE, Rainer Maria

WANDERLEY, Jorge

n. 01, jul., 1976, p.14

The snow man/ O homem da neve

STEVENS, Wallace

n. 02, agos., 1976, p.19

The second coming/ A segunda vinda

YEATS, William Butler

n. 03, set., 1976, p.33-34

Última fala à corte

VANZETTI, Bartolomeo

n. 05/06, nov./dez., 1976, p.16

Vrai nom/ Vero nome/ Vrai corps/ Vero corpo

BONNEFOY, Yves

n. 07, jan., 1977, p.22

Reflections/ Reflexos

MAcNEICE, Louis

2.5. ESTATÍSTICAS — VOCABULÁRIO CONTROLADO

Campo:	Percentual:
POEMA(S)	32,83
ENSAIO - Literatura	13,13
ENSAIO - Cultura	5,05
ENSAIO - Bibliologia	1,52
ENSAIO - Antropologia	1,01
ENSAIO - Esporte	0,51
ENSAIO - Filosofia	0,51
ENSAIO - História	0,51
ENSAIO - Educação	0,51
FICÇÃO	17,17
RESENHA - Literatura	8,59
RESENHA - História	0,51
CORRESPONDÊNCIA(S)	5,05
ENTREVISTA	2,53
ENTREVISTA - Literatura	1,52
INFORME - Literatura	2,53
DEPOIMENTO	2,53
DEPOIMENTO - Literatura	0,51
APRESENTAÇÃO	1,52
APRESENTAÇÃO - Literatura	0,51
DEBATE	1,01
EDITORIAL	0,51

3. ÍNDICE GERAL — 34 LETRAS

34 Letras. Editorial. *34 Letras*, nº.01, p.4, set., 1988.

Vocabulário controlado: EDITORIAL - Literatura

Palavras-chave: Periodismo

Notas de resumo: Neste editorial, 34 Letras é apresentada como uma revista em torno de literatura, que pretende propor novas pontes entre livros, escritores e leitores. Além da apresentação das propostas do periódico, explica-se a escolha do nome da revista, inspirado no quadrado mágico que foi revelado por um obscuro alquimista da Idade Média, no qual a soma de diversas variantes resulta sempre no mesmo resultado: 34.

*

34 Letras. José Saramago. *34 Letras*, nº.01, p.6-7, set., 1988.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: SARAMAGO, José

Palavras-chave: Ficção; Portugal; Literatura

Notas de resumo: Breve introdução que precede a entrevista de José Saramago, na qual se explicitam as condições para a entrevista e se elencam as principais obras do escritor português.

Iconografia: Reprodução, Mapa da Península Ibérica.

*

SARAMAGO, José; 34 Letras. José Saramago. *34 Letras*, nº.01, p.8-15, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Nome pessoal como assunto: SARAMAGO, José

Palavras-chave: Ficção; Cultura; Portugal; Literatura

Notas de resumo: Após a vinda de José Saramago ao Brasil em junho de 1988 para o lançamento do livro "Jangada de Pedra" e para uma série de palestras no Rio e em São Paulo, o escritor concede uma entrevista (escrita) à revista 34 Letras. Saramago discorre sobre sua formação acadêmica, sua relação com a crítica, e escreve a respeito de suas leituras. Além disso, o escritor português faz algumas considerações a propósito das temáticas abordadas em seus livros. [Consta a data: Lisboa, 18.6.1988.]

Autores citados: ALTHUSSER, Louis; BAUGARTEN, Otto von; BIRMINGHAM, David; HIERNEIS, Leonard; CERVANTES, Miguel de.

Iconografia: Foto, Zeca Feitosa/JB, de José Saramago.

*

VALADARES, Maria Theresinha. Quando a história comanda o espetáculo. *34 Letras*, nº.01, p.16-17, set., 1988.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO - Literatura

Nome pessoal como assunto: SARAMAGO, José

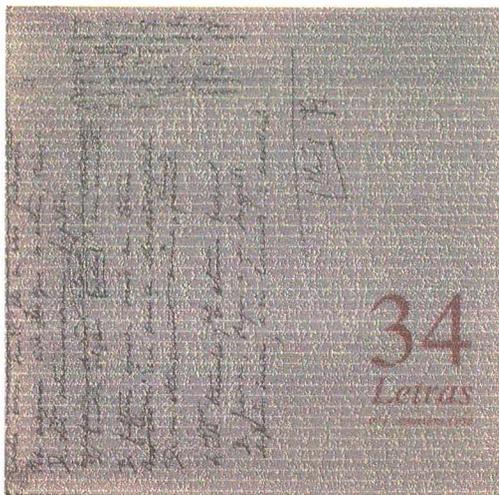
Palavras-chave: História; Ficção

Notas de resumo: O texto propõe uma reflexão sobre as ficções de José Saramago, que levariam a uma nova perspectiva da literatura e da história. A partir da leitura de "Levantado do chão", a autora expõe alguns dos caminhos percorridos durante um curso na PUC-RJ com seus alunos, enfatizando sobretudo a fluidez dos limites entre história e literatura nesta obra.

Autores citados: SARAMAGO, José.

*

CATULLUS (CATULO), Gaius Valerius; MEDEIROS, Míriam Sutter. Um poeta Novvs. Trad. Míriam Sutter Medeiros. *34 Letras*, nº.01, p.18-19, set., 1988.



Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CATULLUS (CATULO), Gaius Valerius

Palavras-chave: Poesia

Notas de resumo: Breve texto sobre um poema de Gaius Valerius Catullus (84a.C.-54a.C.), que aponta alguns aspectos da poesia dita clássica, através de versos que sintetizam "uma grande paixão". Além dos comentários da autora, o poema de Catullus é publicado em latim e traduzido para o português. [Publicação bilíngüe do poema.]

Autores citados: HORÁCIO; PROPÉRCIO; VIRGÍLIO; OVÍDIO; CÍCERO;

Iconografia: Ilustração, s/crédito.

*

BAFFO, Giorgio. 3 Poemas de Giorgio Baffo. Trad. Jorge Meiss. *34 Letras*, nº.01, p.20-22, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Os poemas estão escritos em dialeto veneziano e só foram publicados após a morte de Giorgio Baffo: Dedicat/ Dedicatória/ Mode de far vendetta (Madrigale)/ Maneira de vingar-se (Madrigal)/ Valor d'un culo tondo/ Valor de uma bunda redonda. [Publicação bilíngüe.][Consta nota de apresentação de Giorgio Baffo, poeta libertino italiano.]

Iconografia: Ilustração, s/crédito.

*

BERARDINELLI, Cleonice. Um original de Fernando Pessoa. *34 Letras*, nº.01, p.23, set., 1988.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: PESSOA, Fernando

Palavras-chave: Poesia

Notas de resumo: A autora apresenta brevemente um histórico do heterônimo Ibis, utilizado por Fernando Pessoa somente num soneto, chamado Junho de 1911.

*

PESSOA, Fernando. Junho de 1911. *34 Letras*, nº.01, p.24-25, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: O poema Junho de 1911 aparece acompanhado do manuscrito de Fernando Pessoa, pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa. [O manuscrito ilustra a capa desta edição da revista.] [Transcrição de Cleonice Berardinelli.]

*

BORGES, Antonio Fernando. Tudo por tão pouco. *34 Letras*, nº.01, p.26-29, set., 1988.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Foto, s/crédito.

*

MACHADO, Lino. Ainda sem título/ ...Dead art of poetry. *34 Letras*, nº.01, p.30-31, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

KOGUT, Vivien. Flores. *34 Letras*, nº.01, p.32, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

ANTUNES, Arnaldo. "Pensamento que vem de fora (...)". *34 Letras*, nº.01, p.33, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

GUIMARÃES, Adriana. "Lago mirado (...)". *34 Letras*, nº.01, p.34, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

CARDOSO, Rafael. "Onde o mar se perde e vira céu (...)". *34 Letras*, nº.01, p.35, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [O autor assina como Rafael.]

*

COSTA, Carlos Irineu da. StreetWalk/ vitrine. *34 Letras*, nº.01, p.36-38, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [O autor assina como Carlos Irineu.]

*

LARA, Henrique. Raios partam as mulheres. *34 Letras*, nº.01, p.39, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

QUENTAL, João Guilherme (Sanders). Os salmões/ Cartas (Alejandra Pizarnick). *34 Letras*, nº.01, p.40-41, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

RODRIGUES, Nelson. A crítica. *34 Letras*, nº.01, p.43, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Cinema

Notas de resumo: O texto é composto de fragmentos de um ensaio de Nelson Rodrigues, no qual este aponta a falta de sensibilidade do crítico de cinema Eli Azevedo, a propósito da análise do filme "Love Story". [Consta nota de referência: fragmentos de "Adeus à sordidez", in "O reacionário", 1977.]

Autores citados: AZEVEDO, Eli.

Iconografia: Ilustração, Licó.

*

FIGUEIREDO, Rubens. O escritor e o crítico na vida real. *34 Letras*, nº.01, p.44-50, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Modernidade; Brasil; Crítica; Tradução; Literatura

Notas de resumo: O texto aponta para a dificuldade da crítica literária em avaliar a literatura contemporânea, além de discorrer sobre as limitações da literatura em nossa sociedade. Reflete sobre o papel da literatura e da crítica, enfatizando a necessidade dos escritores e dos críticos se colocarem em uma perspectiva mais realista, tornando "mais exatas as idéias literárias", com mais responsabilidade e originalidade nas suas produções.

Autores citados: HORÁCIO; JOYCE, James; KAFKA, Franz; PROUST, Marcel.

Iconografia: Foto, Jornal do Brasil, de Joyce; Proust; Kafka.

*

ELIOT, T. S. 1956. Trad. sem crédito. *34 Letras*, nº.01, p.51-53, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária; Literatura

Notas de resumo: Trata-se de fragmentos nos quais T.S. Eliot analisa a função da crítica literária, discorrendo sobre alguns métodos e evidenciando as limitações e perigos que carregam os métodos. A função essencial da crítica, afirma o autor, seria promover a compreensão e a apreciação da literatura, acrescentando que deve apontar também ao leitor o que não deve ser apreciado. [Consta nota de referência: Fragmentos extraídos de "As fronteiras da crítica", Conferência Gideon Seymour, Universidade de Minnesota, 1956, in: "A essência da poesia", Ed. Artenova, Rio de Janeiro, 1972.]

Autores citados: SAFO.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Stravinsky com Eliot na Faber & Faber, Londres, 1958.

*

MAFRA, Antonio. Radiografia de uma crítica no país semi-analfabeto. *34 Letras*, nº.01, p.54-57, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Música

Notas de resumo: O autor faz alguns comentários sobre a função da crítica de música no Brasil. Escreve sobre o trabalho que desenvolve como crítico da revista "Visão" e "Jornal da Tarde", ressaltando a rápida repercussão de seus artigos, a dificuldade de lidar com o "brega", que apesar de tudo, vende, e da necessidade de uma crítica imediata ao produto.

Autores citados: SCHUUR, Diane; ZORN, John; PASCOAL, Hermeto; ORWELL, Georg.

*

PESSOA, Fernando. 1931/ Sem data. *34 Letras*, nº.01, p.58-59, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária

Notas de resumo: Nos primeiros fragmentos, o autor faz uma breve crítica à Gaspar Simões, afirmando que este parece ter empregado o sistema -Freudismo - e os sistemas análogos arrastado pelo que há de pseudo-científico nestes sistemas, além de apontar os pontos fundamentais para a função de crítico. Já em "Sem data", Pessoa reflete sobre as dificuldades de julgamento da crítica, sobretudo no momento em que a obra aparece. [Consta nota de referência: os primeiros fragmentos (1931) são retirados do ensaio "Crítica à crítica psicanalítica de João Gaspar Simões", in "Obras em prosa", Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974, e os outros fragmentos (Sem data) provém de "Inutilidade da crítica", in "Obras em prosa", op.cit.]

Autores citados: SHAKESPEARE, William; SIMÕES, João Gaspar; BROWNING, Robert.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Fernando Pessoa em Durban, por volta de 1904.

*

LIMA, Luiz Costa. Crítica literária e modernidade. *34 Letras*, nº.01, p.60-74, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Modernidade; Crítica; Indústria cultural; Teoria literária

Notas de resumo: O texto aborda a aparição e a trajetória da crítica literária, enfatizando suas transformações a partir da lógica do desenvolvimento da economia de mercado. Trata do lugar ocupado pela literatura e da sua função político-econômica que esta assume, partindo da tese habermasiana. Além disso, o autor verifica as discordâncias dos princípios de Habermas, Hohendahl, La Capra e Sennett sobre a função da crítica. Por fim, analisa o papel da crítica na cena contemporânea e o tímido espaço ocupado na indústria cultural.

Autores citados: BAUDELAIRE, Charles; FLAUBERT, Gustave; HABERMAS, Jürgen; HAUSER, Arnold; LAFORGUE, Jules; LINS, Álvaro de Barros; MALLARMÉ, Stéphane; MARX, Karl; PLEKHANOV, (Georgi Valentimovitch); RIMBAUD, Arthur; SCHILLER, Friedrich; SENNETT, Richard; VALÉRY, Paul; WEBER, Max; HOHENDAHL, Peter; DIDEROT, Denis; CAPRA, Dommenik la; DREWS, Jorn; CROCCE, Benedetto; HUGO, Victor; CORBIÈRE, Edouard; VIRGÍLIO; MARTINS, Wilson; BALZAC, Honoré de.

*

CAMPOS, Augusto de. 1986. *34 Letras*, nº.01, p.75, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica

Notas de resumo: Neste fragmento o autor elogia a crítica inteligente e iluminadora de Flaubert, Pound e Benjamin, e abomina o que chama de dialética da maledicência, prática de alguns outros críticos. [Consta nota de referência: fragmentos de "Antes do Anti", in "O anticrítico", Companhia das Letras, São Paulo, 1986.]

Autores citados: ALIGHIERI, Dante; BARTHES, Roland; CAGE, John; FLAUBERT, Gustave; JAKOBSON, Roman; MAIAKÓVSKI, Vladímir; PESSOA, Fernando; POUND, Ezra; VALÉRY, Paul; BENJAMIN, Walter; KENNER, Hugh; BORGES, Jorge Luis.

*

CHAVES, Anésia Pacheco. A crítica da crítica. *34 Letras*, nº.01, p.76-80, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Crítica; Arte

Notas de resumo: O texto trata dos dois caminhos abertos à crítica após o Humanismo: a posição historicista, freqüentemente liberal, e a do psicologismo; pretendendo refletir sobre as possibilidades da crítica do fim de milênio. Questiona, sobretudo, a viabilidade da crítica de arte na sociedade de consumo.

Autores citados: HEIDEGGER, Martin; JUNGER, Ernest; MARX, Karl; POUND, Ezra; FRANCIS, Paulo; CRIMP, Donald; BRASILLAC; STOCKHAUSEN, Karlheinz; CÉLINE, Louis Ferdinand.

*

GOETHE. Crítico. Trad. Nelson Ascher. *34 Letras*, nº.01, p.82, set., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

BAUDELAIRE, Charles. 1846. Trad. sem crédito. *34 Letras*, nº.01, p.82, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Modernidade; Crítica

Notas de resumo: O fragmento alerta para a importância da crítica poética e divertida, ressaltando ainda que a crítica deve ser parcial, apaixonada e política. [Consta nota de referência: fragmentos de "Para que serve a Crítica", in "A modernidade de Baudelaire", org. Teixeira Coelho, Ed. Paz e Terra, 1988, p.19.]

*

HUGO, Victor. 1829. Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.01, p.83, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica

Notas de resumo: O fragmento, acrescido ao "Préface" de "Orientales" por ocasião da sétima edição, enfatiza que a crítica deve se deter à maneira como o artista se exprime e não aos motivos que o levam a determinada escolha de temas. [Consta nota de referência: Préface de "Orientales", Jan. 1829, in "Oeuvres complètes" I, Paris, 1912, Trad. Sérgio Flaksman.]

*

SUSSEKIND, Flora. Reflexão tática. *34 Letras*, nº.01, p.84-89, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária; Ficção; Historiografia; Narrador

Notas de resumo: Ao pensar a história literária brasileira contemporânea, o texto parte de uma análise do narrador da prosa de ficção, mais particularmente do "narrador em trânsito" de "A fúria do corpo", romance de João Gilberto Noll, visando estabelecer relações entre a reflexão histórica e o exercício crítico, ou ainda, entre a crítica e a ficção. Volta-se, também, para a última virada do século e as escritas paradigmáticas da literatura brasileira de Silvio Romero e José Veríssimo, observando a relação entre a escrita histórico-crítica e a literatura de ficção do período. [Consta epígrafe de Robert Lowell.]

Autores citados: BARBOSA, João Alexandre; CANDIDO, Antonio; ASSIS, Machado de; ROMERO, Silvio; SANTIAGO, Silviano; VERÍSSIMO, José; NOLL, João Gilberto; TAVARES, Zulmira Ribeiro; PIZARRO, Ana; PENA, Martins; MARINHO, Henrique; POMPEU, Heladio Marcondes.

*

ASSIS, Machado de. 1865. *34 Letras*, nº.01, p.90, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária

Notas de resumo: Os fragmentos refletem sobre as exigências para bem exercer a crítica. Além da profunda meditação sobre a obra, o crítico deve aplicar as leis poéticas, fazendo valer os juízos de sua consciência. Sinceridade, moderação e delicadeza são, segundo o autor, ingredientes fundamentais de uma crítica fecunda. [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de "O ídolo do crítico", in "Obras completas", Vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.]

*

ANDRADE, Mário de. 1943/ 1931. *34 Letras*, nº.01, p.91, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária

Notas de resumo: Dois sucintos fragmentos a propósito da crítica literária: o primeiro, extrato de "Advertência", define a arte da crítica como esforço apaixonado de amar e compreender; o segundo, excerto do texto "Tristão de Ataíde", examina os defeitos da crítica literária brasileira, freqüentemente sintética e generalizadora. [Consta nota de referência: o primeiro fragmento (1943) foi extraído de "Advertência", in "Aspectos da Literatura Brasileira", São Paulo: Livraria Martins Ed., 1974; e o segundo (1931) foi extraído de "Tristão de Ataíde", op.cit.]

Autores citados: ALBUQUERQUE, J.J.C.C. Medeiros e; ROMERO, Silvio; ATHAYDE, Tristão de (Pseud. de Alceu Amoroso Lima).

*

ASCHER, Nelson. Argumentos para uma crítica da crítica sociologizante. *34 Letras*, nº.01, p.92-99, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; História; Teoria literária; Sociologia

Notas de resumo: O texto aponta as problemáticas da crítica de cunho sociologizante, recorrente no contexto da crítica literária brasileira. Tendo como suporte textos de Marx, Lefort, Heidegger e Benjamin, o autor procura demonstrar as concepções de história que norteiam a crítica sociologizante, verificando a articulação entre literatura, crítica e história. Nota: O texto é uma comunicação apresentada (em fins de 1981) num curso sobre teoria da prosa e historiografia da literatura brasileira, ministrado na PUC-SP por Haroldo de Campos.

Autores citados: DIÓGENES, Antonius; ALENCAR, José de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; HEIDEGGER, Martin; LEFORT, Claude; ASSIS, Machado de; MARX, Karl; RICARDO, David; SMITH, Adam; BENJAMIN, Walter; ZENÃO.

*

POUND, Ezra. 1918/ 1928/ 1917/ 1934. Trad. sem crédito. *34 Letras*, nº.01, p.100-101, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária

Notas de resumo: Alguns trechos de obras diversas de Pound são reunidos por terem como temática a crítica. Nestes fragmentos, o autor enfatiza que à crítica cabe despertar a atenção do leitor, permitindo-lhe focalizar o olhar ou o ouvido. Evitar termos genéricos e vagos é também condição para uma crítica honesta, sempre fruto de maturidade. [Consta nota de referência: os fragmentos foram extraídos das seguintes obras: 1918 de "Retrospectiva", in "A arte da poesia, São Paulo: Ed. Cultrix, 1976; 1928, de "Como ler", in op.cit; 1917, de "Ironia, Laforgue e um pouco de sátira", in op.cit; 1934, in "ABC da literatura", São Paulo, Ed. Cultrix, s/d.]

Iconografia: Ilustração, JB, de Ezra Pound.

*

CARVALHOSA, Carlito. O artista e o crítico. *34 Letras*, nº.01, p.102-104, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Crítica; Artes plásticas

Notas de resumo: O artista plástico reflete sobre a expectativa do artista em relação ao crítico. A crise da crítica com o veículo é apontada como uma das causas da falta de critério do trabalho desenvolvido, além da dificuldade de realização numa sociedade presa às aparências. Outro problema abordado pelo autor é a tendência do crítico ou curador invadir o espaço de criação, citando como exemplos o Museu do Século XIX em Paris e a última Documenta de Kassel, na Alemanha.

*

MELO NETO, João Cabral de. 1952. *34 Letras*, nº.01, p.104-105, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária

Notas de resumo: Os fragmentos tratam das dificuldades de exercer a atividade crítica naquele momento, sobretudo devido à ausência de um conceito de literatura e de critérios de valor. [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de "Poesia e composição - A inspiração e o trabalho de arte", conferência pronunciada na Biblioteca de São Paulo em 13.11.1952, in TELES, Gilberto Mendonça (org.), "Vanguarda européia e modernismo brasileiro", Petrópolis: Ed. Vozes, 1982. Publicado na revista com autorização do poeta.]

*

BELFORT, Alexandre. Nietzsche: crítica e história à luz da "Metafísica do artista". *34 Letras*, nº.01, p.106-115, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: NIETZSCHE, Friedrich

Palavras-chave: Crítica; História

Notas de resumo: A partir da leitura do primeiro período da obra nietzscheana - "Metafísica do artista"-, o autor discorre sobre algumas formulações dos primeiros livros a propósito da atividade crítica. Aborda a teoria da arte presente no "Nascimento da tragédia", e as articulações perversas entre história e crítica, enfatizando a crítica nietzscheana ao

hegelianismo. A concepção de crítica, neste recorte da obra de Nietzsche, não contempla a objetividade, mas é necessariamente intempestiva e busca escutar o corpo.

Autores citados: BACON, Francis; DELEUZE, Gilles; DEMÓCRITO; DESCARTES, René; HARTMANN, Eduard von; HEIDEGGER, Martin; HERÁCLITO; MARX, Karl; ROUANET, Sérgio Paulo; SCHOPENHAUER, Arthur; WAGNER, Helmut; ARISTÓTELES; FOUCAULT, Michel; HEGEL; FÍLON.

*

CARDOSO, André. O apocalipse e a realidade: uma aventura dos fabulosos X-MEN. *34 Letras*, nº.01, p.116-121, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: História em quadrinhos; Década de 60

Notas de resumo: O texto aborda as modificações sofridas pelas histórias em quadrinhos após a Segunda Guerra Mundial, como a desagregação da noção de tempo e a individualização do super-herói. Detém-se nos quadrinhos X-Men - "Queda dos mutantes", lançados no mercado norte-americano no início da década de 60.

Iconografia: Reprodução da capa da revista em quadrinhos X-MEN.

*

GUIMARÃES, Adriana. O itinerário poético de Emílio Moura. *34 Letras*, nº.01, p.122-125, set., 1988.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: MOURA, Emílio

Palavras-chave: Brasil; Poesia

Notas de resumo: A autora publica o resultado do manuseio do material poético do escritor mineiro. Descreve uma breve apresentação de Emílio Moura e elenca alguns questionamentos que marcam a sua poesia. Dois poemas de Emílio Moura são publicados: Quem sou eu?/ Três tempos, extraídos de "O espelho e a musa" (1947-1948) e "Habitantes da tarde" (1969), respectivamente.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; ARAÚJO, Correa de; BRITO, Mario da Silva.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Emílio Moura.

*

COSTA, Carlos Irineu da. Michael Ende. *34 Letras*, nº.01, p.126-130, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ENDE, Michael

Palavras-chave: Surrealismo; Ficção; Literatura

Notas de resumo: Trata-se de uma análise do livro "O espelho no espelho - um labirinto", de Michael Ende, um conjunto de contos com várias referências à pintura surrealista. A obra é dedicada ao pai do autor - o pintor surrealista Edgar Ende -, cujos desenhos ilustram a edição alemã servindo como referências às narrativas, nas quais impera a lógica do sonho. [O autor assina como Carlos Irineu.]

Autores citados: ENDE, Edgar; ENDE, Michael.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Michel Ende (extraída da edição alemã de "O espelho no espelho"). Desenho, Edgar Ende.

*

GUIMARÃES, José Otávio N. Fotograma de Wenders. *34 Letras*, nº.01, p.131-135, set., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: WENDERS, Wim

Palavras-chave: Cinema; Alemanha

Notas de resumo: O texto esboça parte da trajetória do cineasta Wim Wenders, enfatizando as dificuldades que a geração alemã pós-guerra enfrentou. A opção de Wenders, segundo o autor, foi a de mostrar os detritos, estilhaços e ruínas do passado para lhes conferir um outro significado. Assim, através de imagens, o cineasta também ressignifica a tradição alemã e a influência cultural americana.

Autores citados: HERZOG, Werner; KLUGE, Alexander; RIEFENSTAHL, Leni; FORD, John; FASSBINDER, Rainer Maria; STRAUB, Jean Marie.

Iconografia: Fotograma, "No decorrer do tempo", filme de Wim Wenders.

*

BRACHER, Beatriz. Andrea e a ficção do passado. (HIERNEIS, Leonard. "Andrea" Stuttgart: R. Thienmanns, 1989). *34 Letras*, nº.01, p.136-140, set., 1988.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Ficção; Literatura

Notas de resumo: O texto esboça a narrativa de "Andrea", livro de Leonard Hierneis, no qual a tendência de se reavaliar o passado é levada às últimas conseqüências, num futuro indeterminado.

Autores citados: ALIGHIERI, Dante; JOYCE, James; HIERNEIS, Leonard; MISHIMA, Yukio.

Iconografia: Ilustração, Regina Quental.

*

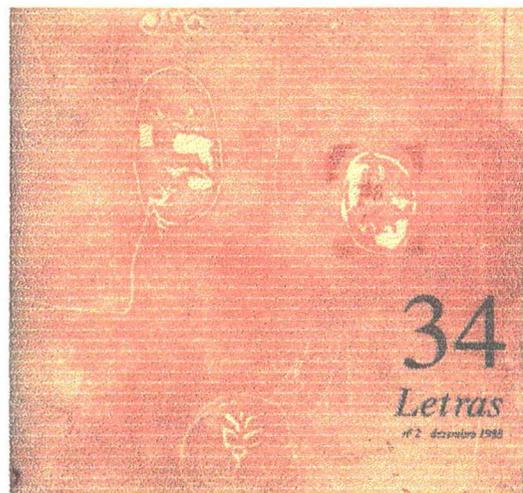
QUENTAL, João Guilherme (Sanders). Reino das sombras. (HIERNEIS, Leonard. "Andrea" Stuttgart: R. Thienmanns, 1989). *34 Letras*, nº.01, p.141-144, set., 1988.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Ficção; Literatura

Notas de resumo: Num texto repleto de hipóteses, a resenha aborda a leitura do novo romance de Leonard Hierneis, "Andrea", ainda não traduzido para o português. Um livro que reflete sobre a inutilidade do próprio livro, e que, ao mesmo tempo, tem como base vários clássicos da literatura. Sintetiza que toda novidade no futuro presente em "Andrea" reside no passado.

Autores citados: HIERNEIS, Leonard; CALVINO, Italo.



CAMPOS, Álvaro de. "E eu, desnorteado. (...)". *34 Letras*, nº.02, p.4, dez., 1988.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência na página seguinte: Alberto Caeiro visto por Álvaro de Campos (O conceito direto das coisas), in: "Fernando Pessoa - Obras em prosa", Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.]

*

CALLADO, Antonio; FIGUEIREDO, Rubens. Entrevista. *34 Letras*, nº.02, p.8-23, dez., 1988.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Nome pessoal como assunto: CALLADO, Antonio

Palavras-chave: Crítica; Cânone literário; Livros; Literatura; Língua

Notas de resumo: Nesta entrevista, Antônio Callado discute com Rubens Figueiredo temas como a dependência cultural, a formação intelectual das elites, o mercado, a literatura. Callado fala de sua formação literária, reflete sobre as causas da tímida circulação do livro brasileiro, e discorre sobre o processo de pauperização da língua portuguesa.

Autores citados: ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BARRETO, Lima; BERNANOS, Georges; CELINE, Paul; MÁRQUEZ, Gabriel García; INFANTE, Guillermo Cabrera; JAMES, Henry; JOYCE, James; LACERDA, Carlos; ASSIS, Machado de; MAUGHAM, Somerset; MAURIAC, François; MORGAN, Charles; PICASSO, Pablo; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do; SARTRE, Jean-Paul; LLOSA, Mário Vargas; COHEN-SOLAL, Annie; NEVES, Berito; MARGUERITTE, Paul; GUITRY, Sacha; GREEN, Julien; REBELO, Marques; VIEIRA, José Geraldo; BRANDÃO, Ignácio de Loyola; COSTALLAT, Benjamin; TCHEKOV, Anton P.; BORGES, Jorge Luis; TORRES, Antônio; RIBEIRO, João Ubaldo; ROSA, Guimarães.

Iconografia: Fotografia, João Guilherme Quental, de Antonio Callado; de Rubens Figueiredo.

*

FLEMING, Paul; SILESIUS, Angelus. Dois poetas barrocos alemães em tradução de Augusto de Campos. Trad. Augusto de Campos. *34 Letras*, nº.02, p.26-29, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título citado, publica-se um poema de Fleming (1609/1640), Gedanken über der zeit/ Meditação sobre o tempo, e três de Silesius (1624-1677): Ohne warum/ Dein kerker bist du selbst/ Beschluss/ Sem porque/ Tu és tua prisão/ Fim. [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Desenho, Regina Quental.

*

BOWLES, Paul. A presa delicada. Trad. André Cardoso. *34 Letras*, nº.02, p.30-39, dez., 1988.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência: extraído de "A delicate prey".]

Iconografia: Desenho, Mariza Scopel.

*

LEIBOLD, Monika. O destino de Hyperion. *34 Letras*, nº.02, p.40-41, dez., 1988.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Palavras-chave: Política; Ficção

Notas de resumo: O texto fornece breve apresentação da trajetória política do escritor Friedrich Hölderlin, revelando a possível leitura de um de seus escritos - "Hyperion ou o eremita da Grécia"- como confissão política do autor, mescla de ficção e realidade.

Autores citados: HÖLDERLIN, Friedrich; SCHELLING, Friedrich; HEGEL;

*

HÖLDERLIN, Friedrich. Hyperions schicksal/ O destino de Hyperion. Trad. Monika Leibold. *34 Letras*, nº.02, p.42-43, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Desenho, Emili Basílio.

*

WORDSWORTH, William. "One day, when from my lips a like complaint (...)" / "Um dia, em que dos lábios me saiu (...)". Trad. Lino Machado. *34 Letras*, nº.02, p.44-49, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: fragmento do "Book Fifth" de "The Prelude".] [Publicação bilíngüe.]

*

MACHADO, Lino. Uma catástrofe romântica. *34 Letras*, nº.02, p.49-51, dez., 1988.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: WORDSWORTH, William

Palavras-chave: Poesia

Notas de resumo: Além de traduzir o fragmento do "Book fifth", de "The prelude", longo poema de Wordsworth, o autor tece comentários sobre o episódio. O pesadelo, transformado em poesia pelo poeta inglês, apresenta várias relações com a obra de Cervantes, que o autor procura assinalar.

Autores citados: FREUD, Sigmund; BORGES, Jorge Luis; CERVANTES, Miguel de.

Iconografia: Desenho, Mariza Scopel.

*

OGGIANO, José Américo. Norman Bates/ As palavras necessárias. *34 Letras*, nº.02, p.54, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

ESTEVEZ, José. A metapsicose da alma. *34 Letras*, nº.02, p.55, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

FIGUEIREDO, Rubens. "-Que nada, esquece. (...)" / "nos olhos (...)". *34 Letras*, nº.02, p.56-57, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

MENEZES, Aníbal. Via preferencial. *34 Letras*, nº.02, p.58, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*
MATTOS, Aclyse de. "Marcaram encontro na Casa da China. (...)". *34 Letras*, nº.02, p.59, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

LEIBOLD, Monika. Morte implícita. *34 Letras*, nº.02, p.60-61, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

GOMES, Duílio. Gallina. *34 Letras*, nº.02, p.62-64, dez., 1988.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Desenho, Lydia Semerene.

*

LOUZADA, Carlos. Minha tia Alice. *34 Letras*, nº.02, p.65, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

LEMOS, Tite de. AA. *34 Letras*, nº.02, p.66, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

VENTURA, Adão. Eu, pássaro-preto. *34 Letras*, nº.02, p.67, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

ROMANO, Roberto. Ser e tempo. (HEIDEGGER, Martin. "Ser e tempo". Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988). *34 Letras*, nº.02, p.70-77, dez., 1988.

Vocabulário controlado: RESENHA - Filosofia

Palavras-chave: Filosofia; Tempo; Ontologia; Fenomenologia

Notas de resumo: Neste texto, o autor resenha o livro "Ser e tempo", de Martin Heidegger, detalhando alguns conceitos da descrição fenomenológica apresentada na obra. A resenha discorre sobre os modos de integração dos homens, as articulações discursivas e os modos de dissolução dos indivíduos, baseando-se na explanação de Heidegger.

Autores citados: DESCARTES, René; FARIAS, Victor; HEIDEGGER, Martin; KANT, (Immanuel); RIMBAUD, Arthur.

AGOSTINHO, Santo; ARISTÓTELES; HEGEL; PLATÃO.

Iconografia: Capa do livro "Ser e Tempo", de Heidegger.

*

OLINTO, Heidrun Krieger. Bem-me-quer-mal-me-quer: teoria da literatura. *34 Letras*, nº.02, p.78-87, dez., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Teoria literária; Ciência; Literatura

Notas de resumo: Apesar da falta de credibilidade dos estudos científicos de literatura e dos sinais de cansaço que apresenta o debate teórico contemporâneo, o texto assinala a viabilidade de se desenvolver um trabalho entusiasmado pelo aprofundamento teórico, como o projeto de ciência da literatura empírica, desenvolvido por um grupo em torno de Siegfried J. Schmidt, nos últimos anos na Alemanha.

Autores citados: BOPP, Jorg; FLACKE, Michael; KUHN, Thomas S.; SCHMIDT, Siegfried J.; FINKE, Peter; ADORNO, T. W.

Iconografia: Ilustração, s/crédito.

*

34 Letras. Hans Ulrich Gumbrecht. *34 Letras*, nº.02, p.88, dez., 1988.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: GUMBRECHT, Hans Ulrich

Notas de resumo: Breve apresentação da trajetória acadêmica de Hans Ulrich Gumbrecht, romancista, medievalista e professor alemão. Participou de colóquios do grupo "Poetik und Hermeneutik", e em 1977 esteve pela primeira vez no Brasil, como professor convidado da PUC-RJ.

*

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A plethora moderna de sentido. Vinte e quatro anos de "Poética e hermenêutica". Trad. Luiz Costa Lima. *34 Letras*, nº.02, p.89-95, dez., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Filosofia; História; Teoria literária; Hermenêutica

Notas de resumo: O autor expõe a trajetória de vinte e quatro anos do grupo alemão "Poética e hermenêutica". Nesta retrospectiva, discorre sobre as principais pesquisas e discussões que os estudiosos de ciências humanas desenvolveram e publicaram. Gumbrecht trata também das influências do grupo, das temáticas que preponderaram nos debates, nos colóquios e nas publicações, e escreve a propósito da importância e das dificuldades enfrentadas pelo grupo de pesquisa.[Consta nota de referência: o texto foi publicado originalmente no "Frankfurter Allgemeine Zeitung".]

Autores citados: GADAMER, Hans Georg; ISER, Wolfgang; JAUSS, Hans Robert; LUBBE, Hermann; LUCKMANN, Thomas; STIERLE, Karlheinz; WEINRICH, Harold; KUHN, Thomas S.; BLUMENBERG, Hans; WARNING, Rainer; FUHRMANN, Manfred; PREISENDANZ, Wolfgang; BORST; TAUBES, Jacob; RITTER, Joaquim; KOSELLECK, Reinhard; LAMMERT.

*

34 Letras. GUIMARÃES, José Otávio N.; GUMBRECHT, Hans Ulrich; LEIBOLD, Monika. Entrevista com Gumbrecht. *34 Letras*, nº.02, p.96-115, dez., 1988.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Filosofia; História; Teoria literária; Pós-modernidade

Notas de resumo: Gumbrecht concede uma entrevista à 34 Letras e discorre sobre a formação e a atuação do grupo "Poética e hermenêutica", considerado por ele como o principal núcleo de pesquisa dos anos 60 e 70, na Alemanha Ocidental. O entrevistado fala de algumas questões suscitadas no artigo anterior, como o isolamento do grupo nos últimos anos, explicita sua perspectiva em relação ao desenvolvimento da teoria literária nos países de terceiro mundo, e define o conceito e as implicações da pós-modernidade.

Autores citados: BAKHTIN, Mikhail; CANDIDO, Antonio; DERRIDA, Jacques; DOSTOIEVSKI; ECO, Umberto; GADAMER, Hans Georg; ISER, Wolfgang; JAUSS, Hans Robert; LIMA, Luiz Costa; PAZ, Octavio; QUINTILIANO; RACINE; SAID, Edward; WARHOL, Andy; LÉVI-STRAUSS, Claude; RITTER, Joaquim; GODZICH, Vlad; SÓFOCLES; EURÍPEDES; BENJAMIN, Walter.

Iconografia: Fotografias, João Guilherme Quental, de Gumbrecht durante a entrevista. Reprodução do convite para o lançamento da 34 Letras n.1.

*

LIMA, Luiz Costa. Dependência cultural e estudos literários. *34 Letras*, nº.02, p.116-127, dez., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária; Subdesenvolvimento; Literatura

Notas de resumo: O texto reflete sobre as influências das relações econômicas nas produções culturais, questionando as razões de nossa dependência cultural. Além dos elementos de ordem econômica que afligem o intelectual brasileiro, o autor ressalta os fatores de nosso próprio sistema cultural, que demonstram descaso com a atividade intelectual. Examina o papel da auditividade e do culto da improvisação como valores que intensificam a dependência cultural, em busca de caminhos que permitam a saída desse círculo vicioso. [Consta nota de referência: Trata-se de uma comunicação apresentada no congresso sobre Discurso e Ideologia, realizado na UFRJ, de 14 a 18 de setembro de 1987.]

Autores citados: BAKHTIN, Mikhail; CANDIDO, Antonio; CHOMSKY, Noam; HABERMAS, Jürgen; HOLANDA, Sérgio Buarque de; KRISTEVA, Julia; MELO NETO, João Cabral de; FOUCAULT, Michel; BURKE, Kenneth; TEIXEIRA, Anísio; EISENSTEIN, Elisabeth L.

*

FREITAS FILHO, Armando. De cor . Fim-de século/ Sem óculos. *34 Letras*, nº.02, p.128-129, dez., 1988.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: poemas extraídos do livro "De cor".]

*

SENNA, Marta de. De cor, coração, cerne, caroço. (FREITAS FILHO, Armando. "De cor (1983-

1987)" Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988). *34 Letras*, nº.02, p.130-133, dez., 1988.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: FREITAS FILHO, Armando

Palavras-chave: Poesia; Literatura; Década de 80

Notas de resumo: A resenha discorre sobre a poesia de "De cor", livro recém publicado de Armando Freitas Filho, rico em imagens cifradas e jogos de palavras, no qual o poeta explora a polissemia e oferece uma interessante leitura da vida e da arte.

Autores citados: HOLIDAY, Billie; BAUDELAIRE, Charles; CORBIÈRE, Tristan; DUCHAMP, Marcel; GODARD, Jean-Luc; LAFORGUE, Jules; MALLARMÉ, Stéphane; MELO NETO, João Cabral de; NABOKOV, Vladimir; NERVAL, Gerard de; NOVALIS; POE, Edgar Allan; RILKE, Rainer Maria; RIMBAUD, Arthur; SATIE, Erik; STRAVINSKY, Igor; VALÉRY, Paul; WEBERN, Anton von; WENDERS, Wim; CESAR, Ana Cristina; CARROLL, Lewis; LIDDELL, A.; MENDES, Alvaro; SALINGER, J. D.; BORGES, Jorge Luis; LAUTRÉAMONT, Conde de; FREITAS FILHO, Armando.

Iconografia: Capa do livro "De cor", de Armando Freitas Filho.

*

MIRANDA, Cristiana. O sacrifício. *34 Letras*, nº.02, p.134-139, dez., 1988.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Cinema

Notas de resumo: O texto comenta algumas passagens de "O sacrifício", último filme de Andrei Tarkovski. A autora discorre sobre a presença do quadro "A adoração dos magos", de Leonardo da Vinci, no filme, cujas temáticas são as mesmas: "para ascender ao topo da escada o homem precisa livrar-se das trevas, dos subterrâneos, do mundo da violência e da morte". A autora trata das personagens mais marcantes e das características mais marcantes do filme de Tarkovski.

Autores citados: JOYCE, James; TARKOVSKI, Andrei; VINCI, Leonardo da.

Iconografia: Fotografia, "A casa e sua maquete em 'O sacrifício'". "A adoração dos magos", obra de Leonardo da Vinci. Foto, s/crédito, de Tarkovsky durante as filmagens.

*

BRANDÃO, Junito (de Souza). A psicostasia grega: a balança. *34 Letras*, nº.02, p.140-143, dez., 1988.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Palavras-chave: Mitologia

Notas de resumo: Além de verificar as diversas variações da palavra balança e seu significado etimológico, o texto sintetiza sua forma e emprego na mitologia grega. Verifica, ainda, as variações da psicostasia grega e egípcia. [Consta nota de referência: trata-se de uma síntese do verbete "Balança" (Psicostasia Grega) que figura no "Dicionário mítico-etimológico", a ser publicado em breve.]

Autores citados: HOMERO; PLATÃO.

Iconografia: "O julgamento dos mortos".

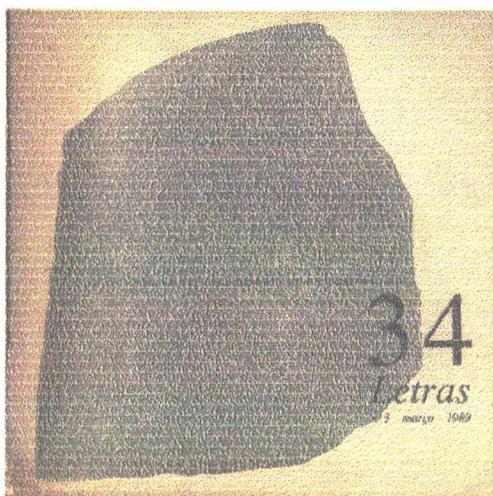
MELO NETO, João Cabral de; CARVALHOSA, Carlito; LIMA, Luiz Costa; LEITE, Sebastião Uchôa; LAGE, Lana. João Cabral de Melo Neto. *34 Letras*, nº.03, p.8-45, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Nome pessoal como assunto: MELO NETO, João Cabral de

Palavras-chave: Crítica; Modernismo; Poesia; Artes plásticas; Concretismo

Notas de resumo: João Cabral concede uma entrevista e fala de pintura, de música, de arquitetura e de literatura. Discorre sobre o processo de sua poesia e sua relação com o concretismo. O poeta fala, ainda, de Pernambuco, estado onde nasceu, e da Espanha, país onde viveu por algum



tempo; lugares por onde seus versos transitam. Por fim, trata das temáticas, influências e interpretações de sua poesia.

Autores citados: LACERDA, Sebastião; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ANJOS, Augusto dos; BANDEIRA, Manuel; BRAGA, Rubem; CAMPOS, Augusto de; EMPSON, William; GODARD, Jean-Luc; JOYCE, James; LE CORBUSIER, (Pseud. de Charles Édouard Jeanneret); LIMA, Jorge de; LUMIÈRE, (Louis /Jean); MALLARMÉ, Stéphane; MENDES, Murilo; MIRÓ, (Joan); MORAES, Vinícius de; PICASSO, Pablo; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do; RICARDO, Cassiano; RILKE, Rainer Maria; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; SUASSUNA, Ariano; PONGE, Francis; ALMEIDA, José Américo de; FREYRE, Gilberto; TÀPIES, Antonio; FROST, Robert; MARIANNO, Olegário; VOLTAIRE, François; CHATEAUBRIAND, Assis; PEREIRA, Lúcia Miguel; ROSA, Guimarães; SCHMIDT, Augusto Frederico; GAUDÍ, Antoni; PONÇ; CUIXART.

Iconografia: Fotografias, Carlos Irineu da Costa, de João Cabral e entrevistadores.

*

MILLAY, Edna St. Vincent. Dirge without music/ Requiem sem música. Trad. Newton Goldman. *34 Letras*, nº.03, p.48-49, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: poema extraído de "Collected Sonnets by Edna St. Vincent Millay", Washington Square Press, 1963.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Ilustração (pág.46-47), Elisa Bracher.

*

OAKES, Philip. Playmate/ Playmate. Trad. Bluma Villar. *34 Letras*, nº.03, p.50-51, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*

BUKOWSKI, Charles. how to be a great writer/ como ser um grande escritor. Trad. Carlos Irineu W. da Costa. *34 Letras*, nº.03, p.52-57, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: poema extraído de "Love is a dog from hell — Poems 1974-1977", Santa Rosa, EUA, Black Sparrow Press, 1987.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Foto, s/crédito, de Charles Bukowski.

*

REZENDE, Otto Lara. Hélio Pellegrino: a poesia, sempre. *34 Letras*, nº.03, p.60, mar., 1989.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: PELEGRINO, Hélio

Palavras-chave: Poesia

Notas de resumo: Breve introdução à poesia de Hélio Pellegrino, que apesar de não ter publicado nenhum livro até então, deixou uma obra poética que merece destaque. Várias de suas poesias foram publicadas em revistas e suplementos literários. [A apresentação precede uma amostra dos poemas de Pellegrino.]

Autores citados: ANDRADE, Mário de.

Iconografia: Ilustração (pág. 59), Rodrigo Andrade.

*

PELEGRINO, Hélio. "Não há morte nenhuma (...)" / Andromeda/ Retrato/ Paulo Emílio morto. *34 Letras*, nº.03, p.61-63, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Nos três últimos poemas, consta o local e a data: Rio, 23.24.25/9/75; Arraial, 23/2/80; Rio, 10/9/77, respectivamente.]

*

QUENTAL, João Guilherme (Sanders). Certa vez de manhã cedo/ Aurora. *34 Letras*, nº.03, p.64-67, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [No poema Aurora, consta epígrafe de Adolfo Casais Monteiro.]

Iconografia: Ilustração, Regina Quental.

*

NASCIMENTO, Evando. Postal/ Natureza. *34 Letras*, nº.03, p.68-69, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [No poema Natureza, conta epígrafe de Nietzsche, em alemão.]

*

GARCIA, Alvaro Andrade. Esculpindo o desejo/ Antônio de Albuquerque, 189. *34 Letras*, nº.03, p.70-71, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

RIBEIRO, Ivan. Duas respostas ao escultor Amilcar de Castro. *34 Letras*, nº.03, p.72, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

MARTINS, Floriano. Camarins da crueldade, V. *34 Letras*, nº.03, p.73, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Regina Quental

*

FERNANDES, Millôr. Hamlet - a tradução. *34 Letras*, nº.03, p.76-80, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução

Notas de resumo: Millôr expõe seus preceitos a propósito de uma tradução e do que distingue esta modalidade da adaptação. Adiciona, ainda, as notas "fundamentalmente didáticas" que devem acompanhar o trabalho, apesar de restringi-las a quatro. [Consta nota explicativa dizendo que o texto foi escrito com a intenção de prefaciar a tradução de Hamlet feita por Millôr.]

Autores citados: HOLANDA, Aurélio Buarque de; RONAI, Paulo; SHAKESPEARE, William; SHAW, (George) Bernard; STERNHEIM, Carl; SIMON, Neil; MOLIÈRE, (Pseud. de Jean Baptiste Poquelin); SILVEIRA, Breno.

Iconografia: Ilustração (pág.75), Paulo Monteiro. Ilustração, s/crédito.

*

NOVALIS. 1772-1801. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. *34 Letras*, nº.03, p.81, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução

Notas de resumo: Neste fragmento, Novalis tece comentários sobre três possibilidades de tradução: a gramatical, a modificadora e a mítica. A mítica, quase inalcançável, expõe o caráter perfeito da obra de arte, enquanto a gramatical se refere às traduções no sentido costumeiro. Já a modificadora, requer o mais alto espírito poético. [Consta nota de referência: o fragmento de Novalis (1772-1801) foi extraído de "Pólen - Fragmentos, diálogos, monólogo" Trad., apres. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.]

*

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução à transfuncionalidade. Apêndice - Morgenstern: o fabulário refabulado. *34 Letras*, nº.03, p.82-101, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução; Lingüística; Poética

Notas de resumo: O autor faz uma análise detalhada do ensaio de Benjamin, "A tarefa do tradutor", e da teoria da tradução de Roman Jakobson. Examina as proposições de Benjamin sobre a tradução como exercício metalingüístico, mediante a noção jakobsoniana da "função poética". E no sentido de operacionalizar "uma física para a metafísica da tradução benjaminiana", Haroldo se utiliza do que Wolfgang Iser chama os "fatores intratextuais". Para isto, vale-se também dos ensaios de Iser. Num apêndice deste ensaio, sob o título "Morgenstern: o fabulário refabulado", o autor apresenta sua transcrição de "O texugo estético", de Morgenstern, ao lado da tradução do mesmo poema proposta por Roberto Schwarz, e tece comentários sobre as duas versões. [Consta nota de referência, explicando que a segunda parte do texto, intitulada "Apêndice - Morgenstern: o fabulário refabulado", que compreendia a recriação de quatro poemas de Morgenstern, saiu em junho de 58, tendo sido republicado sob o título "Um fabulário lingüístico de Christian

Morgenstern" na página "Invenção do Correio Paulistano", 4.2.1960". O texto integral foi publicado sob o título "Reflexões sobre a poética da tradução", nos Anais dos 1º e 2º Simpósios de Literatura Comparada (1985/1986), BH, UFMG, 1987, vol.I.]

Autores citados: STEINER, Rudolf; BAUDELAIRE, Charles; BENSE, Max; CORBIÈRE, Tristan; ECO, Umberto; HOFMANNSTHAL, Hugo von; ISER, Wolfgang; JAKOBSON, Roman; JAUSS, Hans Robert; JOYCE, James; LAFORGUE, Jules; LIMA, Luiz Costa; MORGENSTERN, Christian; PEIRCE, Charles Sanders; PESSOA, Fernando; RILKE, Rainer Maria; RIMBAUD, Arthur; ROSENFELD, Anatol; SCHWARZ, Roberto; VERLAINE, Paul; VODICKA, Felix; WILSON, Edmund; MORRIS, C.William; LEITE, Sebastião Uchôa; VERHAEREN, Émile; BENJAMIN, Walter; D'ANNUNZIO, Gabrielle; ROSSETTI, Dante Gabriel; GEORGE, Stephan; PUTTENHAM, George; SWINBURNE.

*

DICKINSON, Emily. "I died for beauty, but was scarce (...)" / "Morri pela beleza, mas apenas estava (...)". Trad. Manuel Bandeira. *34 Letras*, nº.03, p.102, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.] [Consta nota de referência: "I died for beauty, but was scarce (...)" foi extraído de "Emily Dickinson - Poemas", São Paulo, Ed. Hucitec, 1986; e "Morri pela beleza, mas apenas estava (...)" foi extraído de "Estrela da vida inteira - Manuel Bandeira", Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1986.]

*

DICKINSON, Emily. "These tested Our Horizon - (...)" / "Esses testaram Nosso Céu - (...)". Trad. Augusto de Campos. *34 Letras*, nº.03, p.103, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.] [Consta nota de referência: "These tested Our Horizon -(...)" / "Esses testaram Nosso Céu -(...)" foram extraídos de "O anticrítico", São Paulo, Companhia das Letras, 1986.]

*

CUMMINGS, E. E. "birds((...)" / "aves((...)". Trad. Augusto de Campos. *34 Letras*, nº.03, p.104-105, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.] [Consta nota de referência: os poemas foram extraídos de "e.e.cummings - 40 POEM(A)S", trad. Augusto de Campos, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.]

*

CUMMINGS, E. E. / Soneto. Trad. Manuel Bandeira. *34 Letras*, nº.03, p.106-107, mar., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.] [Consta nota de referência: Sonnets - Unrealities foi extraído de "e.e.cummings - Complete poems - 1913-1962", A Harvest/HBJ Book, Publishers, San Diego, New York, London, 1980. Soneto foi extraído de "Estrela da vida inteira - Manuel Bandeira", Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1986.]

*

CESAR, Ana Cristina. 1983. *34 Letras*, nº.03, p.108-110, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária; Tradução; Poesia

Notas de resumo: Diante de dois livros de poesias traduzidas, um de Manuel Bandeira e outro de Augusto de Campos, a autora tece comentários sobre dois modos de tradução claramente distintos. Enquanto no primeiro lê-se o próprio Bandeira, com total despreendimento do texto original, no segundo, é explícita a precisão métrica e a habilidade técnica, por vezes até didática demais. [Consta nota de referência: fragmentos de "Bastidores da tradução", publicado em "Escritos da Inglaterra", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.]

Autores citados: BANDEIRA, Manuel; CAMPOS, Augusto de; CUMMINGS, E. E.; POUND, Ezra; HOCKNEY, David.

*

BRITTO, Paulo Henriques. A difícil vida fácil do tradutor. *34 Letras*, nº.03, p.111-115, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução

Notas de resumo: Trata-se de uma analogia da profissão de tradutor e da prostituta. Vários pontos em comum entre as duas profissões são comentados neste texto, como o preconceito e a antiguidade dos dois ofícios. Além de ressaltar a visão do senso comum sobre a degradação do papel de tradutor, o autor aborda a falta de seriedade da crítica frente ao trabalho de tradução.

Autores citados: WILSON, Edmund; FROST, Robert.

*

PAZ, Octavio. 1970. Trad. Maria Pia Terra Moreli. *34 Letras*, nº.03, p.116-117, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução; Poesia

Notas de resumo: Nestes fragmentos, o autor comenta as transformações pelas quais passou a tradução, e salienta as características de duas operações similares: a tradução e a criação. [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de Octavio Paz, "Traducción: literatura y literalidade", Barcelona, Jusquets Editores, 1981.]

Autores citados: PEIRCE, Charles Sanders.

*

RABATÉ, Jean-Michel. Broch, traduzido. Trad. Isaura de Amorim Silva. *34 Letras*, nº.03, p.118-133, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: BROCH, Herman

Palavras-chave: Tradução

Notas de resumo: O texto trata da obra do escritor Hemann Broch, escrita sob o signo da tradução. A partir do ensaio "Algumas observações sobre a filosofia e a técnica da tradução", escrito por Broch em 1946 para Jean Starr Untermeyer, tradutor de "A morte de Virgílio", do alemão para o inglês, Rabaté comenta os argumentos utilizados por Broch, que considera a tradução inglesa fiel ao espírito do texto e também ao espírito da língua inglesa. Além disso, Rabaté aborda a recepção de Broch à tradução francesa do mesmo texto, enfatizando algumas questões suscitadas a este propósito na correspondência de Broch com o tradutor Albert Kohn.

Autores citados: UNTERMAYER, Jean Starr; HEIDEGGER, Martin; JOYCE, James; KAFKA, Franz; KANT, (Immanuel); SARTRE, Jean-Paul; SERRES, Michel; STEIN, Gertrude; STEINER, George; FUCHS, George; JUNG, Carl-Gustav; BENJAMIN, Walter; MOUNIN, Georges; PLATÃO; LACAN, Jacques; PÉGUY, Charles; KOHN, Albert.

*

BORGES, Jorge Luis. 1932/ 1969. Trad. Ivan Junqueira. *34 Letras*, nº.03, p.134-135, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução

Notas de resumo: Dois fragmentos de dois prólogos escritos por Borges, que discorre sobre o trabalho de tradução e afirma que sua tradução (de Whitman) oscila entre a interpretação pessoal e o rigor resignado. [Consta nota de referência: o primeiro trecho refere-se ao prólogo de "Cemitério marinho", de Paul Valéry, extraído de "Prólogos", Rio de Janeiro, Ed. Rocco Ltda.; e o segundo ao prólogo de "Folhas de relva", de Walt Whitman, in op. cit.]

Autores citados: ALEXANDER, Francisco; CHAPMAN; RUSSEL, Bertrand; SHAKESPEARE, William; VALÉRY, Paul; WHITMAN, Walt; MAGNIEN, Victor.

*

CAMPOS, Geir. Interferência - um problema de tradução. *34 Letras*, nº.03, p.136-139, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Lingüística

Palavras-chave: Tradução; Teatro; Língua

Notas de resumo: O texto trata de alguns problemas de tradução, sobretudo o da "interferência", mais recorrente nos lugares onde há permanente "contacto de línguas". O texto aborda o posicionamento de Weinreich sobre esta "interferência" e discorre sobre a experiência do autor ao traduzir a tragédia "Hamlet" para um espetáculo de cem minutos.

Autores citados: NIDA, Eugene; SHAKESPEARE, William; RANGEL, Flávio; DEROY, Louis;

WEINREICH, Uriel.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. 1988. *34 Letras*, nº.03, p.140-141, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução

Notas de resumo: Fragmentos nos quais o autor tece considerações sobre o ato da tradução. Trata da crítica de Diderot ao conceito ilusionista de interpretação, em "Paradoxo do comediante", onde o filósofo defende "a tese moderna do distanciamento do intérprete em relação ao personagem". O autor se utiliza da leitura de Diderot para analisar a figura do tradutor. [Consta nota explicativa, dizendo que os fragmentos fazem parte de um texto lido no Colóquio sobre interpretação, realizado na UERJ em meados de outubro de 88, e que o texto completo estava para ser publicado nos Anais do Colóquio sobre interpretação no segundo semestre de 1989, pela UERJ.]

Autores citados: BRECHT, Bertolt; VALÉRY, Paul; DIDEROT, Denis; BORGES, Jorge Luis.

*

ASCHER, Nelson. O texto e sua sombra. (teses sobre a teoria da intradução). *34 Letras*, nº.03, p.142-157, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: História; Tradução; Poesia

Notas de resumo: O texto desenvolve algumas teses sobre a tradução, partindo da concepção metafísica bíblica para chegar a sua crise, descobrindo a dialética para o mundo das sombras. O autor tece comentários sobre as teses de Benjamin e o célebre ensaio "A tarefa do tradutor". Crítica a teoria tradicional da tradução, e examina os pressupostos da tradutibilidade e as condições propícias da tradução. Além disso, explicita a técnica de intradução do poeta Augusto de Campos, demonstrando sua prática. Para finalizar, faz uma análise de três processos distintos de tradução, realizados por três tradutores de diferentes baladas do poeta François Villon. [Consta nota explicativa, que sublinha o ineditismo do ensaio, escrito especialmente para a publicação na *34 Letras* em julho de 1981 (sic).]

Autores citados: ALMEIDA, Guilherme de; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; DUCHAMP, Marcel; HEIDEGGER, Martin; HÖLDERLIN, Friedrich; PAZ, Octavio; PIGNATARI, Décio; SCHILLER, Friedrich; VILLON, François; VOSS; RODRIGUES, Lupicínio; BORN, Bertrand de; GOETHE; BENJAMIN, Walter; DANIEL, Arnaut; BORGES, Jorge Luis; PLATÃO; JOZSEF, Attila; GEORGE, Stephan; VENTADORN, Bertrand de.

*

STEINFELD, Lew. Legendas e títulos. Trad. sem crédito. *34 Letras*, nº.03, p.158-159, mar., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.] [Neste número, não constam os créditos. No número 4, lemos que "Legendas e títulos" foram cedidas por Lew Steinfeld.]

*

BRODSKY, Joseph; SALLES, João Moreira. Joseph Brodsky. Trad. Elza Veiga. *34 Letras*, nº.03, p.160-169, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: BRODSKY, Joseph

Palavras-chave: Arte; URSS; Estética; Literatura

Notas de resumo: A entrevista de Joseph Brodsky foi realizada pela Video Filmes para o Projeto América, programa dirigido por João Moreira Salles. O entrevistado é poeta e ensaísta, nascido em Leningrado e vencedor do Prêmio Nobel de literatura em 1987. Brodsky fala da arte do estranhamento e do trabalho de criação. Discorre sobre sua trajetória, as conseqüências do exílio, suas impressões sobre a América e a estética do "débris".

Autores citados: AUDEN, W.H.; DOSTOIEVSKI; GOGOL; PAZ, Octavio; WHITMAN, Walt; MILOSZ, Czeslaw; PUSHKIN.

*

MIRANDA, Wander Melo. A liberdade do pastiche. *34 Letras*, nº.03, p.172-177, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Pastiche; Ficção; Originalidade

Notas de resumo: O texto teoriza sobre o pastiche, a partir da leitura de textos de Italo Calvino, Ricardo Piglia e Silviano Santiago, que problematizam a questão da originalidade e da cópia, da propriedade da obra e da função da ficção.

Autores citados: BARTH, John; ECO, Umberto; JAMESON, Fredric; PIGLIA, Ricardo; RAMOS, Graciliano; SANTIAGO, Silviano; COSTA, Claudio Manuel da; CALVINO, Italo; BORGES, Jorge Luis; HAYES, Aden.

Iconografia: Ilustração (pág.171), Paulo Monteiro.

*

LINS, Vera. Gonzaga Duque e o simbolismo: a barricada da imaginação. *34 Letras*, nº.03, p.178-185, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: DUQUE, Gonzaga

Palavras-chave: Crítica; Ficção; Simbolismo

Notas de resumo: O texto apresenta a trajetória do escritor simbolista Gonzaga Duque, ficcionista, crítico de artes plásticas e também historiador. Trata das características de seus escritos e das razões da falta de reconhecimento da obra de Gonzaga Duque, por parte da crítica. [Consta epígrafe de Mallarmé.]

Autores citados: BAUDELAIRE, Charles; BOSI, Alfredo; SOUSA, Cruz e; DIMAS, Antonio; DUCHAMP, Marcel; GAUGUIN, Paul; GUIMARAENS, (João) Alphonsus de; ASSIS, Machado de; MUNCH, Edward; MURICY, José Cândido de Andrade; POE, Edgar Allan; RIMBAUD, Arthur; VALÉRY, Paul; VERÍSSIMO, José; VERLAINE, Paul; VITOR, Nestor; EULÁLIO, Alexandre; ENSOR, James; KILKERRY, Pedro; PASSOS, Francisco Pereira; PEDERNEIRAS, Mário; GUIMARÃES, Júlio Castañon; CAMPOS, Lima.

Iconografia: "Arrufos", tela de Belmiro de Almeida.

*

SECCHIN, Antonio Carlos. Questões de crítica. *34 Letras*, nº.03, p.186-187, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Imanência; Teoria literária

Notas de resumo: O texto reflete sobre as possibilidades da crítica, depois de constatada a insuficiência dos métodos estruturalistas. A maior problemática do novo modelo - a imanência do texto-, segundo o autor, é a defesa de que cada obra implora uma interpretação particular, cabendo à crítica este reconhecimento. O texto alerta para a invalidez do vale-tudo das doações de sentido.

Autores citados: ALENCAR, José de; ANDRADE, Carlos Drummond de; COELHO, Eduardo Prado.

*

ALLIEZ, Eric. Um empirismo fantástico. *34 Letras*, nº.03, p.188-191, mar., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: DELEUZE, Gilles

Palavras-chave: Representação; Pós-modernidade; Neo-barroco; Pós-estruturalismo

Notas de resumo: O texto descreve o movimento da obra deleuziana "Diferença e repetição", que se apresenta vinculado ao pensamento moderno nascido da falência da representação, da perda das identidades e da descoberta das forças que agem sob a representação do idêntico. Alliez tece alguns comentários sobre a teoria do pensamento exposta em "Diferença e repetição", denominada um empirismo da idéia, e analisa as relações desta teoria com a filosofia da diferença de Heidegger. [Consta epígrafe de Francis Bacon.]

Autores citados: BERGSON, Henri; HEIDEGGER, Martin; HUME, David; KANT, (Immanuel); NIETZSCHE, Friedrich; SPINOZA, (Baruch); ARISTÓTELES; FOUCAULT, Michel; HEGEL; LEIBNIZ.

Iconografia: Capa do livro "Diferença e repetição", de Gilles Deleuze.

SCHENDEL, Mira. Monotipias, c.1964. *34 Letras*, nº.04, p.1-4, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

CAMPOS, Augusto de; BONVICINO, Régis; SUSSEKIND, Flora; *34 Letras*. Augusto de Campos. *34 Letras*, nº.04, p.10-28, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Tradução; Poesia; Concretismo; Literatura

Notas de resumo: Nesta entrevista, Augusto de Campos fala das temáticas e do processo de sua poesia, além de discorrer sobre o concretismo. Trata das novas possibilidades permitidas pelo instrumental dos novos meios tecnológicos, e aborda sua perspectiva sobre a tradução. Além disso, o poeta expõe os requisitos da tradução-arte, elenca o que considera os principais tradutores, e comenta algumas de suas traduções. O entrevistado fala das polêmicas suscitadas pelo movimento concretista e das perspectivas que vislumbra para o trabalho poético. Publicam-se vários poemas de Augusto de Campos no corpo da entrevista: Dizer/ SOS/ A chuva oblíqua de Maiakóvski.

Autores citados: ALIGHIERI, Dante; ALMEIDA, Guilherme de; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; AZEREDO, Ronaldo; BANDEIRA, Manuel; BARTHES, Roland; CAGE, John; CAMPOS, Haroldo de; CORDEIRO, Waldemar; JAKOBSON, Roman; JOYCE, James; LAFORGUE, Jules; MAHLER, Gustav; MAIAKÓVSKI, Vladímir; MALLARMÉ, Stéphane; MELO NETO, João Cabral de; MONDRIAN; MORAES, Vinícius de; PESSOA, Fernando; PICASSO, Pablo; PIGNATARI, Décio; POUND, Ezra; SCHNAIDERMAN, Boris; SHAKESPEARE, William; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; STEINER, George; VALÉRY, Paul; VELOSO, Caetano; VERLAINE, Paul; VILLON, François; WEBERN, Anton von; WHITMAN, Walt; YEATS, William Butler; CESAR, Ana Cristina; KHLÍEBNIKOV, Vielímir; ARNHEIM, Rudolf; CORBIÈRE, Edouard; ESSENIN; DICKINSON, Emily; KILKERRY, Pedro; KRUTCHÔNIKH, (Aleksiéi); BYRON, Lord; PO, Li Tai; SÁ-CARNEIRO, Mario de; KAK, Eduardo; BENJAMIN, Walter; DANIEL, Arnaut; KENNER, Hugh; VERDE, Cesário; LORCA, Federico Hernandez García; GARCIA, Wagner; BORGES, Jorge Luis; TENNYSON; THOMAS, Dylan; DONNE, John; BAUMSTEIN, Moysés; PEITIEU, Guillem de; BLOK, Alexander; MENDES, Odórico; VENTADORN, Bertrand de.

Iconografia: Foto, Luludi/Arquivo pessoal, Augusto de Campos com o poema-objeto RISCO, 1989.

*

DAIBERT, Arlindo. Ipotesi I/ Ipotesi II/ Ipotesi III/ Castillos. *34 Letras*, nº.04, p.29-32, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Palavras-chave: Arte gráfica

*

WILLIAMS, William Carlos. The widow's lament in springtime/ O lamento da viúva na primavera. Trad. Lino Machado. *34 Letras*, nº.04, p.34-35, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

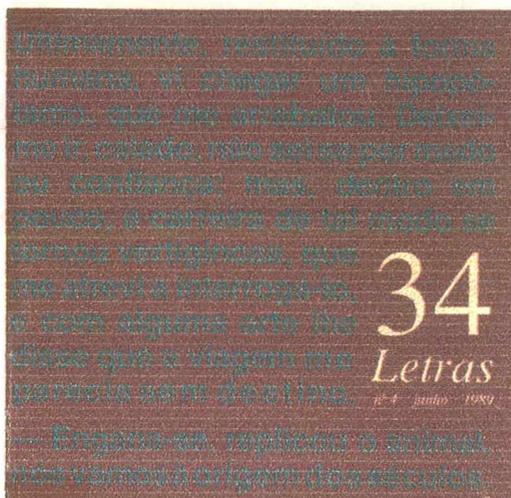
Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.] [Consta nota explicativa, mencionando que outra versão do mesmo texto pode ser encontrada em "Poemas", de William Carlos Williams, trad. de José Paulo Paes.]

*

MONTALE, Eugenio. "Portami il girasole ch'io lo trapianti (...)" / "Dê-me o girassol para que eu o replante (...)" / "Lo sai: debbo riperderti e non posso (...)" / "Tu sabes: devo perder-te outra vez e não posso (...)". Trad. Maria Eneida Victor Farias. *34 Letras*, nº.04, p.36-39, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.] [Consta nota de referência: os originais foram extraídos de "Ossi di seppia" Milão, Mondadori, 1978; e "Le occasioni", Milão, Mondadori,



1976, respectivamente.]

*

POUND, Ezra. The lake isle/ A ilha do lago. Trad. Lino Machado. *34 Letras*, nº.04, p.40-41, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Ilustração, Cecília Esteves.

*

CONSTANZO, Gerald. Introduction of the shopping cart/ A introdução do carrinho de supermercado. Oklahoma City, 1937. Trad. Aníbal Menezes Neto. *34 Letras*, nº.04, p.42-45, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

McPHERSON, Sandra. Centerfold reflected in a jet window/ Poster central refletido em uma janela de jato. Trad. Aníbal Menezes Neto; Roberto Motta. *34 Letras*, nº.04, p.46-47, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*

HASS, Robert. Old dominion/ Velho domínio. Trad. Aníbal Menezes Neto. *34 Letras*, nº.04, p.48-49, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*

MENDES, Murilo. Il sole/ O sol. Trad. Maria Eneida Victor Farias. *34 Letras*, nº.04, p.50-51, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*

CALVINO, Italo. A aventura de um casal. Trad. Vivien Kogut. *34 Letras*, nº.04, p.52-56, jun., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência: extraído de "Gli amori difficili", Einaudi Ed., 1958.]

Iconografia: Ilustração, Licó.

*

PAPPALARDO, Arnaldo. . *34 Letras*, nº.04, p.57-60, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

*

SOUZA, Márcio. Impressões sobre história, literatura e romances históricos. *34 Letras*, nº.04, p.62-67, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Romance; História; Ficção; Década de 80

Notas de resumo: O escritor Márcio Souza escreve sobre sua experiência na investigação dos dados e na redação de seu romance "Mad Maria". Após pesquisar em várias fontes informações sobre a República Velha, pano de fundo de seu livro, o autor tece algumas considerações a propósito do significado do romance histórico, verificando a maneira como diversos autores se utilizam da história para escrever romances.

Autores citados: SETUBAL, Paulo; BARRETO, Lima; ECO, Umberto; HERCULANO, Alexandre; VERÍSSIMO, Érico; BURGESS, Anthony; HUGO, Victor; SCOTT, Walter; BENJAMIN, Walter; RIBEIRO, João Ubaldo; VIDAL, Gore; BRADLEY, Marion Zimmer; WALLACE, Lewis.

Iconografia: Foto, s/crédito, "A estrada de ferro Madeira Mamoré em 1882".

*

GUIMARÃES, José Otávio N. Poesia e história na modernidade. (Paz e Benjamin em busca do

tempo perdido). *34 Letras*, nº.04, p.68-75, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: PAZ, Octavio

Palavras-chave: Modernidade; História; Poesia; Tradição

Notas de resumo: O texto analisa as perspectivas de Octavio Paz e Walter Benjamin a propósito das relações entre discurso ficcional e discurso teórico. Na obra de Paz, enfatiza sobretudo o conceito de tradição da ruptura, a tradição moderna. Aborda a filosofia da história de Benjamin como encruzilhada de dois discursos: "comentário sobre o acontecer histórico, mas uma literária reflexão crítica sobre nosso discurso a respeito da história e das histórias". O autor verifica, ainda, algumas analogias entre as estratégias de leitura de Benjamin e de Octavio Paz. [Contém epígrafe de Octavio Paz.]

Autores citados: ARENDT, Hannah; BAUDELAIRE, Charles; BRAUDEL, Ferdinand; GAGNEBIN, Jeanne-Marie; KAFKA, Franz; KRAUS, Karl; LESKOV, Nikolai; PAZ, Octavio; PROUST, Marcel; RANKE, Leopold von; SCHOLEM, Gershom; FOUCAULT, Michel; KLEE, Paul; BENJAMIN, Walter.

*

MORICONI, Italo. Formas da história, formas da ficção. *34 Letras*, nº.04, p.76-84, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Modernidade; História; Ficção; Pós-modernidade

Notas de resumo: O texto verifica o tipo de ficção histórica praticado por Silviano Santiago ("Em liberdade") e por Ricardo Piglia ("Respiração artificial"), analisando as estratégias discursivas desses textos, que reagem certos dilemas da literatura na modernidade, como a intransitividade literária e a referencialidade.

Autores citados: ARENDT, Hannah; HUTCHEON, Linda; JAMESON, Fredric; KANT, (Immanuel); LIMA, Luiz Costa; PIGLIA, Ricardo; RAMOS, Graciliano; SANTIAGO, Silviano; FOUCAULT, Michel; RIBEIRO, João Ubaldo; MIRANDA, Wander Melo.

Iconografia: "Interior holandês", 1928, óleo de Joan Miró; "O tocador de alaúde", 1661, óleo de H.M. Sorgh.

*

CHRISTIN, Pierre. As histórias sujas da ervilha de cheiro. Trad. Carlos Irineu W. da Costa. *34 Letras*, nº.04, p.86-87, jun., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência: texto extraído de "Los Angeles, l'étoile oubliée de Laurie Bloom", de Pierre Christin e E. Bilal, Autrement, Paris, 1984.]

Iconografia: Publicidade da *34 Letras* n.5 nas págs. 85 e 88.

*

LOPES, Fernão. c.1385 - c.1460. *34 Letras*, nº.04, p.89, jun., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de "Quadras da crônica de D. João I", sel., prefácio e notas de Rodrigues Lapa, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1977.]

*

LIMA, Luiz Costa. A questão da narrativa. *34 Letras*, nº.04, p.90-98, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: História; Ficção; Realismo; Literatura

Notas de resumo: A partir de um enunciado de Platão a propósito de um diálogo entre Sócrates e Laquete, o texto propõe algumas considerações sobre a lógica do pensamento ocidental e discorre sobre dois conceitos: o de realidade e o de unidade; e sua força antagônica: a lógica da dispersão, fundada no recalque da diferença. Trata, ainda, dos jogos de linguagem, para chegar ao conceito e aos traços fundamentais da narrativa. Por fim, propõe algumas reflexões sobre a narrativa histórica, apontando para as relações entre história e romance.

Autores citados: LUBBE, Hermann; ASSIS, Machado de; VALÉRY, Paul; WITTGENSTEIN, Ludwig; GODZICH, Vlad; LEITE, Sebastião Uchôa; PLATÃO; KITTAY, Jeffrey.

Iconografia: Ilustração (tema do livro de Jacques Derrida, "La carte postale"), s/crédito: "Platão e Sócrates".

*

ASSIS, Machado de. 1881. *34 Letras*, nº.04, p.99, jun., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência: fragmentos extraídos do capítulo IV - "A idéia fixa", de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", Obras completas, Ed. Nova Aguilar, Vol.1, Rio de Janeiro, 1979.]

*

MARTINS, Wilson. Canudos: ficção e história. *34 Letras*, nº.04, p.100-107, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - História

Palavras-chave: História; Ficção

Notas de resumo: O texto trata de um conjunto de escritos sobre Canudos, revelando tanto os antecedentes quanto os contemporâneos à obra de Euclides da Cunha. "Os sertões", afirma o texto, veio coroar a enorme bibliografia existente em torno da história de Canudos. O autor enfatiza a necessidade de um estudo deste vasto e rico material, que inclui poesia, ensaios e romances.

Autores citados: RAMOS, Pedro de Sousa; AMADO, Gilberto; CUNHA, Euclides da; DIAS, Gonçalves; ASSIS, Machado de; PEIXOTO, Afrânio; RODRIGUES, Nina; ROMERO, Silvio; LLOSA, Mário Vargas; HUGO, Victor; DURÃO, Santa Rita; ARINOS, Afonso; BYRON, Lord; CALAZANS FILHO, José; BENÍCIO, Manuel; ROSSI, Camilo; LEAL, Júlio César.

*

ARISTÓTELES. 384-322a.C. Trad. Eudoro de Souza. *34 Letras*, nº.04, p.108-109, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: História; Poesia; Poética

Notas de resumo: Nestes fragmentos, Aristóteles pontua as diferenças que marcam o historiador e o poeta, e discorre sobre algumas críticas que concernem à arte. [Consta nota de referência: fragmentos extraídos do Cap. IX e Cap. XXV da "Poética", Trad. pref. e comentários de Eudoro de Souza, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.]

*

WISMANN, Heinz. O ofício de filólogo. Trad. Alexandre Belfort. *34 Letras*, nº.04, p.110-118, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-chave: Ciência; Literatura; Filologia; Pedagogia

Notas de resumo: O estudo trata das seguintes problemáticas: a objetiva do discurso científico e a subjetiva do discurso literário. Além de verificar os pressupostos e as finalidades que pautam a ciência filológica, o texto denuncia os critérios de apreciação e de controle dos quais se utiliza a filologia clássica. O texto teoriza, ainda, sobre os métodos de restituição de sentido às obras do passado. [Consta nota explicativa, dizendo que a primeira parte deste estudo apareceu na revista "Critique", n.276, maio de 1970, dedicada à obra de Jean Bollack: "Empédocle II et III, Les origines"; e o texto integral foi publicado em "Critique", n.279-280, agosto-setembro de 1970.]

Autores citados: FREUD, Sigmund; NIETZSCHE, Friedrich; PÍNDARO; SÓFOCLES; PLATÃO;

*

TOLSTOI, Leon. 1868. Trad. João Gaspar Simões; Isabel da Nóbrega. *34 Letras*, nº.04, p.119, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - História

Palavras-chave: História; Ficção

Notas de resumo: O fragmento trata da maneira como se redigem os relatos históricos, aborda a escritura de "Guerra e paz" e menciona as diferenças entre as tarefas do historiador e do artista. [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de TOLSTOI, "Guerra e paz", Trad. Isabel da Nóbrega e João Gaspar Simões. Ed. Europa-América, Portugal, 1973.]

*

MATOS, Cláudia Neiva. Singular e/ou plural. Uma reflexão sobre o estudo das literaturas menores e sua possível contribuição para uma nova historiografia. *34 Letras*, nº.04, p.120-133, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: História; Cânone literário; Pós-modernidade; Historiografia; Literatura

Notas de resumo: Neste texto, a autora aborda as problematizações da história no século XX, que sofreu uma redefinição do campo de suas investigações e critérios de trabalho, sendo que vertentes designando novas modalidades da história surgiram. A partir dessas modalidades ("história eventual" e "história serial"), o texto propõe uma reflexão sobre o estudo das literaturas menores e sua possível contribuição para a escrita de uma nova história literária, abrindo mão dos cânones.

Autores citados: BARTHES, Roland; CHAUNU, Pierre; DELEUZE, Gilles; JAUSS, Hans Robert; KAFKA, Franz; KANT, (Immanuel); SANTIAGO, Silvano; TINHORÃO, José Ramos; LÉVI-STRAUSS, Claude; FOUCAULT, Michel; FURET, François; HERÓDOTO; BATISTA, Wilson; VOLTAIRE, François.

Iconografia: Ilustração, J. Carlos.

*

LIMA, Lezama. 1957. Trad. Irleamar Chiampi. *34 Letras*, nº.04, p.134-135, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - História

Palavras-chave: História; Historiografia; Imaginação

Notas de resumo: Os fragmentos oferecem uma perspectiva da visão histórica e da imaginação. Refletem sobre a "imago" se impondo como história. [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de "Mitos e cansaço clássico", in "A expressão americana", Trad. intr. e notas de Irleamar Chiampi. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.]

Autores citados: PATER, Walter; BELLAY, Joachim du; CURTIUS, Ernest Robert; ELIOT, T. S.; TOYNBEE, Arnold; WATTEAU, Jean Antoine; HESÍODO; HOMERO.

*

WHITMAN, Walt. A um historiador. Trad. Geir Campos. *34 Letras*, nº.04, p.136, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: poema extraído de "Folhas de relva", Sel. e trad. de Geir Campos, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964.]

Iconografia: Publicidade da Ed. Nova Fronteira.

*

FRÓES, Édson. "Sol no templo (...)". *34 Letras*, nº.04, p.140, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustrações (p.138-139), Licó.

*

CARDOSO, André. Os portões. *34 Letras*, nº.04, p.141, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

MASSI, Augusto. Cerâmica/ Natureza-morta. *34 Letras*, nº.04, p.142-143, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, s/crédito.

*

LEIRADELLA, Cunha de. Mulheres de passado e homens de futuro. *34 Letras*, nº.04, p.144-145, jun., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Ilustração, Mariana Massarani.

*

PINTO, Sérgio de Castro. sem fórmula. *34 Letras*, nº.04, p.146, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Lydia Semerene.

*

ASSUNÇÃO, Ademir. Sim & sim. *34 Letras*, nº.04, p.147, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Tatiana Grinberg.

*

FIGUEIREDO, Rubens. "Pensei que nunca ia ver o dia, (...)"/ "às vezes são aves que eu vejo (...)". *34 Letras*, nº.04, p.148-149, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

*

FREITAS FILHO, Armando. 35 linhas para 34 Letras. *34 Letras*, nº.04, p.150-151, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "35 Linhas para 34 Letras", publicam-se os poemas 9 linhas/ 12 linhas/ 14 linhas. [No último poema, consta dedicatória: "Para Tite de Lemos, que aprovou."]

Autores citados: LEMOS, Tite de.

Iconografia: Ilustração, Regina S. Quental.

*

FRANCESCHI, Antonio de. confiteor/ medusa/ tangente. *34 Letras*, nº.04, p.152-154, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Emili Basílio. Publicidade da Livraria Kosmos Editora.

*

SENNA, Marta de. A tradução iluminada. *34 Letras*, nº.04, p.158-163, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução; Poesia; Literatura

Notas de resumo: Trata-se de um comentário dos ensaios e das traduções de Ana Cristina Cesar, que compõem o livro "Escritos da Inglaterra", no qual se elogia o tom pessoal assumido por Ana Cristina se discute as soluções poéticas encontradas e argumentadas pela poeta nas suas traduções.

Autores citados: WEBB, Timothy; ELLIS, Tercy; BANDEIRA, Manuel; CAMPOS, Augusto de; ASSIS, Machado de; STEINER, George; CESAR, Ana Cristina; DICKINSON, Emily; MANSFIELD, Katherine; DAVIE, Donald; GROSSMAN, William L.; CÉSAR, Maria Luiza.

Iconografia: Ilustração (págs.156-157), Marco Gianotti. Foto, Cecília Leal, de Ana Cristina César.

*

PLATH, Sylvia. Words/ Palavras. Trad. Ana Cristina Cesar. *34 Letras*, nº.04, p.164-165, jun., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*

FAYE, Jean-Pierre. Velocidade narracional. Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.04, p.166-171, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: NIETZSCHE, Friedrich

Palavras-chave: História; Literatura; Alemanha

Notas de resumo: O texto trata da multiplicidade das velocidades da escrita, debruçando-se, sobretudo, sobre a velocidade narracional de Nietzsche, ao escrever "Zaratustra". O texto enfatiza que se as três primeiras partes foram escritas numa rapidez singular, a quarta parte se inscreve num outro ritmo, em função do desenrolar da história alemã naquele período (1885). [Consta nota de referência: extraído de "Corps Écrit", 24, PUF. Publicado com a autorização do autor.]

Autores citados: FRITSCH, Theodor; BRETON, André; ENGELS, Friedrich; HEIDEGGER, Martin; NIETZSCHE, Friedrich; STRINDBERG, Johan August; BATAILLE, Georges; ARAGON, Louis; ADORNO, T. W.; SOUPAULT, Phillippe.

*

NASCIMENTO, Evando. A promessa de felicidade. O trágico e o barroco no filme "O pagador de promessas". *34 Letras*, nº.04, p.172-184, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Barroco

Notas de resumo: O texto aborda a tragicidade e o barroquismo do filme "O pagador de promessas", de Anselmo Duarte, baseado na obra homônima de Dias Gomes. O autor enfatiza o caráter documentário do filme, que tem a cidade de Salvador como paradigma, e comenta a adaptação de Anselmo Duarte. Analisa, ainda, algumas passagens da narrativa, representativas da "tragédia brasileira".

Autores citados: ALTMAN, Robert; FELLINI, Federico; FREUD, Sigmund; GODARD, Jean-Luc;

NIETZSCHE, Friedrich; RESNAIS, Alain; WENDERS, Wim; GOMES, Dias; FASSBINDER, Rainer Maria; ALLEN, Woody; DUARTE, Anselmo; BUÑUEL, Luis; SAURA, Carlos.
Iconografia: Fotos, Arquivo da Fundação do Cinema Brasileiro.

*

LEIRNER, Jacqueline. O mesmo erro. *34 Letras*, nº.04, p.185-188, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Palavras-chave: Arte gráfica

Notas de resumo: [Consta nota explicativa dizendo que "O mesmo erro" é de 1988.] [A autora assina como Jac Leirner]

*

CAMPOS, Haroldo de. Inter-e-intratextualidade no Eclesiastes. *34 Letras*, nº.04, p.189-212, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária; Bíblia; Literatura

Notas de resumo: O texto aborda as diversas leituras, sobretudo americanas, de textos bíblicos. O autor utiliza-se destas para afirmar a atualidade de suas pesquisas, que propõem o enfoque da escritura bíblica com os mesmos critérios com que se analisam textos cuja dominante seja a função poética da linguagem. A partir desta premissa, detém-se na análise inter e intratextual no Eclesiastes, a começar pelo seu título hebraico, que o autor translitera - QOHÉLET - no título-palimpsesto. Publica-se o poema talismã, de Haroldo de Campos, datado de 12.março.89, dedicado à Giulia Gam. [Conta nota explicativa, dizendo que a "tese" foi apresentada no 1º Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado em Porto Alegre, 1º a 4 de junho de 1988.]

Autores citados: BEHAR, Lisa Block de; DAVIS, J.F.; CERONETTI, Guido; CHOPINEAU; BOTERO, Jean; ROSENBERG, David; WILLIAMS, James G.; HIRSCH, Edward; HILFERDING, A. F.; FOKKELMAN, J.P.; MESCHONNIC, H.; MERKIN, Daphne; LOHFINK, Norbert; BAKHTIN, Mikhail; BARTHES, Roland; BLOOM, Harold; DOSTOIEVSKI; ELLUL, Jacques; FREUD, Sigmund; HEIDEGGER, Martin; HERDER, Werke; JAKOBSON, Roman; JASPERS, Karl; JOYCE, James; KAFKA, Franz; KIERKEGAARD; KRISTEVA, Julia; LAFORGUE, Jules; LUTERO, Martinho; MALLARMÉ, Stéphane; NIETZSCHE, Friedrich; RABELAIS, François; SCHOPENHAUER, Arthur; SHAKESPEARE, William; LÉVI-STRAUSS, Claude; UNAMUNO, Miguel de; SILVA, Orlando; LOTMAN, Iúri; KERMODE, Frank; HOMERO; BUBER, Martin; PLATÃO; CHKLOVSKI, Victor; CHOURAQUI, André; LANDY, Francis; BRUNS, Gerald L.; ALTER, Robert; LUSSEAU, H.; GINSBERG, Harold Louis; SIRACH, Jesus Bem; MALBON, Elisabeth Struthers; DELIZSCH, F.; GORDIS, Robert.

*

BERGSTEIN, Lena. *34 Letras*, nº.04, p.213-215, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Palavras-chave: Arte gráfica

*

ALLIEZ, Eric. Introdução à afilosofia. Trad. Viviane de Lamare. *34 Letras*, nº.04, p.217-227, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Escritura; Filosofia; História; Pós-estruturalismo

Notas de resumo: O ensaio "A cena da escrita", primeiro de uma série de três do mesmo autor, aborda algumas análises de Platão, propondo questionamentos e dialogando com as proposições derrideanas (da "Gramatologia" à "Farmácia de Platão"). Teoriza sobre os limites entre história e filosofia, a partir de uma perspectiva sofista.

Autores citados: DELEUZE, Gilles; DERRIDA, Jacques; GOLDSCHMIDT, Victor; KANT, (Immanuel); AGOSTINHO, Santo; VERNANT, Jean Pierre; MARIN, Louis; FOUCAULT, Michel; JOLY, Henri; SÓCRATES; HOMERO; PLATÃO;

*

REIMÃO, Sandra. Literatura policial no Brasil. Notas sobre uma transposição de modelos. *34 Letras*, nº.04, p.228-239, jun., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Romance; Ciência; Literatura policial

Notas de resumo: O texto parte da origem da literatura policial no século XIX, enfatizando a visão do ser humano que permeava a maneira de pensar daquele período, no auge do cientificismo. A autora analisa a tipificação dos personagens das narrativas policiais clássicas e as alterações sofridas na literatura policial brasileira. Trata, ainda, das modificações quanto à forma de construção do romance policial noir escrito no Brasil, que se distancia das formas clássicas, exacerbando, por exemplo, o elemento cômico.

Autores citados: McAULIFFE, Frank; ALBUQUERQUE, J.J.C.C. Medeiros e; ALENCAR, José de; BARROSO, Maria Alice; FONSECA, Rubem; JAUSS, Hans Robert; PAES, José Paulo; PEIXOTO, Afrânio; POE, Edgar Allan; SABINO, Fernando; SCHWARZ, Roberto; COELHO NETO, Paulo; CHRISTIE, Agatha; CHANDLER, Raymond; REY, Marcos; CORRÊA, Viriato; FIGUEIREDO, Rubens; AMBLER, Eric; GRUBER, Frank; GUARANY, Reinaldo; RICE, Graig; KASSAK, Fred; CORRÊA, Glauco Rodrigues; SOUZA, Carlos de.

Iconografia: Capa do livro "A morte ataca nas trevas", de Jack Iams. Capa do livro "Marcas de pés no teto", de Clayton Rawson. Capa do livro "Lua de mel entre crimes", de Jack Iams. Capa do livro "Noturno para Paris", de Manning Coles.

CASTRO, Amilcar de. *34 Letras*, nº.05/06, p.1-4, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Palavras-chave: Arte gráfica

*

34 Letras. Editorial. *34 Letras*, nº.05/06, p.10-11, set., 1989.

Vocabulário controlado: EDITORIAL

Notas de resumo: Ao completar um ano de publicação, o editorial aborda as modificações e a trajetória do periódico, enfatizando a participação do Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, o que possibilita a publicação de ensaios e artigos estrangeiros na revista.

*

SOUZA, Márcio; FLAKSMAN, Sergio; 34 Letras. Márcio Souza. *34 Letras*, nº.05/06, p.12-35, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

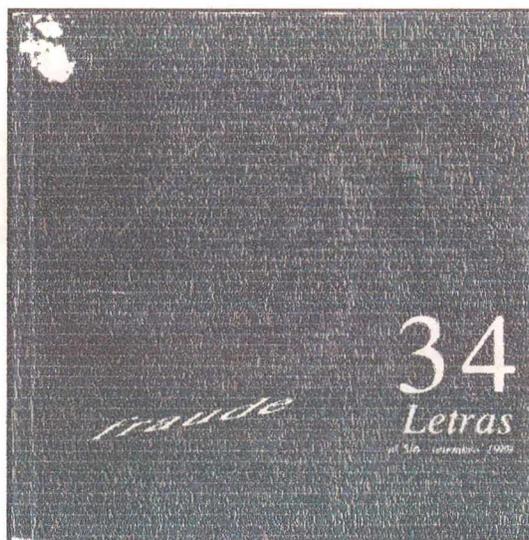
Nome pessoal como assunto: SOUZA, Márcio

Palavras-chave: Brasil; Biografia; Década de 70; Literatura

Notas de resumo: O escritor Márcio Souza fala de sua trajetória e discorre sobre as diferenças que marcam a crítica e a literatura brasileira da década de 70 e 80. Trata de sua formação e da narrativa e recepção de várias obras de sua autoria, como "Mad Maria", "Galvez" e "Ordem do dia". Márcio Souza fala também do trabalho de pesquisa que envolve seus escritos, e das peculiaridades do romance histórico. Por fim, sintetiza sua experiência como editor da Marco Zero. [Consta nota de referência: a entrevista foi transcrita e editada por Carlos Irineu W. da Costa e João Guilherme S. Quental.]

Autores citados: PORTER, Ann; ALENCAR, José de; AMADO, Jorge; BAKHTIN, Mikhail; BILAC, Olavo; BRECHT, Bertolt; CANDIDO, Antonio; DOSTOIEVSKI; ECO, Umberto; GIDE, André; GREENE, Graham; JOYCE, James; LINS, Álvaro de Barros; LISPECTOR, Clarice; LUCAS, Fábio; ASSIS, Machado de; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; TELLES, Lygia Fagundes; TOLSTOI, Leon; VERÍSSIMO, Érico; WOLF, Virginia; MARANHÃO, Haroldo; BURGESS, Anthony; BRANDÃO, Ignácio de Loyola; NASSAR, Raduan; PAVITCH, Miroslav; STENDHAL, (Pseud. de Henri-Marie Beyle); VONNEGUT, Kurt; ROBBINS, Harold; SHELDON, Sidney; HAYLEY, Arthur; SIMMEL, J. M.; FRASER, James; ARAÚJO, Ignacio; PIÑON, Nélica; PASSOS, John dos; DICKENS, Charles; TORRES, Antônio; ANTÔNIO, João; BALZAC, Honoré de; RIBEIRO, João Ubaldo; RIBEIRO, Leo Gilson; PÓLVORA, Hélio; WALLACE, Irving.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Márcio Souza. Publicidade (págs. 29,30,31,32) da 34 Letras



n.7.

*

MARTINS, Oswaldo. Seis poemas de Lapa. *34 Letras*, nº.05/06, p.38-39, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustrações, Gisa Bustamante.

*

BERNARDES, Patrícia. Footing. *34 Letras*, nº.05/06, p.40, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

JOAQUIM, Antonio. IX. *34 Letras*, nº.05/06, p.41, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

MORICONI, Italo. Vênus. *34 Letras*, nº.05/06, p.42, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

MOREAU, Felipe. "Uma (...)". *34 Letras*, nº.05/06, p.43, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Poema em forma de palavras-cruzadas.]

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

SAVARY, Olga. Idade da pedra. *34 Letras*, nº.05/06, p.44, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

MENDES, Alvaro. "relâmpago na sala (...)". *34 Letras*, nº.05/06, p.45, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta dedicatória: "A Anna e Léonard".]

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

FRANCIOSI, Eduardo Roxo Nobre. "ai (...)"/ "da boca (...)". *34 Letras*, nº.05/06, p.46-47, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

MATTOS, Aclyse de. A cidade de São Paulo. *34 Letras*, nº.05/06, p.48-49, set., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

COSTA, Carlos Irineu da. esta é uma história de.../ esta é uma história de um... *34 Letras*, nº.05/06, p.50-51, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [O autor assina por Carlos Irineu.]

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

LOPES, Rodrigo Garcia. Evening, Viena/ "cerejas (...)". *34 Letras*, nº.05/06, p.52-53, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

NEJAR, Carlos. Diego Fronteira. *34 Letras*, nº.05/06, p.54-55, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Gisa Bustamante.

*

LEMINSKI, Paulo. Winterverno. *34 Letras*, nº.05/06, p.56-59, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "Winterverno", publicam-se três haicais: "vazio agudo (...)" / "entre pedra e pedra (...)" / "acabou a fama (...)". [Consta nota de referência, explicando que os poemas publicados fazem parte do álbum inédito "Winterverno", com haicais de Leminski e desenhos de João Suplicy, cedidos por Josely Vianna Baptista.]

Iconografia: Desenhos, João Virmond Suplicy.

*

LIMA, Luiz Costa. Auerbach, Benjamin, a vida sob o nazismo. *34 Letras*, nº.05/06, p.60-61, set., 1989.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Palavras-chave: Alemanha; Nazismo; Intelectual

Notas de resumo: O autor faz uma introdução à matéria, composta de uma entrevista com Karlheinz Barck, da tradução de cinco cartas de Erich Auerbach a Walter Benjamin e de um texto de autoria do professor Werner Krauss sobre a situação de uma Universidade alemã durante a ascensão do nazismo.

Autores citados: AUERBACH, Erich; BARCK, Karlheinz; KRAUSS, Werner; BENJAMIN, Walter.

*

BARCK, Karlheinz; LIMA, Luiz Costa. Entrevista com Karlheinz Barck. Trad. Luiz Costa Lima. *34 Letras*, nº.05/06, p.62-67, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Nome pessoal como assunto: BARCK, Karlheinz

Palavras-chave: Política; Alemanha; Década de 30; Nazismo; Intelectual

Notas de resumo: A fim de contextualizar a correspondência entre Auerbach e Benjamin, o romanista e hispanista Karlheinz Barck concede esta entrevista à Luiz Costa Lima. Barck fala da importância histórica das cartas, que permitem a reconstituição da relação entre os intelectuais e explicita o processo investigativo que o levou à descoberta da correspondência.

Autores citados: ALTHUSSER, Louis; AUERBACH, Erich; BRECHT, Bertolt; JASPERS, Karl; SPITZER, Leo; KRAUSS, Werner; WEBER, Alfred; BLOCH, Ernst; VICO, Giambattista; BENJAMIN, Walter; ARAGON, Louis.

Iconografia: Foto, s/crédito.

*

AUERBACH, Erich. 5 cartas de Auerbach a Walter Benjamin. Trad. Luiz Costa Lima. *34 Letras*, nº.05/06, p.68-74, set., 1989.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO - Literatura

Nome pessoal como assunto: BENJAMIN, Walter

Palavras-chave: Política; Literatura; Alemanha

Notas de resumo: As cinco cartas publicadas (23/9/35; 6/10/35; 12/12/36; 3/3/37; 28/1/37) demonstram as relações entre intelectuais como Werner Krauss, Bloch e Benjamin, além de explicitar posicionamentos políticos e a produção literária desenvolvida por estes intelectuais na década de 30.

Autores citados: BURSCHELL, Friedrich; CORNEILLE; MALRAUX, André; SPITZER, Leo; VOSSLER, Karl; KRAUSS, Werner; FERNANDEZ, Ramon; GUEHENNO, Jean; CHAMSON, Andre; BLOCH, Ernst; CROCCE, Benedetto.

*

KRAUSS, Werner. Marburg sob o nazismo. Trad. Luiz Costa Lima. *34 Letras*, nº.05/06, p.75-80, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - História

Palavras-chave: Universidade; Década de 30; Nazismo; Intelectual

Notas de resumo: Werner Krauss oferece um panorama da Universidade de Marburg e da situação dos intelectuais "não arianos" durante o nazismo. Trata dos afastamentos de diversos intelectuais e do terror sistemático exercido dentro da Universidade, desde quando os nazistas tomaram o poder.

Autores citados: AUERBACH, Erich; CORNEILLE; JAKOBSON, Roman; NIETZSCHE, Friedrich;

PREVOST, Abbe Antoine-François; SCHMIDT, Wolfgang; HELLWEG, Martin; ROUSSEAU, Jean-Jacques; CROCCE, Benedetto; MÜLLER, Walter.

*

FREITAS, Iole de. *34 Letras*, n.º.05/06, p.81-84, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Notas de resumo: Nota: Trabalho de 1989.

*

LEITE, Sebastião Uchôa. *Konhecimento de Krazy Kat*. *34 Letras*, n.º.05/06, p.86-108, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: História em quadrinhos; Ficção; Imprensa

Notas de resumo: O texto trata de um dos típicos "newspaper comics" publicado durante mais de 30 anos na imprensa americana: Krazy Kat. O autor aborda as qualidades gráficas e temáticas das histórias em quadrinhos de George Herriman, descrevendo o enredo e as peculiaridades dos diálogos de Krazy Kat. Além disso, discorre sobre os principais personagens dos quadrinhos e os questionamentos que decorrem dos jogos de linguagem e da problematização dos limites entre o mundo real e o ficcional, propostos por Krazy Kat.

Autores citados: CHAPLIN, Charles; CUMMINGS, E. E.; DELEUZE, Gilles; MIRÓ, (Joan); MORGENSTERN, Christian; PICASSO, Pablo; POE, Edgar Allan; CARROLL, Lewis; CORTÁZAR, Julio; HERRIMAN, George; OUTCAULT, Richard; KIRKS, Rudolph; McCAY, Winsor; FEININGER, Lyonel; STERRET, Cliff; McMANUS, George; KING, Frank; CRANE, Roy; FOSTER, Harold; BURNE-HOGGARTH; GOULD, Chester; KOONING, Wilherm de; CAPP, Ali; KLEE, Paul; KANDINSKI; BORGES, Jorge Luis.

Iconografia: Páginas do Krazy Kat, George Herriman, de 3 de dezembro de 1916.

*

MONTEIRO, Paulo. *34 Letras*, n.º.05/06, p.108-111, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

*

ALLIEZ, Eric. *Introdução à Afilosofia (II)*. *Arqueológicas da ficção (entre Aristóteles e Descartes)*. Trad. Viviane de Lamare. *34 Letras*, n.º.05/06, p.113-129, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-chave: Escritura; Dialética; Lógica; Pós-estruturalismo

Notas de resumo: O texto discute os pressupostos de uma ficção fundante do mundo, ou seja, a partir da busca da origem da fenda que corta o real, excedendo-o, o autor expõe as lógicas da ficção presentes na enunciação do discurso descartiano. Desse modo, o texto propõe um rompimento com a origem da lógica aristotélica, a partir de uma perspectiva sofisticada. Descartes instaura uma teologia do conhecimento e Alliez percebe no cartesianismo uma teológica da ficção, quer dizer, propõe ler a dialética como um procedimento que recorta a realidade e instaura a ficção, lendo o princípio dialético cartesiano como o princípio do falso, da fraude.

Autores citados: ARENDT, Hannah; BELLARMINO, Cardeal; BRUNSCHUVICE, Leon; DELEUZE, Gilles; DESCARTES, René; GALILEI, Galileu; GORGAS; GOUTHIER, Henri; HEIDEGGER, Martin; HERÁCLITO; HUSSERL, Edmund; KOYRE, Alexandre; LIMA, Luiz Costa; MALLARMÉ, Stéphane; OSIANDER, Andreas; PRADO JR., Antonio Bento; PROTÁGORAS; AGOSTINHO, Santo; SPINOZA, (Baruch); ARISTÓTELES; CASSIN, Barbara; AUBENQUE, Pierre; HEGEL; MARION, J.L.; MURALT, André de; FEUERBACH, Ludwig Andres; CASSIRER, Ernest; LEIBNIZ; GILSON, Étienne; PLATÃO; DHERBEY, G. Romeyer; LARDREAU, G.; ALQUIÉ, Ferdinand.

*

TABUCCHI, Antonio. *Il signor Pirandello è desiderato al telefono/ O senhor Pirandello é chamado ao telefone*. Trad. Wander Melo Miranda. *34 Letras*, n.º.05/06, p.130-131, set., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*

MORAES, Eliane Robert. *Quase plágio: o roman noir*. *34 Letras*, n.º.05/06, p.132-140, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Romance; Originalidade; Plágio; Literatura

Notas de resumo: O texto trata da discussão sobre a autenticidade e o plágio que se instala nos fins do século XVIII, após a publicação de "Aline et Valcour", livro escrito pelo por Sade. A "febre gótica" que se instaura com o roman noir toma conta do cenário literário europeu, no mesmo momento em que se consolida o mercado editorial. O texto percorre a interpretação de Breton a propósito do fenômeno, que percebe uma inconsciência coletiva que impulsiona o roman noir, decorrente da crise social que enfrentava a Europa. Desse modo, a autora enfatiza a importância do "grande mito coletivo, que vai abalar definitivamente os edifícios do pensamento clássico e os alicerces da noção de sujeito".

Autores citados: MATUREN, Charles Robert; LÉLY, Gilbert; FABRE, Jean; ARTAUD, Antonin; BRETON, André; HOFFMANN, E.T.; POE, Edgar Allan; SADE, Marquês de; SHAKESPEARE, William; SHELLEY, Mary (Wollstonecraft); D'ARNAUD, Baculard; LEVY, Maurice; WALPOLE, Horace; RADCLIFF, Ann; LOVECRAFT, Howard Phillips; BECKFORD, William; SAINT-CYR, Reveroni; LEWIS, Matthew Gregory; MOTTE-FOUQUE, Barão de la; NODIER, Charles; REEVE, Clara; BRUN, Annie Le; BOYER, Philippe; SCOTT, Walter; MASSON, André; BUÑUEL, Luis; RAY, Man; ÉLUARD, Paul; STOCKER, Bram.

Iconografia: Desenho, Sade.

*

O'NEILL, Alexander. Sá de Miranda Carneiro. *34 Letras*, nº.05/06, p.141, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: poema extraído de "Poesias completas 1951/1981", Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1982.]

*

LINS, Carlos Eduardo Estellita. Apresentação de Klossowski. *34 Letras*, nº.05/06, p.142-145, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: KLOSSOWSKI, Pierre

Palavras-chave: Simulacro

Notas de resumo: Trata-se de uma apresentação do escritor, tradutor, pensador e desenhista Pierre Klossowski, cuja produção gráfica e textual questiona incessantemente o problema da transcrição da palavra impura em silêncio puro. O texto detalha a trajetória intelectual do "filósofo da dissimulação", explicitando as influências e leituras de Klossowski. Detém-se, sobretudo, na expressiva contribuição aos estudos sobre Nietzsche na França do pós-guerra, de onde provém o seu questionamento sobre a idéia do simulacro.

Autores citados: BLANCHOT, Maurice; BRETON, André; DELEUZE, Gilles; FESSARD, Gaston; GIACOMETTI, Alberto; GIDE, André; HAMANN, Karl; HEIDEGGER, Martin; HUSSERL, Edmund; KOJÈVE, Alexandre; KOYRE, Alexandre; NIETZSCHE, Friedrich; PAULHAN, Jean; RILKE, Rainer Maria; SADE, Marquês de; WEIL, Eric; WITTGENSTEIN, Ludwig; FOUCAULT, Michel; HEGEL; SUETONIO; PASOLINI, Pier Paolo; MASSON, André; VIRGÍLIO; KLEE, Paul; BATAILLE, Georges; BALTHUS; LACAN, Jacques; MERLEAU-PONTY, Maurice.

Iconografia: Desenho, Pierre Klossowski, "La belle Versaillaise".

*

KLOSSOWSKI, Pierre. Nietzsche, o politeísmo e a paródia. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. *34 Letras*, nº.05/06, p.146-163, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: NIETZSCHE, Friedrich

Palavras-chave: Ciência; Paródia; Simulacro

Notas de resumo: Neste texto, o autor propõe discorrer sobre o politeísmo e a paródia em Nietzsche, a partir do ato: parodiar Nietzsche. Através dos escritos nietzscheanos, Klossowski questiona o sentido da "apreensão da existência" que permeia seus aforismos. Trata, ainda, da exteriorização de Nietzsche no personagem Zarathustra, e das conseqüências dessa criação. Além disso, o autor aborda a significação do conhecimento. Klossowski cita as palavras de Nietzsche: "o pensamento que se torna consciente não é senão uma parte ínfima de nós mesmos, a mais superficial, mais medíocre", para demonstrar que o essencial de nós mesmos está no pathos inexprimível, ou ainda, na vida inconsciente dos impulsos, distante da consciência. [Consta nota de referência: trata-se de uma conferência proferida

em Paris, no Collège de Philosophie, em maio de 1957.]

Autores citados: SPINOZA, (Baruch); ANDLER; PLATÃO;

Iconografia: Foto, Pablo Volta, de Pierre e Denise Klossowski.

*

ALIGHIERI, Dante. Canto XVII. Trad. Cristiano Martins. *34 Letras*, nº.05/06, p.164-169, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: fragmento extraído de "A divina comédia", 2. ed., Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1979.]

Iconografia: Ilustração, Gustave Doré, "A descida com o monstro".

*

MARIN, Louis. Ecografias. Elementos para um estudo sobre o texto autobiográfico: a conversão de Agostinho (Confissões,VIII). Trad. Ana Lucia Oliveira; Lúcia Cláudia Leão; Miriam Sutter Medeiros. *34 Letras*, nº.05/06, p.170-183, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: AGOSTINHO, Santo

Palavras-chave: Biografia; Memória

Notas de resumo: Neste estudo, Marin apresenta e discorre sobre quatro proposições de leitura da narrativa autobiográfica, a partir das "Confissões" de Agostinho. Na primeira, ressalta as aporias que percebe na dupla e inversa questão do sujeito e de sua identificação como "Eu"; na segunda, detém-se nas ambigüidades e incertezas da narrativa autobiográfica, e no seu processo de simulação. A terceira hipótese de leitura seria visualizar o operador da "montagem" como uma figura que ocupa no texto o lugar inocuável do sujeito da enunciação, e na quarta proposição, "o texto autobiográfico será trabalhado por uma voz originária e inaudível, ao invés de por seu sujeito, e se constituirá como o eco dessa voz nos signos de linguagem através dos quais esse texto se inscreverá." O texto procura questionar, a partir dessas leituras, a "realidade" do acontecimento narrado. [Consta nota de referência: o texto foi originalmente publicado em francês no "Cahier Saint Augustin" do "Dossiers H", 1988, pp.295-311. Na revista, consta somente a primeira parte do texto.]

Autores citados: BALMUS, Constantin J.; MOHRMANN, Christine; DUPRIEZ, B.; COURCELLE, Pierre; BENVENISTE, Emile; CERTEAU, Michel de; COURCELLE, Jeanne; D'ANDILLY, Arnaud; PERRUCHOT, C.; BANFIELD, Ann; FINDERT, J.; FONTANIER, P.

Iconografia: Manuscrito, Santo Agostinho.

*

PARENTE, André. O impostor inverossímil Raul Ruiz. *34 Letras*, nº.05/06, p.184-197, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: RUIZ, Raul

Palavras-chave: Cinema; Simulacro; Chile

Notas de resumo: O texto aborda a estética do simulacro em Orson Welles e o cinema fantástico inaugurado por Georges Méliès, como introduções ao cinema de Raul Ruiz, cineasta chileno que também utiliza de todas as potencialidades técnicas de trucagens e das possibilidades de falsificação cinematográfica. O texto discorre sobre as características dos filmes de Ruiz, bem como sobre as temáticas e recursos que valorizam a produção do cineasta chileno. Por fim, apresenta-se breve biografia e a filmografia de Raul Ruiz.

Autores citados: SANTIAGO, Hugo; ARTAUD, Antonin; BACHELARD, Gaston; BLANCHOT, Maurice; CONRAD, Joseph; DEFOE, Daniel; DELEUZE, Gilles; FREUD, Sigmund; GODARD, Jean-Luc; HUME, David; LYOTARD, Jean-François; MACH, Ernest; POE, Edgar Allan; RESNAIS, Alain; RIVETTE, Jacques; SERRES, Michel; THÉBAUD, Jean-Louis; THORPE, P.; STEVENSON, Robert Louis; NAUGRETTE, Jean Pierre; FERNÁNDEZ, Macedonio; CHESTERTON, Gilbert Keith; MÉLIÈS, Georges; VERNE, Júlio; LOWRY, Malcolm; BORGES, Jorge Luis; ROBBE-GRILLET, Alain; ANDERSEN, Hans Christian; MELVILLE, Herman; BONITZER, Pascal; WELLES, Orson; ROSSET, Clément.

Iconografia: Fotos, s/crédito, de Raul Ruiz. Fotogramas, "Le Borgne" e "L'hypothèse du tableau volé", de Raul Ruiz. Croquis, Henri Alekan, para a iluminação de uma cena.

*

COSTA, Carlos Irineu da. Invadindo áreas onde nada é definido. *34 Letras*, nº.05/06, p.198-

204, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Linguagem; Teoria literária; Originalidade

Notas de resumo: O texto traz considerações sobre os jogos de linguagem, a plethora de informações que recebemos diariamente, a representação, a mentira e a aparência, questionando a autoria, a originalidade e o processo da escrita no cenário contemporâneo. [O autor assina por Carlos Irineu.]

*

WESCHLER, Lawrence. J.S.G. Boggs. Trad. André Cardoso. *34 Letras*, nº.05/06, p.205-207, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: BOGGS, J.S.G.

Palavras-chave: Pastiche; Pós-modernidade; Artes plásticas; Originalidade

Notas de resumo: O texto trata da arte de J.S.G.Boggs, que desenha notas de cem dólares e se utiliza da estratégia de gastá-las para vender suas obras, questionando o valor ficcional do dinheiro. Além das técnicas de Boggs, o texto focaliza alguns outros artistas que têm como premissa de suas criações a cópia. [Consta nota de referência: o fragmento foi extraído da revista "The New Yorker", de 25 de janeiro de 1988.]

Autores citados: LICHTENSTEIN, Roy; DUCHAMP, Marcel; LEVINE, Sherrie; WARHOL, Andy; KOONING, Wilherm de; RAUSCHENBERG, Robert; OLDENBURG, Claes; STELLA, Ronei; STURTEVANT, Elaine; BOGGS, J.S.G.; RODCHENKO.

Alexander.

Iconografia: Reprodução de um dos trabalhos de J.S.G. Boggs.

*

ORLANDI, Luiz B. L. Simulacro na filosofia de Deleuze. *34 Letras*, nº.05/06, p.208-223, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: DELEUZE, Gilles

Palavras-chave: Filosofia; Pós-modernidade; Pós-estruturalismo; Simulacro

Notas de resumo: O texto distingue e desenvolve o problema da separação e aproximação de simulacros e fantasmas, a partir da perspectiva deleuziana. Além de verificar de que modo o conceito de simulacro funciona na filosofia da diferença, o autor discorre sobre a noção de acontecimento e a distinção profundidade/superfície que perpassa os escritos de Deleuze. O texto detém-se, sobretudo, em verificar as dificuldades e variações que sofrem as noções de simulacro, fantasma, acontecimento, ídolo, instante, na filosofia deleuziana da diferença.

Autores citados: BLANCHOT, Maurice; BREHIER, Emile; DELEUZE, Gilles; SPINOZA, (Baruch); PLATÃO; GUATTARI, Félix.

*

OLIVEIRA, Carlos de. Que me quereis, perpétuas saudades?. *34 Letras*, nº.05/06, p.224-225, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Trata-se de uma aproximação de três versões de autores distintos, compilados por Carlos de Oliveira: I.Soneto de Camões, II.Limité de Camöens (por Aragon, em francês) e III.Limitado de Aragon (por Carlos de Oliveira). [Consta epígrafe de Aragon./Consta nota de referência: poema extraído de "Trabalho poético", Lisboa, Sá da Costa, 1982.]

*

SUSSEKIND, Flora. Papéis colados. *34 Letras*, nº.05/06, p.226-239, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Teoria literária; Literatura; Arte gráfica

Notas de resumo: Neste texto, a autora examina a produção pictórico-literária de dois autores, particularmente Carlos Saldanha e Valêncio Xavier. Ao observar as interferências de trilhas plásticas e verbais na produção dos dois autores, o texto discorre sobre as peculiaridades das duas expressões: no caso de Saldanha, é a linha que define o aspecto visual dos folhetos, enquanto no caso de Xavier as colagens têm como linha mestra de

composição as montagens (pela colagem de citações, emprego de poemas alheios à história narrada, justaposição de paisagens, reordenação dos fragmentos, etc).

Autores citados: DUQUE, Gonzaga; FIGUEIREDO, Aurélio; ALENCAR, José de; ANDRADE, Oswald de; ANTUNES, Arnaldo.

AZEVEDO, Aluisio; BANDEIRA, Manuel; BRAGA, Edgard; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; CANDIDO, Antonio; CHIRICO, Giorgio de; DIAS, Gonçalves; GOMES, Eugenio; LINS, Osman; ASSIS, Machado de; MAGRITTE, René; MALLARMÉ, Stéphane; MENDES, Murilo; MONET, Claude; PAES, José Paulo; PESSOA, Fernando; POMPÉIA, Raul; ALEGRE, Manuel de Araújo Porto; RANGEL, Godofredo; SADE, Marquês de; SARDANA, Zuca; SATIE, Erik; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; SOUZA, Gilda de Mello e; EULÁLIO, Alexandre; ARRIGUCCI JR., Davi; NAVA, Pedro; SALDANHA, Carlos Felipe; VISCONTI, Eliseu; XAVIER, Valêncio; EISENSTEIN, Sergei; DEBRET, Jean-Baptiste; REMBRANDT; LOPES, Bosco; MAGALHÃES, Adelino; PINTO, Wladimir Dias; ROSA, Guimarães; GUIMARÃES, Júlio Castañon; ERNST, Max; RENOIR, Jean; PISSARRO;

Iconografia: Reproduções das págs. 5 e 6 de "Oporetta inachevée", de Capitaine Fantôme (Carlos Saldanha). Capa do "Manifesto geometrista", 1958, assinado por Capitão Fantasma. Gráfico de "O galo", parte do "Manifesto". Páginas de "Mez da Grippe", dias 27 e 30. Págs. 230-32-34, "O labirinto", em "Os mystérios", 1980, assinado por Zuca Sardana.

*

ECO, Umberto. Freud e o computador. Uma conversa de Alfabeta com Umberto Eco. Trad. sem crédito, . *34 Letras*, nº.05/06, p.240-243, set., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

DRAGONETTI, Roger. Poeta Mendax. Trad. Ana Lucia Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. *34 Letras*, nº.05/06, p.244-257, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Romance; História; Idade Média; Originalidade

Notas de resumo: O texto adverte sobre a necessidade de se abandonar o positivismo ao se exercer a crítica literária, e enfatiza a prática da arte do falso na escrita da Idade Média. Dragonetti salienta que o conceito de originalidade é valorizado desde a época romântica, reação às estratégias da literatura (imitação, cópia, empréstimo) que a precedem. O texto aborda, ainda, alguns exemplos de pseudografia, dentre os quais dá destaque à hagiografia medieval, que foi o instrumento demiúrgico mais eficaz da invenção religiosa. Por fim, o autor discorre sobre falsificação literária no discurso histórico produzido na Idade Média, salientando o poder que era imbuído na escrita, que simulava o gesto criador. [Consta nota de referência: texto extraído de "Le mirage des sources. L'art du faux dans le roman médiéval", Seuil, Paris, 1987.]

Autores citados: WORMS, Bouchard de; DELEHAYE, H.; BOLLAND, Jean de; FUHRMANN, H.; SPEYER, W.; LECOY, F.; PISE, Hugues de; ALIGHIERI, Dante; BLOCH, Marc; DUBY, Georges; DÜRER, Albrecht; FUMAROLI, Marc; KIERKEGAARD; KRISTEVA, Julia; MALLARMÉ, Stéphane; QUINTILIANO; AGOSTINHO, Santo; ZUMTHOR, Paul; GARIN, Eugenio; CÍCERO; HUYGHEBAERT, H.; LEGRAND, Jacques; LANGLOIS, E.; SILVESTRE, H.; RADBERT, Paschase; GHELLINCK, J. de; CANTIN, A; LAUSBERG; FARA, E.; NYSSE, Gregoire de; MONMOUTH, Geoffroi de; GAIFFIER, H. de; SCHMITT, J.CI.; GUENÉE, Bernard; KRUSCH, B.; CHARRIER, Ch.; LECLERCQ, J.

Iconografia: Fac-símile de "Livro de horas", de Maximiliano 1º, ilustrado por Dürer.

*

ACCETTO, Torquato. Sobre a dissimulação honesta. Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.05/06, p.258-261, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-chave: Razão; Barroco

Notas de resumo: O texto trata das formas em que se manifesta a dissimulação. Aborda a dissimulação honesta praticada por Jó e discorre sobre a arte minuciosa de dissimular. O texto "celebra o novo tipo de intelectual que, no decorrer do século XVI, substituiu a figura do cortesão, encontrando sua primeira análise articulada no opúsculo "Del segretario", de Francesco Sansovino (1565)". [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de "Della

dissimulacione onesta", 1641; apresentado por B. Croce, Bari, 1928. Edição crítica de S.S.Nigro com um prefácio de G.Manganelli, Costa & Nolas, Gênova, 1983.]

*

CASSIN, Barbara. As musas e a filosofia. Trad. Ana Lucia Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. *34 Letras*, nº.05/06, p.262-279, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: PARMÊNIDES,

Palavras-chave: Linguagem; Pastiche; Mimesis; Verdade

Notas de resumo: O texto traz considerações sobre a verdade e a mentira, o filósofo e o sofista, o logos e o pseudos. Revira as origens do pensamento ocidental para discutir o questionamento sobre o ser e o não-ser, preconizado por Parmênides, Hesíodo, Platão, Sócrates e Aristóteles. A complexidade desta questão é exposta e a autora conclui que "não distinguimos mais o falso do verdadeiro, assim como a má intenção da boa, o lobo do cão, o sofista do filósofo. Não é no logos, na 'lógica' que podemos encontrar o critério que permite normatizar, não é do fato da lógica que haverá ética".

Autores citados: NARCY, M.; MAURELATOS, A.P.D.; ARENDT, Hannah; DEMÓCRITO; FREUD, Sigmund; GORGIAS; HEIDEGGER, Martin; HERÁCLITO; HOFFMANN, E.T.; PROTÁGORAS; WITTGENSTEIN, Ludwig; ARISTÓTELES; ÉSKUULO; AUBENQUE, Pierre; HESÍODO; TARSKI; SÓCRATES; HOMERO; PLATÃO; O'BRIEN, D.; BRAGUE, Rémi.

*

MIRANDA, Suárez. Del rigor en la ciencia. *34 Letras*, nº.05/06, p.280, set., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência: fagmento extraído de "Viajes de varones prudentes", Libro Cuarto, Cap.XLV, Lérida, 1658.]

*

LETYCIA, Anna. . *34 Letras*, nº.05/06, p.281-284, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Palavras-chave: Arte gráfica

*

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Notas sobre as noções de origem e original em Walter Benjamin. Trad. Ernani P. Chaves. *34 Letras*, nº.05/06, p.285-296, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: BENJAMIN, Walter

Palavras-chave: Modernidade; Alegoria; Pós-modernidade; Barroco; Originalidade

Notas de resumo: O texto trata da recorrência e das características do conceito de origem ("Ursprung") nos escritos de Benjamin, sobretudo detendo-se no Prefácio do livro sobre o Barroco. Procura mostrar também como o movimento constitutivo da origem marca várias passagens da reflexão benjaminiana, em particular sua teoria da alegoria, da tradução e da reprodutibilidade das obras de arte, marcando uma distinção com o conceito de gênese. O ensaio dá conta, ainda, dos conceitos de destruição, citação e alegoria nos escritos de Benjamin.

Autores citados: BAUDELAIRE, Charles; BRECHT, Bertolt; CAMPOS, Haroldo de; HÖLDERLIN, Friedrich; KAFKA, Franz; KRAUS, Karl; LÖWY, Michael; MALLARMÉ, Stéphane; PROUST, Marcel; ROUANET, Sérgio Paulo; SCHOLEM, Gershom; ROSENZWEIG, Franz; SÓFOCLES; PLATÃO; ADORNO, T. W.; GLÜCK, Gustav; MOSÈS, Stéphane.

*

ROMAGUERA, Josep. Gerión. Josep Romaguera - 1711. Trad. Lúcia Almeida de Paes. *34 Letras*, nº.05/06, p.297, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota de referência: poema extraído de "Ochos siglos de poesia catalana", Madri: Aliança editorial, 1976, p.555.]

*

MATTOSO, Glauco. "Em 1977, quando morava (...)". *34 Letras*, nº.05/06, p.298-303, set., 1989.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO - Literatura

Palavras-chave: Cultura alternativa; Periodismo; Imprensa nanica; Sátira

Notas de resumo: Glauco Mattoso trata da publicação artesanal do boletim satírico "Jornal Dobrabil", lançado pelo mesmo autor, no auge da chamada "literatura marginal", fim da década de 70. Aborda as peculiaridades do jornal, que era datilografado e "xerocado", e das estratégias e repercussões que teve a publicação. Acrescenta alguns escritos veiculados no boletim.

Autores citados: CAMPOS, Augusto de; HOUAISS, Antonio; MARX, Karl; PIGNATARI, Décio; TAVOLA, Arthur da; VELOSO, Caetano; MACIEL, Luís Carlos; FERNANDES, Millôr.

Iconografia: Reprodução de duas páginas do jornal dobrabil.

*

SANTIAGO, Silvano. As escrituras falsas são. *34 Letras*, nº.05/06, p.304-308, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Escritura; Brasil; Pastiche; Ficção; Década de 80; Intelectual

Notas de resumo: O texto questiona as fronteiras das escrituras críticas e poéticas, problematizando o estatuto da ficção, que mistura a narrativa com a reflexão, dificultando a delimitação do espaço de uma e de outra. Aborda este questionamento na cena brasileira dos anos 80, que permaneceu tão insidiosamente vinculada aos acontecimentos históricos e aos sentimentos pessoais. Propõe uma analogia entre o escritor dos anos 80 e o sem-terra, e realça a necessidade de uma reforma agrária, ou melhor, literária, que significa ultrapassar a cerca de arame farpado da literatura brasileira.

Autores citados: ANDRADE, Oswald de; CANDIDO, Antonio; COUTINHO, Afrânio; POUND, Ezra; ARISTÓTELES, .

*

SISTER, Sérgio. *34 Letras*, nº.05/06, p.309-312, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Palavras-chave: Arte gráfica

Notas de resumo: [Consta data do trabalho: 1989.]

*

BORGES, Jorge Luis. Dois poemas de Borges sobre a morte e a permanência. Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.05/06, p.314-317, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título citado, publicam-se os seguintes poemas: Remordimiento por cualquier muerte/ Remorso por qualquer morte/ Inscripción en cualquier sepulcro/ Inscrição em qualquer sepulcro. [Consta nota de referência: poemas extraídos de "Fervor de Buenos Aires", 1923, p.33 e 35.] [Publicação bilíngüe.]

*

CUMMINGS, E. E. "I(a (...)" / "so (...)". Trad. Rubens Figueiredo. *34 Letras*, nº.05/06, p.318-319, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*

FIGUEIREDO, Rubens. Comentário indevido. *34 Letras*, nº.05/06, p.320-321, set., 1989.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Palavras-chave: Tradução

Notas de resumo: O "comentário indevido" é uma apresentação explicativa de sua tradução do poema de e.e.cummings, na qual o autor procura justificar algumas de suas opções.

*

BRITTO, Paulo Henriques. Byron. *34 Letras*, nº.05/06, p.322-323, set., 1989.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: BYRON, Lord

Notas de resumo: Breve introdução ao poema "Beppo", de Byron, novela em versos na qual o autor pinta um "quadro deliciosamente caricatural de Veneza", publicado (fragmento) nas páginas que se seguem da revista.

Autores citados: BYRON, Lord.

Iconografia: Ilustração, Mariza Scopel.

*
BYRON, Lord. Beppo. Trad. Paulo Henriques Britto. *34 Letras*, nº.05/06, p.324-331, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*
MANZI, Gianluca. O sossego na recusa. Trad. Marcia C. de Sá Cavalcante. *34 Letras*, nº.05/06, p.332-337, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Sob o título "O sossego na recusa", publicam-se os seguintes poemas: Il viale sottostante/ A avenida subjacente/ Lamento di un gigante accecato/ Lamento de um gigante cego/ Dimenticanza e oblio/ Esquecimento e omissão/ Nel letargo del male/ Na letargia do mal/ Ode/ Ode/ Giardinaggio/ Jardinagem/ Opera incerta/ Opera incerta. [Publicação bilíngüe.] [Consta nota explicativa: poemas extraídos do livro "Prima del cuore", Roma, 1988, cedido pela Ed. Rotundo.]

*
PLATH, Sylvia. Mirror/ Espelho/ Small Hours/ Madrugada. Trad. André Cardoso. *34 Letras*, nº.05/06, p.338-341, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*
YEATS, William Butler. The lake isle of Innisfree/ A ilha do lago de Innisfree. Trad. Lino Machado. *34 Letras*, nº.05/06, p.342, set., 1989.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

*
MACHADO, Lino. Yeats e Pound: da ilha à loja de tabaco. *34 Letras*, nº.05/06, p.343-347, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Tradução; Poesia; Paródia

Notas de resumo: Seguindo a tradução de Lino Machado para o poema de William Butler Yeats - A ilha do lago de Innisfree, o autor compara os versos de Yeats com o texto de Pound - "The lake isle", que é uma paródia de um poema de Yeats - "The lake isle of Innisfree". A partir dos dois poemas, Lino Machado comenta os contrastes pertinentes às duas produções.

Autores citados: BROOKER, Peter; MANN, Thomas; POUND, Ezra; YEATS, William Butler; STEVENSON, Robert Louis; THORAU, Henry; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; ALDINGTON, Richard.

*
REDONNET, Marie. Gone. Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.05/06, p.348-351, set., 1989.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*
BRACHER, Elisa. Os Caprichos de Goya. *34 Letras*, nº.05/06, p.354-367, set., 1989.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Nome pessoal como assunto: GOYA, (Francisco José de)

Palavras-chave: Biografia; Artes plásticas

Notas de resumo: A artista plástica faz uma apresentação da biografia de Goya e assinala as rupturas de suas gravuras em relação às regras da Academia, dando especial enfoque à série "Os caprichos". As impressões de leitura que a autora relata sobre as gravuras de Goya são fruto de um trabalho que ela desenvolve desde 87. Publica-se a série "Os Caprichos", de Goya.

Autores citados: GOYA, (Francisco José de); MIRÓ, (Joan); ALEXANDRIAN; BUÑUEL, Luis; GOGH, Vincent Van.

Iconografia: "Os caprichos", série de gravuras de Goya.

*
GANDILLAC, Maurice de; ALLIEZ, Eric. Maurice de Gandillac. Trad. Carlos Irineu W. da Costa.

34 Letras, nº.05/06, p.368-379, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Filosofia; História; Idade Média; Alemanha

Notas de resumo: Alliez faz uma breve apresentação da trajetória do entrevistado, o professor de história da filosofia Maurice de Gandillac. Na entrevista, Gandillac fala de suas subjetivas impressões sobre o Brasil e sobre o seminário de introdução à filosofia medieval que havia recém dirigido no Brasil, fazendo comentários visando re-situar a filosofia e a teologia no contexto geral da Idade Média. Gandillac trata também dos trabalhos de Dante, e explicita que lê a história da filosofia sob a forma de uma narrativa, que considera uma genealogia. Além disso, o entrevistado discorre sobre as suas opções teóricas, revelando seu interesse, por exemplo, por Benjamin e por Ernst Bloch, e trata das relações entre alguns filósofos alemães com a política do III Reich.

Autores citados: LAVELLE, Louis; ERIGENE, Jean Scot; PETITOT, Jean; ALIGHIERI, Dante; AQUINO, Santo Thomas de; ARENDT, Hannah; DAMIEN, Pierre; DERRIDA, Jacques; HEIDEGGER, Martin; KANT, (Immanuel); NIETZSCHE, Friedrich; NOVALIS; PRIGOGINE, Ilya; PROUST, Marcel; RABELAIS, François; AGOSTINHO, Santo; SCHELER, Max; SCOT, Duns; ARISTÓTELES; ÉSQUILO; HEGEL; CASSIRER, Ernest; BLOCH, Ernst; HESÍODO; COUSIN, Victor; NADEAU, Maurice; THOM, Rene; BENJAMIN, Walter; HOMERO; PLATÃO; BOECIO; CÍCERO; ABELARDO; CUES, Nicolas de.

Iconografia: Foto, s/crédito, de Maurice de Gandillac.

*

GANDILLAC, Maurice de. Breve nota acerca de algumas linhas de Abelardo de uma extraordinária atualidade. Trad. Ana Lucia Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. *34 Letras*, nº.05/06, p.380-383, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: ABELARDO

Palavras-chave: Religião; Judaísmo

Notas de resumo: O autor faz alguns comentários sobre os escritos do "filósofo" Abelardo, realçando a atualidade das proposições contidas no "Dialogus" e na "Ethica", redigidos pelo autor no século XII. O texto enfatiza a perspectiva de Abelardo a propósito da relação dos Cristãos, dos Gentios (muçulmanos) e dos Hebreus, a partir de sua leitura dos episódios bíblicos.

Autores citados: ARISTÓTELES; CUSA, Nicolau de; PLATÃO; CÍCERO; ABELARDO;

*

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. Dos "Palácios da memória" ao "Cárcere da alma". *34 Letras*, nº.05/06, p.384-395, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: NAVA, Pedro

Palavras-chave: Modernismo; Memória

Notas de resumo: A autora se utiliza da metáfora agostiniana dos "palácios da memória" para aplicá-la ao estudo da obra memorialística de Pedro Nava, buscando percorrer os lugares de luz e os lugares de trevas nos textos do autor mineiro. O texto expõe que a memória representa, nos escritos de Nava, uma "projeção de um desejo de onipotência", e pode-se perceber a "ambição de poder do fragmento refazer o todo, do caos extrair o cosmos". O processo de reconstituição e ordenação do mundo, a partir do esforço demiúrgico da memória, é a marca do estilo de Nava - definido por ele como "estilo tênia", sobre o qual a autora discorre. Além disso, opera um deslizamento da metáfora como palácio para o museu, e analisa a correlação entre o presente eterno e a idéia de Morte que figura nos textos do memorialista. [Constam duas epígrafes: de Santo Agostinho e Emílio Moura./ Consta nota explicativa: o texto em questão faz parte da dissertação de mestrado ("Um homem no limiar" - sobre a morte de Pedro Nava) desenvolvida pela autora.]

Autores citados: MUSCHA, Alphonsus; MORAES, R. G.; ANDRADE, Carlos Drummond de; BACHELARD, Gaston.

CANDIDO, Antonio; RODIN, Auguste; AGOSTINHO, Santo; SHAKESPEARE, William; HEGEL; SANTOS, Roberto; BOSI, Ecléa; MOUTINHO, Nogueira; BOTTICELLI; MOURA, Emílio; TENNYSON;

SUSSEKIND, Flora; JUANES, Juan de; JOSES, Burne.

*

VIRILIO, Paul. O último veículo. Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.05/06, p.396-406, set., 1989.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Arquitetura; Cinema; Pós-modernidade; Cultura; Tecnologia; Informática

Notas de resumo: O autor observa alguns fenômenos que marcam a emergência de uma "mutação veicular" nas sociedades atuais, ou seja, uma passagem do nomadismo desenfreado (do início do século XX) à inércia, à sedentariedade definitiva das sociedades, já apontada neste fim de século. Para verificar esta transformação, aborda as novas práticas de esporte, as tendências na disposição museográfica, o advento do veículo audio-visual, a evolução dos parques de diversões, que testemunham a substituição dos deslocamentos físicos pela inércia, fazendo-nos assistir ao triunfo da sedentariedade. "A partir de então, tudo nos chega sem que seja necessário partir." É a era da imobilidade. [Consta epígrafe de Werner von Braun.]

Autores citados: VERTOV, Dziga; BRAUN, Werner von; BITZER, Billy; LUMIÈRE, (Louis /Jean); MACH, Ernest; MOZART, Wolfgang Amadeus; VERDI, Giuseppe; MICHAUX, Henri; EINSTEIN, Albert; PASTRONE, Giovanni; PROMIO, Eugène.

Iconografia: Publicidade da Livraria Kosmos e Alliance Française.

*

MIRANDA, Wander Melo. Na pista do próximo milênio de Calvino. (CALVINO, Italo. "Lezione americane - sei proposte per il prossimo millennio." Milano: Garzanti, 1988). *34 Letras*, nº.05/06, p.410-413, set., 1989.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Teoria literária; Pós-modernidade; Literatura

Notas de resumo: A resenha trata do livro "Lezione americane - sei proposte per il prossimo millennio", de Italo Calvino, "espécie de guia de conduta multifacetado e não prescritivo que fornece ao leitor meios para enfrentar os dilemas deste fim de milênio e do outro que se anuncia". A resenha enfatiza também que o livro mescla à experiência ensaística, referências auto-biográficas e reminiscências de fábulas, bem à maneira de Borges. Discorre, ainda, sobre as seis propostas de Calvino: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência.

Autores citados: GADDA, Carlo Emilio; FLAUBERT, Gustave; GALILEI, Galileu; LEOPARDI, Giacomo; MANN, Thomas; MOORE, Marianne; MUSIL, Robert; PROUST, Marcel; VALÉRY, Paul; PONGE, Francis; CALVINO, Italo; CAVALCANTI, Guido; VINCI, Leonardo da; MONTALE, Eugenio; BORGES, Jorge Luis; BALZAC, Honoré de.

*

DELEUZE, Gilles. Re-(a)presentação de Masoch. (MICHEL, Bernard. "Sacher-Masoch 1836-1895." Robert Laffont: Paris)(SACHER-MASOCH, Wanda de. "Confessions de ma vie" Gallimard: Paris.). Trad. Viviane de Lamare. *34 Letras*, nº.05/06, p.414-415, set., 1989.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Psicanálise; Sexualidade

Notas de resumo: Deleuze escreve sobre o funcionamento das relações nos escritos de Masoch, a partir de duas obras: a biografia de Masoch por Bernard Michel e a reedição das "Confissões", de Wanda de Sacher-Masoch. Dois pontos chamam a atenção do autor: o deslocamento da questão dos sofrimentos presentes na obra romanesca de Masoch, estabelecendo que os sofrimentos infligidos pelo herói masoquista dependem do contrato, e "a maneira pela qual o contrato está enraizado no masoquismo permanece um mistério". Outro ponto abordado são os papéis que os personagens ocupam na relação masoquista. A resenha afirma que a obra de Masoch é inseparável de uma literatura de minorias e menciona o balbuciar da língua nos escritos de Masoch, que empurra a linguagem até seu ponto de suspensão. Para Deleuze, o interessante é verificar que regiões da História e do Universo são investidas pelas formações delirantes.

Autores citados: KAFKA, Franz; RIMBAUD, Arthur; HARDY, Thomas; CHATEAUBRIAND, François René; QUIGNARD, Pascal; SACHER-MASOCH, Wanda de; MICHEL, Bernard.

*

LÖWY, Michael. Lukacs, Thomas Mann, o encontro da "Montanha mágica". (MARCUS, Judith. "George Lukacs and Thomas Mann, a study in the sociology of literature." The University of Massachusetts Press: Amherst, 1987). Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.05/06, p.416-417, set., 1989.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Filosofia; Teoria literária; Literatura

Notas de resumo: A resenha do livro "George Lukacs and Thomas Mann, a study in the sociology of literature", de Judith Marcus, enfatiza a relevância da aproximação do crítico literário marxista e do célebre escritor "burguês" feita pela pesquisadora húngara. Baseando-se em vasta documentação, J. Marcus se dedica, sobretudo, na investigação da seguinte hipótese: Thomas Mann teria delineado o enigmático personagem Leon Naphta, de "Montanha mágica", a partir de um retrato imaginário de Lukacs.

Autores citados: STORM, Theodor; MARCUS, Judith; BOURDET, Yvon; MANN, Thomas; BLOCH, Ernst.

SÓCRATES; BUBER, Martin; LUKÁCS, Georg; LANDAUER, Gustav; TERTULIAN, Nicolas.

*

ALLIEZ, Eric. Heterogênese. (GUATTARI, Felix. "Cartographies schizoanalytiques." Paris: Galilée, 1989). Trad. Viviane de Lamare; Luiz Otávio Barreto Leite. *34 Letras*, nº.05/06, p.418-423, set., 1989.

Vocabulário controlado: RESENHA - Filosofia

Palavras-chave: Filosofia; Psicanálise; Pós-modernidade

Notas de resumo: Alliez, ao resenhar o livro "Cartographies schizoanalytiques", de Félix Guattari, livro recém publicado na França, apresenta e analisa algumas das abordagens desenvolvidas no livro de Guattari. O texto enfatiza que Guattari apresenta nesta publicação sua própria máquina de criar operadores e conceitos, se utilizando de abordagens fragmentárias para expor a "Esquizoanálise" e suas leituras dos sistemas e operadores maquínicos na "era dissensual pós-mediática".

Autores citados: BERGSON, Henri; BURROUGHS, William; DELEUZE, Gilles; FREUD, Sigmund; HEIDEGGER, Martin; KANT, (Immanuel); MARX, Karl; NIETZSCHE, Friedrich; SPINOZA, (Baruch); FOUCAULT, Michel; GENET, Jean; LACAN, Jacques; GUATTARI, Félix; LUCRÉCIO, Francisco; SPIELBERG, Steven.

*

FIGUEIREDO, Rubens. No playground da inteligência. (VERÍSSIMO, Luis Fernando. "O jardim do diabo." L&PM: Porto Alegre, 1987). *34 Letras*, nº.05/06, p.424-426, set., 1989.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Linguagem; Literatura; Década de 80

Notas de resumo: A resenha do livro de Luis Fernando Veríssimo - "O jardim do diabo"- esboça a trama do romance e trata das razões da falta de reconhecimento do livro nos meios intelectuais. Enfatiza, ainda, a literariedade da obra de Veríssimo. "O jardim do diabo" é um romance que desenvolve a temática do ilusionismo das técnicas de ficção e, segundo a resenha, é leitura imprescindível para os que gostam de literatura.

Autores citados: VERÍSSIMO, Luis Fernando.

*

STENGERS, Isabelle. A ciência no feminino. (KELLER, Evelyn Fox. "L'intuition du vivant. La vie et l'oeuvre de Barbara McClintock." Paris: Tierce, 1988). Trad. Alexandre Belfort. *34 Letras*, nº.05/06, p.427-431, set., 1989.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: McCLINTOCK, Barbara

Palavras-chave: Biografia; Mulher; Ciência

Notas de resumo: A resenha foi publicada como avant-propos do livro - "L'intuition du vivant. La vie et l'oeuvre de Barbara McClintock", de Evelyn Fox Keller. Trata da biografia da cientista Barbara McClintock, escrita por Keller. De acordo com a autora da resenha, o livro tem a proeza "de nos ensinar a ter, em relação à vida concreta de McClintock, o mesmo respeito que ela própria tem pelo organismo, de desconfiar, como ela, dos modelos a partir dos quais se tenta explicar tudo a partir daquilo que se crê saber". No livro, Keller demonstra

o posicionamento reivindicativo da cientista, diante das injustiças que enfrenta por ser mulher nesta área. A autora da resenha apresenta também as razões do pioneirismo das descobertas de McClintock e trata de algumas hipóteses que a cientista perseguiu nas suas pesquisas, alcançando prestígio e reconhecimento científico em uma época que não valorizava os trabalhos de mulheres cientistas.

Autores citados: HEIDEGGER, Martin; HUME, David; KANT, (Immanuel); MUSIL, Robert; VALÉRY, Paul; KUHN, Thomas S.; KELLER, Evelyn Fox; DALCQ, Albert.

SOUED, Eduardo. *34 Letras*, nº.07, p.1-4, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Notas de resumo: [Pinturas de Eduardo Soued.]

*

34 Letras. Ouro para 34. *34 Letras*, nº.07, p.8, mar., 1990.

Vocabulário controlado: EDITORIAL

Notas de resumo: O texto trata das dificuldades financeiras que a revista está enfrentando devido à indefinição da política econômica e fiscal do novo governo (Collor), visto que o periódico era mantido com as benesses da "lei Sarney". No editorial, divulga-se uma campanha de arrecadação de fundos para assegurar a periodicidade de 34 Letras.

*

LEITE, Sebastião Uchoa; BRACHER, Beatriz; SUSSEKIND,

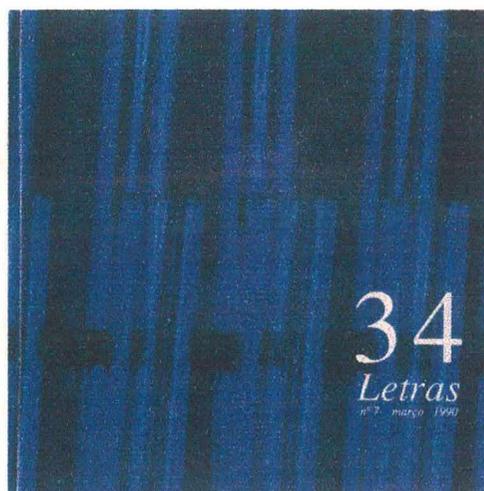
Flora; QUENTAL, João Guilherme (Sanders). Sebastião Uchoa Leite. *34 Letras*, nº.07, p.10-41, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA - Literatura

Palavras-chave: Modernismo; Tradução; Década de 70; Poesia; Concretismo; Literatura

Notas de resumo: O ensaísta, poeta e tradutor Sebastião Uchoa Leite concede uma entrevista à 34 Letras, na qual fala de sua formação literária no Recife e discorre sobre suas preferências de leituras e o ambiente intelectual dos anos 50 no seu estado natal. Trata de sua produção poética, sua experiência como professor e de sua visão do modernismo e do concretismo. Além disso, aborda sua mudança para o Rio de Janeiro após o golpe de 64, revelando as dificuldades e facilidades do deslocamento. Uchoa Leite fala também do processo de seu trabalho poético, das opções que fez ao traduzir determinados autores como Carroll e Villon, e da importância do exercício da tradução. [Consta nota de referência: A transcrição da entrevista foi feita por Beatriz Bracher e a edição por Flora Sússekind, Beatriz Bracher, João Guilherme Quental e Sebastião Uchoa Leite.]

Autores citados: ALVIM, Francisco; ANDRADE, Carlos Drummond de; ASCHER, Nelson; BANDEIRA, Manuel; BARBOSA, João Alexandre; BARTHES, Roland; BAUDELAIRE, Charles; BONVICINO, Régis; BRECHT, Bertolt; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; CARDOZO, Joaquim; CONRAD, Alfred H.; CORBIÈRE, Tristan; DOSTOIEVSKI; ELIOT, T. S.; FAUSTINO, Mário; FLAUBERT, Gustave; FRANCE, Anatole; LAFORGUE, Jules; LEMINSKI, Paulo; LEOPARDI, Giacomo; LIMA, Jorge de; LIMA, Luiz Costa; ASSIS, Machado de; MALLARMÉ, Stéphane; MARX, Karl; MATOS, Gregório de; MELO NETO, João Cabral de; MOORE, Marianne; MORGENSTERN, Christian; NERUDA, Pablo; PAZ, Octavio; PESSOA, Fernando; PIGNATARI, Décio; QUEIROZ, Eça de; RAMOS, Graciliano; RILKE, Rainer Maria; RIMBAUD, Arthur; SANTIAGO, Silviano; SARTRE, Jean-Paul; SUASSUNA, Ariano; VALÉRY, Paul; VILLON, François; WANDERLEY, Jorge; CESAR, Ana Cristina; GRÜNEWALD, José Lino; CARROLL, Lewis; GUILLÉN, Nicolas; STENDHAL, (Pseud. de Henri-Marie Beyle); CARONE, Modesto; FREYRE, Gilberto; MELO, José Laurenio de; HOLANDA, Gastão de; PENA FILHO, Carlos; FERREIRA, Orlando da Costa; MAGALHÃES, Aloísio; BENJAMIN, Walter; BUTOR, Michel; LORCA, Federico Hernandez



García; MACHADO, Antonio; GOGH, Vincent Van; FREITAS FILHO, Armando; MOLIÈRE, (Pseud. de Jean Baptiste Poquelin); ROSA, Guimarães; ABREU, Capistrano de.

Iconografia: Fotos, Félix Fink, de Sebastião Uchoa Leite. Capa do livro "Antilogia".

*

ESPANIOL, José. . *34 Letras*, nº.07, p.29-32, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Notas de resumo: [Desenhos de José Espaniol.]

*

SHAKESPEARE, William. CVI/106. Trad.Jorge Wanderley. *34 Letras*, nº.07, p.44-45, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: A partir do poema CVI, de William Shakespeare, são apresentadas quatro traduções, sendo que a primeira é de Jorge Wanderley. [Consta nota de referência: os direitos autorais das traduções são dos respectivos autores.] [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

SHAKESPEARE, William. CVI/106. Trad. Ivo Barroso. *34 Letras*, nº.07, p.45, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

SHAKESPEARE, William. CVI. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. *34 Letras*, nº.07, p.46, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

SHAKESPEARE, William. CVI. Trad. Oscar Mendes. *34 Letras*, nº.07, p.46, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

WANDERLEY, Jorge. William Shakespeare - nota sobre as traduções. *34 Letras*, nº.07, p.47, mar., 1990.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Palavras-chave: Tradução; Literatura

Notas de resumo: A partir do fragmento CVI, de Shakespeare, quatro diferentes traduções foram apresentadas, seguidas desta nota de Jorge Wanderley, que comenta brevemente as quatro dicções propostas nessas versões.

Autores citados: RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; MENDES, Oscar; BARROSO, Ivo.

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

LINDON, Mathieu. Vida de mosquito. Trad. Maria Helena Rouanet. *34 Letras*, nº.07, p.48-51, mar., 1990.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

CELAN, Paul. Mandorla/ Mandorla/ Tübingen, Jänner/ Tübingen, janeiro. Trad. Virgínia de Araujo Figueiredo. *34 Letras*, nº.07, p.52-55, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Publicação bilíngüe.]

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

34 Letras. Sobre Paul Celan. *34 Letras*, nº.07, p.56, mar., 1990.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CELAN, Paul

Palavras-chave: Biografia

Notas de resumo: Apresentação de alguns dados biográficos do poeta Paul Celan. O pequeno texto aparece na revista em seguida à tradução de dois poemas do autor.

Iconografia: Vinheta ilustrativa, Cristina Moreira Ferreira.

*

ÉSQUILO. 525 aC - 456 aC. Trad. sem crédito. *34 Letras*, nº.07, p.58, mar., 1990.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de "Prometeu acorrentado", in BRUNA, Jaime (org.), "Teatro grego", Editora Cultrix, São Paulo, s/data.]

*

TAVARES, Braulio. A ficção científica de Jorge Luis Borges. *34 Letras*, nº.07, p.59-67, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: BORGES, Jorge Luis

Palavras-chave: Ficção; Argentina; Fantástico; Literatura; Ficção científica

Notas de resumo: A partir da investigação dos significados do emprego do termo ficção científica, o texto verifica os desdobramentos literários designados por essa rubrica editorial. Enquanto alguns escritores tendem mais para a ciência, outros são pautados pelo "fantástico". O autor, ao analisar as ficções de Borges, verifica que o escritor argentino se inscreve numa terceira corrente, na qual o "aspecto narrativa é o principal: escritores para quem tanto a ciência quanto o fantástico são simples pretextos para a construção de vertiginosos objetos verbais cujo universo é recriado, multiplicado, enriquecido a cada frase, a cada parágrafo; uma corrente permeada de metalinguagem e auto-referências, uma narrativa não-mimética; [...] um tipo de texto onde se equilibram a fabulação mítica e o imaginário contemporâneo".

Autores citados: FOWLES, John; LEM, Stanislaw; WATSON, Ian; ANJOS, Augusto dos; ASIMOV, Isaac; BESTER, Alfred; BRADBURY, Ray; BRECHT, Bertolt; CAMPBELL, John W.; CAMPOS, Álvaro de; CUNHA, Euclides da; DESCARTES, René; DICK, Phillip K.; ELLISON, Harlan; FARMER, Phillip José; FREUD, Sigmund; GALILEI, Galileu; HEINLEIN, Robert A.; JEANS, James Hopwood; LINS, Osman; MAIAKÓVSKI, Vladímir; NEWTON, Isaac; POE, Edgar Allan; SCHOPENHAUER, Arthur; SILVERBERG, Robert; TWAINE, Mark; VOGT, Van; WELLS, H. G.; ARISTÓTELES; STEVENSON, Robert Louis; CORTÁZAR, Julio; VONNEGUT, Kurt; LOVECRAFT, Howard Phillips; CHESTERTON, Gilbert Keith; HAWTHORNE, Nathaniel; PAULA, José Agrippino de; VERNE, Júlio; LEWIS, C. S.; KIPLING, Rudyard; BORGES, Jorge Luis; ROBBE-GRILLET, Alain; CLARKE, Arthur; BALLARD, J. G.; SPINRAD, Norman; GERNSBACK, Hugo; WOLF, Fred Alan; STAPLEDON, Olaf; CAPRA, Fritjof.

Iconografia: Fotos, extraídas do livro "Computers: appreciation, application, implication and introduction", J.M. Adams; D.H. Heden.

*

PEDROSA, Mário. 1951. *34 Letras*, nº.07, p.68-69, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Crítica; Arte

Notas de resumo: O fragmento trata das experiências artísticas do jovem Palatnik, um brasileiro que integra a "vanguarda" dos artistas que se utilizam da luz direta como meio plástico de expressão. Na linha dos pesquisadores de plástica de luz, Palatnik desenvolve novos instrumentos e expõe sua arte virtual na I Bienal de São Paulo. [Consta nota de referência: fragmento extraído de "Intróito à Bienal", publicado em out/1951 na "Tribuna da Imprensa".]

Autores citados: WINFRED, Tomaz; LASLO; HAUSMANN, Raoul; RIMINGTON, Wallace; SCRIABIN; PALATNIK; NAGY, Moholy; WETZEL;

*

CORRÊA, Leticia M. Sicuro. Artíficos do homem. Considerações sobre a presença de metáforas computacionais no tratamento das questões relativas a mente humana. *34 Letras*, nº.07, p.70-79, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Lingüística

Palavras-chave: Psicolingüística; Linguagem; Informática

Notas de resumo: O texto aborda desde os primeiros estudos científicos da mente humana, nos fins do século XIX, às questões que se impõem hoje com os computadores desempenhando tarefas tipicamente humanas. Corrêa considera os aspectos históricos da relação entre Lingüística, Psicologia cognitiva, Ciência da Computação e Filosofia da mente

para poder avaliar o papel das metáforas computacionais. A partir da analogia homem/computador na busca do entendimento da mente humana, o texto trata das diferentes linhas de pesquisa no que se refere à aquisição da linguagem e ao papel desta na aquisição do conhecimento e escreve sobre os avanços dos programas de Inteligência artificial.

Autores citados: WUNDT, W.; SKINNER, B. F.; WEIZENBAUM, J.; DENNETT, D. C.; MINSKY, Marvin; BARLETT, F. C.; JOHNSON-LAIRD, P. N.; SCHANK, R.; BLOOMFIELD, Leonard; CHOMSKY, Noam; PIAGET, Jean; VIGOTSKI, L.S.; WINOGRAD, T. L.

*

KAC, Eduardo. Telecommunication art. *34 Letras*, nº.07, p.80-81, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Palavras-chave: Arte gráfica

*

VIRILIO, Paul. A luz indireta. Trad. Carlos Irineu W. da Costa. *34 Letras*, nº.07, p.82-92, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Cultura; Comunicação; Técnica; Tecnologia; Vídeo

Notas de resumo: O texto constata a emergência de um "novo gênero de relevo"(espaço-temporal), de volume audio-visual aplicando-se à integralidade das aparências transmitidas, estéreo-videoscopia". Discorre sobre os avanços técnicos contemporâneos, focalizando sobretudo o advento da "luz do tempo", deste tempo intensivo da eletro-ótica que suplanta a ótica passiva tradicional, procurando pensar as conseqüências dessas transformações que re-condicionam nossa apreensão do mundo (por exemplo, a partir da alta fidelidade do som, da nitidez na resolução das imagens videoscópicas, dos transportes de alta velocidade e da súbita "trans-aparência" dos meios de informação e de telecomunicação).

Autores citados: SPIRO, Micchel; VERTOV, Dziga; LUMIÈRE, Irmãos (Louis /Jean); SCHOPENHAUER, Arthur; ROMAIN, Jules; EINSTEIN, Albert; TAMOUDIGI, Gilles Cohen.

Iconografia: Foto, s/crédito, pouso do primeiro vôo do avião B2.

*

BARAVELLI, Luiz Paulo. Máquina rudimentar para leitura comparativa. *34 Letras*, nº.07, p.93-96, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

*

MANDELBROT, Benoît; ALLIEZ, Eric. Entrevista com Benoît Mandelbrot. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. *34 Letras*, nº.07, p.97-104, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Matemática; Ciência; Informática

Notas de resumo: Breve apresentação da biografia e da teoria desenvolvida pelo matemático e pesquisador Benoît Mandelbrot, seguida de uma entrevista com o autor. Mandelbrot é o "pai" da revolução fractal, ou ainda, concebeu uma nova geometria da natureza, fundamentada sobre a importância prática dos "monstros" de Cantor, de Peano e de seus rivais, tomando por base a existência de numerosas figuras irregulares, fragmentadas e dispersas em meio a uma natureza caótica. Na entrevista, Mandelbrot trata da importância da linguagem teórica fractal como uma nova síntese matemática e filosófica, e fala das principais novidades da física. Além disso, o entrevistado trata do trabalho que desenvolve para a IBM e do vínculo da teoria dos fractais com o computador.

Autores citados: KANT, (Immanuel); PRIGOGINE, Ilya; WIENER, Norbert; LEIBNIZ; POINCARÉ, Henri; LUCAS, George; ORESME, Nicole.

Iconografia: Ilustrações (e legendas) extraídas do livro "Penser les mathematiques" (Éditions du Seuil, 1982).

*

GINSBERG, Allen. Eu sou uma vítima do telefone. Trad. André Cardoso. *34 Letras*, nº.07, p.105, mar., 1990.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

*

QUENTAL, João Guilherme (Sanders). As marcas do espaço. *34 Letras*, nº.07, p.106-113, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Arte; Ciência; Tecnologia; Informática

Notas de resumo: A partir da inserção do experimento científico de Carlos Rubbia na XIII Bienal de Veneza, cujo tema era a relação entre arte e ciência, Quental lê o deslocamento como uma metáfora: "trata-se de uma ficção de um espaço desconhecido, onde o espaço que importa não é o do observador extasiado nem o do objeto observado (...). Intermediário, o espaço do método, o espaço do vazio". O texto discorre sobre vários exemplos nos quais a tecnologia é posta a serviço da produção artística, fornecendo novos acessos ao real, e aborda o atraso, no caso brasileiro, no acesso aos avanços tecnológicos, e à resistência, por parte da crítica, a este tipo de arte.

Autores citados: WIENER, Zelko; CARVALHO, Roberto de; SPIZZICHINO, Aldo; BOHR, Niels; MALLARMÉ, Stéphane; KOONING, Wilherm de; BILL, Max; JOHNS, Jaspers; RAMIRO, Mário; SHANNON, Thomas; KAK, Eduardo; EINSTEIN, Albert; VERONESI, Paolo; GARCIA, Alvaro Andrade; CASTRO, Ernesto de Mello; BOTELHO, Ormeo; JERACE, Vincenzo; MANDELBROT, Benoît; ALVIM, Lauro; RUBBIA, Carlos.

Iconografia: Fotos, Vincenzo Jerace, página do álbum "Imition".

*

COELHO, João Marcos. "10 KEY OFF: CLS: SCREEN 2 (...)". *34 Letras*, nº.07, p.114, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta nota explicativa: programa de computador compatível com a linha PC.] [O autor assina por João Coelho.]

*

CICHELLI, Rodrigo. Música eletroacústica. *34 Letras*, nº.07, p.115-120, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Música; Tecnologia

Notas de resumo: A partir de cinco comentários (do crítico Otto Maria Carpeaux e dos músicos e compositores Stravinski, Edgar Varèse, Claudio Monteverdi e Rodolfo Caesar) sobre o desenvolvimento da música, o autor tece considerações sobre os rumos da música ocidental, tratando da revolução tecnológica e da explosão da música eletroacústica.

Autores citados: CAGE, John; CARPEAUX, Otto Maria; HINDEMITH, Paul; MONTEVERDI, Claudio; STRAVINSKY, Igor; RUSSOLO, Luigi; CARVALHO, Reginaldo de; VARÈSE, Edgar; DEBUSSY, Claude Achille; CARRILLO, Julian; CAESAR, Rodolfo.

*

JARDIM, Evandro Carlos. . *34 Letras*, nº.07, p.121-124, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Notas de resumo: [Desenhos. Consta o crédito: Rio São Francisco, 14 de janeiro de 1972.]

*

LYOTARD, Jean-François. Matéria e tempo. Trad. Lúcia Cláudia Leão; Carlos Irineu W. da Costa. *34 Letras*, nº.07, p.125-135, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-chave: Ciência; Tempo; Tecnologia

Notas de resumo: Neste texto, Lyotard teoriza sobre algumas questões sobre a matéria, a energia e o tempo. Aborda a mecânica cartesiana, que estuda "corpos" perceptíveis à observação humana e transformações análogas à experiência humana, e problematiza: "as transformações de elementos, como a do urânio 238 em netúnio, por bombardeamento dos núcleos com nêutrons, não somente não se colocam em nossa escala, como também requerem uma idéia da matéria sobre a qual o filósofo, ignorante e tímido, percebe ao menos que ela parece não ter mais nenhum direito ao modelo substancial". Lyotard trata das transformações da ciência que pressupõem uma reviravolta completa na imagem da matéria, fundamentando sua análise com Bergson e Leibniz. Pensa esta questão, na tentativa de apreender sua incidência sobre a filosofia. [Consta nota de referência: o texto foi extraído o livro "L'inhumain, caserie sur le temps".]

Autores citados: BERGSON, Henri; COPERNICO, Nicolau; DARWIN, Charles; DEMÓCRITO;

DESCARTES, René; DUCHAMP, Marcel; FREUD, Sigmund; HEISENBERG, Werner Karl; MALLARMÉ, Stéphane; PERRIN, Jean; ARISTÓTELES; DIDEROT, Denis; LEIBNIZ; LUCRÉCIO, Francisco; MERLEAU-PONTY, Maurice.

Iconografia: Fotos, s/crédito.

*

BORGES, Jorge Luis. A máquina de pensar de Raimundo Lúlio/ A invenção da máquina/ Os três discos/ Gulliver e sua máquina. Trad. Sérgio Flaksman. *34 Letras*, nº.07, p.136-139, mar., 1990.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Notas de resumo: O texto trata da invenção de Raimundo Lúlio, em fins do século XIII: a máquina de pensar. Borges enfatiza que a inutilidade da máquina não é tão óbvia, e discorre sobre o funcionamento avassalador do projeto de Lull, que funciona, inclusive, como instrumento literário e poético. [Consta nota de referência: fragmentos extraídos de "Textos cautivos", Tusquets Editores, Barcelona, 1986./ As informações contidas nas notas foram retiradas da "Grande Enciclopédia Delta Larousse".]

*

COSTA, Carlos Irineu da. Automata e utopia. *34 Letras*, nº.07, p.140-148, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Tecnologia; Informática

Notas de resumo: O texto trata dos mais recentes avanços (até aquele momento) no desenvolvimento de novos chips, do progresso nas áreas de programação e da importância dos "simuladores" em diversas áreas de pesquisa, desde a indústria automobilística até a biotecnologia e a química, e menciona as dificuldades a serem suplantadas pelo operador humano e a descoberta de novas interfaces que minimizam as dificuldades de comunicação homem/máquina. O texto aborda os recentes desenvolvimentos na área de computação, tratando da máquina como "geradora de realidade", subvertendo as noções de espaço-tempo e matéria, mergulhando nas possibilidades do ciberespaço. [O autor assina por Carlos Irineu.]

Autores citados: VIRILIO, Paul.

Iconografia: Fotos, s/crédito.

*

MICHALANY, Cássio. . *34 Letras*, nº.07, p.149-153, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Notas de resumo: [Pinturas de Cássio Michalany.]

*

VAZ, Paulo; BRANDÃO, Roberto. O tempo das máquinas. *34 Letras*, nº.07, p.153-164, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Ciência; Tempo; Tecnologia; Comunicação; Técnica

Notas de resumo: O texto aborda duas perspectivas em relação ao avanço técnico: a primeira iluminista, é positiva e acredita que a técnica contribui no aperfeiçoamento da humanidade; a outra, percebe no avanço da ciência e da técnica uma temeridade, uma ameaça à humanidade. Os autores enfatizam, nesta última, que "não controlamos as tecnologias que inventamos e que nos ameaçam de destruição, elas solapam os 'valores humanos' básicos, nos fazem esquecer de nosso corpo, de nossa necessária finitude". Ao observar a evolução das técnicas, verificam duas tendências: numa delas, a técnica é uma contínua superação das limitações do corpo humano; a outra tendência vai na direção de um contínuo aumento e aperfeiçoamento da memória externa. O texto discorre sobre as duas tendências, pensando a técnica como "um projeto ensandecido de controlar o tempo", buscando outra concepção da relação homem-técnica, "uma atitude positiva diante do que nos acontece". [Consta epígrafes de Marx e Heidegger.]

Autores citados: DELEUZE, Gilles; HEIDEGGER, Martin; LYOTARD, Jean-François; MARINETTI; MARX, Karl; SERRES, Michel; VIRILIO, Paul; LEROI-GOURHAM, A.; GUATTARI, Félix; SANTOS, Laymert Garcia dos; COUCHOT, E.

Iconografia: Ilustrações, extraídas do livro "Computers; appreciations, applications, implications

and introduction" de J.M. Adams e D.H.Heden.

*

GUIMARÃES, Adriana. "/um rasgo (...)". *34 Letras*, nº.07, p.166, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

CARVALHO, Age de. Una duda se vuelve memorable. *34 Letras*, nº.07, p.167, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta dedicatória: "À Teresita Saguí".]

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

PASCHOA, Airton. Blake-out. *34 Letras*, nº.07, p.168, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

ÁVILA, Carlos. Corpoluz. *34 Letras*, nº.07, p.169, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

DANIEL, Claudio. Ragnarök. *34 Letras*, nº.07, p.170, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

MACHADO, Duda. Roda das idéias fixas. *34 Letras*, nº.07, p.171, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: [Consta dedicatória: "para João Alexandre Barbosa".]

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

MARANHÃO, Haroldo. Nas últimas. *34 Letras*, nº.07, p.172-177, mar., 1990.

Vocabulário controlado: FICÇÃO

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

SOARES, Isabela Fernandes. Diluição. *34 Letras*, nº.07, p.178, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

CAIAFA, Janice. "Uma dama suspensa (...)". *34 Letras*, nº.07, p.179, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

QUENTAL, João Guilherme (Sanders). No núcleo do zumbido. *34 Letras*, nº.07, p.180, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

SALOMÃO, Jorge. "minha sensibilidade (...)". *34 Letras*, nº.07, p.181, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

WANDERLEY, Jorge. Borges sonha um soneto. *34 Letras*, nº.07, p.182, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de. La ultima sonrisa de Beatriz. *34 Letras*, nº.07, p.183, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo: Nota: Poema do livro inédito "Apocalipse e receitas".

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. *spiritual*. *34 Letras*, nº.07, p.184, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

BUENO, Wilson. *do deus*. *34 Letras*, nº.07, p.185, mar., 1990.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Iconografia: Ilustração, Cláudio Mubarac.

*

KLOSSOWSKI, Pierre. Nietzsche, o politeísmo e a paródia (II). Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. *34 Letras*, nº.07, p.188-200, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: NIETZSCHE, Friedrich

Palavras-chave: Filosofia; Arte; Verdade; Paródia

Notas de resumo: A partir de vários aforismos nietzscheanos, presentes na "Gaia ciência", Klossowski discorre sobre os conceitos de verdade, de representação, de paródia e da arte, que perpassa estes escritos. Trata da significação do anúncio de Nietzsche - "Deus morreu"-, enfatizando que a afirmação não significa que "a divindade como explicitação da existência cessa, e sim que a garantia absoluta da identidade do eu responsável desaparece no horizonte da consciência do autor que, por sua vez, confunde-se com esse desaparecimento". Klossowski avança na sua leitura de Nietzsche e argumenta que "o evento da 'morte de Deus' atinge o eros da alma, e, portanto, o instinto de adoração, em sua raiz, esse instinto gerador de deuses que, em Nietzsche, é a um só tempo vontade criadora e vontade de eternização", demonstrando como esta questão se manifesta em Zarathustra. Vale acrescentar que este texto dá continuidade a outro, publicado no número 5/6 da mesma revista.

Autores citados: HEIDEGGER, Martin; STRINDBERG, Johan August; LÖWITH, Karl; BURCKHARDT, Jacob.

Iconografia: Ilustrações, extraídas do livro "Sarrafos e Garranchos" da artista plástica Go.

*

BUSTAMANTE, Gisa. . *34 Letras*, nº.07, p.201-204, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Fotográfico

Notas de resumo: [Esculturas de Gisa Bustamante fotografadas por Pedro Franciosi.]

*

ALLIEZ, Eric. Introdução à afilosofia (III). Trad. Maria Helena Rouanet. *34 Letras*, nº.07, p.205-219, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Nome pessoal como assunto: HEGEL,

Palavras-chave: Filosofia; Dialética; Gênese; Pós-estruturalismo

Notas de resumo: Alliez parte da leitura de duas tradições da filosofia, uma que vai de Habermas a Aristóteles, com toda a tradição onto-dialógica herdada de Platão, e outra, contra esta herança, que vai de Hegel a Heráclito. De acordo com a primeira, "pensamento de essência, da consciência ou da comunicação, a filosofia se reconhece pelo fato de o discurso ser dominado dentro de uma lógica"; enquanto na segunda, temos as bases da teoria da diferença, ou seja, a filosofia nasce do esforço para dizer o que é diferente. Neste texto, Alliez defém-se justamente na perspectiva desta outra tradição, que caracterizaria o pensamento francês contemporâneo, verificando como Hegel inaugura um novo estatuto para o sujeito e para a filosofia: "o início da filosofia surgiria desse obscuro, especular trabalho de reescrita que não procederá de nenhuma voz originária: a ela só acede o discurso sobre o discurso, a narrativa prestes a identificar o dizer da coisa ao que ela não é". [Consta agradecimento a Gerd A. Bornheim.]

Autores citados: WISMANN, Heinz; BOLLACK, J.; MALABOU, Catherine; LORAUX, Patrice;

NARCY, M.; APEL, Karl Otto; DELEUZE, Gilles; ENGELS, Friedrich; FERRY, Jules; GADAMER, Hans Georg; HABERMAS, Jürgen; HEIDEGGER, Martin; HERÁCLITO; KOYRE, Alexandre; MARX, Karl; NIETZSCHE, Friedrich; RORTY, Richard; ARISTÓTELES; CASSIN, Barbara; AUBENQUE, Pierre; FOUCAULT, Michel; JOLY, Henri; SÓCRATES; PLATÃO; GUATTARI, Félix; ADORNO, T. W.; LAMIER, E.; ROSSET, Clement; DESCOMBES; Vincent.

Iconografia: Ilustrações, (Imagens do livro "Sarrafos e Garranchos" da artista plástica Go).

*

CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de. A epifania do traço em Edmond Jabès. *34 Letras*, n.º.07, p.220-225, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: JABÈS, Edmond

Palavras-chave: Poesia; Judaísmo; Literatura

Notas de resumo: Ao percorrer a produção textual de Edmond Jabès, o texto trata de uma temática que perpassa alguns textos de Jabès: o projeto de escrever um livro que se instala entre a memória de uma palavra ouvida anteriormente e seu esquecimento, ou ainda, o projeto de escrever o livro de Deus. Ao aproximar os textos em prosa de "Le parcours" com o poema "L'eau", núcleo do livro "La mémoire et la main", Carvalho destaca o processo transformador de um trabalho que desvenda o desconhecido de uma construção poética, observando os significados dos elementos areia e água na escrita de Jabès.

Autores citados: LEVINAS, Emmanuel; JABÈS, Edmond.

Iconografia: Ilustrações, (Imagens do livro "Sarrafos e Garranchos" da artista plástica Go).

*

LEMOINE, Yves. Entrando em revolução. Trad. Ana Lucia Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. *34 Letras*, n.º.07, p.226-232, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - História

Palavras-chave: Direito; França; Revolução

Notas de resumo: O autor tece considerações a propósito da Revolução, questionando a possibilidade de leitura desta como ato jurídico ou como ato histórico. Verifica o paradoxo da "revolução" e centra sua análise nos fins do século XVIII, examinando a declaração dos direitos do Homem coincidente com o "entrar em revolução" da sociedade francesa (Revolução em 1789).

Autores citados: BONNET, Charles; MARX, Karl; BUFFON; BREDIN, Jean-Denis.

Iconografia: Ilustrações, (Imagens do livro "Sarrafos e Garranchos" da artista plástica Go).

*

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Chorando o muro de Berlim. Trad. André Cardoso. *34 Letras*, n.º.07, p.233-240, mar., 1990.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Filosofia

Palavras-chave: Política; Alemanha; Década de 80

Notas de resumo: Num período de grandes mudanças (final de 1989) no cenário da Alemanha que culmina com a queda do muro, Gumbrecht tece considerações sobre as conseqüências dessas transformações. Trata da fenda existente entre o lado ocidental e o oriental, e da nova situação, que até o momento parecia confusa e caótica. Aborda o muro de Berlim como um "muro do tempo" e analisa o processo de "reunificação" como a fusão no fluxo de tempo do capital. Gumbrecht escreve sobre as possíveis perspectivas da política alemã a partir do novo cenário.

Autores citados: BRECHT, Bertolt; MÜLLER, Heiner.

Iconografia: Ilustrações, (Imagens do livro "Sarrafos e Garranchos" da artista plástica Go). Publicidade, Livraria Kosmos Editora.

*

HARTMAN, Ana. Nietzsche, uma trajetória. (HALEVY, Daniel. "Nietzsche uma biografia." Trad. Roberto Cortes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989). *34 Letras*, n.º.07, p.242-243, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Filosofia; Biografia

Notas de resumo: A resenha trata do livro "Nietzsche: uma biografia", escrito pelo filósofo e

crítico Daniel Halévy. A biografia, escrita em tom de romance, reúne cartas e depoimentos da vida de Nietzsche, fornecendo elementos interessantes para se refletir sobre a produção nietzscheana.

Autores citados: NIETZSCHE, Friedrich; SCHOPENHAUER, Arthur; WAGNER, Richard; HALÉVY, Daniel.

*

FIGUEIREDO, Rubens. O futuro na ponta do nariz. (TAVARES, Braulio. "A espinha dorsal da memória." Lisboa: Edit. Caminho, 1989). *34 Letras*, nº.07, p.244-245, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Literatura; Ficção científica

Notas de resumo: Crítica elogiosa do livro "A espinha dorsal da memória", de Braulio Tavares, vencedor de um concurso de ficção científica promovido em Portugal, em 1989. Segundo a resenha, apesar do filão de ficção científica ser pouco explorado por escritores brasileiros, Braulio Tavares mostra que a fórmula pode ser adaptada, fugindo dos clichês do gênero e comovendo o leitor de seus contos pelo reconhecimento de situações comuns em nosso país.

Autores citados: TAVARES, Braulio.

*

KATZ, Chaim Samuel. Da clausura do fora ao fora da clausura. Loucura e desrazão. (PELBART, Peter Pal. "Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão." São Paulo: Brasiliense, 1989). *34 Letras*, nº.07, p.246-248, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Psicanálise

Palavras-chave: Psicanálise; Loucura

Notas de resumo: O psicanalista e escritor Chaim Samuel Katz resenha o livro "Da clausura do fora ao fora da clausura", de Peter Pal Pelbart, e reflete sobre as considerações de Foucault sobre a experiência da loucura e as questões que perpassam a obra de Pelbart. A resenha enfatiza que a tese de Pelbart é a seguinte: "se os loucos se expressam e vivem desrazoavelmente, a desrazão é uma produção presente em todos os enunciados que experimentam se transgredir. A desrazão é distinta da loucura." Katz sublinha a importância da publicação da tese elaborada de Pelbart, que reúne temas pouco ou nada conhecidos no Brasil.

Autores citados: PELBART, Peter Pal; DELEUZE, Gilles; FREUD, Sigmund; FOUCAULT, Michel.

*

LEÃO, Lúcia Cláudia; MARTINS, Oswaldo. E de resto, senhor leitor? Tem lido poesia?. (TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. "Poros." São Paulo: Duas cidades, 1989)(BRITO, Ronaldo. "Quarta do singular" São Paulo: Duas cidades, 1989)(ALVIM, Maria Lúcia. "Vivenda" São Paulo: Duas cidades, 1989). *34 Letras*, nº.07, p.249-250, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Poesia; Década de 80

Notas de resumo: A partir da leitura das poesias de Rubens Rodrigues Torres Filho, Ronaldo Brito e Maria Lúcia Alvim, os autores procuram discorrer sobre algumas das dicções que marcam a poesia contemporânea.

Autores citados: BRITO, Ronaldo; FONTELA, Orides; TORRES FILHO, Rubens Rodrigues; LEITE, Sebastião Uchôa; REIS, Ricardo (Het. de Fernando Pessoa); ALVIM, Maria Lúcia.

*

CARDOSO, Marília Rothier. Papagaios em coleção. (SOUZA, Eneida Maria de. "A pedra mágica do discurso: jogo e linguagem em Macunaíma." Belo Horizonte, UFMG, 1988). *34 Letras*, nº.07, p.251-253, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Modernismo; Literatura

Notas de resumo: Trata-se de uma resenha do livro "A pedra mágica do discurso: jogo e linguagem em 'Macunaíma'", de Eneida Maria de Souza. O trabalho interpretativo de Eneida de Souza, ao descartar "Macunaíma" como pedra de toque da vanguarda nacionalista, retoma a obra enquanto simulacro das coleções de mitos indígenas, cantos folclóricos, lugares-comuns e expressões eruditas. A autora do livro remonta, em conjuntos

interpretáveis, partes selecionadas do texto de Mário e dos diferentes contextos construídos a partir dele.

Autores citados: SOUZA, Eneida Maria de; ANDRADE, Mário de; CAMPOS, Haroldo de; SANTIAGO, Silviano; SOUZA, Gilda de Mello e; KOCH-GRÜNBERG, Theodor; LOPEZ, Telê Porto Ancona; BENJAMIN, Walter; PROENÇA, Ivan Cavalcanti.

*

RIBEIRO, Teresa. Ardente paciência. (SKÁRMETA, Antonio. "Ardente paciência." São Paulo: Brasiliense, 1987). *34 Letras*, nº.07, p.254-256, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Poesia; Chile

Notas de resumo: O triunfo do livro "Ardente paciência", do escritor chileno Antonio Skármeta, é a originalidade de produzir no leitor um riso inteligente. A narrativa, que mescla humor e poesia, é a história de uma bela amizade entre um carteiro, Mário Jimenez, e o poeta Pablo Neruda, e passa-se no porto de San Antonio, no Chile. A resenha sintetiza algumas passagens do livro, que já havia sido roteiro de filme em 1983.

Autores citados: ANDRADE, Carlos Drummond de; NERUDA, Pablo; RIMBAUD, Arthur; LLOSA, Mário Vargas; CORTÁZAR, Julio; SKÁRMETA, Antonio.

*

HAGGE, Wandir. Metamorfoses do trabalho. (GORZ, André. "Métamorphoses du travail." Paris: Galilée, 1988). *34 Letras*, nº.07, p.257-258, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Sociologia

Palavras-chave: Trabalho; Modernidade; Capitalismo

Notas de resumo: Na resenha sobre "Metamorfoses du travail", de André Gorz, o texto enfatiza que o livro retoma a temática que caracteriza a obra que vem produzindo nas últimas décadas: o delineamento de um novo padrão de organização social a partir de mudanças na estrutura produtiva e o aporte dessas mudanças potenciais para os papéis que serão desempenhados pela sociedade civil e pelo Estado. Trata-se de um livro sobre a "crise da modernidade", que reflete a propósito da decadência da "ética do trabalho".

Autores citados: GORZ, André.

*

CECCATY, René de. As sete espadas da sabedoria. (GENET, Jean. "Un captif a amoureux." Paris: Gallimard, s/d). Trad. Bárbara Ladeira. *34 Letras*, nº.07, p.259-262, mar., 1990.

Vocabulário controlado: RESENHA - Política

Palavras-chave: Política; Morte; Memória; Amor

Notas de resumo: Resenha de "Un captif a amoureux", de Jean Genet, um livro sobre o amor e a memória. A resenha salienta que a estrutura complicada do enredo, por um uso muito livre do tempo, com uma desordem aparente das anedotas, faz o leitor ir e vir entre os Panteras negras e os palestinos, e entre 1971 e 1985. Não se trata propriamente de um livro político, mas se apresenta como uma crônica política alternada, onde Genet explica sua fascinação pelos Black panthers e pelos feddayin. Um livro que tem como tema central a morte, mais ainda que a guerra. "O primeiro e último morto da história é o próprio Genet: diante da revolução palestina que contempla como um afogamento, e também como um cortejo fúnebre, ele se declara morto, morto há muito tempo."

Autores citados: RIMBAUD, Arthur; SARTRE, Jean-Paul; GENET, Jean; BEAUVOIR, Simone de; LAWRENCE, T. E.

3.1. ÍNDICE DE AUTORES COLABORADORES

- ACCETTO, Torquato
n. 05/06, set., 1989. p.258-261
Sobre a dissimulação honesta
- ALIGHIERI, Dante
n. 05/06, set., 1989. p.164-169
Canto XVII
- ALLIEZ, Eric
n. 03, mar., 1989. p.188-191
Um empirismo fantástico
n. 04, jun., 1989. p.217-227
Introdução à afilosofia
n. 05/06, set., 1989. p.418-423
Heterogênese
n. 05/06, set., 1989. p.113-129
Introdução à Afilosofia (II)
n. 05/06, set., 1989. p.368-379
Maurice de Gandillac
n. 07, mar., 1990. p.97-104
Entrevista com Benoît Mandelbrot
n. 07, mar., 1990. p.205-219
Introdução à afilosofia (III)
- ANDRADE, Mário de
n. 01, set., 1988. p.91
1943/ 1931
- ANTUNES, Arnaldo
n. 01, set., 1988. p.33
"Pensamento que vem de fora (...)"
- ARISTÓTELES
n. 04, jun., 1989. p.108-109
384-322a.C.
- ASCHER, Nelson
n. 01, set., 1988. p.92-99
Argumentos para uma crítica da crítica
sociologizante
n. 03, mar., 1989. p.142-157
O texto e sua sombra
- ASSIS, Machado de
n. 01, set., 1988. p.90
1865
n. 04, jun., 1989. p.99
1881
- ASSUNÇÃO, Ademir
n. 04, jun., 1989. p.147
Sim & sim
- AUERBACH, Erich
n. 05/06, set., 1989. p.68-74
5 cartas de Auerbach a Walter Benjamin
- ÁVILA, Carlos
n. 07, mar., 1990. p.169
Corpoluz
- BAFFO, Giorgio
n. 01, set., 1988. p.20-22
3 Poemas de Giorgio Baffo
- BARAVELLI, Luiz Paulo
n. 07, mar., 1990. p.93-96
Máquina rudimentar para leitura
comparativa
- BARCK, Karlheinz
n. 05/06, set., 1989. p.62-67
Entrevista com Karlheinz Barck
- BAUDELAIRE, Charles
n. 01, set., 1988. p.82
1846
- BELFORT, Alexandre
n. 01, set., 1988. p.106-115
Nietzsche: crítica e história à luz da
"Metafísica do artista"
- BERARDINELLI, Cleonice
n. 01, set., 1988. p.23
Um original de Fernando Pessoa
- BERGSTEIN, Lena
n. 04, jun., 1989. p.213-215
- BERNARDES, Patrícia
n. 05/06, set., 1989. p.40
Footing
- BONVICINO, Régis
n. 04, jun., 1989. p.10-28
Augusto de Campos
- BORGES, Antonio Fernando
n. 01, set., 1988. p.26-29
Tudo por tão pouco
- BORGES, Jorge Luis
n. 03, mar., 1989. p.134-135
1932/ 1969
n. 05/06, set., 1989. p.314-317
Dois poemas de Borges sobre a morte e a
permanência
n. 07, mar., 1990. p.136-139
A máquina de pensar de Raimundo Lúlio/
A invenção da máquina/ Os três discos/
Gulliver e sua máquina

- BOWLES, Paul
n. 02, dez., 1988. p.30-39
A presa delicada
- BRACHER, Beatriz
n. 01, set., 1988. p.136-140
Andrea e a ficção do passado
n. 07, mar., 1990. p.10-41
Sebastião Uchoa Leite
- BRACHER, Elisa
n. 05/06, set., 1989. p.354-367
Os caprichos de Goya
- BRANDÃO, Junito (de Souza)
n. 02, dez., 1988. p.140-143
A psicostasia grega: a balança
- BRANDÃO, Roberto
n. 07, mar., 1990. p.153-164
O tempo das máquinas
- BRITTO, Paulo Henriques
n. 03, mar., 1989. p.111-115
A difícil vida fácil do tradutor
n. 05/06, set., 1989. p.322-323
Byron
- BRODSKY, Joseph
n. 03, mar., 1989. p.160-169
Joseph Brodsky
- BUENO, Wilson
n. 07, mar., 1990. p.185
do deus
- BUKOWSKI, Charles
n. 03, mar., 1989. p.52-57
how to be a great writer/ como ser um
grande escritor
- BUSTAMANTE, Gisa
n. 07, mar., 1990. p.201-204
- BYRON, (George Gordon) Lord
n. 05/06, set., 1989. p.324-331
Beppo
- CAIAFA, Janice
n. 07, mar., 1990. p.179
"Uma dama suspensa (...)"
- CALLADO, Antonio
n. 02, dez., 1988. p.8-23
Entrevista
- CALVINO, Italo
n. 04, jun., 1989. p.52-56
A aventura de um casal
- CAMPOS, Álvaro de (Het. de Fernando
Pessoa)
n. 02, dez., 1988. p.4
"E eu, desnorreado. (...)"
- CAMPOS, Augusto de
n. 01, set., 1988. p.75
1986
n. 04, jun., 1989. p.10-28
Augusto de Campos
- CAMPOS, Geir
n. 03, mar., 1989. p.136-139
Interferência - um problema de tradução
- CAMPOS, Haroldo de
n. 03, mar., 1989. p.82-101
Da tradução à transficcionalidade
n. 04, jun., 1989. p.189-212
Inter-e-intratextualidade no Eclesiastes
- CARDOSO, André
n. 01, set., 1988. p.116-121
O apocalipse e a realidade: uma
aventura dos fabulosos X-MEN
n. 04, jun., 1989. p.141
Os portões
- CARDOSO, Marília Rothier
n. 07, mar., 1990. p.251-253
Papagaios em coleção
- CARDOSO, Rafael
n. 01, set., 1988. p.35
"Onde o mar se perde e vira céu (...)"
- CARVALHO, Age de
n. 07, mar., 1990. p.167
Una duda se vuelve memorable
- CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de
n. 07, mar., 1990. p.183
La última sonrisa de Beatriz
n. 07, mar., 1990. p.220-225
A epifania do traço em Edmond Jabès
- CARVALHOSA, Carlito
n. 01, set., 1988. p.102-104
O artista e o crítico
n. 03, mar., 1989. p.8-45
João Cabral de Melo Neto
- CASSIN, Barbara
n. 05/06, set., 1989. p.262-279
As musas e a filosofia
- CASTRO, Amílcar de
n. 05/06, set., 1989. p.1-4
- CATULLUS (CATULO), Gaius Valerius
n. 01, set., 1988. p.18-19

- Um poeta Novvs
 CECCATY, René de
 n. 07, mar., 1990. p.259-262
 As sete espadas da sabedoria
- CELAN, Paul
 n. 07, mar., 1990. p.52-55
 Mandorla/ Mandorla/ Tübingen, Jänner/
 Tübingen, janeiro
- CESAR, Ana Cristina
 n. 03, mar., 1989. p.108-110
 1983
- CHAVES, Anésia Pacheco
 n. 01, set., 1988. p.76-80
 A crítica da crítica
- CHIARA, Ana Cristina de Rezende
 n. 05/06, set., 1989. p.384-395
 Dos "Palácios da memória" ao "Cárcere
 da alma"
- CHRISTIN, Pierre
 n. 04, jun., 1989. p.86-87
 As histórias sujas da ervilha de cheiro
- CICCHELLI, Rodrigo
 n. 07, mar., 1990. p.115-120
 Música eletroacústica
- COELHO, João Marcos
 n. 07, mar., 1990. p.114
 "10 KEY OFF: CLS: SCREEN 2 (...)"
- CONSTANZO, Gerald
 n. 04, jun., 1989. p.42-45
 Introduction of the shopping cart/ A
 introdução do carrinho de supermercado
- CORRÊA, Letícia M. Sicuro
 n. 07, mar., 1990. p.70-79
 Artifícios do homem
- COSTA, Carlos Irineu da
 n. 01, set., 1988. p.36-38
 StreetWalk/ vitrine
 n. 01, set., 1988. p.126-130
 Michael Ende
 n. 05/06, set., 1989. p.198-204
 Invadindo áreas onde nada é definido
 n. 05/06, set., 1989. p.50-51
 esta é uma história de.../ esta é uma
 história de um...
 n. 07, mar., 1990. p.140-148
 Automata e utopia
- CUMMINGS, E. E.
 n. 03, mar., 1989. p.104-105
- "birds(...)/ "aves(...)"
 n. 03, mar., 1989. p.106-107
 l/ Soneto
 n. 05/06, set., 1989. p.318-319
 "l(a (...)/ "so (...)"
- DAIBERT, Ariúdo
 n. 04, jun., 1989. p.29-32
 lpotesi l/ lpotesi ll/ lpotesi llI/ Castillos
- DANIEL, Claudio
 n. 07, mar., 1990. p.170
 Ragnarök
- DELEUZE, Gilles
 n. 05/06, set., 1989. p.414-415
 Re-(a)presentação de Masoch
- DICKINSON, Emily
 n. 03, mar., 1989. p.102
 "I died for beauty, but was scarce (...)/
 "Morri pela beleza, mas apenas estava
 (...)"
 n. 03, mar., 1989. p.103
 "These tested Our Horizon - (...)/ "Esses
 testaram Nosso Céu - (...)"
- DRAGONETTI, Roger
 n. 05/06, set., 1989. p.244-257
 Poeta Mendax
- ECO, Umberto
 n. 05/06, set., 1989. p.240-243
 Freud e o computador
- ELIOT, T. S.
 n. 01, set., 1988. p.51-53
 1956
- ESPANIOL, José
 n. 07, mar., 1990. p.29-32
- ÉSQUILO
 n. 07, mar., 1990. p.58
 525 aC - 456 aC
- ESTEVEZ, José
 n. 02, dez., 1988. p.55
 A metapsicose da alma
- FAYE, Jean-Pierre
 n. 04, jun., 1989. p.166-171
 Velocidade narracional
- FERNANDES, Millôr
 n. 03, mar., 1989. p.76-80
 Hamlet - a tradução
- FIGUEIREDO, Rubens
 n. 01, set., 1988. p.44-50
 O escritor e o crítico na vida real

- n. 02, dez., 1988. p.8-23
Entrevista
- n. 02, dez., 1988. p.56-57
"-Que nada, esquece. (...)" / "nos olhos (...)"
- n. 04, jun., 1989. p.148-149
"Pensei que nunca ia ver o dia, (...)" /
"às vezes são aves que eu vejo (...)"
- n. 05/06, set., 1989. p.320-321
Comentário indevido
- n. 05/06, set., 1989. p.424-426
No playground da inteligência
- n. 07, mar., 1990. p.244-245
O futuro na ponta do nariz
- FLAKSMAN, Sergio
n. 05/06, set., 1989. p.12-35
Marcio Souza
- FLEMING, Paul
n. 02, dez., 1988. p.26-29
Dois poetas barrocos alemães em
tradução de Augusto de Campos
- FRANCESCHI, Antonio de
n. 04, jun., 1989. p.152-154
confiteor/ medusa/ tangente
- FRANCIOSI, Eduardo Roxo Nobre
n. 05/06, set., 1989. p.46-47
"ai. (...)" / "da boca (...)"
- FREITAS FILHO, Armando
n. 02, dez., 1988. p.128-129
De cor
- n. 04, jun., 1989. p.150-151
35 linhas para 34 Letras
- FREITAS, Iole de
n. 05/06, set., 1989. p.81-84
- FRÓES, Édson
n. 04, jun., 1989. p.140
"Sol no templo (...)"
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie
n. 05/06, set., 1989. p.285-296
Notas sobre as noções de origem e
original em Walter Benjamin
- GANDILLAC, Maurice de
n. 05/06, set., 1989. p.380-383
Breve nota acerca de algumas linhas de
Abelardo de uma extraordinária
atualidade
- n. 05/06, set., 1989. p.368-379
Maurice de Gandillac
- GARCIA, Alvaro Andrade
- n. 03, mar., 1989. p.70-71
Esculpindo o desejo/
Antônio de Albuquerque, 189
- GINSBERG, Allen
n. 07, mar., 1990. p.105
Eu sou uma vítima do telefone
- GOETHE
n. 01, set., 1988. p.82
Crítico
- GOMES, Duílio
n. 02, dez., 1988. p.62-64
Gallina
- GUIMARÃES, Adriana
n. 01, set., 1988. p.122-125
O itinerário poético de Emílio Moura
- n. 01, set., 1988. p.34
"Lago mirado (...)"
- n. 07, mar., 1990. p.166
"/um rasgo (...)"
- GUIMARÃES, José Otávio N.
n. 01, set., 1988. p.131-135
Fotograma de Wenders
- n. 02, dez., 1988. p.96-115
Entrevista com Gumbrecht
- n. 04, jun., 1989. p.68-75
Poesia e história na modernidade
- GUMBRECHT, Hans Ulrich
n. 02, dez., 1988. p.96-115
Entrevista com Gumbrecht
- n. 02, dez., 1988. p.89-95
A pleora moderna de sentido
- n. 07, mar., 1990. p.233-240
Chorando o muro de Berlim
- HAGGE, Wandir
n. 07, mar., 1990. p.257-258
Metamorfoses do trabalho
- HARTMAN, Ana
n. 07, mar., 1990. p.242-243
Nietzsche, uma trajetória
- HASS, Robert
n. 04, jun., 1989. p.48-49
Old dominion/ Velho domínio
- HÖLDERLIN, Friedrich
n. 02, dez., 1988. p.42-43
Hyperions schicksal/ O destino de Hyperion
- HUGO, Victor
n. 01, set., 1988. p.83
1829

- JARDIM, Evandro Carlos
n. 07, mar., 1990. p.121-124
- JOAQUIM, Antonio
n. 05/06, set., 1989. p.41
IX
- KAC, Eduardo
n. 07, mar., 1990. p.80-81
Telecommunication art
- KATZ, Chaim Samuel
n. 07, mar., 1990. p.246-248
Da clausura do fora ao fora da clausura.
Loucura e desrazão
- KLOSSOWSKI, Pierre
n. 05/06, set., 1989. p.146-163
Nietzsche, o politeísmo e a paródia
n. 07, mar., 1990. p.188-200
Nietzsche, o politeísmo e a paródia (II)
- KOGUT, Vivien
n. 01, set., 1988. p.32
Flores
- KRAUSS, Werner
n. 05/06, set., 1989. p.75-80
Marburg sob o nazismo
- LAGE, Lana
n. 03, mar., 1989. p.8-45
João Cabral de Melo Neto
- LARA, Henrique
n. 01, set., 1988. p.39
Raios partam as mulheres
- LEÃO, Lúcia Cláudia
n. 07, mar., 1990. p.249-250
E de resto, senhor leitor? Tem lido poesia?
- LEIBOLD, Monika
n. 02, dez., 1988. p.40-41
O destino de Hyperion
n. 02, dez., 1988. p.96-115
Entrevista com Gumbrecht
n. 02, dez., 1988. p.60-61
Morte implícita
- LEIRADELLA, Cunha de
n. 04, jun., 1989. p.144-145
Mulheres de passado e homens de futuro
- LEIRNER, Jacqueline
n. 04, jun., 1989. p.185-188
O mesmo erro
- LEITE, Sebastião Uchôa
n. 03, mar., 1989. p.140-141
1988
- n. 03, mar., 1989. p.8-45
João Cabral de Melo Neto
n. 05/06, set., 1989. p.86-108
Konhecimento de Krazy Kat
n. 07, mar., 1990. p.10-41
Sebastião Uchoa Leite
- LEMINSKI, Paulo
n. 05/06, set., 1989. p.56-59
Winterverno
- LEMOINE, Yves
n. 07, mar., 1990. p.226-232
Entrando em revolução
- LEMOS, Tite de
n. 02, dez., 1988. p.66
AA.
- LETYCIA, Anna
n. 05/06, set., 1989. p.281-284
- LIMA, Lezama
n. 04, jun., 1989. p.134-135
1957
- LIMA, Luiz Costa
n. 01, set., 1988. p.60-74
Crítica literária e modernidade
n. 02, dez., 1988. p.116-127
Dependência cultural e estudos literários
n. 03, mar., 1989. p.8-45
João Cabral de Melo Neto
n. 04, jun., 1989. p.90-98
A questão da narrativa
n. 05/06, set., 1989. p.62-67
Entrevista com Karlheinz Barck
n. 05/06, set., 1989. p.60-61
Auerbach, Benjamin, a vida sob o nazismo
- LINDON, Mathieu
n. 07, mar., 1990. p.48-51
Vida de mosquito
- LINS, Carlos Eduardo Estellita
n. 05/06, set., 1989. p.142-145
Apresentação de Klossowski
- LINS, Vera
n. 03, mar., 1989. p.178-185
Gonzaga Duque e o simbolismo: a
barricada da imaginação
- LOPES, Fernão
n. 04, jun., 1989. p.89
c.1385 - c.1460
- LOPES, Rodrigo Garcia
n. 05/06, set., 1989. p.52-53
Evening, Viena/ "cerejas (...)"

- LOUZADA, Carlos
n. 02, dez., 1988. p.65
Minha tia Alice
- LÖWY, Michael
n. 05/06, set., 1989. p.416-417
Lukacs, Thomas Mann, o encontro da
"Montanha mágica"
- LYOTARD, Jean-François
n. 07, mar., 1990. p.125-135
Matéria e tempo
- MACHADO, Duda
n. 07, mar., 1990. p.171
Roda das idéias fixas
- MACHADO, Lino
n. 01, set., 1988. p.30-31
Ainda sem título/ ...Dead art of poetry
n. 02, dez., 1988. p.49-51
Uma catástrofe romântica
n. 05/06, set., 1989. p.342-347
Yeats e Pound: da ilha à loja de tabaco
- MAFRA, Antonio
n. 01, set., 1988. p.54-57
Radiografia de uma crítica no país semi-
analfabeto
- MANDELBROT, Benoît
n. 07, mar., 1990. p.97-104
Entrevista com Benoît Mandelbrot
- MANZI, Gianluca
n. 05/06, set., 1989. p.332-337
O sossego na recusa
- MARANHÃO, Haroldo
n. 07, mar., 1990. p.172-177
Nas últimas
- MARIN, Louis
n. 05/06, set., 1989. p.170-183
Ecografias
- MARTINS, Floriano
n. 03, mar., 1989. p.73
camarins da crueldade, V
- MARTINS, Oswaldo
n. 05/06, set., 1989. p.38-39
Seis poemas de Lapa
n. 07, mar., 1990. p.249-250
E de resto, senhor leitor? Tem lido poesia?
- MARTINS, Wilson
n. 04, jun., 1989. p.100-107
Canudos: ficção e história
- MASSI, Augusto
n. 04, jun., 1989. p.142-143
Cerâmica/ Natureza-morta
- MATOS, Cláudia Neiva
n. 04, jun., 1989. p.120-133
Singular e/ou plural
- MATTOS, Aclyse de
n. 02, dez., 1988. p.59
"Marcaram encontro na Casa da China.
(...)"
n. 05/06, set., 1989. p.48-49
A cidade de São Paulo
- MATTOSO, Glauco
n. 05/06, set., 1989. p.298-303
"Em 1977, quando morava no Rio (...)"
- McPHERSON, Sandra
n. 04, jun., 1989. p.46-47
Centerfold reflected in a jet window/
Poster central refletido em uma janela de
jato
- MEDEIROS, Míriam Sutter
n. 01, set., 1988. p.18-19
Um poeta Novvs
- MELO NETO, João Cabral de
n. 01, set., 1988. p.104-105
1952
n. 03, mar., 1989. p.8-45
João Cabral de Melo Neto
- MENDES, Alvaro
n. 05/06, set., 1989. p.45
"relâmpago na sala. (...)"
- MENDES, Murilo
n. 04, jun., 1989. p.50-51
Il sole/ O sol
- MENEZES, Aníbal
n. 02, dez., 1988. p.58
Via preferencial
- MICHALANY, Cássio
n. 07, mar., 1990. p.149-153
- MILLAY, Edna St. Vincent
n. 03, mar., 1989. p.48-49
Dirge without music/ Requiem sem música
- MIRANDA, Cristiana
n. 02, dez., 1988. p.134-139
O sacrifício
- MIRANDA, Suárez
n. 05/06, set., 1989. p.280
Del rigor en la ciencia

- MIRANDA, Wander Melo
n. 03, mar., 1989. p.172-177
A liberdade do pastiche
n. 05/06, set., 1989. p.410-413
Na pista do próximo milênio de Calvino
- MONTALE, Eugenio
n. 04, jun., 1989. p.36-39
"Portami il girasole ch'io lo trapianti (...)" /
"Dê-me o girassol para que eu o replante (...)" / "Lo sai:
debbo riperderti e non posso (...)" / "Tu sabes: devo perder-te outra vez e não posso (...)"
- MONTEIRO, Paulo
n. 05/06, set., 1989. p.108-111
- MORAES, Eliane Robert
n. 05/06, set., 1989. p.132-140
Quase plágio: o roman noir
- MOREAU, Felipe
n. 05/06, set., 1989. p.43
"Uma aranha (...)"
- MORICONI, Italo
n. 04, jun., 1989. p.76-84
Formas da história, formas da ficção
n. 05/06, set., 1989. p.42
Vênus
- NASCIMENTO, Evando
n. 03, mar., 1989. p.68-69
Postal/ Natureza
n. 04, jun., 1989. p.172-184
A promessa de felicidade
- NEJAR, Carlos
n. 05/06, set., 1989. p.54-55
Diego Fronteira
- NOVALIS
n. 03, mar., 1989. p.81
1772-1801
- O'NEILL, Alexander
n. 05/06, set., 1989. p.141
Sá de Miranda Carneiro
- OAKES, Philip
n. 03, mar., 1989. p.50-51
Playmate/ Playmate
- OGGIANO, José Américo
n. 02, dez., 1988. p.54
Norman Bates/ As palavras necessárias
- OLINTO, Heidrun Krieger
n. 02, dez., 1988. p.78-87
- Bem-me-quer-mal-me-quer: teoria da literatura
- OLIVEIRA, Carlos de
n. 05/06, set., 1989. p.224-225
Que me quereis, perpétuas saudades?
- ORLANDI, Luiz B. L.
n. 05/06, set., 1989. p.208-223
Simulacro na filosofia de Deleuze
- PAPPALARDO, Arnaldo
n. 04, jun., 1989. p.57-60
- PARENTE, André
n. 05/06, set., 1989. p.184-197
O impostor inverossímil Raul Ruiz
- PASCHOA, Airton
n. 07, mar., 1990. p.168
Blake-out
- PAZ, Octavio
n. 03, mar., 1989. p.116-117
1970
- PEDROSA, Mário
n. 07, mar., 1990. p.68-69
1951
- PELEGRINO, Hélio
n. 03, mar., 1989. p.61-63
"Não há morte nenhuma (...)" /
Andromeda/ Retrato/ Paulo Emílio morto
- PESSOA, Fernando
n. 01, set., 1988. p.24-25
Junho de 1911
n. 01, set., 1988. p.58-59
1931/ Sem data
- PINTO, Sérgio de Castro
n. 04, jun., 1989. p.146
sem fórmula
- PLATH, Sylvia
n. 04, jun., 1989. p.164-165
Words/ Palavras
n. 05/06, set., 1989. p.338-341
MIRROR/ Espelho/ Small Hours/ Madrugada
- POUND, Ezra
n. 01, set., 1988. p.100-101
1918/ 1928/ 1917/ 1934
n. 04, jun., 1989. p.40-41
The lake isle/ A ilha do lago
- QUENTAL, João Guilherme (Sanders)
n. 01, set., 1988. p.40-41
Os salmões/ Cartas (Alejandra Pizarnick)
n. 01, set., 1988. p.141-144

- Reino das sombras
n. 03, mar., 1989. p.64-67
Certa vez de manhã cedo/ Aurora
n. 07, mar., 1990. p.180
No núcleo do zumbido
n. 07, mar., 1990. p.106-113
As marcas do espaço
n. 07, mar., 1990. p.10-41
Sebastião Uchoa Leite
- RABATÉ, Jean-Michel
n. 03, mar., 1989. p.118-133
Broch, traduzido
- REDONNET, Marie
n. 05/06, set., 1989. p.348-351
Gone
- REIMÃO, Sandra
n. 04, jun., 1989. p.228-239
Literatura policial no Brasil
- REZENDE, Otto Lara
n. 03, mar., 1989. p.60
Hélio Pellegrino: a poesia, sempre
- RIBEIRO, Ivan
n. 03, mar., 1989. p.72
duas respostas ao escultor Amilcar de Castro
- RIBEIRO, Teresa
n. 07, mar., 1990. p.254-256
Ardente paciência
- RODRIGUES, Nelson
n. 01, set., 1988. p.43
A crítica
- ROMAGUERA, Josep
n. 05/06, set., 1989. p.297
Gerión
- ROMANO, Roberto
n. 02, dez., 1988. p.70-77
Ser e tempo
- SALLES, João Moreira
n. 03, mar., 1989. p.160-169
Joseph Brodsky
- SALOMÃO, Jorge
n. 07, mar., 1990. p.181
"minha sensibilidade (...)"
- SANTIAGO, Silviano
n. 05/06, set., 1989. p.304-308
As escrituras falsas são
- SARAMAGO, José
n. 01, set., 1988. p.8-15
- José Saramago
- SAVARY, Olga
n. 05/06, set., 1989. p.44
Idade da pedra
- SCHENDEL, Mira
n. 04, jun., 1989. p.1-4
Monotipias, c.1964
- SECCHIN, Antonio Carlos
n. 03, mar., 1989. p.186-187
Questões de crítica
- SENNA, Marta de
n. 02, dez., 1988. p.130-133
De cor, coração, cerne, caroço
n. 04, jun., 1989. p.158-163
A tradução iluminada
- SHAKESPEARE, William
n. 07, mar., 1990. p.44-45
CVI/106
n. 07, mar., 1990. p.46
CVI
n. 07, mar., 1990. p.45
CVI
n. 07, mar., 1990. p.46
CVI
- SILESUS, Angelus
n. 02, dez., 1988. p.26-29
Dois poetas barrocos alemães em
tradução de Augusto de Campos
- SISTER, Sérgio
n. 05/06, set., 1989. p.309-312
- SOARES, Isabela Fernandes
n. 07, mar., 1990. p.178
Diluição
- SOUED, Eduardo
n. 07, mar., 1990. p.1-4
- SOUZA, Márcio
n. 04, jun., 1989. p.62-67
Impressões sobre história, literatura e
romances históricos
n. 05/06, set., 1989. p.12-35
Marcio Souza
- STEINFELD, Lew
n. 03, mar., 1989. p.158-159
Legendas e títulos
- STENGERS, Isabelle
n. 05/06, set., 1989. p.427-431
A ciência no feminino
- SUSSEKIND, Flora

- n. 01, set., 1988. p.84-89
Reflexão tática
- n. 04, jun., 1989. p.10-28
Augusto de Campos
- n. 05/06, set., 1989. p.226-239
Papéis colados
- n. 07, mar., 1990. p.10-41
Sebastião Uchoa Leite
- TABUCCHI, Antonio
n. 05/06, set., 1989. p.130-131
Il signor Pirandello è desiderato al telefono/ O senhor Pirandello é chamado ao telefone
- TAVARES, Bráulio
n. 07, mar., 1990. p.59-67
A ficção científica de Jorge Luis Borges
- TOLSTOI, Leon
n. 04, jun., 1989. p.119
1868
- TORRES FILHO, Rubens Rodrigues
n. 07, mar., 1990. p.184
Spiritual
- VALADARES, Maria Theresinha
n. 01, set., 1988. p.16-17
Quando a história comanda o espetáculo
- VAZ, Paulo
n. 07, mar., 1990. p.153-164
O tempo das máquinas
- VENTURA, Adão
n. 02, dez., 1988. p.67
Eu, pássaro-preto
- VIRILIO, Paul
n. 05/06, set., 1989. p.396-406
O último veículo
n. 07, mar., 1990. p.82-92
A luz indireta
- WANDERLEY, Jorge
n. 07, mar., 1990. p.47
William Shakespeare - nota sobre as traduções
n. 07, mar., 1990. p.182
Borges sonha um soneto
- WESCHLER, Lawrence
n. 05/06, set., 1989. p.205-207
J.S.G. Boggs
- WHITMAN, Walt
n. 04, jun., 1989. p.136
A um historiador
- WILLIAMS, William Carlos
n. 04, jun., 1989. p.34-35
The widow's lament in springtime/ O lamento da viúva na primavera
- WISMANN, Heinz
n. 04, jun., 1989. p.110-118
O ofício de filólogo
- WORDSWORTH, William
n. 02, dez., 1988. p.44-49
"One day, when from my lips a like complaint (...)" / "Um dia, em que dos lábios me saiu (...)"

3.2. ESTATÍSTICAS — AUTORES CITADOS

(Constam somente os autores mais citados)

Campo:	Percentual:
HEIDEGGER, Martin	1,16
PLATÃO	1,03
BENJAMIN, Walter	0,84
BORGES, Jorge Luis	0,77
MALLARMÉ, Stéphane	0,77
ARISTÓTELES,	0,71
DELEUZE, Gilles	0,71
FOUCAULT, Michel	0,71
NIETZSCHE, Friedrich	0,71
VALÉRY, Paul	0,71
MARX, Karl	0,65
JOYCE, James	0,65
KANT, Immanuel	0,65
FREUD, Sigmund	0,65
ASSIS, Machado de	0,65
RIMBAUD, Arthur	0,58
SHAKESPEARE, William	0,58
PROUST, Marcel	0,52
CAMPOS, Augusto de	0,52
HEGEL	0,52
KAFKA, Franz	0,45
ANDRADE, Carlos Drummond de	0,45
BRECHT, Bertolt	0,45
POE, Edgar Allan	0,45
BAUDELAIRE, Charles	0,45
CANDIDO, Antonio	0,45
CAMPOS, Haroldo de	0,45
RAMOS, Graciliano	0,39
SANTIAGO, Silviano	0,39
ANDRADE, Oswald de	0,39
BANDEIRA, Manuel	0,39
LAFORGUE, Jules	0,39
AGOSTINHO, Santo	0,39
HOMERO	0,39
POUND, Ezra	0,39
SPINOZA, (Baruch)	0,32
DUCHAMP, Marcel	0,32
DESCARTES, René	0,32
LIMA, Luiz Costa	0,32
PAZ, Octavio	0,32
ALENCAR, José de	0,32
BARTHES, Roland	0,32
RILKE, Rainer Maria	0,32
ALIGHIERI, Dante	0,32
PESSOA, Fernando	0,32
ARENDT, Hannah	0,32
DOSTOIEVSKI	0,32
ANDRADE, Mário de	0,32
ECO, Umberto	0,32

SCHOPENHAUER, Arthur	0,32
JAKOBSON, Roman	0,32
JAUSS, Hans Robert	0,32
LEIBNIZ	0,26
CÍCERO	0,26
RIBEIRO, João Ubaldo	0,26
PICASSO, Pablo	0,26
BLOCH, Ernst	0,26
ROSA, Guimarães	0,26
PIGNATARI, Décio	0,26
CESAR, Ana Cristina	0,26
SÓCRATES	0,26
SARTRE, Jean-Paul	0,26
GUATTARI, Félix	0,26
GODARD, Jean-Luc	0,26
ADORNO, T. W.	0,26
FLAUBERT, Gustave	0,26
MELO NETO, João Cabral de	0,26
BAKHTIN, Mikhail	0,26
HERÁCLITO	0,26
STEINER, George	0,19
KOYRE, Alexandre	0,19
ROMERO, Silvio	0,19
KOONING, Wilherm de	0,19
HESÍODO	0,19
STEVENSON, Robert Louis	0,19
DEMÓCRITO	0,19
WITTGENSTEIN, Ludwig	0,19
KLEE, Paul	0,19
BERGSON, Henri	0,19
BRETON, André	0,19
LEITE, Sebastião Uchôa	0,19
LÉVI-STRAUSS, Claude	0,19
HIERNEIS, Leonard	0,19
SERRES, Michel	0,19
GALILEI, Galileu	0,19
CROCCE, Benedetto	0,19
SADE, Marquês de	0,19
KUHN, Thomas S.	0,19
GADAMER, Hans Georg	0,19
CALVINO, Italo	0,19
SÓFOCLES	0,19
LACAN, Jacques	0,19
SOUSÂNDRADE, Joaquim de	0,19
BALZAC, Honoré de	0,19
CAGE, John	0,19
LLOSA, Mário Vargas	0,19
KRISTEVA, Julia	0,19
BLANCHOT, Maurice	0,19
BUÑUEL, Luis	0,19
WHITMAN, Walt	0,19
DERRIDA, Jacques	0,19
EINSTEIN, Albert	0,19
HUGO, Victor	0,19

DIDEROT, Denis	0,19	CERVANTES, Miguel de	0,13
AUBENQUE, Pierre	0,19	LORCA, Federico H. García	0,13
VILLON, François	0,19	BYRON, Lord	0,13
LUMIÈRE, (Louis /Jean)	0,19	LINS, Osman	0,13
CORTÁZAR, Julio	0,19	ROUANET, Sérgio Paulo	0,13
VIRGÍLIO	0,19	RESNAIS, Alain	0,13
MIRÓ, (Joan)	0,19	TORRES, Antônio	0,13
HUME, David	0,19	KIERKEGAARD,	0,13
HÖLDERLIN, Friedrich	0,19	VERNE, Júlio	0,13
VERLAINE, Paul	0,19	JOLY, Henri	0,13
CARROLL, Lewis	0,19	VERÍSSIMO, José	0,13
ISER, Wolfgang	0,19	VERÍSSIMO, Érico	0,13
MAIAKÓVSKI, Vladímir	0,19	VENTADORN, Bertrand de	0,13
CORBIÈRE, Tristan	0,19	VELOSO, Caetano	0,13
MORGENSTERN, Christian	0,19	AUERBACH, Erich	0,13
MANN, Thomas	0,19	ARTAUD, Antonin	0,13
HABERMAS, Jürgen	0,19	BACHELARD, Gaston	0,13
CORNEILLE, (Pierre)	0,13	MOLIÈRE	0,13
LIMA, Jorge de	0,13	DIAS, Gonçalves	0,13
MACH, Ernest	0,13	KAK, Eduardo	0,13
BURGESS, Anthony	0,13	ELIOT, T. S.	0,13
RABELAIS, François	0,13	BARBOSA, João Alexandre	0,13
QUINTILIANO,	0,13	GORGAS	0,13
EULÁLIO, Alexandre	0,13	BARRETO, Lima	0,13
PRIGOGINE, Ilya	0,13	KENNER, Hugh	0,13
SATIE, Erik	0,13	GUIMARÃES, Júlio Castañon	0,13
LYOTARD, Jean-François	0,13	BATAILLE, Georges	0,13
CUMMINGS, E. E.	0,13	DICKINSON, Emily	0,13
PROTÁGORAS,	0,13	HUSSERL, Edmund	0,13
CHESTERTON, Gilbert Keith	0,13	YEATS, William Butler	0,13
BUBER, Martin	0,13	ALBUQUERQUE, J.J.C.C. M. e	0,13
CHOMSKY, Noam	0,13	HOFFMANN, E.T.	0,13
MOORE, Marianne	0,13	MORAES, Vinícius de	0,13
CUNHA, Euclides da	0,13	WILSON, Edmund	0,13
LEOPARDI, Giacomo	0,13	ALMEIDA, Guilherme de	0,13
CASSIN, Barbara	0,13	WENDERS, Wim	0,13
ROBBE-GRILLET, Alain	0,13	ALTHUSSER, Louis	0,13
RITTER, Joaquim	0,13	VERTOV, Dziga	0,13
FROST, Robert	0,13	WEBERN, Anton von	0,13
PEIRCE, Charles Sanders	0,13	MUSIL, Robert	0,13
MASSON, André	0,13	WARHOL, Andy	0,13
LOVECRAFT, Howard Philips	0,13	ANJOS, Augusto dos	0,13
FREYRE, Gilberto	0,13	JAMESON, Fredric	0,13
FREITAS FILHO, Armando	0,13	ARAGON, Louis	0,13
CORBIÈRE, Edouard	0,13	VONNEGUT, Kurt	0,13
FASSBINDER, Rainer Maria	0,13	VOLTAIRE, François	0,13
LUBBE, Hermann	0,13	JASPERS, Karl	0,13
PIGLIA, Ricardo	0,13	VIRILIO, Paul	0,13
PEIXOTO, Afrânio	0,13	VINCI, Leonardo da	0,13
LINS, Álvaro de Barros	0,13	HORÁCIO,	0,13
REGO, José Lins do	0,13	SCOTT, Walter	0,13
CASSIRER, Ernest	0,13	ABELARDO,	0,13
LUCRÉCIO, Francisco	0,13	KILKERRY, Pedro	0,13
PONGE, Francis	0,13	ENGELS, Friedrich	0,13
RAMOS, Péricles E. da Silva	0,13	TENNYSON,	0,13
ROSSET, Clement	0,13	MENDES, Murilo	0,13

3.3. ESTATÍSTICAS – PALAVRAS-CHAVE

Campo:	Percentual:
Crítica	8,43
História	5,52
Ficção	5,23
Poesia	4,94
Tradução	4,65
Literatura	4,07
Pós-modernidade	2,91
Arte gráfica	2,62
Ciência	2,33
Modernidade	2,33
Teoria literária	2,03
Tecnologia	1,74
Biografia	1,74
Cinema	1,74
Romance	1,74
Originalidade	1,74
Brasil	1,45
Pós-estruturalismo	1,45
Filosofia	1,45
Política	1,45
Informática	1,45
Arte	1,45
Alemanha	1,45
Pastiche	1,16
Artes plásticas	1,16
Linguagem	1,16
Simulacro	1,16
Paródia	0,87
Modernismo	0,87
Cultura	0,87
Escritura	0,87
Concretismo	0,87
Barroco	0,87
Ficção científica	0,58
Verdade	0,58
Memória	0,58
Década de 30	0,58
Judaísmo	0,58
História em quadrinhos	0,58
Idade Média	0,58
Música	0,58
Língua	0,58
Historiografia	0,58
Chile	0,58
Comunicação	0,58
Periodismo	0,58
Nazismo	0,58
Cânone literário	0,58
Década de 70	0,58
Portugal	0,58

3.4. ARTIGOS LOCALIZADOS E AGRUPADOS POR TRADUTORES (NEGRITO)

VOCAB. CONTROLADO: POEMA(S)

ASCHER, Nelson
n. 01, set., 1988, p.82
Crítico
GOETHE

BANDEIRA, Manuel
n. 03, mar., 1989, p.106-107
I/ Soneto

CUMMINGS, E. E.
n. 03, mar., 1989, p.102
"I died for beauty, but was scarce (...)"
"Morri pela beleza, mas apenas estava (...)"
DICKINSON, Emily

BARROSO, Ivo
n. 07, mar., 1990, p.45
CVI
SHAKESPEARE, William

BRITTO, Paulo Henriques
n. 05/06, set., 1989, p.324-331
Beppo
BYRON, Lord

CAMPOS, Augusto de
n. 02, dez., 1988, p.26-29
Dois poetas barrocos alemães em
tradução de Augusto de Campos
FLEMING, Paul; SILESIUS, Angelus

n. 03, mar., 1989, p.103
"These tested Our Horizon - (...)" / "Esses
testaram Nosso Céu - (...)"
DICKINSON, Emily

n. 03, mar., 1989, p.104-105
"birds (...)" / "aves (...)"
CUMMINGS, E. E.

CAMPOS, Geir
n. 04, jun., 1989, p.136
A um historiador
WHITMAN, Walt

CARDOSO, André
n. 05/06, set., 1989, p.338-341
Mirror/Espelho/ Small Hours/
Madrugada
PLATH, Sylvia

CAVALCANTE, Marcia C. de Sá
n. 05/06, set., 1989, p.332-337
O sossego na recusa
MANZI, Gianluca

CESAR, Ana Cristina
n. 04, jun., 1989, p.164-165
Words/ Palavras
PLATH, Sylvia

COSTA, Carlos Irineu W. da
n. 03, mar., 1989, p.52-57
how to be a great writer/ como ser
um grande escritor
BUKOWSKI, Charles

FARIAS, Maria Eneida Victor
n. 04, jun., 1989, p.50-51
Il sole/ O sol
MENDES, Murilo

n. 04, jun., 1989, p.36-39
"Portami il girasole ch'io lo trapianti
(...)" / "Dê-me o girassol para que eu o
replante (...)" / "Lo sai: debbo
riperderti e non posso (...)" / "Tu sabes:
devo perder-te outra vez e não posso
(...)"
MONTALE, Eugenio

FIGUEIREDO, Rubens
n. 05/06, set., 1989, p.318-319
"I(a (...)" / "so (...)"
CUMMINGS, E. E.

FIGUEIREDO, Virgínia de Araujo
n. 07, mar., 1990, p.52-55
Mandorla/ Mandorla/ Tübingen,
Jänner/ Tübingen, janeiro
CELAN, Paul

FLAKSMAN, Sérgio
n. 05/06, set., 1989, p.314-317
Dois poemas de Borges sobre a
morte e a permanência
BORGES, Jorge Luis

GOLDMAN, Newton
n. 03, mar., 1989, p.48-49
Dirge without music/ Requiem sem
música
MILLAY, Edna St. Vincent

LEIBOLD, Monika
n. 02, dez., 1988, p.42-43
Hyperions schicksal/ O destino de
Hyperion
HÖLDERLIN, Friedrich

MACHADO, Lino
n. 02, dez., 1988, p.44-49
"One day, when from my lips a like
complaint (...)" / "Um dia, em que dos
lábios me saiu (...)"
WORDSWORTH, William

n. 04, jun., 1989, p.34-35
The widow's lament in springtime/ O
lamento da viúva na primavera
WILLIAMS, William Carlos

n. 04, jun., 1989, p.40-41
The lake isle/ A ilha do lago
POUND, Ezra

MARTINS, Cristiano
n. 05/06, set., 1989, p.164-169
Canto XVII
ALIGHIERI, Dante

MEISS, Jorge
n. 01, set., 1988, p.20-22
3 Poemas de Giorgio Baffo
BAFFO, Giorgio

MENDES, Oscar
n. 07, mar., 1990, p.46
CVI
SHAKESPEARE, William

MENEZES NETO, Aníbal
n. 04, jun., 1989, p.46-47
Centerfold reflected in a jet window/
Poster central refletido em uma janela
de jato
McPHERSON, Sandra

n. 04, jun., 1989, p.48-49
Old dominion/ Velho domínio
HASS, Robert

n. 04, jun., 1989, p.42-45
Introduction of the shopping cart/ A
introdução do carrinho de
supermercado
CONSTANZO, Gerald

MOTTA, Roberto
n. 04, jun., 1989, p.46-47
Centerfold reflected in a jet window/

Poster central refletido em uma
janela de jato
McPHERSON, Sandra

PAES, Lúcia Almeida de
n. 05/06, set., 1989, p.297
Gerión
ROMAGUERA, Josep

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva
n. 07, mar., 1990, p.46
CVI
SHAKESPEARE, William

VILLAR, Bluma
n. 03, mar., 1989, p.50-51
Playmate/ Playmate
OAKES, Philip

WANDERLEY, Jorge
n. 07, mar., 1990, p.44-45
CVI/106
SHAKESPEARE, William

3.5. ESTATÍSTICAS – VOCABULÁRIO CONTROLADO

Campo:	Percentual:
ENSAIO - Literatura	19,41
ENSAIO - Filosofia	5,49
ENSAIO - Cultura	4,76
ENSAIO - História	1,83
ENSAIO - Sociologia	1,10
ENSAIO - Lingüística	0,73
ENSAIO	0,37
ENSAIO - Fotográfico	5,13
POEMA(S)	35,90
RESENHA - Literatura	4,03
RESENHA - Filosofia	1,10
RESENHA - Sociologia	0,37
RESENHA	0,37
RESENHA - Política	0,37
RESENHA - Psicanálise	0,37
FICÇÃO	6,96
APRESENTAÇÃO - Literatura	4,40
APRESENTAÇÃO	1,10
ENTREVISTA - Literatura	2,56
ENTREVISTA	1,10
DEPOIMENTO - Literatura	1,10
EDITORIAL	0,73
EDITORIAL - Literatura	0,37
REPORTAGEM	0,37